

***Vozes  
da  
Vizinhança***



## Fundação Pró-Memória

São Caetano do Sul

Avenida Goiás, 600 - Centro

São Caetano do Sul (SP)

CEP 09521-300

Telefones: 4221-9008 / 4221-7420

www.fpm.org.br

email: fpm@fpm.org.br

### Projeto Editorial da Fundação Pró-Memória de São Caetano do Sul *Série Documenta*

**Direção: Prof. Sônia Maria Franco Xavier**

#### ***Volumes Publicados:***

1. José de Souza Martins, *Diário de Fim de Século. Notas sobre o Núcleo Colonial de São Caetano no século XIX*. São Caetano do Sul: Fundação Pró-Memória de São Caetano do Sul, 1998.
2. 8º *Grupamento de Incêndio 32 anos de História*. São Caetano do Sul: Fundação Pró-Memória de São Caetano do Sul, 1998.
3. Yolanda Ascencio, *Meio século de Legislativo em São Caetano*. São Caetano do Sul: Fundação Pró-Memória de São Caetano do Sul, 1998. 2ª edição revista e ampliada, 1999.
4. Sônia Maria Franco Xavier (org.), *Jayme da Costa Patrão:...um traço marcante na autonomia*. São Caetano do Sul: Fundação Pró-Memória de São Caetano do Sul, 1998.
5. Rui Ribeiro, *Notas de Realejo. Estudos sobre Literatura e MPB*. São Caetano do Sul: Fundação Pró-Memória de São Caetano do Sul, 1999.
6. Guido Carli, *Stí ãni gera... cussí (Antigamente era assim)*. São Caetano do Sul: Fundação Pró-Memória de São Caetano do Sul, 1999.
7. Agvan de Andrade Matos, Rosemeire Bento Simões (org.), *Cotidiano Redescoberto, alunos desvendam a História no Bairro Prosperidade*. São Caetano do Sul: Fundação Pró-Memória de São Caetano do Sul: Escola Estadual Laura Lopes, 1999.
8. *Anais do III Congresso de História do ABC. À Sombra das Chaminés. A Produção da Cultura no ABC*. São Caetano do Sul: Fundação Pró-Memória de São Caetano do Sul, 1999.
9. Eliane Mimesse, *A Educação e os Imigrantes Italianos: da escola de primeiras letras ao grupo escolar*. São Caetano do Sul: Fundação Pró-Memória, 2001.
10. Fundação Pró-Memória de São Caetano do Sul, *Um olhar poético sobre São Caetano*. São Caetano do Sul: Fundação Pró-Memória, 2002.

Este livro integra o Projeto Editorial da *Fundação Pró-Memória*, do período administrativo 2001-2004, cujo objetivo é resgatar a História do Município e da região através da publicação de pesquisas e documentos inéditos.

ISBN: 85-86788-20-1  
Feito o depósito legal.

---

FICHA CATALOGRÁFICA:

FUNDAÇÃO PRÓ-MEMÓRIA DE SÃO CAETANO DO SUL.  
F977v Vozes da Vizinhança: os bairros de São Caetano por seus moradores/  
Fundação Pró-Memória de São Caetano do Sul.Fundação Pró-Memória:  
São Caetano do Sul; 2003./ - (Série Documenta)  
1.São Caetano do Sul - História 2. Município São Caetano do Sul  
3.Depoimentos - Moradores. I Título II Série Documenta  
CDD.981.612 sc

---

Ficha composta por Jussara Ferreira Muniz

Fundação Pró-Memória - Série Documenta  
Direção: profa. Sônia Maria Franco Xavier

Revisão:..... Alexandre Toler Russo e Paula Fiorotti  
Mapas:..... André Luis B. Caram e Maísa da Silveira  
Fotografias:..... Antônio Reginaldo Canhoni  
Digitalização de imagens:.... Fabíola Fioravanti  
Organização:..... José Roberto Gianello e Maria A. Mancini Fedatto  
Capa: ..... Neusa Schilaro Scaléa  
Textos Complementares..... André Luiz B. Caran  
Editoração: Maria Antônia dos Reis-ME -  
(Antonio Devanir Leite Júnior - Mfb 19.866)

# ***Vozes da Vizinhança***

Os bairros de São Caetano por seus moradores

Textos de:

Alexandre Toler Russo:

*Jornalista da Fundação Pró-Memória*

André Luiz Gomes de Jesus:

*Aluno do curso de Direito e estagiário da Fundação Pró-Memória*

Camila Cristina Thimoteo:

*Aluna do curso de Jornalismo e estagiária da Fundação Pró-Memória*

Fernando Scarmelloti:

*Aluno do curso de Jornalismo e estagiário da Fundação Pró-Memória*

Humberto Domingos Pastore:

*Jornalista e supervisor do Museu Histórico Municipal*

Karine Terra Guimarães:

*Aluna do curso de Rádio e TV e estagiária da Fundação Pró-Memória*

Michel Nóbrega Cury :

*Aluno do curso de Jornalismo e estagiário da Fundação Pró-Memória*

Tatiane Cristina Correia:

*Aluna do curso de Jornalismo e estagiária da Fundação Pró-Memória*

Yolanda Ascencio:

*Professora de línguas, pedagoga, advogada, escritora e  
membro da Academia de Letras da Grande São Paulo*

# Vozes da Vizinhança

## Os bairros de São Caetano por seus moradores

Ademar Oliva Xavier  
Afra Barbon  
Alcides Beraldo  
Alda Rose Coelho  
Amélia Martins Rodrigues  
Ana Maria da Silva Costa  
Ângela Duarte  
Antenisca Tizo dos Santos  
Antônia Lúcia Giacomini Rocco  
Antonietta Lavechia Mancini  
Antônio Cuerva  
Antônio Moretto  
Antônio Tozatto  
Arcília Vidales Cambaúva  
Diomira Reyes Giovanini  
Elídia Durigan  
Elzira Romano Baggio  
Emma Martins Gomes  
Euriderval Ferreira da Costa  
Eva Lodi Geraldo  
Gotardo Vituri  
Guiomar Maria D'Agostini de Carvalho  
Horácio Roveri  
Iracema Torossian Daniel  
Iracly Chiarelli

Irineu Zia  
Ivo Pellegrino  
João Antônio Montanheiro  
João Roque Ribeiro  
Joaquim José de Oliveira  
José Bortoletto  
José Ramos Vitorino  
José Ribeiro  
Julieta Morgan Brandão  
Katiza Bereki  
Lourdes De Vita  
Luzia Lizidatti Cosito  
Marcelle Sorrentino Zia  
Maria Agua Orestes Marana  
Maria Rita Ribeiro  
Maria Tinte  
Mário Jorge Montini  
Olga Matiello de Mello  
Oswaldo Almendra  
Palmira Correia Craveiro  
Roberto Ertner  
Romeu Merlino  
Roque Almendra  
Vitório de Paula  
Walter Schiavo

# Apresentação

Este livro resulta de um trabalho desenvolvido nos anos de 2001 e 2002 através do projeto *"Memória e Cidadania"*, realizado junto aos bairros da cidade durante os Governos Itinerantes (eventos que ocorreram nos finais de semana, ocasião em que o prefeito e seus diretores se instalaram em cada bairro com o intuito de solucionar problemas e ouvir a população).

O projeto consistiu na localização dos moradores mais antigos de cada lugar, valorizando-os pela sua contribuição ao desenvolvimento da cidade e coletando seus depoimentos. Assim, alguns moradores, por idade ou tempo de vivência no bairro, receberam das mãos do prefeito uma placa como homenagem, exaltando sua importância na vida comunitária.

Pudemos observar casos interessantes, como de pessoas com mais de 80 anos, que vivem na mesma casa desde o nascimento, e o de uma senhora com 105 anos, lúcida, fazendo crochê sem uso de óculos. Muitos idosos permanecem bastante ativos, influentes na vida familiar e até participativos no seu meio social.

Este trabalho contou com a participação de estagiários da Fundação Pró-Memória, alunos de Jornalismo, Radialismo e Direito do Instituto Municipal de Ensino Superior de São Caetano do Sul (IMES), na tomada de depoimentos e elaboração de textos sobre os antigos moradores homenageados em cada um dos bairros, pessoas que vivenciaram o desenvolvimento desta cidade, testemunhas fiéis da História de São Caetano do Sul. Cabe salientar que alguns depoimentos não constam desta publicação, pois, em virtude do grande volume de textos, não pudemos publicá-los todos de uma vez. Os demais sairão oportunamente na Revista Raízes.

O material coletado permitiu-nos realizar exposições pertinentes a cada bairro e folhetos com resumos históricos, que foram distribuídos aos moradores num clima de grande receptividade. Esses folhetos continham fotos antigas e mapas, em que foram localizados os logradouros, as praças e ruas. Nos mapas, definimos a dimensão dos bairros, seus limites, suas ruas e avenidas e, com pequenos ícones, localizamos as escolas, os clubes, as entidades assistenciais e os templos religiosos

Aqueles que, pela idade avançada, naturalmente se segregam ou são

segregados, surpreenderam-nos com enorme e inusitada disposição em colaborar, solícitos e entusiasmados.

Esse encontro bilateralmente proveitoso veio fortalecer o objetivo do projeto "*Memória e Cidadania*", isto é, o resgate da auto-estima do idoso e a valorização justa do seu trabalho ao longo dos anos, qualquer que tenha sido ele, do mais destacado ao mais humilde.

Através desses relatos notamos as diferentes etnias que compõem a nossa população, a grande influência que o trabalho exerce na formação das famílias e o forte espírito religioso desta gente. Ressaltamos também a importância dos primeiros cinemas, dos clubes, das associações de classe e também esportivas.

Ao longo do tempo mudaram os costumes e a cidade evoluiu vertiginosamente, mas os que aqui permanecem por muitas décadas nutrem por ela grande orgulho e carinho.

*Profª. Sônia Maria Franco Xavier*

# SUMÁRIO

---

Apresentação.....	013
1. Bairro da Fundação.....	019
<i>Histórico.....</i>	<i>019</i>
<i>Mapa e Localização.....</i>	<i>021</i>
<i>Homenageados.....</i>	<i>022</i>
<b>Depoimentos</b>	
<i>Setenta e cinco anos vivendo no Bairro da Fundação.....</i>	<i>023</i>
<i>Era gostoso comer frutas sentada no galho da árvore.....</i>	<i>025</i>
<i>Um metalúrgico que gosta de fazer vinho! E que vinho!.....</i>	<i>029</i>
2. Bairro Centro.....	031
<i>Histórico.....</i>	<i>031</i>
<i>Mapa e Localização.....</i>	<i>033</i>
<i>Homenageados.....</i>	<i>034</i>
<b>Depoimentos</b>	
<i>Lembranças de um tempo bom.....</i>	<i>035</i>
<i>Na mesma cidade, bairro, rua e casa.....</i>	<i>039</i>
<i>Um sancaetanense nas ondas do rádio.....</i>	<i>045</i>
3. Bairro Santo Antônio.....	051
<i>Histórico.....</i>	<i>051</i>
<i>Mapa e Localização.....</i>	<i>053</i>
<i>Homenageados.....</i>	<i>054</i>
<b>Depoimentos</b>	
<i>Quatro gerações no bairro.....</i>	<i>055</i>
<i>Casas e indústrias: o fundamento de Santo Antônio.....</i>	<i>057</i>
4. Bairro Santa Paula.....	063
<i>Histórico.....</i>	<i>063</i>
<i>Mapa e Localização.....</i>	<i>065</i>
<i>Homenageados.....</i>	<i>064</i>
<b>Depoimentos</b>	
<i>Moradora divide seu amor entre família, bairro e Roberto Carlos.....</i>	<i>067</i>
<i>Uma vida toda edificada na cidade.....</i>	<i>071</i>
<i>Cidade, pequena pátria.....</i>	<i>073</i>

5. Bairro Barcelona.....	081
<i>Histórico.....</i>	<i>081</i>
<i>Mapa e Localização.....</i>	<i>083</i>
<i>Homenageados.....</i>	<i>084</i>
<b>Depoimentos</b>	
<i>Vida através de histórias.....</i>	<i>085</i>
<i>Uma das primeiras armênias a residir em São Caetano.....</i>	<i>089</i>
<i>Acompanhando a construção de uma cidade.....</i>	<i>097</i>
<i>Crescendo com a cidade.....</i>	<i>103</i>
<i>Meio século de histórias.....</i>	<i>109</i>
6. Bairro Olímpico.....	117
<i>Histórico.....</i>	<i>117</i>
<i>Mapa e Localização.....</i>	<i>119</i>
<i>Homenageados.....</i>	<i>120</i>
<b>Depoimentos</b>	
<i>Um dia esse local vai ficar bom.....</i>	<i>121</i>
<i>Anos difíceis.....</i>	<i>125</i>
<i>Quarenta anos de trabalho na Indústria.....</i>	<i>127</i>
<i>Uma grata surpresa na cidade.....</i>	<i>129</i>
7. Bairro Oswaldo Cruz.....	131
<i>Histórico.....</i>	<i>131</i>
<i>Mapa e Localização.....</i>	<i>133</i>
<i>Homenageados.....</i>	<i>134</i>
<b>Depoimentos</b>	
<i>De alfaiate a apresentador de programas de auditório.....</i>	<i>135</i>
<i>Professor mostra seu encanto pela cidade.....</i>	<i>141</i>
8. Bairro Cerâmica.....	147
<i>Histórico.....</i>	<i>147</i>
<i>Mapa e Localização.....</i>	<i>149</i>
<i>Homenageados.....</i>	<i>150</i>
<b>Depoimentos.</b>	
<i>De São Paulo a São Caetano: uma vida de bons e maus momentos.....</i>	<i>151</i>
<i>Família D'Agostini em São Caetano.....</i>	<i>157</i>
<i>Da Romênia a São Caetano.....</i>	<i>159</i>
9. Bairro Boa Vista.....	161
<i>Histórico.....</i>	<i>161</i>
<i>Mapa e Localização.....</i>	<i>163</i>
<i>Homenageados.....</i>	<i>164.</i>
<b>Depoimentos</b>	
<i>A modernidade chegando em São Caetano.....</i>	<i>165</i>
<i>Melhores fases de uma vida feliz.....</i>	<i>171</i>

10. Bairro Santa Maria.....	175
<i>Histórico.....</i>	<i>175</i>
<i>Mapa e Localização.....</i>	<i>177</i>
<i>Homenageados.....</i>	<i>178</i>
<b>Depoimentos</b>	
<i>As dificuldades vividas no início do século.....</i>	<i>179</i>
<i>Quinzena gorda, quinzena magra.....</i>	<i>185</i>
<i>Uma história de fé.....</i>	<i>189</i>
<i>O dom de prosperar.....</i>	<i>195</i>
<i>Imigrante iugoslava resgata mais de setenta anos de história.....</i>	<i>199</i>
<i>Morando na cidade como se estivesse na roça.....</i>	<i>205</i>
11. Bairro Jardim São Caetano.....	211
<i>Histórico.....</i>	<i>211</i>
<i>Mapa e Localização.....</i>	<i>213</i>
<i>Homenageados.....</i>	<i>214</i>
<b>Depoimentos</b>	
<i>O caçula dos bairros.....</i>	<i>215</i>
12. Bairro Nova Gerti.....	219
<i>Histórico.....</i>	<i>219</i>
<i>Mapa e Localização.....</i>	<i>221</i>
<i>Homenageados.....</i>	<i>222</i>
<b>Depoimentos</b>	
<i>Descendente francesa conta histórias de sua vida em São Caetano do Sul.....</i>	<i>223</i>
<i>Exemplo de dedicação e perseverança.....</i>	<i>227</i>
13. Bairro Mauá.....	233
<i>Histórico.....</i>	<i>233</i>
<i>Mapa e Localização.....</i>	<i>235</i>
<i>Homenageados.....</i>	<i>236</i>
<b>Depoimentos</b>	
<i>Uma história de vida em meio aos fornos das olarias.....</i>	<i>237</i>
<i>Mãe, filha e neta há muito tempo fazendo história em São Caetano do Sul.....</i>	<i>241</i>
14. Bairro Prosperidade.....	247
<i>Histórico.....</i>	<i>247</i>
<i>Mapa e Localização.....</i>	<i>249</i>
<i>Homenageados.....</i>	<i>250</i>
<b>Depoimentos</b>	
<i>Nascendo e vivendo na mesma casa.....</i>	<i>251</i>
<i>No tempo da gabirola e banana do brejo.....</i>	<i>255</i>
15. Bairro São José.....	261
<i>Histórico.....</i>	<i>261</i>
<i>Mapa e Localização.....</i>	<i>263</i>
<i>Homenageados.....</i>	<i>264</i>
<b>Depoimentos</b>	
<i>Paralelepípedos sob o asfalto.....</i>	<i>265</i>

*Paróquia de São Caetano  
- Matriz Velha*



## **Bairro da Fundação**

Não poderia ter melhor denominação o bairro que representa o berço dos fundadores do Município de São Caetano. Primeiro núcleo colonial dos imigrantes italianos, o Bairro da Fundação cresceu ao redor da Igreja de São Caetano, a Matriz Velha da cidade.

Antes da vinda dos imigrantes, em 1877, este local já tinha seu valor histórico por ter abrigado, em 1717, a fazenda dos monges beneditinos. Nesse bairro tudo tem o sentido de originalidade e de pioneirismo. Ali tivemos a área primitiva, tanto das olarias como das indústrias, as primeiras repartições públicas e privadas, como a Sociedade Príncipe di Napoli, o Grupo Escolar Senador Fláquer, o cinema, a cadeia e os primeiros casarões, como o Palacete De Nardi, que hoje é sede do Museu Histórico Municipal.

Geograficamente, o bairro situa-se no limite de São Caetano com a região paulistana de Vila Prudente, entre o Rio Tamaduateí e a Estrada de Ferro, que praticamente o separa da área central do município. Já a divisa com o Bairro Prosperidade é feita através do Córrego

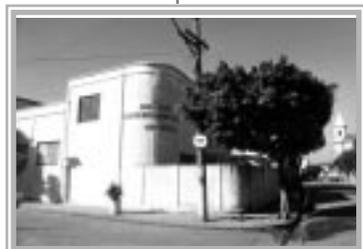
*Vila Operária da Matarazzo*



*Palacete De Nardi,  
construído em 1896, atual  
Museu Histórico Municipal  
- Rua Maximiliano Lorenzini*



*Sociedade Ucraniana Brasileira  
Unificada - Rua Mariano Pamplona,  
esquina com a Rua Ceará*



*Antiga "Feira da Matriz" de  
Arthemio Lorenzini - Rua 28 de  
Julho, esquina com a  
Rua Rio Branco*



*Antigo casarão  
da família Garcia  
- Rua Perrella*



*Casa dos Ferrovários  
- construída em 1896 pela  
São Paulo Railway*



*Antiga Cadeia Pública do  
Distrito de São Caetano  
- Rua Heloisa Pamplona*



do Moinho. O bairro fica numa faixa estreita de um vale alagadiço.

Nos últimos cem anos, vários grupos economicamente fortes marcaram presença no Bairro da Fundação. Indústrias como Matarazzo, Companhia Melhoramentos de São Paulo, Banco União, Saad ou Mannesmann atuaram durante muito tempo no local. Nos últimos anos, importantes redes comerciais como Carrefour e Sam's Club - Wall Mart instalaram-se no bairro.

No dia 15 de Dezembro de 1950, o então prefeito Ângelo Raphael Pellegrino sancionou a Lei 133, que deu o nome Fundação ao então Bairro da Ponte, antiga denominação do local.

- 1 - Igreja Matriz Velha
- 2 - Espaço Cultural Matarazzo
- 3 - Museu Histórico Municipal
- 4 - São Caetano Esporte Clube
- 5 - CRE Fundação
- 6 - São Cristovão Futebol Clube
- 7 - América do Sul Futebol Clube
- 8 - Sindicato dos Metalúrgicos
- 9 - Núcleo de Gestão Assistencial - 43
- 10 - EE Senador Fláquer
- 11 - EE Edgar Alves Cunha
- 12 - Soc. Ucraniana Unificação
- 13 - EMEI Luís José Giorgetti
- 14 - EMEI João Barile
- 15 - EMI Alice Pina Bernardes
- 16 - Centro de Atendimento Integral à Saúde da Mulher
- 17 - Laboratório de Análises Clínicas Adolfo Lutz





Foto: Fundação Pró-Memória

*Homenagem aos moradores do Bairro da Fundação,  
realizada no dia 22 de Fevereiro de 2002, na Rua 24 horas*

*Alexandre D'Agostini  
Alice Bastos Ferreira  
Amabile Matheucci Buorotto  
Antônio Paolillo  
Antônio Rosa Alves  
Dércio da Silva  
Dialma Martorelli Cornachini  
Domingos Pires Barbosa  
Dora Negrini Giatti  
Elda Berno Marques  
Eva Lodi Geraldo  
Hermelinda Orsi Dalcin  
Hermínia Perrella  
Horácio Roveri*

*Irma Perrella Perrella  
José Antônio Infanti  
Lauro Garcia  
Lydio Benavente  
Maria Helena Morcelli  
Oscar Santo Perrella  
Rosa Rapuano Iannucci  
Singerffrido Cavassani  
Thebis Martorelli  
Thereza Irene Giorgetti Sasso  
Valter Dias Guimarães  
Victório de Paulo  
Waldemar Antônio Dalcin  
Yolanda Netti Bortoletto*

Victório de Paulo, filho de  
Henrique de Paulo

## Setenta e cinco anos vivendo no Bairro da Fundação

(depoimento de Victório de Paulo)

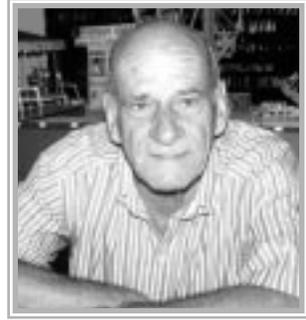


Foto: Fundação Pró-Memória

*Eu nasci no dia três de Maio de 1927, portanto completei 75 anos. Meus pais: o Henrique e a Paschoa de Paulo. Eles vieram de Morungaba, no interior de São Paulo. A casa da nossa família ficava na antiga Rua Rui Barbosa, próximo de onde hoje tem um posto de gasolina, ali no começo da Rua Ibitirama. Só que meu pai vendeu para a indústria Matarazzo. Era um terreno com mais de mil metros onde ficavam 18 vacas leiteiras, os porcos que a gente fazia lingüiça e muitas galinhas vermelhas, as caipiras, que botavam de 30 a 40 ovos por dia.*

A fala é de Victório de Paulo, hoje residente na Rua Maximiliano Lorenzini, 178. Ele nos contou que se lembra perfeitamente de quando tinha oito anos e, de manhã, ia estudar na escola Senador Fláquer, quando ela só tinha quatro salas de aula. Naquele tempo, trabalhava como balconista, à tarde, no Armazém de Secos e Molhados da família Perrella. Quando nosso entrevistado completou 18 anos, foi trabalhar nas Tintas Coral, em seguida na ZF do Brasil e na Padaria Trigolândia.

A diversão infantil dos amigos de Victório era brincar em volta dos fornos das olarias que existiam no Bairro da Fundação. Como eles estudavam de manhã e trabalhavam à tarde, o jeito era brincar nas olarias após as 18 horas.

*Era comum a gente se encontrar para jogar pião, bolinha de gude, jogar malha na areia fina ou correr atrás de balão. Na minha turminha tinha o Ítalo Dal'Mas, Valdemar Braidó e o Tomás Dadauti. Ah! E não posso esquecer de dizer que a gente nadava no Rio Tamanduateí. Claro que hoje não dá nem para passar perto, mas naquele tempo era uma delícia...*

**PADEIROS** - Aliás, Victório e seu irmão Ângelo sempre foram padeiros de mão cheia. Ângelo, além de padeiro, também atuou por muitas de anos como confeitoiro. É curioso salientar que trabalharam também na

*Título de Eleitor de Henrique de Paulo,  
emitido em 17 de Abril de 1958*



*Foto: Victório de Paulo*

Padaria e Confeitaria Perrella, que funcionou vários anos no mesmo prédio onde hoje está sediado o Museu Histórico Municipal de São Caetano do Sul. Além desse local, também exerceram idêntica função na padaria da família Leone.

*Eu não quero assustar ninguém, mas no tempo em que eu e meu irmão trabalhávamos na padaria, que funcionava no mesmo prédio do museu, era comum a gente ouvir gritos aterrorizadores durante a madrugada. Tanto que os vizinhos levantavam e saíam para fora com suas garruchas prontos para atirar. Esses gritos só tiveram fim quando chamaram o padre do bairro para rezar no local.*

**PEIXE COM POLENATA** - *Minha nona vivia me chamando para ir buscar coisas para ela. Era principalmente no açougue da comadre Bepa Lorenzini. Parece que ainda estou ouvindo ela chamar: “Tozetto, Tozetto, vai buscar peixe para comer com polenta”. E lá ia eu com uma lata de gordura de Coco Brasil e uma peneira para pegar no Rio dos Meninos os pituzinhos, que são pequenos camarões, ou então o lambari-guaçu, que tem o rabo vermelho. Esse rio tinha uma água cristalina. Quando a gente queria peixes maiores, pegava os bambus no quintal e ia para o Rio Tamanduateí. Só que um dia começaram a jogar química no rio e os peixes foram morrendo...*

**PAI** - Victório fala com orgulho de seu pai Henrique, que era motorista profissional na Prefeitura de Santo André. Sua carta é ainda de Morungaba e datada do dia dez de Setembro de 1925. Há mais de 60 anos, ele dirigia um Ford Bigode Ramoninha, todo feito de madeira e que funcionava com manivela. Antes disso ele tinha um carroção usado para puxar tijolos para o Ipiranga e Mooca. Mais tarde comprou uma caminhonete da GM. Usava muito seu veículo para buscar os cachos de uva que vinham do Rio Grande do Sul e que depois seriam amassados para virarem vinho.

Eva Lodi Geraldo

# ***Era gostoso comer frutas sentada no galho da árvore***

*(depoimento de Eva Lodi Geraldo)*



Maria Tereza, moradora do Bairro da Fundação, veio até o prédio do Museu Municipal para contar a história de sua mãe, Eva Lodi Geraldo, que nasceu em três de Maio de 1924 e desde então é moradora do bairro. Já morou nas ruas Perrella, Rio Branco, Maximiliano Lorenzini e hoje está na Rua Marconi. Foi casada com o barbeiro João Batista Geraldo. Sua *nona* era Eva Marolli Lodi, uma das primeiras parteiras de São Caetano.

Puxando pela memória, Eva lembrou que a avó, juntamente com o marido, Ângelo Lodi, e mais quatro filhos, veio e voltou para a Itália sete vezes. Na oitava, porém, descobriu São Caetano, vindo fixar residência na *Fundação*. Fazendo uma árvore genealógica, escolhemos o mais novo de seus filhos, José Lodi, que nasceu no dia cinco de Fevereiro de 1897. Ele se casou com Carmela Capuano Lodi e teve cinco filhos, sendo a primeira, a nossa enfocada, Eva Lodi, que ganhou o sobrenome Geraldo ao se casar com o barbeiro João Batista, com quem teve quatro filhos, deles ganhando nove netos. Nossa Eva nasceu na Rua Perrella, em casa que ficava defronte do antigo Cine Central.

O lado do pai, José, já contamos. Falta falar do lado da mãe: Carmela, que era filha de Antônio José Capuano e Thereza Braido Capuano, sobrinha de um dos fundadores de São Caetano, Giuseppe Braido, hoje nome de rua na cidade.

**ALUGUEL** - Pelo relato da filha, ficou evidenciado que Eva tinha muita coisa para contar e por isso fomos até sua residência, onde, entre outras passagens de sua infância, lembrou que, numa tarde, seu pai reuniu a família para alertar sobre o alto valor do aluguel da casa da Rua Perrella. A alternativa seria a compra de pequena parte do grande terreno da avó. Assim, nossa entrevistada passou praticamente infância e juventude nesse

*José Lodi em 1918*



verdadeiro paraíso, que ainda lhe traz muita saudade. Pelo relato ficamos sabendo que o aluguel já era um drama para as famílias, há mais de 70 anos.

Nossa Eva tinha duas irmãs e dois irmãos. Outra recordação serviu para contar que sua paixão era subir nas árvores. Havia duas em especial, onde amarrava as cordas para fazer o seu balanço. Outra árvore muito querida era uma amoreira, que dava umas frutinhas muito pequeninas, com um furinho no meio, onde era enfiado um fio de capim fininho que servia para deixar guardado até a hora de comê-las, mais tarde. O fundo da casa dava para o campo do São Caetano Esporte Clube. Por falar em clube, ao lado de sua casa tinha o Lázio, que era onde aconteciam os mais alegres bailes. Ela subia num banquinho e ficava olhando da sua janela, de onde se via perfeitamente as pessoas dançando no meio do salão.

A sua diversão verdadeira era assistir aos filmes que passavam no Cine Central. Como era freqüentadora assídua, vivia ganhando ingressos extras. Foi assim que acompanhou todos os lançamentos que aconteceram na cidade. Gostava também de participar da Sessão das Moças, ocasião em que as mulheres tinham descontos bastante especiais. Ela ia em grupo e praticamente a primeira fileira era composta por todas as suas amigas e vizinhas.

Um capítulo especial deve ser dedicado a sua nona, considerada uma das primeiras parteiras de São Caetano. Por suas mãos passaram centenas de partos, como o de Anacleto Campanella, que mais tarde viria a ser prefeito do município. Outro dado curioso é que essa parteira, que fez nascer tantos nenéns, se viu em apuros quando foi realizar o parto de sua nora, dona Carmela. O pior é que não pôde realizá-lo, pois a criança estava sentada. A alternativa foi recorrer ao médico, recém-chegado na cidade, o Dr. Constantino de Moura Batista, que morava na Rua Heloísa Pamplona, pró-

Carmela Capuano Lodi  
em 1920



João Batista Geraldo



ximo à Avenida Conde Francisco Matarazzo. O relacionamento entre os casais passou a ser tão bom que dona Carmela ia lavar a roupa da família desse médico, e seu marido, o José, ia depois do serviço limpar o terreno. A união era tão grande que os filhos de ambos os casais cresceram valorizando a amizade.

**PROFESSORA** - Um dos sonhos de Eva em sua infância era ser professora. Ela fez os ensinamentos básicos no Grupo Escolar Senador Fláquer e só não conseguiu atingir seu objetivo, porque o pai não lhe permitia tomar o trem para ir estudar. A escola ficava em Santo André. Desse tempo guarda alegres recordações, tais como as festividades da escola e as aulas de Educação Física, ocasião em que ia toda *chique*, trajando bermuda que terminava com um elástico próximo ao joelho.

Uma cena que ficou em sua memória foi a da solenidade de entrega dos diplomas do antigo quarto ano escolar. Recordar-se de que até a confecção de santinhos foi feita para marcar a data.

Como bem pertinho de sua casa havia a Fábrica de Louças Cláudia, ela foi trabalhar, ainda juvenzinha, nesse local. Dali se transferiu para outra indústria que também ficava perto, a Matarazzo, onde ficou até 1946, quando se casou.

Quando se casou com o famoso barbeiro do Bairro da Fundação, João Batista Geraldo, Eva foi morar de aluguel na Rua Maximiliano Lorenzini, 256, onde tinha como vizinhos os casais João e Celeste Lorenzini Dal'Mas e Eduardo e Elizabete Ascencio. Confessa que tem saudades da vizinhança, sempre pronta a ajudar, dos longos papos, do tempo em que todos se davam *bom dia e boa tarde*. Hoje?... Hoje são outros tempos!

O salão da barbearia do marido estava sempre lotado. A clientela



era fixa e bastante diversificada. Eva se recorda de quando João Batista trouxe para São Caetano a primeira máquina elétrica para cortar cabelo. Foi a maior sensação: todos queriam conhecer e experimentar a novidade. Antes o corte era na base da tesoura, mas, com a novidade, passou a ser feito de maneira bem mais rápida. Era comum a presença dos atiradores do Tiro de Guerra ou dos alunos que entravam na faculdade e tinham o cabelo picado durante os trotes dos calouros. Há 24 anos, João Batista fechou o salão. Em 1981, veio a falecer.

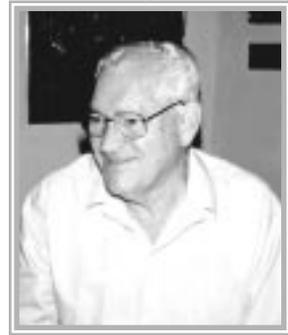
**DEVOTA** - Eva enumera facilmente todos os padres que passaram pela Paróquia São Caetano, no Bairro da Fundação. Ela fez o catecismo no tempo do padre Alexandre Grigolli, mas se recorda perfeitamente dos padres Dario, Vicente, Gil, Casemiro, José, Antônio e Domingos. Tem saudade das belas missas que aconteciam no Natal e na Páscoa. O certo é que, por mais de 20 anos, Eva foi a responsável por enfeitar a igreja para os casamentos e as missas especiais. Infelizmente, agora está com uma *dorzinha* na perna e não tem saído de casa. Mas, como ela muito bem explica, *ainda não sou velha para usar bengala*.

*Humberto Domingos Pastore*

*Horácio Roveri no Museu Municipal. Ano de 2002*

# ***Um metalúrgico que gosta de fazer vinho! E que vinho!***

*(depoimento de Horácio Roveri)*



*Foto: Teruo Fujita*

No dia 29 de Abril de 1929 nascia, no Bairro da Fundação, mais precisamente na Rua Perrella, 130, o menino Horácio Roveri. Filho de Luiz Roveri e Josephina Lorenzini Roveri, é integrante de ilustres famílias. Basta dizer que seus antepassados tornaram-se nome de vias públicas. O tio de sua mãe é Maximiliano Lorenzini e seu bisavô é Felippo Roveri, um dos fundadores de São Caetano.

Aprendeu a ler e escrever nos bancos da escola Senador Fláquer e, aos 13 anos, já trabalhava como telegrafista da Estrada de Ferro Santos-Jundiaí. Lembra-se de que treinou por seis meses para poder executar essa função, na qual permaneceu até os 20 anos.

Horácio nasceu em uma família de metalúrgicos e seguiu os passos dos parentes. Ainda bem jovem, praticamente transformou sozinho um barracão que ficava no fundo do quintal de sua casa numa empresa de sucesso na cidade. Era a Artefatos de Metais Roveri, que por décadas funcionou na Rua Perrella, Bairro da Fundação. Hoje o local é sede da empresa de seus filhos, a Modus - Engenharia e Consultoria - Montagens de Empresas.

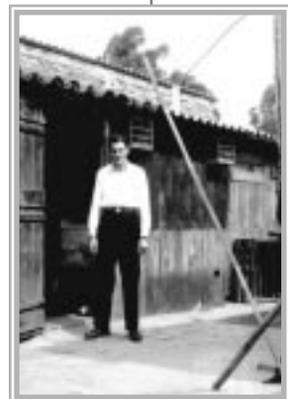
O segredo do sucesso da empresa era a equipe de vendas, que desde o início já percorria não só São Caetano, mas também Santo André e

*Visão lateral do barracão que seria transformado em empresa*



*Foto: Família Roveri*

*Horácio, no final da década de 40, no barracão situado no quintal de sua casa*



*Foto: Família Roveri*

*Taça produzida pela  
Artefatos de Metais Roveri*



Foto: Teruo Fujita

*Modelos de baixelas, um dos principais artefatos da Roveri*

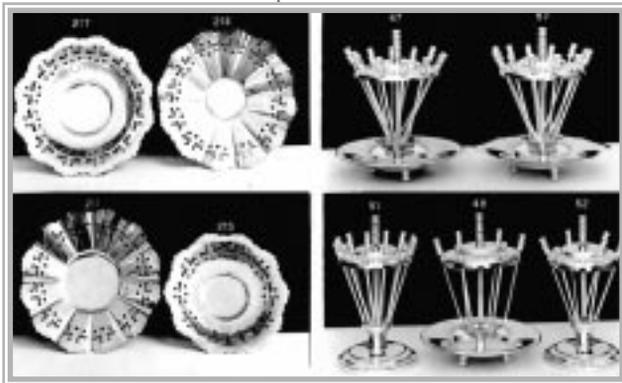


Foto: Família Roveri

em especial Utinga e Mauá. Com a empresa amadurecida, as vendas e entregas alcançaram outros estados do Brasil, em destaque o Rio de Janeiro, que consumia muito a produção de pequenos chuveiros. Os artigos da Roveri eram bastante procurados e tinham fácil aceitação no mercado.

O início das atividades da Artefatos de Metais Roveri, segundo certidão emitida pela Prefeitura Municipal de São Caetano, deu-se no dia 30 de Outubro de 1946. No começo, Horácio trabalhava sozinho e produzia para terceiros, mas logo começou a ter produção própria. Tinha 17 anos e trabalhava em dois locais. Simplesmente fechava os olhos e não via o tempo passar. Sabia que tinha que trabalhar - e muito - se quisesse desenvolver sua empresa. E sempre fez isso com grande entusiasmo.

O forte da empresa de Horácio Roveri era a produção de baixelas de prata e os troféus, feitos nos mais diversos tamanhos e formatos. Ele ainda se lembra dos nomes dos primeiros empregados da fábrica: Farad Jacob, João Giraldi, Hugo Bigli e Nasário Honrado, todos contratados em 1953. Depois foram chegando outros e, quando foi ver, já tinha 60 funcionários.

No período entre 1969 e 1971, a empresa teve um sócio: o prefeito Anacleto Campanella. Já no ano de 1978, Horácio percebeu que era tempo de parar e passar a bola para os filhos. Ainda hoje se recorda muito desse dia, mas está feliz. Diz que é muito importante realizar nosso sonho, mas que também é muito importante saber o momento certo para parar.

**VINHO** - Muito recentemente foi que Horácio deixou de produzir seu vinho caseiro. Até há bem poucos anos, era comum ter em sua residência tonéis com um dos mais deliciosos vinhos já produzidos na região. Claro que as uvas eram compradas em São Paulo, mas todo o serviço artesanal era feito por esse metalúrgico nato, com fortes pendores para vinicultor.

*Praça do Centenário, década de 70 - atual Módulo nº 1 do Terminal Rodoviário Urbano*



## Centro

O Bairro Centro surgiu em torno da estação ferroviária, como um prolongamento urbano do Bairro da Fundação, direcionando o crescimento da cidade para o outro lado da linha férrea. Construída em ferro, em 1883, a Estação de São Caetano apresentava arquitetura tipicamente inglesa, com passarelas metálicas, cancelas e coberturas de telhas para passageiros. Esse cenário, porém, perdeu até a década de 70, quando por pressões políticas a estação de ferro foi substituída por uma estação de concreto armado (a antiga estrutura não mais representava o progresso de São Caetano). A estação de trem foi erguida em terreno cedido pela família Baraldi. O mesmo aconteceu com a Paróquia Sagrada Família (Igreja Matriz) que, uma vez terminada, definiu o atual centro do município, deslocando-o da antiga igreja dos beneditinos, lugar onde se concentrava a maioria das comemorações e festas religiosas.

De fato, com o crescimento da cidade e do número de habitantes, a Paróquia São Caetano (Matriz Velha) tornou-se pequena. Assim, foi necessária a construção de nova igreja, a atual Igreja Sagrada Família, erigida com tijolos fabricados no próprio município e con-

*Antigas instalações da Fábrica Agro-Química Dal'Mas S/A., década de 40 - Rua Major Carlo Del Prete*



*Edifício Sagrado Coração de Jesus, localizado na confluência das ruas Santa Catarina, João Pessoa e Conde Francisco Matarazzo*



*Antigo Salão Paroquial da Matriz Sagrada Família - Rua Rio Grande do Sul com Rua Carlos de Campos*



*Rua Manoel Coelho,  
cruzamento com a  
Av. Conde Francisco Matarazzo*



*Rua João Pessoa, década de 70*



*Rua Alagoas em direção ao Rio dos  
Meninos, década de 60*



*Praça Cardeal Arcoverde com a  
fonte luminosa em primeiro plano,  
década de 70*



cluída em 1936. Com a Matriz Nova terminada, a cidade também ganhou a atual Praça Cardeal Arcoverde, local do Marco Zero da cidade.

A implantação urbana do Bairro Centro ocorreu por volta de 1906. Além da família Baraldi, a Companhia de Melhoramentos de São Caetano também contribuiu para a abertura de novos loteamentos na área central e no Bairro da Fundação. As primeiras casas da localidade, conforme descrição dos antigos moradores, eram pequenas, baixas e com grandes quintais.

Na década de 40, o centro recebeu número elevado de novas construções e estabelecimentos comerciais que, gradativamente, foram mudando o caráter residencial do bairro. Em 1954, foram entregues à sociedade o Viaduto dos Autonomistas e a Rodoviária de São Caetano, símbolos das transformações urbanas daquele período. A partir das últimas décadas, o centro expandiu-se de tal modo que se tornou difícil a delimitação de suas fronteiras. Com efeito, ao longo dos anos as antigas residências cederam lugar aos estabelecimentos comerciais de grande porte, edifícios de apartamentos e escritórios, galerias e lojas de vários tipos que, juntos, dão caráter comercial ao bairro.

- 1 - EMEI José Ferrari
- 2 - SENAI Armando Arruda Pereira
- 3 - IPASM - Inst. Prev. Assist. Social Municipal
- 4 - Centro de Saúde
- 5 - Delegacia de Polícia - 1º Distrito Policial
- 6 - CRE Atlético Corinthians
- 7 - Supletivo Standard
- 8 - Instituto de Ensino de São Caetano do Sul
- 9 - Palácio da Justiça do Trabalho
- 10 - INSS
- 11 - Igreja Sagrada Família - Matriz Nova
- 12 - Igreja Presbiteriana Filadélfia

- 13 - Sociedade Religiosa Israelita
- 14 - Instituto de Ensino Sagrada Família
- 15 - Escola de Formação de Soldados de São Caetano do Sul
- 16 - Associação Anti-Alcoólica de São Caetano do Sul
- 17 - Templo Estrela Azul
- 18 - Colégio Magister
- 19 - Terminal Ferroviário
- 20 - Terminal Rodoviário - Módulo I
- 21 - Terminal Rodoviário - Módulo II
- 22 - Grupo Escoteiro São Francisco de Assis
- 23 - Lar Samaritano da Mãe Operária





Foto: Fundação Pró-Memória

*Homenagem aos moradores do Bairro Centro, realizada no dia 6 de Julho de 2001, no Instituto de Ensino de São Caetano do Sul, Rua Santa Rosa, 305*

*Afra Barbon  
Anselmo Manzini  
Bruna Mazzone de Mello  
Darcy Gripp Bastos  
Eufélia Lanfranchi Ruiz  
Flávio Fracappani Gertrudes  
Munhoz Martins  
João Antônio Montanheiro  
João Molinari  
João Safrany  
José Vergílio Esteves*

*Laura Constanzi Peduo  
Lázara de O. Vasconcelos  
Maria Amato Simões  
Maria Correa M. Pinto  
Maria José Rela  
Mário Jorge Montini  
Mauro Roveri  
Mussi Zaim  
Pura Nabarrete Molinari  
Victória Lorenzini*

Afra Barbon na juventude

## Lembranças de um tempo bom

(depoimento de Afra Barbon)



Foto: Afra Barbon

### **Moradora do Bairro Centro tem saudades da tranqüilidade de antigamente**

Filha de Durando Barbon e Ernesta Marcon Barbon, Afra Barbon nasceu no Brás, em oito de Julho de 1930, e mora há 51 anos na cidade de São Caetano do Sul. *Desde que viemos aqui para São Caetano, sempre moramos no Bairro Centro, primeiro na Rua Francisco Matarazzo (...) Meu avô, Frederico Marcon, pai da mamãe, tinha um bar nessa rua, por isso mudamos pra lá. Atualmente moro na Rua Pernambuco.*

Rememora a infância tranqüila. *Quando a gente é criança a vida é sempre fácil, pois os adultos nos orientam(...) Fiz o primário no Senador Fláquer. O diretor era um senhor moreno, não me lembro o nome dele (...) Estudei até o quarto ano, depois parei. Tive que trabalhar em casa, era uma coisa ou outra (...) Mas a melhor época pra mim foi a da escola, pois não tinha preocupações.*

Lembra com carinho dos pais e familiares. *Minha mãe sempre foi dona de casa, me ensinava as prendas domésticas (...) São coisas que as mulheres vão aprendendo na vida. (...) Ela faleceu em casa, estava muito lúcida, porém, chegou sua hora (...) Meu pai sempre trabalhou fora, em firma (...) Nunca quis ser comerciante (...) Trabalhou na Companhia Mecânica Importadora, área de mineração (...) Era perto do Carrefour (...) Nossa família é pequena, tenho um sobrinho, do filho de Leonor, e outro do meu irmão Frederico (...) Frederico faleceu muito cedo...*

A Companhia Mecânica Importadora foi instalada em São Caetano no ano de 1914. Era uma laminadora de ferro e fazia pacotes para construção. Pertenceu ao conde Alexandre Ciciliano até 1950, quando passou a chamar-se Mineração Geral do Brasil. Foram trazidos, da Argentina, ope-

rários especializados. Após um período difícil enfrentado pela companhia, marcado por greves e reformas internas, como a construção do forno de aço, vieram mais operários especializados do exterior, desta vez os italianos. Com as reformas e o uso do óleo diesel, a produção triplicou. Foram, então, formadas turmas, sendo trazidos mais operários da Argentina. Os brasileiros logo aprenderam o trabalho, juntando-se às turmas. Esses estrangeiros (argentinos, italianos) passaram a residir em definitivo no Brasil. Os solteiros casaram-se com brasileiras, formando famílias, e os casados traziam suas famílias para o Brasil.

Na década de 60 a Companhia Mecânica Importadora passou a pertencer ao grupo SAAD, encerrando as atividades no início da década de 80. Localizava-se no Bairro da Fundação, onde hoje está instalado o Hipermercado Carrefour.

A irmã, Leonor, conta que Afra teve namorados e noivou com um deles, porém o casamento não foi concretizado. *É, eu namorei, fui noiva e tudo, mas o destino não quis que eu me casasse. Gosta muito de costurar. Aprendi essa profissão desde garotinha (...) Com 14 anos eu já costurava em casa profissionalmente (...) Fiz depois alguns cursinhos, como de cabeleireira, costura, bordado, no Colégio Santo Antônio, que antes era no centro, na Rua Francisco Matarazzo (...) Mas nunca fiz um curso superior que pudesse servir para um emprego (...) Depois, já estava com 40 anos, comecei a trabalhar num consultório médico como recepcionista, na Rua Manoel Coelho, Bairro Centro, e fui fazer um curso de recepção no Senac (Serviço Nacional do Comércio), em Santo André, onde me aprimorei na profissão (...) Trabalhei 14 anos nesse consultório e me aposentei (...) O salário de aposentado é uma vergonha (...) Quando você é jovem tem estímulo pra tudo (...) Com o passar dos anos, ficam as lembranças do que fez.*

Relembrou o tempo em que freqüentava os cinemas de São Caetano do Sul. *Antigamente podíamos escolher, tínhamos muitos cinemas, agora não tem tanto (...) Tinha o Vitória, Cinemax, Cine Parque, Cine Central (...) Ia sempre com a minha irmã e amigas (...) Na Sessão do Troco, pagava-se com dinheiro trocado, e na das Moças, as mulheres não pagavam, se acompanhadas por um homem (...) A gente encontrava muitas pessoas, "tirava a linha", que era como a gente falava quando estava flertando com algum rapaz (...) Era divertido, era infalível! (...) Os filmes antes eram mais românticos, agora não prestam, muita violência.*

Os cinemas marcaram época na cidade. Eram instalados em pontos estratégicos: o Cine Central, na Rua Perrella, sede do antigo Núcleo Colonial, hoje Bairro da Fundação; e o Cine Parque, da parte nova da cidade, na Rua Maranhão, Bairro Monte Alegre. Na época do Cine Parque,

Afra Barbon no dia da homenagem



Foto: Fundação Pró-Memória

quando ia ter sessão, costumavam tocar uma sirene para avisar as pessoas. Um dia por semana tinha a Sessão das Moças que, acompanhadas por cavaleiro, não pagavam ingresso. Com o crescimento do local, outros cinemas foram abertos: Cine Max (1953-1986); Cine Vitória (1953 - teve variações, hoje é uma casa de apresentações: Vitória Hall); Cine Urca, depois Cine Lido; Salão Paroquial, depois Cine Aquarius; Cine Édén, depois Cine Átila (Vila Gerty); Cine Planalto (Bairro Barcelona); Cine Real (Bairro Vila Gerty); Cine Copacabana, depois Cine Alvorada (cinema da igreja Candelária); Cine Primax (1951-1974); e Cine Som Publicidade, de Gianoto Soares.

Conta sobre a vida religiosa. *Sempre fui católica (...) Lembro-me dos padres antigos, o padre Alexandre (Alexandre Grigolli), eu era garotinha (...) O padre que faleceu há pouco, padre Ézio...(Ézio Gislimbert) (...) Fui batizada, fiz a Primeira Comunhão e a Crisma.*

Caseira, apreciava animais de estimação. *Somos de ficar em casa (...) Quando tínhamos uma gatinha, cuidávamos dela (...) Às vezes até queria viajar, mas o bichinho te prende em casa. Agora, talvez, nesse próximo verão... (...) A gata morreu com 16 anos, era muito bem tratada, era linda (...) Engraçado, ela era gata com nome de gato, tinha o nome de Napoleão (...) Agora apareceu um gatinho aí, e a gente tá cuidando dele, mas não é muito dócil, por não ter sido criado em casa (...) Hoje não quero ter mais bichinhos, pois tomo afeição, quando morrem choro muito (...) Eles ficam anos debaixo dos nossos pés, alimentamos, cuidamos...*

Gosta de uma boa leitura, porém, está impossibilitada pelo problema nas vistas. *Gosto muito de ler, agora estou penando, pois estava com catarata, fiz a cirurgia há pouco tempo. (...) Também não posso costurar, que*

*é o meu passatempo (...) Faço os serviços domésticos, não gosto de cozinhar. Leonor gosta, faz bolo, doces, tortas...*

Fala sobre política e a evolução no Brasil. *O prefeito Pellegrino, (...) foi quando teve a emancipação de São Caetano (...) Depois teve seqüência, Campanella, Massei, Braido, Raimundo... (...) O Tortorello mudou muito essa cidade, mas acho que o Bairro Centro está um pouco desprezado (...) Faz tempo que é assim e não mudou muito (...) Essa evolução do nosso país, eu sei que é a modernidade, mas pra mim, é como se tivesse regredindo. (...) Os caixas-eletrônicos, por exemplo, eu não gosto, prefiro ir até o caixa (...) E também diminui o número de funcionários, contribuindo para o desemprego. E quem sai ganhando são os que já têm muito...*

Alguns acontecimentos foram determinantes no sucesso da campanha pela emancipação da cidade: a apresentação do *Jornal de São Caetano*, divulgando as idéias separatistas; o ideal de se criar o primeiro hospital dentro da cidade, a Sociedade Beneficente Hospitalar de São Caetano; a criação da Sociedade Amigos de São Caetano, que oficializou toda a luta pela autonomia. Dali saíam as decisões, as táticas de campanha, as articulações políticas. O movimento autonomista em São Caetano teve a participação popular. Após a campanha da autonomia, duas pessoas concorreram à Prefeitura de São Caetano: Ângelo Raphael Pellegrino, apoiado pelos autonomistas, e José Luiz Fláquer Neto. A eleição, realizada em 13 de Março de 1949, deu a vitória a Pellegrino.

Pellegrino, o primeiro prefeito, era pernambucano. Anacleto Campanella, Oswaldo Samuel Massei e Walter Braido nasceram em São Caetano. Raimundo da Cunha Leite é baiano. Antonio José Dall'Anese nasceu na capital e veio recém-nascido para a cidade. O atual prefeito, Luís Olinto Tortorello, é natural de Matão, interior do Estado.

Afra finaliza expondo sua opinião sobre os dias de hoje. *Antigamente era bem melhor, a vida era mais fácil. O dinheiro era suficiente para o que eu precisasse fazer. O namoro era mais saudável, mais família. (...) Agora tem muita coisa ruim no mundo, muita violência, por causa do desemprego, da miséria. (...) Nada hoje é melhor que antigamente.*

*Camila Cristina Thimoteo*

Júlio Mantovani, avô de João  
Antônio Montanheiro, em 1955

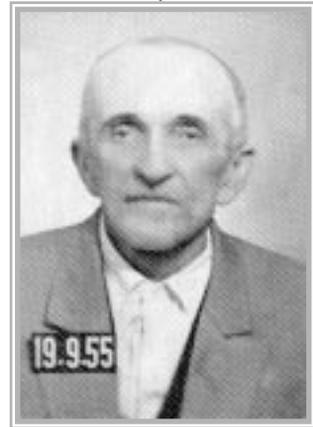


Foto: Família Montanheiro

## Na mesma cidade, bairro, rua e casa

(depoimento de João Antônio Montanheiro)

*A minha rua era toda de terra (...) Ali na esquina, onde tem aquele prédio, era um morro em que a gente soltava pipa (...) Pescava no Rio dos Meninos, tinha muitos peixes (...) Lambari era de monte (...) Você conta isso hoje, mas ninguém acredita.*

João Antônio Montanheiro nasceu no dia 25 de Março de 1946, na cidade de São Caetano do Sul, local onde permanece até hoje. O pai, Oswaldo Montanheiro, nasceu em Itobi (São Paulo) e Mafalda Montanheiro, a mãe, era natural de São Caetano. *Quando as pessoas do cartório foram registrar o nome, escreveram Montanheiro (...) Na verdade era Montanher* (descende de uma mistura entre a Áustria e a Itália). João ainda tem uma irmã - professora primária - chamada Eunice Montanheiro Nunes, casada com José Carlos Pinto Nunes. Atualmente, residem em São José do Rio Pardo. Casou-se com Ana Maria Jovino Gonçalves Montanheiro, no dia 15 de Outubro de 1979, em Santos, litoral de São Paulo. *O sobrenome dela também foi modificado no registro (...) Era Iovani (italiano), entretanto, virou Jovino.* João é pai de três filhos, todos nascidos na cidade de São Caetano do Sul. Os avós vieram da Itália e, logo de início, se fixaram no interior do Estado, no Município de São João da Boa Vista, onde o avô Júlio Mantovani foi trabalhar em uma fazenda de café. Atraído pela oportunidade de galgar posições, dirigiu-se a São Caetano, no começo da década de 1940. *Tenho uma carteira, visto de entrada que possuí algumas datas (...) A entrada em São João da Boa Vista foi no dia 29 de Fevereiro de 1941 (...) Depois, quando o conde Francisco Matarazzo fez a fábrica aqui embaixo (...) Inclusive eu tenho a carteira profissional do*

*meu avô (...) Era 11 de Dezembro de 1943 quando começou a trabalhar na Matarazzo (...) Ele desenvolvia o trabalho de maquinista.*

**DESCENDÊNCIA** - Ao chegar à cidade, os avós Júlio Mantovani e Carmela Mantovani procuraram um bom local para morar. *Quando vieram do interior, compraram esse terreno aqui na Rua Paraíba (onde mora atualmente), essas três casas, tudo isso era do meu avô (...) A casa do meio ele vendeu ao amigo João Tipani (...) Depois, meu pai também morou aqui. Agora, eu estou com a minha família (...) É uma longa história, sabe (...) Meus tios se fizeram em São Caetano (...) Um deles, o Carlos Montanheiro, veio do interior para trabalhar na General Motors do Brasil. Tempos depois, ingressou na FAB (Força Aérea Brasileira) (...) Quando era solteiro, morou com a gente nessa casa (...) Após sua formatura foi morar em Guaratinguetá (...) Hoje ele é reservista da FAB.*

*Meus avós se instalaram na cidade (...) Antigamente, eu ia pescar com meu pai no Rio dos Meninos (...) Pegava a bicicleta e descia com ele (...) Tinha um campo de futebol bastante grande (...) Fazíamos muitos exercícios no Tiro de Guerra, na beira do rio (...) São Bernardo, Diadema, essas cidades, não jogavam tantos poluentes no rio (...) Hoje é bem diferente.*

Dos tempos de infância, João lembra das amizades e fala que a família não passou muitas dificuldades. Entretanto, trabalhava-se muito para poder manter as condições de vida. *Infelizmente, já faleceram alguns grandes amigos (...) Tinha amizade no futebol, nos escoteiros da GM (...) No colégio, estudamos no Bartolomeu Bueno da Silva (...) Era ali onde é o Braido, depois mudou (...) Fizeram um prédio novo perto da Rua São Paulo (...) Quando estávamos livres, nós ajudávamos (...) Tinha a Aliberti, a Louças Adelinas (...) Minha mãe fazia cartelas de botões em casa (...) Eu a ajudava, ia buscar aquelas cartelas de fazer botões (...) Meu pai trabalhou na fábrica de papel dos Matarazzos e na General Motors (...) Quando a Volkswagen veio para o Brasil, ele foi pra lá (...) Depois, ainda trabalhou na Brasmotor e na Willys Overland do Brasil (fábrica de jipes). Lá foi onde ele se aposentou.*

Seguindo os passos dos pais, João foi atrás de emprego para começar a vida. *Quando a ZF do Brasil veio a São Caetano, fui tirar carteira de menor para trabalhar (...) Entrei lá com a função de aprendiz ajustador de motor (...) Permaneci algum tempo lá, no entanto, ao sair fui me especializar e fiz o curso do Senai (Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial).*

Mais experiente, foi para a Willys Overland, onde o pai já tinha passado. Trabalhou na linha de montagem. Prestou serviços à Souza Cruz e, depois, candidatou-se a concursos em firmas estatais. *Entre no*

*João Antônio Montanheiro,  
na Rua Paraíba,  
por volta de 1950*



*Foto: Família Montanheiro*

*Departamento de Estradas e Rodagem (DER) (...) Depois, mudou para Dersa (Desenvolvimento Rodoviário Sociedade Anônima). Fiquei na Dersa durante 25 anos (...) Já fez três anos que me aposentei.*

*Durante os trabalhos realizados no Sepro (Serviço Federal de Processamento de Dados), em São Paulo, Ana Maria e João se conheceram. Minha esposa é da baixada, ela é santista (...) Vinha de vez em quando fazer curso em São Paulo (...) Casei em Santos, na capelinha Nossa Senhora dos Navegantes, Ponta da Praia.*

*Como a família de Ana Maria é de Santos, tentaram por algumas vezes fixar-se por lá. São Caetano do Sul estava crescendo e se desenvolvendo, então acabamos por permanecer aqui mesmo (...) Tenho 55 anos, porém, nunca saí daqui. Estou enraizado, brinca João (...) Tive muitas oportunidades de deixar a cidade (...) O município é muito bom, tem infraestrutura (...) Tenho conhecidos, amigos e comerciantes (...) Nunca troquei de bairro nem de casa (...) Nesse quarteirão sou um dos mais antigos moradores (...) Nasci nessa casa através de uma parteira (...) Ela morava ali na Vila Gerti.*

*Do matrimônio, nasceram três filhos: João Carlos Montanheiro, nascido em 1975; Maurício Montanheiro, que é de 1979; e o mais novo, Leonardo Montanheiro, que nasceu em 1980. O mais velho faz Administração no IMES (Instituto Municipal de Ensino Superior), atual Centro Universitário de São Caetano do Sul (...) O do meio está fazendo Biologia na Uniabc (Universidade do Grande ABC) (...) Já o caçula se formou no Bonifácio de Carvalho, porém, ainda não se decidiu quanto à profissão.*

*O tio de João Antônio, Carlos Montanheiro, era membro da Força Aérea Brasileira. Década de 40*



*Foto: Família Montanheiro*

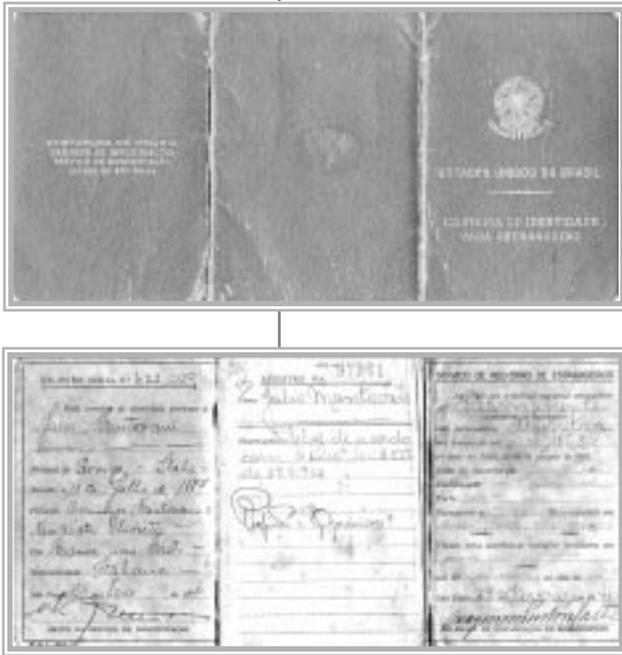
João sempre se manteve trabalhando. Mesmo quando as dificuldades apareciam, logo eram superadas com muito esforço. *Nunca fiquei parado (...) Sempre consegui dar estudo aos meus filhos (...) Atualmente, estou vivendo com a aposentadoria. Até que está dando (...) A gente vai contornando a situação (...) Nós, que somos brasileiros, sempre damos um jeitinho, uma saída (...) Mas o resto, em si, ajuda também (...) Contudo, a cidade está bem, não tem por que questionar.*

Relembrando a homenagem do Projeto Memória e Cidadania, realizado pela Fundação Pró-Memória de São Caetano do Sul, João contou uma história. *No dia em que o projeto foi realizado no centro, avistei a primeira instrutora de auto-escola de São Caetano do Sul (...) Contudo, ela não foi minha professora (...) Naquele tempo, eu tinha meus 18 anos (...) Quando fui fazer exame de motorista, as escolas só tinham jipes, nem o Fusca era usado na época (essa mudança ocorreu alguns anos mais tarde) (...) Os instrutores faziam aquelas provas de ladeira (...) O que estava comigo tirou o relógio do pulso e colocou atrás do pneu. Depois disse: "Se você voltar para trás, além de reprovar no teste, você vai ter que pagar outro pra mim" (...) Era Maio de 1964.*

Quando indagado sobre o resultado do teste: *Modéstia à parte, uma coisa que eu sei fazer bem é dirigir! (...) São fatos que marcam e ficam na lembrança.*

**PERDIDA** - Um fato detalhadamente abordado pela esposa, Ana Maria, aconteceu logo quando chegou ao município. *Não conhecia nada aqui na cidade, meu marido estava trabalhando (...) Foi logo nas primei-*

*Carteira de Identidade de Júlio Mantovani datada da época em que São Caetano ainda pertencia a Santo André*



Fotos: Família Montanheiro

*ras semanas (...) Naquele tempo, o centro era muito movimentado e resolvi sair e caminhar até o açougue para comprar carne (...) Acabei dando voltas e me perdi. Resolvi sentar na escada da igreja e ficar esperando (...) Quando o João chegou em casa, rapidamente imaginou (...) Ao entardecer, ele apareceu e fomos para casa (...) Me lembro de muitas coisas, conta Ana (...) O avô do João, o Júlio, tinha o costume de sentar no sofá da sala e conversar bastante (...) Então ele contava muitos fatos (...) Ele ajudou a construir o altar da Igreja Matriz Sagrada Família (...) Ele veio vindo do Bairro da Fundação pra cá (...) Depois, passou à Rua Pernambuco e, por fim, comprou aqui (...) Ele falava muito sobre a igreja (...) Quando você entra, o altar construído por ele é o último do lado esquerdo. Perto da sacristia.*

Muito ligados à igreja, os pais de João casaram-se na própria Paróquia Sagrada Família. *O altar ainda não estava pronto (...) Uma coisa muito curiosa era que os padres se hospedavam nessa casa (...) Alguns vinham até da Itália e ficavam aqui conosco (...) Acontecia em meados dos anos 60 (...) Aquele padre, que faleceu faz pouco tempo, o padre Ézio (...) Vinha sempre aqui trazer os outros.*

João Montanheiro não se arrepende de nunca ter deixado a cidade. *O*

*João Antônio Montanheiro  
no dia da homenagem*



*Foto: Fundação Pró-Memória*

*pessoal chegou e parou em São Caetano (...) Tem muita gente de fora. Essas pessoas ajudaram a desenvolver o município (...) No momento, está bem calmo (...) Antigamente eram mais indústrias. Hoje, porém, já não tem tanta coisa assim.*

Entre a família e a sociedade, João vive tranqüilamente. Conta que é uma pessoa calma e quieta. Não é ligado diretamente a instituições e clubes. Prefere assistir a um bom jogo de futebol na televisão a frequentar agremiações. No entanto, ajuda as entidades quando pode. *Quando posso, ajudo as Casas André Luís, a LBV (Legião da Boa Vontade), o Centro Espírita Irmã Clara e o Asilo Irmã Tereza (...) Esse último... o fundador era amigo do meu pai (...) Hoje em dia, quem administra são parentes da família.*

João Antônio Montanheiro, 55 anos de idade, é um dos poucos moradores de São Caetano do Sul a residir na própria casa em que nasceu. Conta que é a terceira geração da família a viver na residência. *Estou muito contente por ter criado raízes aqui (...) E também por ter conseguido permanecer nessa casa (...) É um grande orgulho.*

*Michel Nóbrega Cury*

Mário Jorge Montini, radiador considerado o melhor contra-regra no ano de 1955

## Um sancaetanense nas ondas do rádio

(depoimento de Mário Jorge Montini)



Foto: Mário Jorge Montini

Marinho, como gosta de ser chamado, iniciou sua carreira de ator ainda criança. Nascido em São Caetano do Sul, em dez de Junho de 1927, passou a maior parte da infância na Paróquia Sagrada Família, participando do coro e aprendendo com o grupo de teatro amador as técnicas de interpretação ministradas pelos padres Alexandre Grigolli, Aldo Belí e Ézio Gislimberti.

O pai, Pedro Américo Montini, foi carpinteiro da indústria Scartozzoni, em frente à Estação de São Caetano (cidade em que nasceu). Nesse tempo, conhece Maria Treviato Montini, vinda de Pedreiras, interior de São Paulo, para São Caetano do Sul em busca de uma vida melhor. Casa-se e estabelece-se na Rua Heloísa Pamplona, no Bairro da Fundação, onde nascem os filhos: Olga Romano Montini, Belmira Montini, Acácio Domingos Montini, Mário Jorge Montini e Otávio Américo Montini.

Mário recorda-se da infância e diz que aproveitou bastante. Era mais ligado ao irmão mais velho, Acácio, que tomava conta dele por ordem do pai. *Nós íamos ao piquenique na Estação de Santo André (...) Cheguei lá e começamos a jogar peteca (...) Quando eu bati na peteca, ela foi em cima da estação. Eu subi para buscar a peteca e o chefe da estação falou ao meu irmão: "Quem é aquele moleque? Tem o fio de alta tensão!". E ele respondeu com medo: "É meu irmão" (...) E eu fui lá, peguei a peteca e descí (...) É verdade, eu era assim (...) Apanhei bastante porque eu só fazia bobagem.*

Cursou o Grupo Escolar Senador Fláquer e afirma que quase não estudou por preferir passar o tempo na igreja, que era a sua diversão. Ele lembra que foi suspenso do grupo três vezes, por ser uma criança teimosa demais. *Tinha as estações que saíam de São Paulo. A professora perguntou*

*Festa de casamento de Mário Jorge Montini com Hilda Cavana, realizada no salão do São Caetano Esporte Clube. Todo o elenco masculino da Rádio São Paulo compareceu à celebração*



Foto: Mário Jorge Montini

*Elenco feminino da Rádio São Paulo, em 25 de Abril de 1953, reunido na festa de casamento de Mário Jorge Montini*



Foto: Mário Jorge Montini

*os nomes até a última estação (...) Eu errei uma quando respondi e ela disse: "Montini, faz dez vezes porque você errou esta estação". Aquilo para mim era castigo e eu não fiz. Cheguei na escola e ela disse: "Cadê os dez mapas?" Falar com burro é a mesma coisa, eu não respondia. (...) A professora pediu cem mapas. E eu não fiz. Então ela me mandou para a diretoria, (...) Meu pai foi lá falar com o diretor, que disse: "Seu filho não é ruim, mas ele não obedece. Ele não faz, ele não fala, não responde (...) Ele tem agora que fazer 200 mapas, senão ele não entra na escola" (...) Eu e minha irmã Belmira. Duzentos mapas colados do Estado de São Paulo fazíamos com as estações. A noite toda, até as duas horas da manhã (...) Chegou na escola, fiquei lá com o mapa e não falei nada. Ela não me pediu. Acabou a aula e fui para casa (...) E a professora disse a minha mãe: "Eu fiquei com medo que ele não tivesse feito".*

Outra diversão durante infância e adolescência, além da igreja, era o Cine Central, único cinema da cidade naquela época, localizado na Rua Perrella. Mário afirma que, para encontrar o pessoal de São Caetano, bastava ir ao Cine Central. *O meu pai me dava 400 réis (...) Eu ia ao cinema, pagava 200 réis e os outros 200 réis era de amendoim (...) Todo domingo eu ia ao cinema e passava um filme chamado "A Deusa de Jade" e "Rádio Patrulha" (...) Eles ligavam um aparelho e os bandidões vinham vindo. Já imaginou? Naquela época era incrível isso (...) Era mentira, mas o cara hipnotizava. Eu ia dormir pensando nele e falava que não ia mais no cinema, pois tinha medo (...) No outro domingo estava lá, era o primeiro a chegar (...) E só tinha isso, quando chegava lá e estava lotado, voltava pra casa, pois não tinha mais lugar.*

Ainda jovem começou a trabalhar na Metalúrgica Barile, mesmo con-

*Mário Jorge Montini recebendo, das mãos do radialista Geraldo Blota, o Troféu Roquete Pinto*



Foto: Mário Jorge Montini

tra a vontade do pai, que tinha preferência pela continuidade dos estudos. *Eu tinha uns 12 anos e fui procurar emprego. O meu pai não queria. O meu pai queria que eu só estudasse, mas eu fui (...) Eu queria ganhar dinheiro. Meus amigos saíam com dinheiro no bolso e eu estava duro.* Depois de um tempo, foi obrigado a sair de lá por estar fazendo serviço puxado e pesado demais para um garoto de sua idade.

Passou também pelas Indústrias Reunidas Francisco Matarazzo, onde estudou desenho mecânico. Consertava máquina de costura, máquina de escrever, relógios, entre outros. Esteve ainda na Texaco Brasil, trabalhando como escriturário. Foi demitido após um ano, pois seu irmão era gerente e parentes não podiam trabalhar na mesma empresa.

Nessa época, alistou-se no Tiro de Guerra de Santo André. *Eu era sargento-atirador. Terceiro sargento do grupo de combate, por causa da voz (...) Dava ordens e tudo.* Mário conta que durante essa temporada se divertiu bastante. Entre outros episódios, relata: *No último dia, sexta-feira, nós voltamos de ônibus (...) E naquele ônibus estavam 25 vereadores de São Caetano (...) Aí eu cantei. Eu falo cantei porque eu cantava em coro. Cantamos o Hino da Bandeira em tempo de samba (...) Quando fui, no domingo, jurar bandeira, eles tinham avisado o sargento que nós cantamos, ainda mais eu, cantamos o Hino da Bandeira em tempo de samba. O sargento nos reuniu lá e falou: "Vão embora, não vão jurar bandeira coisa nenhuma, vão embora". O meu pai estava lá pra assistir. E eu fui embora, pois nem ligava. Mas os caras foram falar com o presidente, que quebrou o nosso galho e nós juramos a bandeira.* Diz que sempre teve vontade de

ir para a guerra. *Isso aconteceu na época da guerra, a última guerra. A guerra começou em 1939 e acabou acho que em 1945. Quando acabou a guerra, eu estava fazendo Tiro de Guerra (...) Eles não me dispensaram porque era quase para ir para a guerra. E eu estava louco para ir (...) O meu irmão quase foi e eu também. Estavam todos de prontidão e foi quando acabou a guerra (...) Foi uma alegria tremenda, mas eu quase fui.*

No ano de 1948, após ser demitido de seu emprego, foi participar do teste de novos talentos da Rádio São Paulo, por influência e incentivo da mãe, que era ouvinte das radionovelas. Foram várias fases de seleção até ser aprovado. *Pra falar a verdade, eu fui lá pensando em cantar (...) Foi no começo de 1948, mas não tinha mais as aulas de canto. Fiz o teste de radio-teatro e passei (...) Fui para casa e depois de um mês mandaram me chamar. Falaram meu nome para ir à rádio (...) Os meus amigos perguntavam: "O que foi?" E eu falei: "Ganhei um prêmio". Não falei porque eu tinha vergonha (...) E depois de mais testes, nós ficamos em cinco homens e cinco mulheres.*

O começo da carreira artística foi bastante difícil. Entrava às oito da manhã, não tendo hora para sair e nem dia de folga, chegando a fazer sete ou oito teatros por dia. Mesmo com todo o esforço, não era bem remunerado, ganhando 20 cruzeiros por cada capítulo ao vivo. Cachê baixo comparado ao salário fixo de 2.500 cruzeiros que lhe foi oferecido pela General Motors, recusado por Mário Jorge já que estava começando a fazer o que tanto lhe agradava: atuar no rádio.

Mesmo com tanta correria, ainda participava de peças como *A Paixão de Cristo na Semana Santa* e do coral da Paróquia Sagrada Família. Neste tempo conheceu Hilda Cavana, que freqüentava a igreja, também participando do teatro amador e do coral. A moça tornou-se sua esposa. *Eu cantava em coro e trabalhava em palco na igreja. Ela freqüentava a igreja também (...) Aí eu conheci ela, que também começou a cantar e trabalhar em teatro (...) Teve uma ocasião em que ela fez o papel de homem, vestida de homem, e eu vestido de mulher. Tudo ao contrário (...) Até que um dia eu falei com ela e começamos (...) Ela tinha 13 anos (...) E começamos a namorar, namorar (...) Brigamos duas ou três vezes e voltamos. Casei em 1953 e estou até hoje.*

**CAVANA** - Hilda fala sobre os antepassados, que chegam e se estabelecem no centro de São Caetano no ano de 1878. Constroem um cortiço e, aos poucos, loteiam suas terras entre as ruas Baraldi e Santo Antônio e as avenidas Senador Roberto Simonsen e Goiás. O loteamento, denominado Vila Santo Antônio, é aprovado em nome de Severino Antônio Cavana - seu pai -, Antônio Luiz Cavana, Santa Cavana e Thereza Cavana. A Vila Santo

Mário Jorge Montini no dia da homenagem



Foto: Fundação Pró-Memória

Antônio é oficializada no final dos anos 30, quando sua avó, Joanna Cavana, pede licença para a demolição de prédios a fim de dar lugar à construção de uma rua particular, o que é deferido. Hoje existem na Vila Santo Antônio dos Cavanos as seguintes ruas: Luiz Cavana, Pinto Ferraz e Francisco Andreucci.

Hilda e Mário casaram-se em 25 de Abril de 1953. A festa aconteceu no salão do São Caetano Esporte Clube, localizado na Rua Perrela, mobilizando os moradores do bairro. Mário já estava fazendo grande sucesso com sua bela voz, emocionando vários ouvintes assíduos das radionovelas da emissora PRA-5 Rádio São Paulo. *Eu casei em 1953 e já tinha cinco ou seis anos de rádio (...) Falou no ar que os atores da Rádio São Paulo iam assistir ao casamento do Mário Jorge (...) Eu falei com o gerente e, como não tinha nada de gravado, era tudo ao vivo, eu consegui gravar à noite para todo o elenco poder vir no casamento (...) O maior casamento naquela altura foi o meu. Quebraram imagem, arrebentaram tudo (...) O padre falou: "Nunca mais caso ator aqui, me arrebentaram tudo" (...) Os atores foram todos no coro e as pessoas queriam abraçar, queriam mexer, queriam puxar. Mário Jorge acrescenta: Quinze dias antes de casar fomos obrigados a tirar fotografia para sair na Rádio Lar. Era uma revista (...) Diz que não pode ver a noiva antes do casamento, mas fomos obrigados a tirar a foto para sair na revista.*

Mário conta que, para ajudar no orçamento, começou a trabalhar como contra-regra, dirigindo o estúdio e aprendendo várias técnicas de efeitos sonoros para completar os diálogos da radionovela. Com isso, foi se aperfeiçoando cada vez mais, obtendo, assim, grande sucesso.

**FUTEBOL** - Para se divertir um pouco, os atores da Rádio São Paulo formaram um time de futebol, jogando aos sábados e nas horas vagas.

Mário se recorda com saudade: *A gente trabalhava na rádio, normal e, depois, todo sábado, tinha jogo (...) Nosso gerente, Alfredo Carvalho, filho do dono da rádio - Paulo Carvalho -, jogava também (...) Quando jogávamos entre nós, ele jogava no ataque e eu na defesa. Eu deixava ele marcar gol, porque ele tinha um chute "daqueles" e ele ia com um carro lindo de morrer (...) Ele levava sanduíche, bebida e tudo. Se ele ganhava o jogo, ele abria a porta e falava: "Vamos comer e beber". Agora, se ele perdia, ele ia embora com o carro cheio de comida para ele. Eles falavam: "Mário, deixa ele passar!". E eu era obrigado a deixar ele marcar gol. Até hoje eu morro de rir (...) A gente jogava que nem louco. Eu jogava no segundo e no primeiro quadro. Eu chegava lá e tinha um tal de Severino, que tomava conta, e quando ele falava que tinha faltado alguém, eu respondia que jogava no segundo quadro também (...) Eu jogava no segundo quadro 90 minutos, depois mudava de camisa e jogava no primeiro quadro. Quer dizer, eu jogava 90 e mais 90. Eu tomava pinga naquela ocasião e fumava que nem um louco, mas tinha um fôlego tremendo (...) A gente jogava todo sábado. Todo mundo pegava o carro e ia lá comer, beber, fazer festa.*

Com a chegada da televisão, todo o elenco da rádio foi fazer testes para participar do teleteatro *A Muralha*. Mário Jorge foi aprovado e escolhido para viver o galã da trama. Após a experiência, passou a dublar filmes apresentados pelas redes Tupi e Record.

Durante esse período, a Rádio São Paulo estava sendo vendida para as Emissoras Coligadas e, até 1974, a direção da rádio ficou sob responsabilidade de Mário Jorge. Mas ele afirma que, após a venda da rádio, já não era a mesma coisa. *Quando venderam a rádio, perdeu a graça (...) O Paulo Machado de Carvalho, dono da rádio, morreu (...) Aí eles venderam tudo. Eu era o diretor (...) Ficamos em 15 pessoas gravando novelas para o interior (...) Entramos na Justiça e todo mundo estava brigando por causa disso (...) Mas como tinha muito caso na Justiça, a rádio foi lacrada (...) Então paramos tudo, fui mandado embora e indenizado.*

Após 50 anos de carreira como radioator, Mário Jorge mostra com orgulho os prêmios que recebeu na Rádio São Paulo (guarda-os em sua residência). Tendo sido considerado o melhor contra-regra, recebeu o Troféu Cacique e o Troféu Roquete Pinto.

Casado há 48 anos, teve dois filhos, Maria Cecília e Luiz Paulo, além de uma neta: Mirna Tereza. Ainda reside no mesmo local, Rua Luiz Cavana, 100, junto com a esposa, desde que se casou. Continua em plena atividade de dublador e afirma: *Do tempo do rádio eu tenho uma saudade tremenda.*

*EEPG Bartolomeu Bueno da  
Silva - Rua Maranhão esquina  
com a Rua Espírito Santo*



## **Bairro Santo Antônio**

O Bairro Santo Antônio foi formado a partir da instalação de olarias nos arredores da várzea do Rio dos Meninos e de um setor residencial na parte alta do bairro. O terreno argiloso facilitou o surgimento das olarias. A extração contínua da várzea resultou no aparecimento de algumas represas (Represa dos Parentes, Lagoa dos Ferraris) que serviram como opção de lazer e divertimento. A antiga Rua Santo Antônio (atual Avenida Senador Roberto Simonsen), tipicamente comercial, abrigou a capela construída pela família Cavana. A Capela Santo Antônio acabou dando nome ao bairro.

Uma das primeiras olarias, datada do final do século XIX, pertencia a Giuseppe Ferrari. O empreendimento, perpetuado pelos filhos e netos do empresário, estendeu-se até a década de 60. No início do século XX, mais precisamente em 1928, a família Toyoda montou a S. Toyoda e Companhia Limitada, fábrica de cerâmica e porcelana que se manteve ativa até 1981. Os Toyodas foram os primeiros japoneses a fixar residência em São Caetano. Outra fábrica importante no bairro foi a Indústria de Bebidas Trentini, fundada em 1927.

*Hospital Beneficente São Caetano,  
década de 70 - Rua Espírito Santo*



*Garagem Municipal  
- Rua Arnaldo Santi Locozelli*



*Vista geral do Bairro Santo Antônio*



*Ângelo Riera e seu carro na esquina das ruas Bahia e Sergipe*



*Rua Machado de Assis  
- Avenida Guido Aliberti*



*Rua Amazonas - antigas instalações da fábrica de louças da Família Toyoda - 1932*



*Chaminé da antiga Laminação São Francisco - Rua Major Carlo Del Prete. Foto de José Hilário*



Notabilizou-se sobretudo pela produção do Ferro Cálcio Quina Trentini.

Com o crescimento do bairro, as represas foram aterradas e hoje abrigam importante parque industrial para a economia da cidade. A Dal'Mas S/A Indústria Agro-Química Brasileira foi a primeira a chegar, em 1920.

Até os anos 40, no Bairro Santo Antônio não havia igrejas, clubes recreativos e escolas, serviços encontrados apenas nos bairros vizinhos. Em 1954, no aniversário da cidade, o bairro ganhou o Grupo Escolar Bartolomeu Bueno da Silva (Anhangüera) e também o Jardim Primeiro de Maio. O Paço Municipal (onde está localizado o prédio da Fundação Pró-Memória) e a antiga Praça dos Estudantes, contígua ao Jardim Primeiro de Maio, importantes espaços cívicos da comunidade, também datam dessa época. Em 1974, a praça foi remodelada para a ampliação da Avenida Goiás, mas acabou perdendo parte do canteiro e um obelisco de 30 metros de altura.

Nos dias atuais, o Bairro Santo Antônio ainda reflete as transformações urbanas e sociais, ocorridas ao longo do tempo, tanto na paisagem quanto na vida dos moradores, que até mesmo o confundem com os bairros vizinhos.

- 1 - EE Bartolomeu Bueno da Silva
- 2 - Câmara Municipal / Fundação Pró-Memória
- 3 - Centro de Hematologia e Hemoterapia do ABC
- 4 - Sociedade Beneficente Hospitalar São Caetano
- 5 - Hospital e Maternidade Central
- 6 - ARESM - Associação Recreativa e Esportiva do Servidor Municipal
- 7 - Igreja Adventista do Sétimo Dia
- 8 - Colégio Turibitaba
- 9 - Escola de Informática
- 10 - Cooporação Musical de São Caetano do Sul
- 11 - Sociedade São Vicente de Paulo
- 12 - CRE São José





*Foto: Fundação Pro-Memória*

*Homenagem aos moradores do Bairro Santo Antônio,  
realizada no dia 25 de Agosto de 2001,  
na E.E. Profa. Joana Motta, Rua Espírito Santo, 1330*

*Antônio Francisco Spada  
Arcília Vidales Cambaúva  
Arturo Sontebasso  
Carmem Revadam Martins  
Conceição Revadam Spada  
Felipe Martins  
Flávio Belussi  
Francisco Adelino Fiorotti  
Francisco Galhardi  
Geraldo Braido*

*Idalina Savassa  
Inês Belussi  
Iracema Alves Ribeiro  
Irene da Silva  
Ivo Pellegrino  
Leonelo Polido  
Mafalda Morselli Dario  
Mercedes Sanches Graça  
Olga Lauria Galhardi  
Tereza Yole Tomazella Polido*

## Quatro gerações no bairro

(depoimento de Arcília Vidales Cambaúva)

*Família Cambaúva. Da esquerda para a direita: Antônio Carlos Cambaúva, Arcília Vidales Cambaúva, Geraldo Cambaúva (pai) e Ladislene Cambaúva*



Foto: Arcília Vidales Cambaúva

*Urbana Garcia Vidales e Antônio Vidales, pais de Arcília Vidales Cambaúva*



Foto: Arcília Vidales Cambaúva

Arcília Vidales Cambaúva, filha de Antônio Vidales e Urbana Garcia, ambos imigrantes espanhóis, nasceu em São Caetano, no dia sete de Novembro de 1922. Seus pais vieram para o Brasil, fixando-se em São Caetano ainda muito jovens: ele com 18 anos e ela com 14 anos.

A avó de Arcília tinha uma pensão, onde Antônio Vidales, como pensionista, conheceu a jovem Urbana, com quem se casou. Tiveram quatro filhos: Arcília, Ida e mais dois que faleceram muito pequenos.

O pai de Arcília trabalhou na Companhia Mecânica Importadora, que era uma laminadora de ferros que pertencia a ingleses, durante muitos anos. Mais tarde, comprou um armazém, tendo como sócio o sr. Francisco Garcia (tio Paco).

*Arcília V. Cambaúva  
no dia da homenagem*



*Foto: Fundação Pró-Memória*

Arcília estudou na escola particular de D. Antonieta Tegão, completando o curso no Grupo Escolar Bartolomeu Bueno da Silva. Frequentou também a Escola Profissional do Brás, onde fez vários cursos.

Em 1941, Arcília conheceu o sr. Geraldo Cambaúva, natural de Bebedouro, São Paulo, farmacêutico, com quem se casou. O sr. Geraldo Cambaúva foi também vereador, em São Caetano do Sul, na primeira legislatura (1949-1953). O casal Cambaúva teve dois filhos: Antônio Carlos (químico) e Ladislene (professora). D. Arcília fala, com orgulho, que tem seis netos e uma bisneta.

Atualmente, a sra. Arcília Vidales Cambaúva, já viúva, ocupa seu tempo viajando e participando de entidades assistenciais como Apami, Rede Feminina de Combate ao Câncer e Roupeiro de Santa Rita.

*Yolanda Ascencio*

# Casas e indústrias: o fundamento de Santo Antônio

(depoimento de Ivo Pellegrino)

Os limites do Bairro Santo Antônio, hoje em dia, são a Avenida Guido Aliberti, o Rio dos Meninos, a Avenida Goiás e as ruas São Paulo, Amazonas e Pedro Lorenzini. Trechos das ruas Major Carlo Del Prete, Senador Vergueiro e Baraldi também fazem parte da área total do bairro. Antes do prolongamento da Avenida Goiás, nos anos 70, existia a Rua Margarido Pires que, mesmo extinta, continua sendo ponto de referência na memória de antigos moradores da cidade.

*As origens da área que meu pai adquiriu ... (...) Eu sei que quando ele veio aqui tinha escolhido a parte alta do bairro pra fazer a casa dele (...) Os vizinhos eram todos tradicionais moradores da região: Pilozzi, Rosetti, Gastaldo ...*, lembrou Ivo Pellegrino, engenheiro químico e advogado nascido no Bairro Santo Antônio em 10 de Maio de 1936. Seus pais, já falecidos, foram Ângelo Raphael Pellegrino, primeiro prefeito local, e Nelly Guilhermina Pellegrino, sueca naturalizada brasileira.

A ocupação do Bairro Santo Antônio mesclou casas como a dos Pellegrinos ou Rosettis com olarias, no princípio, e metalúrgicas, cerâmicas e indústrias químicas de grande porte a partir de meados dos anos 30. Além disso, ressalta Ademir Medici no livro *Migração e Urbanização*, havia comércio de passagem ao longo da Avenida Senador Roberto Simonsen, antigamente chamada Rua Santo Antônio.

*Nessa área onde nós estamos hoje (Rua São Francisco) já existiam as cerâmicas (...) Aqui nesse trecho, inclusive, havia a Indústria Agro-Química Dal'Mas, uma das primeiras indústrias aqui (...) Também havia a Siderúrgica Coferraz, que anteriormente era Metalúrgica São Francisco (...) Aí também existia a Cerâmica Itabasil, que era do meu pai e dos sócios dele ... a família Rosetti (...) Aí começamos fazendo louça de mesa, sanitários e, finalmente, material refratário (...) Refratário pra siderurgia, pra caldeiras, pra fornos (...) Essa era a atividade da indústria cerâmica e química.*

Ângelo Raphael Pellegrino, segundo o filho, teve papel importante não apenas na industrialização do bairro, mas no próprio loteamento da região, permitindo que muitas pessoas adquirissem casa própria.

*Bom, houve a abertura da Rua São Francisco, no trecho entre as ruas Major Carlo Del Prete e Roberto Simonsen (...) Nesse quarteirão ... dois quarteirões ou três ... entre a Joaquim Nabuco e até quase o início da Goiás foi onde se localizou o primeiro loteamento feito pelo meu pai e seu sócio José Rosetti (...) Aí ele construiu, por volta dos anos 30, várias casas pra abrigar as famílias que vinham para São Caetano.*

O primeiro prefeito do município vendia as casas por meio de prestações. Em 1932, a Revolução Constitucionalista atrapalhou a Economia paulista e dificultou a vida de muitos trabalhadores (na realidade, desde 1930 o Brasil vivia uma situação de instabilidade econômica.)

*- Alguns desses "prestamistas", já de posse das suas casas, tiveram enorme dificuldade para cumprir com os compromissos que haviam assumido. Assim, como naquele tempo primava a honestidade entre as famílias, eles quiseram devolver as casas. Meu pai dizia: "Vocês voltem para suas casas e fiquem com elas. Quando a crise passar, vocês voltam a me pagar".*

Algumas dessas casas, conforme Ivo Pellegrino, ainda existem na cidade. *Se você subir a Rua São Francisco, principalmente ao lado direito, da Roberto Simonsen pra cima, existem essas casas ... Bom, hoje estão sendo reformadas, mas aquelas que não tiveram muitas reformas ainda conservam o aspecto original: casas térreas, sala, cozinha, banheiro e área de terreno nos fundos.*

A divisão do Bairro Santo Antônio não foi feita exclusivamente por uma pessoa. Os diversos loteamentos pertenciam a proprietários diferentes. A área central do bairro, por exemplo, era dividida da seguinte forma: Rua Archinto Ferrari (loteamento aberto por Carolina Ferrari Casarejo e Archinto Ferrari em Novembro de 1940. Trata-se de duas quadras divididas pela atual Rua Archinto Ferrari e situadas entre as ruas Conceição, Espírito Santo, Dr. Clemente Ferreira e Avenida Senador Roberto Simonsen), Rua Joaquim Nabuco (loteamento de Ângelo Raphael Pellegrino entre a Rua Espírito Santo e a Avenida Senador Roberto Simonsen), Rua Pedro Lorenzini (loteamento de Ângelo Raphael Pellegrino entre a Major Carlo Del Prete e a Roberto Simonsen, no antigo prolongamento da Avenida Goiás, hoje Rua Pedro José Lorenzini), prolongamento da Rua Joaquim Nabuco (loteamento de 1945, conforme inventário dos espólios de Maria Coppini e Giacomo Fiorotti. A Rua Joaquim Nabuco foi prolongada desde a Avenida Roberto Simonsen até a Rua Major Carlo Del Prete), Rua Rui

*Ivo Pellegrino no dia da homenagem**Foto: Fundação Pró-Memória*

Barbosa (loteamento de Raimundo Ferrari entre a Avenida Senador Roberto Simonsen e a Rua Espírito Santo, junto à Rua Rui Barbosa), Rua José Ferrari (loteamento entre as ruas Machado de Assis, Major Carlo Del Prete e Conceição, além da Avenida Senador Roberto Simonsen, cortado pela Rua José Ferrari. Parte do espólio de Archinto Ferrari e Carolina Ferrari Casarejo), prolongamento da Rua Machado de Assis (loteamento de Celso Marchesan e outros), Rua José de Alencar (loteamento de Frederico Pastore e Colomba Pastore Scattone entre as ruas Conceição, Major Carlo Del Prete, São Jorge e Machado de Assis), Vila Jaú (loteamento de José Giorgi Júnior e outros) e Vila Santa Júlia (no número 583 da Avenida Senador Roberto Simonsen, em travessa particular entre as ruas Conceição e Joaquim Nabuco).

Muitas das pessoas que moravam nesses loteamentos trabalhavam nas empresas da região. Em geral, as fábricas exigiam grande número de empregados. *Só na Itabrasil havia cerca de 150 trabalhadores (...) Metalúrgica São Francisco, Indústria Dal'Mas, Cerâmica Sul-Americana, Refratários Scatoni (...) Todas elas usavam muita mão-de-obra. Na década de 50, com a chegada em peso das indústrias automobilísticas, a competição ficou difícil. Eles pagavam mais e as condições de trabalho eram melhores. Além disso, começaram a ser criados os sindicatos e essas indústrias baquearam.*

A chegada das indústrias automobilísticas, na década de 50, coincidiu com o início da transformação de São Caetano do Sul. Até então, todos os

bairros da cidade, inclusive o Santo Antônio, possuíam escassa infra-estrutura e apresentavam características rurais. *As ruas eram todas de terra e havia muita área livre (...) As famílias do bairro, muitas italianas, comiam em mesa farta (...) Ali se fazia polenta, ali se fazia vinho.*

Era costume, entre os italianos, reunir-se aos sábados a fim de engarrafar o vinho. Ângelo Raphael Pellegrino mandava trazer, em barris de madeira, um vinho de Poços de Caldas (MG). *Esses barris vinham pela estrada de ferro e eram trazidos lá pra casa (...) E se marcava com todos os vizinhos que sábado era dia de engarrafar o vinho (...) E nesse dia se fazia polenta, se fazia frango (...) Se furava o barril e se colocava uma torneira, também de madeira, e a criançada ficava ali em volta assistindo (...) Mas não podia chegar muito perto.*

Ivo Pellegrino conta que, certa vez, uma empregada doméstica pediu demissão por causa das garrafas de vinho que ficavam na adega da família. *Essa senhora, um dia, chegou pro meu pai e disse: "Vou embora porque essa casa está cheia de fantasmas". A verdade era que os gases da fermentação forçavam as rolhas das garrafas e as atiravam longe. Muitas vezes as próprias garrafas se quebravam. Ela pensou que havia fantasmas em nossa casa ...*

Além do vinho, bebida típica dos descendentes de italianos, a mesa das famílias era composta por alimentos retirados diretamente da natureza. *Sempre alguma verdura era plantada em casa, algum milho (...) Nós mesmos (...) era comum a gente plantar milho no quintal, colher esse milho e fazer os produtos derivados: cural, pamonha etc.* Em realidade, arroz, feijão, sal ou óleo eram comprados nas vendas, todavia, legumes e, às vezes, até mesmo carne, eram obtidos em casa. *Tinha gente que possuía chiqueiro.* A água vinha dos poços de cada uma das residências.

No tocante às residências, havia, no bairro, moradias populares e construções de grande porte. *Havia casas grandes, como na esquina da Rua Espírito Santo com a Joaquim Nabuco (...) Era a casa da família Rosetti. Era quase uma mansão, onde havia uma sacada de terraços amplos e arcos (...) A cobertura era de telhas cerâmicas coloniais (...) Na outra esquina, na Joaquim Nabuco de frente para a Espírito Santo, havia outra dessas casas (...) Da família Picozzi (...) Acima da minha casa, que era um sobradão grande, havia casas menores, mais simples, casas de pessoas que trabalhavam aqui na indústria de São Caetano.*

Esse era o panorama do Bairro Santo Antônio durante a infância de Ivo Pellegrino. As características rurais da cidade dificultavam a vida do menino quando, na época do ginásio, precisava pegar o ônibus para ir ao

Colégio São Bento, em São Paulo. *Em dias de chuva se descia pela Manoel Coelho (...) Aquelas ruas eram todas de terra e as calçadas também eram de terra (...) Então em dia de chuva era difícil pra se caminhar até a Goiás e pegar o ônibus.*

No intuito de amenizar o problema, Ângelo Raphael Pellegrino, ainda quando São Caetano era subordinado à Prefeitura de Santo André (antes de 1948), patrocinou o calçamento da Rua Espírito Santo, desde a Rua Pedro José Lorenzini até a Rua Conceição. Além disso, pavimentou o trecho inicial da Rua Monte Alegre. Tudo isso foi doado à Prefeitura.

O primeiro chefe do Executivo sancaetanense ainda participou da concretização de outra melhoria importante não só ao bairro, mas a todo o município: o Hospital São Caetano. *O Hospital São Caetano teve um grupo de companheiros, de amigos (...) Alguns nomes se destacaram: o falecido jornalista Walter Thomé, o Mário Porfírio Rodrigues, o Luiz Rodrigues Neves (...) Eles queriam trazer para São Caetano uma sociedade beneficente hospitalar (...) Então esse grupo se organizou e elegeu Ângelo Raphael Pellegrino como seu presidente.*

Era necessário encontrar área em que se pudesse instalar o hospital. Ângelo Raphael Pellegrino, homem de muitos contatos e prestígio, conseguiu comprar um terreno. *A área escolhida ficava entre a Rua Espírito Santo e a Rua Rio Grande do Sul, na época denominada Rua Bahia (...) Pertencia a uma família de fundadores de São Caetano, imigrantes italianos, que é a família Perin (...) Então toda a família Perin fez um preço favorável para a venda do terreno. O dinheiro para o erguimento do complexo hospitalar foi obtido por meio de quermesses realizadas no próprio local. Lá se fazia churrasco, tomava-se chope, vinho, jogava-se tômbola (...) Tudo com o fito de arrecadar recursos (...) E assim foram arrecadados os primeiros recursos pra começar a construir o hospital.*

Ivo Pellegrino guarda na memória características da população que ajudou a erguer o hospital freqüentando as quermesses. *No nosso bairro, da Rua Monte Alegre pra cima moravam muitos espanhóis e descendentes de espanhóis (...) Naquela época houve eleição na Prefeitura de Santo André e o Partido Comunista estava ganhando espaço e se lançando (...) Muitos dos espanhóis eram adeptos do Comunismo (...) Então o Armando Mazzo, se eu não me engano, ganhou as eleições ... e depois foi cassado (...) Então o Partido Comunista ia tomar o poder e alguns espanhóis estavam empolgados. Dois deles vieram na frente da minha casa, que era um sobrado alto e grande, e começaram a conversar entre si. Chegaram para meu pai e disseram: "Olha, doutor Pellegrino, agora é o seguinte: o Partido Comunista*

*venceu (...) A parte debaixo é minha, a de cima é dele. O senhor, infelizmente, vai embora da casa ..." Depois, nada daquilo prevaleceu.*

O Bairro Santo Antônio continua sendo muito importante para a família Pellegrino. Ivo, ao lado do filho, continua trabalhando nas dependências da Itabasil, fábrica fundada por Ângelo Rahael Pellegrino. A firma, atualmente, mudou de ramo: de cerâmica passou a lidar com extração mineral. Na Rua São Francisco funcionam os galpões industriais e a sede da empresa que hoje se chama Lavras Santo Amaro Ltda.

*Alexandre Toler Russo*

Construção da Paróquia São  
João Batista - Rua Piauí



## Bairro Santa Paula

Rua João Pessoa, década de 50



As antigas vilas Industrial, Elekeiroz e Paula deram origem ao atual Bairro Santa Paula, oficializado pela Prefeitura em 1968. No início do século passado, o local era isolado, pouco povoado, razão pela qual foi escolhido para receber o primeiro cemitério da cidade, em 1911. Foi construído em antigos lotes coloniais, ao lado da estrada que seguia de São Caetano para a Estação de São Bernardo (hoje Santo André) e mudou a paisagem rural do bairro.

Rua Nilo Peçanha, década de 50



A família mais antiga era a Garcia, ali estabelecida ainda no século XIX. Seu sítio ficava junto ao Córrego do Moinho, entre os atuais bairros Santa Paula e Barcelona. José Mariano Garcia Júnior, nascido em 1872, passou a infância e a adolescência no sítio da família. Humberto Spinello, outro dos moradores mais antigos, residia numa casa na Rua Martim Francisco, construída em 1923. A família Veronesi também está presente desde o início do bairro. Arthemio Veronesi e seu pai, Valentim Veronesi, construíram casas no Santa Paula.

Rua São Carlos, década de 50



O loteamento começou na década de 20, com o fazendeiro Gabriel Teixeira de Paula e Serafim Constantino. Quando ainda eram poucas

*Rua Bernardino Faria, esquina com  
Rua Floriano Peixoto*



*Teatro Santos Dumont  
- Avenida Goiás*



*Jardim da E.E.Dom Benedito Paulo  
Alves de Souza - Rua Martim  
Francisco, década de 50*



*Rua Botucatu, travessa da Avenida  
Goiás, década de 50*



as casas, chegaram a primeira padaria, a Triunfo, o primeiro açougue, de Antônio Veiga, e a primeira fábrica, a Casimira. A principal referência do bairro é a General Motors do Brasil, unidade inaugurada na cidade em 1930. A chegada da fábrica trouxe muito progresso ao bairro, como a instalação de rede elétrica, o aumento da população e a abertura do mercado de trabalho, mas os melhoramentos urbanos aconteceram muito lentamente. Ainda no final da década de 40, várias chácaras existiam no bairro. Ruas, hoje importantes, eram esburacadas e cheias de mato.

Húngaros, poloneses, iugoslavos, tchecos, alemães e lituanos eram em grande número no Bairro Santa Paula, tanto que, em 1929, foi criada a Sociedade Teuto-Brasileira, atual União Cultural de São Caetano do Sul. Os italianos os chamavam de *bichos d'água*.

A vida esportiva girava em torno da Associação Atlética Saldanha da Gama, com sede na Avenida Goiás (isso no ano de 1928). Seu rival era o Esporte Clube Vila Paula. O desenvolvimento do bairro foi incrementado, a partir da década de 50, com as construções do Grupo Escolar Dom Benedito Paulo Alves de Souza, da Igreja São João Batista e com a constituição da Sociedade Amigos de Vila Paula, entidade que, nos anos 60, lutou pela conscientização dos moradores visando à construção de passeios públicos na Avenida Goiás. Nos anos 70, a Avenida Goiás foi duplicada, gerando diversas desapropriações nos números pares da via.

- 1 - EMEI Pedro José Lorenzini
- 2 - EMI Fernando Pessoa
- 3 - EE Coronel Bonifácio de Carvalho
- 4 - EE Dom Benedito Paulo Alves de Souza
- 5 - Casa da Criança - APAMI
- 6 - 4ª Cia. da Polícia Militar - SOS Cidadão - 199
- 7 - Corpo de Bombeiros
- 8 - Complexo Educacional (Biblioteca Municipal Paul Harris e Academia de Letras)
- 9 - Fundação Pró-Memória e Pinacoteca Municipal
- 10 - Teatro Municipal Santo Dumont
- 11 - Paróquia São João Batista
- 12 - EMEI Primeiro de Maio

- 13 - Cemitério São Caetano
- 14 - Igreja Evangélica Assembléia de Deus
- 15 - 1ª Igreja Batista
- 16 - Externato Santo Antônio
- 17 - Quarup Novo Mundo
- 18 - Colégio Tijuçussu Pueri Domus
- 19 - Escola de Vida





Foto: Fundação Pró-Memória

*Homenagem aos moradores do Bairro Santa Paula,  
realizada no dia 6 de Julho de 2001,  
no Instituto de Ensino de São Caetano do Sul, Rua Santa Rosa, 305*

*Albertina Ramos Prado  
Ângela Duarte  
Antônia Lúcia G. Rocco  
Arnaldo Lopes  
Benedito Garcia  
Benvenuta Gandin Moura  
Caetano Grecco  
Divette Spinello Biondi  
Henrique Lopes Rodrigues  
Inez Franchin  
José Moretin*

*Lourdes de Vita  
Luíza Alonso Soares  
Manoela Morote Maschetto  
Marino Biondi  
Marlene Acerbi Lopes  
Marta Kunigonis  
Olga Balbino  
Olga Montanari de Mello  
Primo Mariani  
Umbelina Maio Garcia*

# Moradora divide seu amor entre família, bairro e Roberto Carlos

Ângela e Américo Duarte, com o filho Izair



Foto: Ângela Duarte

(depoimento de Ângela Duarte)

**Ângela Duarte, aos 75 anos, comenta as dificuldades encontradas quando chegou à cidade**

A vida no Bairro Santa Paula foi difícil quando Ângela Duarte, 75 anos, chegou de Campinas, interior de São Paulo, no ano de 1949. *Eu nasci em Campinas e vim com 12 anos direto aqui pra São Caetano. Sou de uma fazenda encostada em Campinas, mas o meu registro é de lá. Ângela diz que, antigamente, ia constantemente para Valinhos e outras cidades da região. Ficava no meio das cidades. Tanto é que eu adoro. Falou de Campinas bate em mim (...) Como eu gosto dela (...)* A família é de descendência italiana, da região da Calábria.

Casou-se com Américo Duarte, na Matriz Sagrada Família, no ano de 1947, quando chegou a São Paulo. Instalou-se na Vila Bela. *Meu filho nasceu em 1948, ele tinha um aninho.* Depois eu vim pra cá. Em sua chegada a São Caetano, diz que sofreu bastante com a situação do Bairro Santa Paula e também com a própria condição financeira da família. *Aqui era tudo mato. A vila estava começando. Não tinha água, não tinha luz, não tinha calçamento, não tinha nada. Sofremos pra caramba. Fomos batalhando até chegar (...)* Aí veio um prefeito muito bom, que foi o Anacleto Campanella. *Quando eu vim pra cá, só tinha uma padaria, na Rua São Paulo, bem lá embaixo. Eu ia buscar pão com uma moça chamada Dirce. Ela ia com o menino dela e eu ia com o meu. A gente não tinha nem dinheiro para comprar, eles não pediam nada, era muita miséria, relembra.*

A moradora elogia a administração de Campanella que, segundo ela, foi quem instalou toda a infra-estrutura de água e energia do bairro, além de dar bolsa de estudo para seu filho. Destaca o governo de Hermógenes Walter Braidó e a administração de Tortorello, em sua visão, também merece destaque. *Está ótima. A cidade está bonita. Está arrumando o que está quebrado. As escolas*

*estão lindas. Eu gosto de ver essas coisas (...) Ele é muito bom.*

Mãe de dois filhos, Ângela Duarte é viúva e tem quatro netos. Lamenta que seu marido tenha falecido muito novo, vítima de um infarto. Quando foi morar no Bairro Santa Paula, a casa tinha apenas o telhado e as paredes estavam sem reboque. *Quando começou vender terreno pra cá, estávamos interessados e compramos. Começamos a construir. Sofremos muito, lavei muita roupa pra fora pra ajudar e não estou arrependida, porque gosto muito daqui. Vou sair daqui só quando morrer. Verdade (...) Fiz um poço. Depois minha vizinha também construiu - ela era minha comadre - e secou o meu poço. Aí eu tive que chamar um poceiro,* conta a moradora, que teve dificuldades ao chegar em São Caetano.

Ângela Duarte diz que seu cotidiano, na época, era trabalhar. *Eu entrei para uma fábrica de vela, perto da estação, e trabalhei quase três anos. Fazia pavio. Trabalhava em 24 máquinas. De cada lado ficavam duas moças. Precisava ficar olhando os fios quando quebravam.* Como ganhava muito pouco, a mãe pediu-lhe para sair da empresa, Ângela, contudo, continuou a trabalhar. Passados alguns anos, começou a lavar roupas para fora. *Depois comecei a trabalhar na fábrica de botões, onde hoje se situa uma unidade do Tijucussu Pueri Domus, na Rua São Paulo. Fazia o serviço em casa. Trabalhei na Fábrica de Botões Aliberti, próxima à Rua Alagoas, durante dez anos. Lá eu fui pra ganhar mais.* E foi com o trabalho nessa fábrica que Ângela conseguiu comprar a primeira televisão, ainda em branco e preto. Na época em que seus filhos trabalhavam, ajudou a olhar os netos. Atualmente, a moradora tem vida agitada. Dorme com a irmã, de 91 anos, na Rua Martim Francisco. Acorda cedo e vai ajudar a filha, que mora na Rua São Paulo.

Teve de estudar quando trabalhava na Fábrica de Botões Aliberti. A empresa exigia que os funcionários soubessem as quatro operações matemáticas, mas Ângela ficou nervosa na hora do teste e errou (quando estudava no Palácio do Trabalho). Foi obrigada a voltar a estudar à noite para comprovar seu conhecimento da língua e das quatro operações. Foi aí que se matriculou no Colégio Senador Fláquer.

Sobre a infância, no interior paulista, recorda: *A gente brincava de roda, nem sei como aprendi a ler (...) Nenhuma das minhas irmãs sabe (...) Eu pego as coisas com garra.* A fazenda em que morava se chamava Tapera e ela ia, com seus colegas, até a Serra da Água, onde conseguiu se alfabetizar. Na fazenda também tinha bailes e os filhos dos patrões eram os músicos. *Quando o meu irmão ia tirar leite da vaca, eu segurava o rabo,* sorri a moradora, com saudade do passado.

Na época em que São Caetano começou a ter terrenos para vender, um irmão de Ângela disse que *não queria o terreno nem de graça.* Hoje ele se arre-

*Marcela, Rodrigo, Dênis e  
Lílian com Ângela Duarte:  
netos demonstram  
união da família*



Foto: Ângela Duarte

*Ângela Duarte  
no dia da homenagem*



Foto: Fundação Pró-Memória

pende, pois a região onde está localizado o Bairro Santa Paula é uma das melhores de São Caetano para se viver.

Quanto às preocupações, a violência assusta. Uma das moradoras mais antigas do Bairro Santa Paula, foi vítima de assalto há muitos anos. *Uma vez entrou ladrão aqui na minha casa. Eu não estava. Tinha ido ver a Dercy Gonçalves. Fomos eu, a minha comadre e o meu compadre. Quando chegamos, estava garoando (...). Aí nós paramos num terracinho comprido. E meu marido desconfiou que tinha gente dentro da casa. A janela estava aberta. Ele pegou um pedaço de pau e meu compadre outro. Tinha entrado aquela hora, começou a revirar tudo, mas não pegou nada. Aqui em baixo era brejo. Eles correram até pra depois da Rua São Paulo e voltaram. Não conseguiram pegar ele.* Relembra um fato violento que ocorreu no bairro: o assassinato de um pipoqueiro homossexual, que até hoje é um enigma.

Apesar de passeios como esse, ressalta que não costumava sair muito. *Não gosto muito de sair. Só agora que eu vou mais pra Santos com eles (filhos e netos). Sou caseira. Acho que o conforto de minha casa é tudo.* Quando trabalhava na fábrica de botões, Ângela Duarte ia, com uma amiga, às emissoras de rádio. *Gostava de assistir aos programas de rádio. Ia na Tupi, na Difusora, na Cultura. A gente combinava, pegava o ônibus e ia embora,* afirma.

Adora o cantor Roberto Carlos. *Eu tenho um monte de revistas dele, todos os CDs. Pra mim, ele é o máximo. Já fui assistir a dois shows dele. Um aqui no Estádio Anacleto Campanella e outro no Aramaçan, em Santo André. Ele tem comportamento de artista.*

Não costuma ver televisão com frequência e critica a programação destinada ao público feminino, como os programas de Sônia Abrão e Claudete Troiano. Gosta de Sílvio Santos e assiste ao comunicador aos domingos.

No tocante à religião: *A gente vai à missa. Eu gosto muito da Igreja São Judas, em Santo André. Só frequento a igreja do bairro quando é missa de defunto, sorri.*

*Está faltando uma faculdade gratuita.* Foi isso que disse quando questionada sobre o que falta na cidade de São Caetano do Sul. *Eu conheço bastante gente que teve de parar de estudar porque não podia pagar. A faculdade está muito cara. E ninguém tem ordenado pra pagar. Quando eu vejo um terreno, logo penso na construção de uma faculdade.*

A munícipe está indignada com a atual situação do Brasil e, principalmente, com o governo Fernando Henrique Cardoso. *Deixa eu pensar bem (...)* *Acho que vou enforçar ele, vou enforçar esse cara. Onde se viu pagar R\$180,00 para nós. A mãe dele vive com esse salário? É isso que eu quero perguntar pra ele. Imagina. Se o filho da minha irmã não ajuda, não dá. Ela tem de comprar muito remédio. Ele não tem dó da gente.* Diz que o melhor presidente que o Brasil teve foi Getúlio Vargas, principalmente pelas leis trabalhistas que criou.

Destaca o desenvolvimento que a cidade teve no comércio e transportes. *Tem o mercado Sé, os bancos na Avenida Goiás pra pagar contas. Aqui é muito bom.*

Se pudesse voltar ao passado, Ângela Duarte teria ido à formatura do neto, em Campinas, na Unicamp, ocasião em que, por causa de um mal-entendido, não esteve presente. *Foi um mal-entendido. Achei que não ia ter lugar no carro. Do resto, acho que fiz tudo o que queria.*

Sempre destacando a importância dos estudos, a moradora disse que gostaria de ajudar os netos a serem pessoas bem-sucedidas. *Gostaria de ajudá-los a fazer faculdade,* disse. Para a moradora do Bairro Santa Paula, a família é muito importante. *Todo domingo a gente se reúne.*

Ângela ainda conta sobre os namorados e as paqueras durante a adolescência. *Íamos à Rua Perrela. Abraçávamos em duas amigas. Os rapazes perguntavam: "Pode ser ou tá difícil?" Tinha um que gostava de mim. Sempre fui burra e tinha medo de namorar. Depois a gente ia no cinema assistir ao Mazaropi.*

Um fato histórico que marcou a vida da moradora foi o término da Segunda Guerra Mundial, ainda quando trabalhava na fábrica de botões. O patrão dispensou todos os funcionários, que saíram às ruas para comemorar. Muitos filhos de moradores do Bairro Santa Paula lutaram na Europa, motivo por que os sancaetanenses comemoraram com tanta alegria o fim do conflito.

Hoje em dia, ocupa-se sobretudo com leituras. Principalmente de jornais e revistas que tenham como assunto o cantor Roberto Carlos. A moradora valoriza a vida. *A vida é muito boa. Não quero morrer não.*

## Uma vida toda edificada na cidade

(depoimento de Antônia Lúcia Giacomini Rocco)

João Urbano Giacomini, nascido em 1893, filho de italianos, e Eliza Bertoldo, nascida em 1901, também filha de italianos, conheceram-se em um dos bailes promovidos pelo pai de Eliza e se casaram, em 1920, vindo morar em São Caetano, na Rua Piauí.

Segundo nossa entrevistada, Sra. Antônia Lúcia Giacomini Rocco, o pai de Eliza, seu avô, morava no Rudge Ramos, São Bernardo (antigo Bairro dos Meninos), onde tinha uma lanchonete que servia pão, vinho e queijo para os carvoeiros que por ali passavam diariamente.

Além do pequeno bar, o avô de Antônia Lúcia era também ferreiro e promovia bailes mensalmente, bailes como aquele em que João Urbano e Eliza se encontraram. O casal João Urbano e Eliza tiveram quatro filhos: Antônia Lúcia, nossa entrevistada (1922), Almazor Maximiliano (1925), Joracy Marina (1927) e Eleonora Da Rós (1929).

Filha mais velha do casal João Urbano e Eliza, nossa entrevistada, Sra Antônia Lúcia Giacomini Rocco, nasceu em São Caetano, mais precisamente na Rua Piauí, no dia 12 de Outubro de 1922. Segundo ela, teve uma infância feliz. Sua casa era grande, com uma cerca de ripas na frente e muitas roseiras. Sua avó, Sra. Marina Giacomini, doou um terreno para a construção da Igreja São João Batista, também na Rua Piauí. D. Marina, para a alegria dos netos, promovia festas de São João todos os anos. *Festas inesquecíveis*, afirma nossa entrevistada.

Com seis anos de idade, Antônia Lúcia fez o primeiro ano primário na Escola Sete de Setembro, escola particular, situada na Avenida Goiás.

Em 1930, a família Giacomini passou por uma situação difícil. O sr. João Urbano teve que vender algumas de suas terras e mudar-se, com a mulher e os filhos, para Capivari. Lá, Antônia Lúcia fez o curso primário no Grupo Escolar Augusto Castanho. Em 1935, voltaram para São Caetano, continuando a morar na mesma casa da Rua Piauí.

De volta a São Caetano, Antônia Lúcia começou a trabalhar como



*Foto: Fundação Pró-Memória*

prespontadeira. Ia buscar serviço para fazer em casa, na Fábrica London, na Rua 25 de Março. Durante dez anos, tomava o trem até a Estação da Luz e ia a pé até a Fábrica de Calçados London.

Em 1944, fez um curso de corte e costura, em São Paulo, e passou a trabalhar como costureira. Antônia Lúcia fez um vestido de noiva para sua prima que morava em São Bernardo. Foi nesse casamento que conheceu Luigi Rocco, nascido na Itália, no dia quatro de Maio de 1923. Luigi viera para o Brasil com apenas quatro anos de idade e morava, com a família, em São Bernardo.

Encontrou-se com Antônia Lúcia no casamento do amigo, que era o noivo, e se enamorou dela. Após algum tempo, Antônia Lúcia e Luigi casaram-se, no dia seis de Maio de 1950, e passaram a morar em São Caetano. Após o casamento, Luigi preferiu que a esposa não trabalhasse mais, passando ela a costurar apenas para a família.

Luigi era marceneiro. Trabalhava para a empresa Móveis Artísticos J. Tedesco. Mais tarde, passou a trabalhar na General Motors do Brasil, empresa pela qual se aposentou.

O casal Luigi Rocco e Antônia Lúcia Giacomini Rocco teve dois filhos: João Armando (engenheiro mecânico), residente em São Caetano do Sul, e Luís Antônio (trabalhando em departamento de vendas), residente em Curitiba - PR.

Atualmente, Antônia Lúcia e Luigi, residentes na Rua Floriano Peixoto, 172, no Bairro Santa Paula, em São Caetano do Sul, testemunhas de Jeová há 35 anos, levam vida tranqüila, inteiramente voltada para a religião. Agradecem a Deus pelos cinco netos e três bisnetos.

# Cidade, pequena pátria

(depoimento de Lourdes De Vita)

Lourdes De Vita, 67 anos, reside na Rua Prudente de Moraes, Bairro Santa Paula, desde o nascimento. A mãe, Verônica Dario, atualmente com 92 anos, mora com Lourdes e o marido, Ézio de Vita (o casal está junto há 47 anos). O pai faleceu ainda moço, com apenas 35 anos. Aos 51 anos, passou a dedicar-se à poesia, possuindo, atualmente, mais de 1300 poemas, vários contos e quatro livros editados.

A história de sua família, em São Caetano, iniciou-se com a imigração dos avós para o Brasil e posterior emigração para o município. *Sou brasileira, descendente de espanhóis e italianos. O meu nono veio da Itália, porque lá estava tendo uma seca muito grande. Ele veio com um irmão e foi morar primeiramente em Valinhos. Seu irmão não gostou daqui e foi embora para a Argentina. Seu nome era João Dario. Daí, ele conheceu minha nona (Maria Padovani). Ela era uma mulher muito fina, descendendo de uma família tradicional de Valinhos (...). Já ele era um homem simples. Gostava muito de contar piadas, vivia cercado de gente rude. Embora minha nona tenha morrido muito nova, com apenas 36 anos, tiveram dez filhos. Maria morreu no parto daquele que seria o décimo primeiro filho.*

A primeira pessoa da família de Lourdes a residir em São Caetano foi seu tio Eugênio, filho mais velho de João Dario. Depois de se estabelecer, trouxe toda a família. *O filho deles (Eugênio) veio para São Caetano, comprou uma casinha e, com o passar do tempo, buscou os irmãos. Então eles vieram todos morar em uma casa que era em frente da minha. Foi no ano de 1921 (...). Era uma casa muito feliz (...). Fogão grande de lenha (...). Sempre tinha café, arroz, feijão, tudo quentinho (...). Quando minha mãe veio do interior, com meu avô e meus tios, tinha 13 anos.*

Uma vez em São Caetano, a família trabalhou na Indústria Aliberti Ltda., na Rua Senador Vergueiro. O avô de Lourdes cuidava de uma horta

existente na empresa, ao passo que os tios se ocupavam da fabricação de botões para roupas. Os utensílios eram feitos com cocos provindos do Norte. Para tanto, era preciso que a casca do fruto fosse inteiramente retirada, tornando necessário o emprego de mão-de-obra em larga escala. Dessa forma, toda a família Dario empregou-se na empresa.

O avô paterno, Benigno Huerta Gil, espanhol, chegando ao Brasil fixou residência no Brás. Posteriormente se mudou para São Caetano, para a mesma casa que Lourdes ocupa até os dias atuais. *Ele veio para São Caetano em virtude de problemas de saúde da minha avó Teodósia que, segundo o médico, deveria morar em um lugar tranqüilo (...) Ele era uma pessoa muito séria. Gostava demais de ler (...) Então vieram morar aqui meu avô, minha avó e os filhos Leandro, Pablo e Críspolo.*

Desde o início da adolescência, os pais de Lourdes já demonstravam seus sentimentos através de breves flertes. Contudo, devido à simplicidade de Verônica, suas amigas não acreditavam que o jovem Críspolo tivesse intenção de namorá-la. *Mamãe e papai namoravam apenas por cumprimento. Suas amigas falavam: "Como é que aquele moço tão fino vai gostar de você?" Mamãe era muito simples (...)* Contrariando a expectativa das amigas, o namoro acabou transformando-se em casamento. A festa foi realizada na casa de João Dario - pai da noiva. *Minha mãe conta que o vestido era lindo e, até hoje, quando recorda, fica muito triste por não possuir fotos para me mostrar.*

Da união adveio a primogênita Laura, falecida em tenra idade, seguindo-se o nascimento de Lourdes.

**ESTUDO** - Lourdes somente teve oportunidade de estudar até aproximadamente seus 11 anos. Ocorre que o pai, acometido de tuberculose, faleceu com apenas 35 anos, deixando esposa e filha desamparadas economicamente.

- *Eu estudei no Externato Santo Antônio, depois, fui para o Bartolomeu Bueno da Silva. Quando eu me formei na escola, com dez ou 11 anos, estava sendo construída a Escola Bonifácio de Carvalho. As pessoas com mais posses iam estudar em Santo André. Nessa altura meu pai já havia morrido. Ele era contador, mas minha mãe era analfabeta. Quando ele faleceu, tive que trabalhar (...).*

**POESIA** - Por ocasião da entrevista, afirmou que teve pouco contato com seu genitor, tendo escrito sua primeira poesia inspirada nele. *Tinha 51 anos quando escrevi meu primeiro poema. Não escrevia há 40 anos. Me deu uma vontade de escrever e eu não sabia o porquê. Peguei o caderninho e ...*

Lourdes trabalhou em inúmeras poesias dedicadas ao pai. Dentre elas, destacamos a intitulada *Ao Meu Pai*:

*O que eu sei de ti?  
Pouco ou quase nada.  
Até penso que foste miragem,  
Ouço falar da tua grandeza  
e da tua sensibilidade.  
Da tua aparência feliz  
e da paz do teu olhar.  
De sonhos de muito amor  
e de ilusões perdidas.*

*Na plenitude dos anos  
no resplendor da aurora  
a vida perdeu o brilho,  
a mesma luz que iluminou tuas visões.  
A sutileza do teu semblante  
se escondeu atrás da névoa  
nascendo insegurança e desencontro (...)  
(Poesias Simplesmente, fls. 35)*

Muito embora esse poema tenha vindo à tona em momento de saudosismo e melancolia, sentimentos estimulados pela lembrança paterna, sua obra também é composta de poesias eufóricas e alegres, tal como se verifica em *Nasceu uma Estrela*, *Momento de Êxtase*, além de outras. Seus escritos foram premiados pela Academia de Letras do Grande ABC em 1990, no entanto, confessa que ainda não conseguiu realizar o sonho de ter os poemas e contos publicados em larga escala.

**SANTA PAULA** - Atualmente o bairro é limitado pelas Ruas Amazonas, São Paulo, Piratininga e pela Alameda São Caetano, estendendo-se até os trilhos férreos. Possui residências, comércio e indústrias, entre elas a General Motors do Brasil. No início, contudo, o local correspondia ao território da antiga Vila Elekeiroz. Lourdes, auxiliada pela mãe, descreveu o lugar:

- *Com a vinda de meus avós, a vila que tinha por nome Elekeiroz estava iniciando. Havia algumas casas que foram construídas dando início à vila. Ao mesmo tempo, eram vendidos lotes (...) Essas casas se localizavam nas Ruas Prudente de Moraes e Floriano Peixoto.*

Ademir Medici, em *Migração e Urbanização: a presença de São Caetano na região do ABC*, escreveu a respeito da localidade: *Loteamento da firma Elekeiroz S/A, que tinha entre outros acionistas Francisco Matarazzo Sobrinho, Paulo de A. Nogueira e Guido Lajolo. Contemporânea à Vila Paula, Vila Elekeiroz já existia nos anos 20, mas seu plano de arruamento e loteamento só foi aprovado em 1940, depois de aprovação parcial em 1937 (...) A lei de denominação de ruas de 1929 indicou para a Vila Elekeiroz os seguintes nomes: Rua Afonso Pena, Rua Floriano Peixoto, Rua Marechal Deodoro, Rua Prudente de Moraes, Rua Wenceslau Brás.*

A propriedade, outrora pertencente aos avós de Lourdes, fora comprada de um corretor de nome Sebastião, casado com dona Candinha. Segundo a entrevistada, sua residência ficava na Rua Floriano Peixoto, esquina com a Rua São Luiz. *Ela se vestia muito bem, sempre de vestido de seda. Ele sempre andava com terno escuro e chapéu. Ele era o corretor da vila. Foi dele que os meus avós compraram suas casas. As pessoas interessadas em comprar lotes ou casas iam procurá-lo e qualquer problema era resolvido por ele.*

No princípio, a vila era desprovida de infra-estrutura. As poucas residências e demais chácaras existentes não dispunham de energia elétrica, tampouco de saneamento básico. Suas poucas alamedas eram de terra, não possuindo calçamento. *Era uma vila pobre, sem nenhuma estrutura. Cada casa tinha seu poço de água e não tinha calçamento nas ruas.* Lourdes recordou que, nas proximidades da Rua Floriano Peixoto, existia uma chácara, propriedade de Marina Giacomini, que fornecia ovos e leite para os moradores locais. *Mamãe ia buscar leite. Papai precisava tomar leite bom, comer ovos frescos (...) Ficava perto da caixa d'água. Da Rua Floriano Peixoto para cima (...) Os vizinhos também compravam lá.*

Lourdes relembrou as brincadeiras de infância passadas no bairro onde nascera e crescera, época em que os vizinhos eram muito amistosos uns com os outros e as crianças brincavam livremente na rua. *Lembro que quando era pequenina, as ruas não tinham luz, não havia calçamento, mas parecia sempre dia de festa. Minha rua era cheia de crianças e havia brincadeiras desde cedo até à noite. As brincadeiras eram de roda, mas, às vezes, era preciso ir fazê-las na esquina para que todos coubessem.*

*Também existiam muitas cantigas e até as mães, muitas vezes, brincavam. Pulava-se corda, barra-manteiga, esconde-esconde e tantas outras brincadeiras.*

*Venho de um tempo em que não tinha  
luz nas ruas, mas havia o convite  
para as crianças rodarem a cirandandinha  
e recitar seus versos (...)*

No tempo relatado pela poetisa, a vizinhança, na Rua Prudente de Moraes, bem como nos demais bairros da cidade, era bem entrosada, chegando a constituir, nas palavras de Lourdes, uma grande família. As portas das casas permaneciam sempre abertas a convidar quem tivesse tempo e quisesse prostrar. Ao cair da tarde, enquanto as crianças costumeiramente brincavam na alameda, os pais chegavam do trabalho e saíam à rua para colocar o papo em dia. Não se temiam assaltos, nem preocupava com a programação da televisão. Para os adultos, a programação consistia em jogar conversa fora até tarde e, enquanto isso, a criançada desempenhava seu papel: brincava.

*- A amizade entre os vizinhos era igual família. Os portões ficavam abertos, às vezes presos somente por uma tramela. Todos tinham liberdade de entrar e sair. À noite, enquanto as crianças brincavam, os adultos pegavam cadeiras e sentavam-se em frente das casas. Logo vinha um vizinho ... e mais um ...*

Lourdes afirmou que, na infância, seu maior presente lhe foi dado pela *pequena floresta* existente abaixo da atual Avenida Goiás. *Minha rua terminava onde hoje é a Avenida Goiás. Pró baixo existia uma pequena floresta, que acabava numa chácara cujo proprietário era um português muito simplório. A propriedade se estendia até a Rua João Pessoa, esquina com a Rua Amazonas. Certa vez, quando tinha dez anos, minha amiga Olga Balbino me convidou para ir à chácara. Eu me lembro como se fosse hoje. Logo que descí um barranquinho encontrei um par de tamanquinhos lindos. Eu não tinha coisa boa. Quando um sapato estragava, as mães cortavam atrás para que nós usássemos como se fossem chinelos. Então, ganhei um lindo presente daquela pequena floresta (...).*

Em 26 de Janeiro de 1959, foi inaugurada a Paróquia São João Batista, na Rua Piauí. Lourdes relatou que o templo foi erigido em terreno

doado por Marina Giacomini. *A vila estava crescendo e a chácara de Marina Giacomini foi dividida em lotes. Um deles foi doado para a construção da igreja. Seu padroeiro é São João Batista.*

O historiador Ademir Medici transcreveu, em sua obra, carta localizada na Cúria Metropolitana de São Paulo pelo pesquisador Wanderley dos Santos. A missiva é datada de cinco de Fevereiro de 1929 e é assinada pelos moradores José M. Amaro e Ferdinando Américo Paine. Fora endereçada a João Batista Martins Ladeira, secretário-geral do arcebispo: *Os abaixo-assinados, moradores na Paróquia de São Caetano, subúrbio desta Capital, neste Arcebispado, estiveram há dias com sua Ex. o sr. arcebispo, tendo apresentado nessa ocasião a escritura de doação de um terreno situado na Vila Paula para nele ser edificada uma igreja sob invocação de São João Batista, conforme intenção do doador. Na ocasião, o arcebispo prometeu vir pessoalmente verificar o referido local. Vimos portanto, rogar que V. Exa. solicite do sr. arcebispo se digne, logo que seja possível, a visitar o terreno, satisfazendo assim a esta ansiedade dos moradores.*

**CASAMENTO** - Lourdes, aos 19 anos, casou-se com Êzio De Vita. Estão casados há 47 anos. Afirmou que o conheceu no início da adolescência, contudo, somente iniciaram o namoro quando ela estava com 18 anos.

*- Foi ele que me conheceu. Ele diz que desde que eu tinha 13 anos já me admirava. Meu jeito discreto (...) Eu era costureira. Vestia-me muito bem e dava aulas de corte e costura. Então, com 18 anos começamos a namorar. Com 19 anos, casamos. Ele morava aqui na Augusto de Toledo. Depois, viemos morar nesta casa. Já estamos casados há 47 anos.*

Não tardou, vieram os filhos Maria Carmelina De Vita, Antônio De Vita Neto, Maria Lourdes De Vita e Cláudio Daniel De Vita. Atualmente possuem seis netos: Carlos Eduardo Nickel, Gabriel Nickel, Camilla Raucci, Carolina Raucci, Tatiana De Vita e Raíssa De Vita.

O amor de Lourdes pela cidade em que vive há 67 anos transparece em suas poesias, como se pode verificar na que transcrevemos abaixo, feita por ocasião do aniversário de São Caetano do Sul:

*Minha casa fica no topo da rua  
Na minha porta eu coloquei uma placa,  
com os seguintes dizeres:  
Aqui mora uma sulsancaetanense.*

*Lourdes De Vita e Iraí Verônica*



*Foto: Lourdes De Vita*

*Cidade pequena pátria  
Trazendo um passado de glórias  
Orgulho do seu povo  
Que ergue em brandos, a bandeira da vitória.*

*São Caetano eu sou tua filha  
Nascida e criada aqui  
Sou gigante sou teu povo  
Eu te relevo nos meus sonhos.*

*Falo de uma infância passada  
Que um dia foi vivida aqui  
Colhi flores nos teus campos  
E em suas raízes me prendi.*

*Sou filha de imigrantes  
Que um dia aqui chegaram e realizaram seus sonhos  
Hoje eles já se foram, e também fazem festa no céu  
Homenageando São Caetano do Sul, por mais um aniversário  
(Dia de São Caetano do Sul - Vinte e oito de Julho)*

*André luiz Gomes de Jesus*

*Igreja Ucrâniana Ortodoxa  
São Volodymyr*

## Bairro Barcelona



*Asfaltamento da  
Rua Tapajós em 1966*

O Bairro Barcelona, resultado da união das vilas Ressaca e Barcelona, recebeu esse nome em razão dos muitos espanhóis e descendentes que moravam no local. Há registros da chegada das famílias Madona, Lozano, Santana e Teles em 1920. No ano seguinte, chegou a família Ricci. No fim da década de 40 foi a vez dos Milanis, Rossinis, Moscas e Pastores.

Para lotear a área foi preciso aterrar o brejo que havia desde o Córrego do Moinho até a Rua Tiradentes. Aos poucos, as chácaras de plantio e criação foram dando lugar a residências. A chegada da General Motors, que adquiriu o terreno da Fiação e Tecelagem Nice, foi o marco dessa transição.

Os primeiros habitantes eram católicos e construíram a Capela de Nossa Senhora Aparecida em 1949. Em 1953, nova capela, com o mesmo nome, foi erigida. Apesar de ter sido erguida em área maior, a segunda construção tinha medidas mais modestas. Procissões em meio a ruas adornadas marcaram o bairro por vários anos. Atualmente, há outros templos na região, como por exemplo a Igreja Ucrâniana Ortodoxa e a Igreja Ortodoxa Gregoriana.



*Rua Taipas esquina  
com Rua Maceió*



*Desfile cívico na  
Rua Conselheiro Lafaiete, em 1968*



*Cruzamento da Rua Oriente  
com a Rua Flórida*



*Vista aérea da  
Avenida Presidente Kennedy*



*Fachada do IMES - Instituto  
Municipal de Ensino Superior, com  
a Estátua de São Pedro Apóstolo*



*Procissão de Corpus Christi nas  
ruas enfeitadas do bairro*



Água encanada, esgoto e pavimentação datam do final da década de 50. Nos anos 60, teve início a pavimentação e o ajardinamento da Rua Nazareth. Comércio e indústria apresentaram significativo crescimento a partir de 1970. A primeira agência dos Correios foi instalada em 1979. Hoje em dia, o bairro, ainda que residencial, abriga vasto comércio. Quatro agências bancárias e importantes indústrias como Alcoa, Acerbi, Arcoven ou Chamatex fazem parte do cenário comercial da localidade.

A exemplo dos demais bairros da cidade, a *Barcelona* - maneira como os moradores denominam o local - possui todos os serviços de infra-estrutura e assistência municipal.

- 1 - EMEI Fortunato Ricci
- 2 - EMEI José Mariano Garcia Júnior
- 3 - Centro Universitário Municipal - IMES
- 4 - EE 28 de Julho
- 5 - EE Idalina Macedo da Costa Sodré
- 6 - Igreja Nossa Senhora da Aparecida
- 7 - Igreja Ucraniana Ortodoxa São Volodymyr
- 8 - Grupo Escoteiro João Ramalho
- 9 - ADC General Motors
- 10 - Creche Zilda Natel
- 11 - Lar Bom Repouso
- 12 - Lar Novo Rumo





Foto: Fundação Pró-Memória

*Homenagem aos moradores do Bairro Barcelona,  
realizada no dia 12 de Maio de 2001, na  
E.E. Idalina Macedo da Costa Sodré, Rua Conselheiro Lafayette, 619*

*Acrízio Daniel  
Ademar Oliva Xavier  
Armando De Nardi  
Carlos Wachtler  
Cecília dos Santos  
Constantino Caetano dos Santos  
Fábio Michelim Ventura  
Francisco Caetano dos Santos  
Frida Schmidt  
Iracema Torossian Daniel  
Irineu Zia*

*Luiz Magni  
Luzia Lizidatti Cosito  
Marcelle Sorrentino Zia  
Maria de Lourdes  
Maria Ramos  
Maria Ramona Navarro  
Maria Tinte  
Marta Wachtler  
Olga Mattiello de Melo  
Vicente Tinte*

## Vida através de histórias

(depoimento de Ademar Oliva Xavier)

Abrimos espaço para observar contos da história de Ademar Oliva Xavier. Nascido em 17 de Julho de 1924, na cidade de Casa Branca, interior de São Paulo, há 40 anos vive em São Caetano do Sul. Homem de muitos relacionamentos, Xavier é bancário aposentado, tendo presidido a Comissão Municipal de Festejos de São Caetano do Sul durante a administração do prefeito Raimundo da Cunha Leite. Casado com Nair Gonzalez Xavier, comemorou bodas de ouro no ano passado. Foi sócio-fundador e duas vezes presidente do Lions Clube Santa Paula. Hoje, no entanto, quem preside a entidade é sua esposa. Fez parte da diretoria do São Caetano Esporte Clube. Pai de três filhos, gosta muito de viajar e relata as experiências em detalhes.

Os pais de Ademar chamavam-se Antônio Xavier e Sebastiana Oliva Xavier. O avô paterno, Januário Oliva, veio da região da Calábria, Itália, e se estabeleceu em Casa Branca, onde era dono do Banco de Crédito Agrícola de Casa Branca. Obteve muitas posses, mas perdeu tudo com a quebra da Bolsa de Valores de Nova York, em 1929 (crise onde milhões de pessoas saíram prejudicadas e muitos até se suicidaram). A família se transferiu para Bebedouro e Xavier passou o resto da infância na cidade. Dessa época, lembra-se de diversas histórias. *A gente ia na casa dos nossos avós ouvir gramofone, girávamos a manivela incansavelmente e morríamos de rir quando a música saía distorcida.*

Na adolescência, Xavier foi para São Paulo tentar a sorte, no entanto, voltou poucos anos depois. Vim para São Paulo em 1942 (...) *Entrei como sócio do São Paulo Futebol Clube e fiquei no centro da cidade (...) Comecei a trabalhar no Banco do Brasil (...) Após isso, interessado em sair da capital para melhorar a situação como funcionário do banco e com outras ambições, fui para Bebedouro, onde já tinha morado, e fiquei lá até 1958.*

Casou em 1950, em Bebedouro, com Nair Gonzalez. Tiveram três filhos: o primeiro foi Arnaldo Gonzalez Xavier, formado em computação eletrônica, depois veio Amauri Gonzalez Xavier, comerciante, e por fim o

*São Caetano, Dezembro de 1981. Da esquerda para a direita: 1-(?), 2-José Sacucci Filho, 3-Perdigão, 4-Raimundo da Cunha Leite, 5-Ademar Oliva Xavier*



*Foto: Ademar Oliva Xavier*

caçula Ademar Oliva Xavier Júnior, formado engenheiro pela Faculdade de Engenharia Mauá.

Já no ano de 1958, pensando no futuro dos filhos, pediu transferência, pelo Banco do Brasil, a outra cidade. *Me inscrevi na mudança, poderiam me mandar para qualquer outro lugar, no entanto, me enviaram para cá (...) Sem querer, vim parar aqui. Tinha me candidatado a Campinas, a Santos, a Santo André, a São Bernardo do Campo, a São Caetano e a Jundiá (...)*

Por acaso veio parar em São Caetano do Sul, mas quase voltou no mesmo instante. *Ao chegar aqui, a cidade tinha um cheiro muito ruim por causa das fábricas e indústrias (...) Minha esposa queria voltar na mesma hora (...) Em São Caetano não existia uma casa em boas condições para se alugar na época e o prédio mais alto era o do antigo Cine Vitória, atual Vitória Hall.*

**GUERRA** - A Itália estava parcialmente dividida na Segunda Guerra Mundial: enquanto o ditador fascista Benito Mussolini se aliava à Alemanha nazista de Adolf Hitler, havia resistência armada no norte do país. O Brasil também enviava seus soldados à guerra. *Eu era o único da família que poderia ter ido (...) Quando minha turma seria a próxima, e eu já esperava a convocação, a batalha teve seu fim.*

Xavier viu muitos de seus amigos, pela última vez, antes de serem enviados ao combate. Relembra que, em uma das viagens à Europa, foi ao túmulo dos brasileiros enterrados na Itália e rezou uma Ave Maria. *Estávamos passando pela cidade de Pistoia, quando nossa turma parou para prestarmos uma homenagem aos brasileiros mortos em guerra (...) Confesso que fiquei emocionado: passaram muitos momentos pela minha cabeça naquela hora.*

Em São Caetano, de início morou no Bairro Santa Paula. A primeira coisa que fez ao chegar no município foi comprar uma televisão em preto e

*Meados de 1962. Da esquerda para a direita: Arnaldo Gonzalez Xavier, Ademar Oliva Xavier, Antônio Xavier e Joaquim Xavier*



*Foto: Ademar Oliva Xavier*

branco. A cidade foi crescendo e se desenvolvendo e o casal foi se acostumando com o ambiente. *O cheiro ruim foi passando*, lembra Xavier, com sorriso no rosto.

Contatos e bons relacionamentos abriram-lhe algumas portas. Em 1968, foi convidado a participar do Lions Clube Santa Paula. Galgando posições, foi presidente da entidade por duas vezes. A partir dessa época, Ademar Oliva Xavier, juntamente com a esposa, começou a viajar bastante. Recorda-se de uma das viagens, a barco, de Pirapora a Pernambuco. *Conforto era nota dois, mas no quesito aventura foi nota dez (...) Ficamos cerca de dez dias viajando pelo Rio São Francisco (...) Conhecemos um casal de alemães. Eram bem vestidos e se impressionavam com a viagem. Apelidamos o homem de Mister Cachimbo (...) Tinha até uma moça, universitária, que convenceu o capitão a prolongar o passeio.*

Entre algumas viagens e o trabalho no Banco do Brasil, foi nomeado presidente da Comissão Municipal de Festejos de São Caetano do Sul, na gestão do ex- prefeito Raimundo da Cunha Leite, em 1980. *As comemorações eram muito importantes na época (...) O povo sempre gostou de festa e isso permanece até os dias atuais.*

Manteve boas relações de amizade com os ex-prefeitos Ângelo Rafael Pellegrino e Oswaldo Samuel Massei, contudo, Xavier nunca se interessou por política. *Quando o Massei foi passar o cargo, ele fez questão de que a minha família estivesse ao seu lado (...) Ele dizia que, nesse momento, queria ter amigos por perto.*

**MUNDO** - Continuou expandindo seus horizontes através de viagens e hoje conhece nada menos do que quatro países da América do Sul, boa parte da Europa, o Vaticano, os Estados Unidos e o México. Tempos atrás, participou de congressos em Manaus e Miami. *Fui a uma convenção em Miami. Como não entendia o que as pessoas falavam, fiquei curtindo a viagem. Não gosta de ficar parado. Passa o tempo ajudando creches, asi-*

Ademar Oliva Xavier  
no dia da homenagem



Foto: Fundação Pró-Memória

los e pessoas carentes. *Está sempre com a família e aprecia as pinturas de sua esposa. Nada mais me surpreenderá no mundo, pois vi o homem chegar à lua (...) Hoje é só você pegar o telefone e, em poucos segundos, já está falando com outros países.*

Indagado sobre o time de futebol da cidade, Xavier disse que incentivou a equipe do São Caetano. *Fui em alguns jogos, até no Parque Antártica eu estive (...) O time de futebol fez uma coisa que a Prefeitura iria gastar milhões para fazer. Divulgou a cidade através do país todo (...) Meu filho esteve recentemente em Porto Seguro, na Bahia, e me contou que avistou pessoas com a camisa do Azulão andando na rua.*

Atualmente, reside no Bairro Barcelona. *Comprei um apartamento, montei inteiro e o preparei. Um pouco antes da inauguração do prédio, mandamos jardinar, ficou muito bonito (...) Tinha uma família que estava com problemas de ser despejada, então me pediram se poderiam mudar pra lá provisoriamente (...) Um dia, ao chegar, eles estavam jogando bola no jardim. Esperei e não disse nada, fiquei quieto, deixei. Fui para casa e falei para minha esposa:*

- *"Não vou mais mudar, vou vender aquilo".*

- *"Por quê"?*

- *"Eu estou aposentado e fico mais tempo dentro de casa, vou chegar lá fora, vou ver esses negócios e vou ficar aborrecido, nervoso, capaz de discutir com alguém" (...) Aí peguei e resolvi vender. Depois fui morar no Barcelona.*

Xavier explica que São Caetano do Sul é muito tranqüila e que tem todas as opções ao seu redor. *É um lugar quase perfeito (...) Tenho ao meu lado várias opções. Comer, lazer, fazer compras, passeios etc.*

Afirma, com toda a certeza, que escolheu o melhor lugar para construir sua vida. Ademar Oliva Xavier orgulha-se de, mesmo sendo um forasteiro, ter participado do desenvolvimento do município e, por conseguinte, fazer parte da História de São Caetano.

# Uma das primeiras armênias a residir em São Caetano

(depoimento de Iracema Torossian Daniel)

Urupsima Torossian (nome verdadeiro de Iracema Torossian Daniel) nasceu em Damasco, capital da Síria, em dez de Abril de 1928. Seu pai, Archac Torossian, era um nobre em Adjin, Turquia, local de seu nascimento. Por ter origem armênia, toda sua família foi exterminada em um bombardeio turco: esposa, dois filhos pequenos, além dos pais e parentes. Não restou outra alternativa a não ser fugir, juntamente com outros 80 rapazes. Ao chegar na cidade de Adamá, cheio de ferimentos de bala, conheceu aquela que se tornaria sua nova esposa: Lúcia Torossian, 25 anos mais nova. Neste conflito entre turcos e armênios, cerca de um milhão e 200 mil armênios foram dizimados, em um dos maiores genocídios da História. *Os turcos nunca gostaram dos católicos, daí o motivo de tantas guerras, que ocorrem até hoje. São pessoas que precisam da piedade de Deus, porque eles mataram um milhão e 200 mil armênios (...)* Em São Paulo há estátuas em homenagem a eles (os mortos). Onde tem a Igreja Ortodoxa Armênia, na Avenida Tiradentes, tem um quadro lembrando todos eles (homenagem aos armênios mortos no início do século passado, em conflito com os turcos). *Eles foram um povo sacrificado. Só hoje é que eles têm realmente uma pátria - República da Armênia - respeitada, um patriarcado que eles têm, em Ierevan.*

Depois do nascimento do primeiro filho (Toros - Afonso - Torossian, já falecido), a família mudou-se para Damasco, onde nasceram mais tarde Urupsima (Iracema) Torossian e Hagope Torossian. Embarcaram para o Brasil, mas foram obrigados a morar na França, por seis meses, para o tratamento de uma queimadura sofrida por Hagope - na época com quatro meses - no dia do embarque. O desembarque em terras brasileiras deu-se em 1929, no Porto de Santos. Urupsima tinha um ano e quatro meses. *Nunca voltei, mas meu pai, quando estourou a guerra ... (...) Meu filho queria escrever um livro baseado nas histórias que ele contava, mas as anotações se perderam quando ele era garoto.*

Seguiram para a casa de parentes, no Bairro do Brás, em São Paulo,

onde Adachez Torossian nasceu. Residiram ali por quase dois anos, quando se mudaram para a cidade de Araras, onde nasceram outros dois filhos, Marta Marisa Torossian e Katcher - Moacir - Torossian (já falecido).

Após constituir patrimônio no interior, a família Torossian mudou-se para São Caetano do Sul, onde comprou propriedade na Rua Amazonas, 750. *Era uma casa que tinha 14 metros de frente por 50 metros de fundo. Muito grande.* Iracema tinha dez anos, na ocasião da chegada, e se recorda da época: *Vimos no dia três de Julho de 1938, quando São Caetano ainda não tinha calçamento (...) Passava o carrinho da Vigor entregando o pão e o leite, puxado por animais (...) Tinha pouquinhos casas e as pessoas tinham amizade umas com as outras. Foi uma infância bastante feliz, tinha muitas árvores na nossa casa: pereira, mangueira (...) Então a família de minha mãe - meu pai só tinha um primo-irmão, e o restante eram todos parentes da minha mãe -, vinha todos os domingos. Meu pai fazia criação de cabritinhos e gostava de ordenhar as cabritinhas (...) Tirava o leite para nos alimentar (...) E também, quando estavam grandes, matava-os e fazia lingüiça e carne seca, tipo jabá. Era um alimento típico do norte da Armênia. Tinha aquelas coisas características de lá.*

Iracema também se lembra da razão por que o pai resolveu batizar-lhe com esse nome: *Morreram todos os parentes. Tanto que os nossos nomes são todos da família de meu pai. Eu levo o nome da avó dele e a minha irmã o da mãe. Mas o meu nome também é o mesmo de uma santa armênia. Ela foi uma menina que os turcos puseram dentro do forno para morrer queimada por fazer muitos milagres. Primeiro, eles arrancaram as unhas e todo o cabelo (...) Cometeram todo o tipo de atrocidade e a menina continuava com seus milagres. Depois que os turcos a colocaram no forno, ela apareceu, no dia seguinte, viva e sentada em cima dele.*

Juntamente com os irmãos, estudou no Segundo Grupo Escolar Monte Alegre, mas não pôde concluir os estudos por falta de condições financeiras, já que não existiam escolas estaduais na época. Mais tarde, trabalhou como professora substituta no mesmo grupo escolar. Ela conta que ia para o colégio, ao lado de outros professores, em um ônibus vindo da estação.

Na primavera de 1942, através da amiga Deolinda Figliolli, Iracema foi apresentada a Acrízio Daniel. Os pais dela, porém, não queriam o casamento, pois, além do preconceito, os armênios têm tradições bem distintas. *Os armênios costumavam ir até a casa da noiva pedi-la em casamento. Então, fazia-se café para levar às visitas. Eu era uma mocinha, de uns 16, 17 anos, mas eu já o conhecia dos tempos da escola e gostava dele.* Ela se recorda que, quando foi apresentada, ficou de flerte, sabendo que talvez não

*O Carnaval realizado no Clube Comercial era um dos pontos fortes da família na cidade*



Foto: Iracema Torossian Daniel

poderia mais vê-lo. Mas ele continuava passando em frente à casa dela.

O namoro durou sete anos. Às escondidas. *Ele ficava na esquina da minha casa só para me ver sair no portão. Só para fazer um aceno e nada mais do que isso. Quando fazia frio, no inverno, e dava para fugir, ia rápido ter com ele, que me abrigava dentro da capa para me dar um beijo e um abraço, nada mais (...)* E voltava para casa, feliz, quando namorava. Os encontros também aconteciam na missa de domingo, às dez da manhã, na Paróquia Sagrada Família. *Era a missa das moças bonitas e dos rapazes lindos para o encontro, era uma coisa linda. Usava-se a roupa mais linda de se vestir e de se apresentar (...)* As famílias mais tradicionais da cidade iam nessas missas: os Dal'mas, os Lorenzínis, os Cavassanis, os Veronezis, os Pinas, os Saccomanis (...)

As matinês do Cine Central, no Bairro Fundação, também eram concorridas. Mais tarde, o Cine Lido, situado na Rua Manoel Coelho, tornou-se local de grande movimento. *Eram um luxo, sabe, as meninas, quando iam naquelas matinês para assistir à vespéral (...)* Nesse meio tempo, não ficamos namorando, assim, todo esse tempo. *Era difícil. Fui aprender corte e costura. As coisas ficavam na mesa (...)* Ali na Rua Amazonas, em frente à Padaria Brasília, tinha uma escola, por volta dos anos de 1946 e 1947 (...)

Ficava ali, eu ia namorar com ele um pouquinho só. Mas, quando meu pai descobriu, não quis mais que eu substituísse na escola (Iracema trabalhava como professora substituta, cobrindo as faltas e dando aulas de reposição), não quis que eu fosse mais na aula de corte e costura. Então foi ruim (...)

Não quis mais porque soube também que ele vinha lá na escola (...)

Os diretores sabiam, deixavam que eu saísse uns dois minutos só para vê-lo.

Iracema recorda-se de um momento em particular, ocorrido na década de 40. *A minha sogra - Maria Grigoletto Daniel, falecida em 1993 - mandou uma caixa de bombons de presente de Natal, com um cartão perfuma-*



*Os sogros de Iracema Torossian  
Daniel, Maria Grigoletto Daniel e  
Pedro Daniel, em visita à  
Aparecida do Norte*



*Foto: Iracema Torossian Daniel*

*anéis de topázio (...) Isso é tradicional nas famílias armênias, dos mais pobres até os mais ricos, eles fazem isso (...) Quando a moça fica noiva, ela já é pertencente àquela família (...) Os padres armênios são ortodoxos e têm a doutrina definida. Eles são casados e podem aconselhar os pais de família (...) Difícilmente existem armênios separados (...) Ficam noivas, as moças, e depois voltam para as suas casas com seus filhos (...) Nós éramos as moças mais ricas do Monte Alegre (...) Bolsas, vestimentas e calçados iguais. Acrízio comprava para mim bolsas na Fidalga, em São Paulo. Meu sogro - Pedro Daniel, sogro de Iracema, era alfaiate - costurava "tailleurs" de linho. Eram a coisa mais linda. Era do tempo do romantismo, da beleza, do amor e do respeito (...) Das tradições que hoje em dia não existem mais, do tempo que a gente podia conversar no portão com as outras pessoas, que não existia essa violência toda.*

O casamento aconteceu no dia 15 de Maio de 1949, às 15 horas, na Paróquia Sagrada Família. Nesse dia, o pai da noiva procurou-a e a conversa foi lembrada por Iracema. *O meu pai estava no Foto Flâmula tirando foto. Naquele tempo, só existia um tipo de foto, não tinha nem colorida (...) Eu já estava de noiva, ia tirar foto. Ele me alcançou na Matriz Nova, na rua onde é o Carioca agora (Rua Santa Catarina). Meu pai me alcançou, chegou para mim e falou: "Olha, até hoje você pertenceu à minha família, você é minha filha e vai ser sempre minha filha e minha família, mas de hoje em diante você é Urupsima Torossian Daniel e você já vai me prometer que nunca mais vai esquecer isso". A cerimônia foi realizada pelo padre Alexandre Grigolli. Me casei na Matriz Nova (Paróquia Sagrada Família)*

*porque a Igreja Ortodoxa de São Paulo não estava pronta, estava em construção (...) Depois, no salão de festas da Matriz, que estava em término de construção, teve uma festa belíssima, um coquetel entre armênios e brasileiros, uma união tão linda (...) Fui a primeira moça armênia a casar com um moço brasileiro. Nossos pais consentiram, nós praticamente quebramos tabus. Em 52 anos de casamento, tiveram três filhos - Edwin Edward Daniel, Edmundo Daniel e Ednéia Daniel - , além dos quatro netos.*

Iracema ainda se recordou do quanto os pais lutaram para criar os filhos. *Meu pai foi um armênio que veio para engrandecer a cidade e criar os filhos. Quando ele faleceu, recebeu da Aciscs (Associação Comercial e Industrial de São Caetano do Sul) um diploma maravilhoso pelo homem íntegro que era (...) Minha mãe foi uma mulher notável. Tinha uma diferença de 20,25 anos e era o braço direito (Lúcia Torossian ajudava o marido na loja, pois falava a língua portuguesa melhor do que ele, além de cuidar dos filhos), porque meu pai, se alguém vinha comprar alguma coisa na loja e tinha fome, levava para a mesa e falava para aprontar um prato e dar de comer. Às vezes não tinha sobrado comida, porque éramos em seis pessoas, mas ele não queria saber. E também tirava medida para fazer uma roupa. O tecido era da loja e ela costurava (...) Comprava farinha de saco de 60 litros. Ela fazia pão em casa, sabão (...) Era do tempo da massa de tomate, dos licores (...) O que essas mulheres sofreram para criar seus filhos (...) Nós não sofremos quase nada, porque já veio outro tempo. Fomos felizes, nunca faltou nada na nossa mesa e nem sofremos com esse tipo de coisa de hoje.*

**BAILES** - Os bailes de outono, que ocorriam no clube da General Motors na época do namoro de Iracema, também foram lembrados. *Ele nunca gostou de bailes, mas eu gostava. Então, quando a gente estava brigado, eu ia na GM, nos bailes de outono, sabe, aquelas folhas caindo (...) As folhas caindo e, com a minha amiga Deolinda Figliolli (...) E tinha os rapazes que vinham da Rhodia, os químicos da Rhodia de Santo André, moços lindos (...) Eles, então, para tirar uma moça, eles tremiam até para dançar com uma moça, que tempo lindo que era (...) Então teve um rapaz que se interessou em querer me conhecer, porque ele pegou um espelhinho de uma foto minha e falou: "Não, não pode ser, essa moça só pode ser uma artista, eu quero conhecer essa menina, essa moça" (...) Eu era dona de uma beleza ... e só não me candidatei para Miss São Caetano porque meu pai não gostava dessas coisas (...) E o rapaz veio. Era um químico da Rhodia. Esses dias eu vi o nome dele, como um superintendente da Rhodia de Santo André, mas eu conheci esse moço, sabe ... mas era no tempo em que o Acrízio e eu ... a gente brigava (...) Mas não tive muitos namorados:*

Iracema Torossian  
no dia da homenagem



Foto: Fundação Pró-Memória

*era ele que eu amava. Foi o grande amor da minha vida. Tive, assim, flertes ... Todas as meninas flertavam (...) Agora ... Ele namorou todas as moças de São Caetano! (...) Namorou bastante, é claro, não vou negar ... Afinal, nada mais justo (...) Íamos à procissão (...) Quando eu ia para outra casa, minha amiga me perguntou se eu não tinha ido à procissão. Falei que sim, havia ido (...) Ela me falou que meu namorado acompanhou outra menina até lá para baixo, depois da procissão. Ele foi muito namorador.*

Os bailes de Carnaval, no Clube Comercial, na década de 60 e princípio da década de 70, foram recordados de forma especial. *Era lindo o tempo da batalha de confetes que havia no Comercial (...) Meus irmãos dominaram, eles foram praticamente os donos do Comercial em termos de orquestra (...) O Afonso e o Moacir. Faziam os bailes de formatura, os bailes das vesperais, bailes de aleluia, todos os bailes que havia no Comercial eles é que faziam. O Afonso tinha uma orquestra, a Orquestra Copacabana (...) Era um tempo em que o Carnaval era lindo demais: tinha a batalha de confetes à meia noite e a gente passava com o quadro de Francisco Alves (...) Todo mundo ganhava os saquinhos na entrada e a gente jogava em cima da foto do Francisco Alves nos cordões, no tempo em que a gente usava lança-perfume (...) Aqueles bailes eram freqüentados pela flor, a nata da sociedade. Faziam roupas iguais, havia blocos carnavalescos, eu puxava os cordões (...) Uma vez ganhei um chapéu e uma bengala, no baile do Francisco Petrônio, e fiquei muito assim nos bailes de São Caetano, quando morava na Fundação. Eu ia muitos anos dançar o carnaval, puxar o cordão com aquela cartola e a bengala. Dancei muito com eles (...) Assim, não andava só comigo, todo mundo queria colocar a cartola e pegar*

*a bengala (...) Meu filho fazia faculdade na USP e a namorada dele vinha para ir junto com a gente nos bailes de carnaval (...) Nossos irmãos iam, nossos sobrinhos (...) Eram aqueles carnavais de família, nos camarotes (...) Jogávamos serpentinas de um lado para outro (...) Algumas famílias tradicionais, como os Cavassanis, faziam parte do nosso grupo (...) Eram os moços mais lindos da época, amigos de meus irmãos, principalmente do Moacir - o crooner da Orquestra Copacabana, falecido em 1969 -, já que a diferença de idade com o Afonso era grande (...) Esses carnavais perduraram até 1973, depois não teve mais. Eles quiseram fazer, pegavam confete do chão e jogavam em cima das pessoas. Nunca mais fui (...) Foram tempos muito áureos de nossa vida. A gente se respeitava no baile, não era como a gente vê hoje. Não estou querendo menosprezar (...) Até hoje, quando posso, vou apreciar o Carnaval com minha filha e meus netos.*

Antes de se estabelecer no Bairro Barcelona, à Rua Conselheiro Lafayette, o casal residiu na Vila Califórnia, em São Paulo e, entre outros lugares de São Caetano, na Rua Conceição, próximo ao Hospital São Caetano, e no Bairro da Fundação, à Rua Heloísa Pamplona, n.º 79. Iracema considera essa época como a melhor de sua vida. *Todos os familiares se reuniam e os sobrinhos se encontravam todos os domingos para brincar. As sobrinhas do meu marido pegavam as minhas camisolas para brincar de fada. Um episódio dessas reuniões foi comentado pela filha de armênios. Convidei meu tio - Gisberto Grigoletto - para ir à minha casa comer minhas famosas esfihas. Acabei convidando toda a família, mas vi que o forno de ferro não iria dar conta de assar cerca de 300 esfihas. Então, chamei meu filho mais velho - Edwin Edward Daniel - e levei uma bacia de alumínio cheia de massa para a Padaria Marchigiana, onde os pães eram assados. Todos os ingredientes estavam prontos e pedi ajuda para os padeiros, já que jamais conseguiria fazer tal quantidade e só faltava a montagem (...) Eles colocaram as esfihas prontas em um carrinho e levaram para casa (...) Isso ficou na história porque passei a ser cobrada por isso. Sempre queriam comer aquelas esfihas (...) Até hoje minhas sobrinhas me ligam cobrando as esfihas.*

Tatiana Cristina Correia

# Acompanhando a construção de uma cidade

(depoimento de Maria Tinte e Luzia Lizidatti Cosito)

Vindas do interior do estado ainda crianças, Maria Tinte e Luzia Lizidatti Cosito presenciaram a evolução e grande parte da urbanização de São Caetano do Sul e imediações. Vivenciaram época que os mais jovens somente conhecem por meio de livros. Tempos em que o município não dispunha nem de energia elétrica nem de saneamento básico e o gado trafegava livremente pelos campos e poucas ruas existentes na cidade.

Maria Tinte nasceu em Presidente Prudente, em 28 de Agosto de 1930. Saiu da roça, em Vera Cruz, vindo morar diretamente na Vila Ressaca, atual Bairro Barcelona. Luzia - natural de Ribeirão Preto -, nascida em 1929, reside na cidade há 51 anos. Morou primeiramente no centro e, depois, no Bairro Barcelona, onde está há 32 anos.

Ademir Medici, em *Migração e Urbanização*, afirma que há várias indicações de que a Vila Ressaca é uma das mais antigas de São Caetano. Em 1929, já tinha uma linha regular de jardineiras, sob a responsabilidade de João Batista, e que passava pelo Cemitério de Vila Paula, tendo como ponto final a Vila Ressaca.

Maria é de família simples, camponeses. Trabalhou na roça, colhendo arroz e feijão. Lembra que o trabalho na fazenda era árduo, exigindo a utilização de instrumentos rudimentares como o cambau. Esse utensílio era formado por dois pedaços longilíneos de madeira, amarrados em uma das extremidades por um elástico. Conta que, com o auxílio de tal engenhoca, golpeava a vagem, incessantemente, para que o feijão se soltasse. O próximo passo era peneirar todo o feijão, a fim de vendê-lo. Em relação ao arroz, o mecanismo era semelhante, porém, a separação era realizada sobre uma banquetá, ao contrário do que ocorria com o feijão, batido com o *cambau* diretamente no solo.

- *Eu morei em Vera Cruz. Lá eu trabalhei na roça. Plantei arroz,*

*plantei feijão. Bati muito feijão com cambau, que vocês não sabem o que é. São dois paus amarrados com elástico. Você segura um e o outro bate no terreno, na terra. E aí batia em cima do feijão para soltar da vagem. Aí, depois, eu recolhia todo aquele feijão para peneirar e vender. Arroz a gente cortava e deixava todas aquelas moitas e levava numa banqueta que batia o arroz para cair. Em casa, a gente socava no pilão. Socava arroz, socava café, socava o milho para dar para as galinhas.*

Maria conta que, quando veio da roça para São Caetano do Sul, a família firmou residência na Vila Ressaca, onde comprou um terreno que foi loteado pela fábrica Votorantim. A Vila Ressaca começou a ser loteada pela Sociedade Anônima Fábrica Votorantim, na década de 20, época em que os lotes eram negociados diretamente com os compradores finais. Somente por volta dos anos 30 começaram a surgir as empresas intermediárias.

A paisagem era predominantemente rural. A urbanização ainda caminhava para a sua concretização com a compra e construção das casas. Maria lembrou que, na casa em que morava com sua família, no lote adquirido junto à Votorantim, ainda não havia abastecimento de água, tampouco de energia elétrica. Para as necessidades básicas, tais como banhar-se, lavar roupas, louças e consumo próprio, dispunham de um poço construído no quintal da casa. Já a iluminação provinha de lampiões e candeieiros. *Meu irmão, inclusive, ganhou um rádio, mas nós não tínhamos luz para ligá-lo. Não tinha nem banheiro, era só um buraco com duas madeiras do lado (...) Era assim.*

Afirma que, nas imediações da casa, havia somente morros cobertos por vegetação, sendo que as residências eram poucas. *Ali era tudo morro. Para nós irmos até Utinga - a Estação de Utinga era a mais próxima -, nós íamos a pé (...) Mas não tinha nada, era só mato.* A estação foi inaugurada na data de primeiro de Agosto de 1933, pertencendo originariamente ao Distrito de Santo André.

Além do parco desenvolvimento da Vila Ressaca, a cidade como um todo ainda não havia alcançado significativo progresso. Maria salientou que seus documentos pessoais, inclusive, foram obtidos junto à Prefeitura do Município de Santo André. De fato, o atual Município de São Caetano ainda não havia obtido a emancipação, por conseguinte estava submetido à direção da municipalidade andreense. Ocorre que, no ano de 1938, por força do Decreto nº 9775, o Distrito de São Caetano deixou de existir, passando a ser denominado Segunda Zona do Distrito de Santo André. A

Maria Tinte  
no dia da homenagem



Foto: Fundação Pró-Memória

emancipação ocorreu apenas em primeiro de Janeiro de 1949, quando o município passou a chamar-se São Caetano do Sul.

**MOCIDADE** - Maria, em sua mocidade, não teve muitas possibilidades de entretenimento. O pai, severo, privava-lhe dos prazeres que a juventude poderia proporcionar.

*- Pra falar a verdade, eu me diverti muito pouco, porque meu pai ficava em cima, era linha dura. Era do serviço para casa, da casa para o serviço.*

Embora os pais fossem igualmente rígidos, Luzia conta que ia passear na Avenida Goiás, em frente à Prefeitura.

*- O passeio era aqui em frente, onde hoje é a Avenida Goiás. Era o único passeio de mocinha que tinha. Era um vaivém, sabe. Eu vinha da Vila Alpina ... devia ter uns 14 anos (...) Tinha a Prefeitura já (...) Só que não tinha todas essas coisas ... essa Concha Acústica ... não tinha nada disso. Tinha bagunça (...).*

Com o amadurecimento, vieram outras formas de atrativos, por exemplo o namoro de Maria com um jovem de nome Vicente Tinte, igualmente morador de São Caetano do Sul, especificamente da Vila Barcelona, e que futuramente a desposaria. O namoro seguia ordens rígidas, sempre sob o olhar atento dos pais. *O namoro era assim: meu pai tósia ele já sabia que tinha que ir embora.*

Luzia rememora os conselhos que sua mãe lhe dava na época em

que namorava Jaime Cosito, atualmente seu esposo. *Minha mãe vinha e falava assim para mim, era um conselho né: "Pode dar um beijinho, mas segura a cacheta". Minha mãe me avisava: "Segura a cacheta!" E nós ficávamos lá segurando a cacheta.*

**CASAMENTO** - Maria, até então Maria Augustinha Serveira, com 21 anos passou a assinar o nome de Maria Tinte. O casamento realizou-se na Matriz Nova, tendo sido celebrado pelo padre Ézio Gislimberti. Não tardou vieram os filhos do casal: Ítalo Tinte, Ilda Tinte e Edna Tinte.

Luzia, a exemplo de Maria, também teve seu casamento celebrado pelo padre Ézio. A cerimônia foi na Matriz Nova, no dia 23 de Outubro de 1948. Dois anos depois, deu à luz o primeiro filho, Sidnei Cosito. Na seqüência vieram Rosemeri Cosito, em 1954, e Nanci Cosito, em 1963.

*- Quando eu me casei, a única casa de roupa ficava ali onde hoje é as Casas Bahia. A roupa do meu casamento foi comprada lá. Além dessa loja, ainda existia o Quaglia, que também é muito antigo. Minha mãe comprava tudo lá.*

**TRABALHO** - Maria e Luzia começaram a trabalhar ainda na infância. Morando em São Caetano do Sul, Maria prestou serviços a indústrias como Usina Colombina, Porcelana Monte Alegre e Antártica. Lembra que, mesmo depois de casada, trabalhou na Usina Colombina, fabricando lança-perfumes.

Luzia, por sua vez, começou na Indústria de Botões Aliberti, que ficava na Rua Senador Vergueiro. *Tirando o diploma, comecei a luta batendo coco na Indústria Aliberti.* O coco, vindo do Norte, era utilizado na fabricação de botões. O trabalho consistia em tirar toda a casca da fruta, deixando-a totalmente limpa. Para tanto, utilizava-se uma lima afiada.

Luzia ainda trabalhou na Indústria Alpargatas, localizada na Mooca, antes de adquirir negócio próprio no Bairro Rudge Ramos, em São Bernardo. *Comprei o comércio lá em Rudge Ramos, uma calefação de café. Chamava-se "Nosso Café". Depois, ainda tive outra empresa que atuava no mesmo ramo (...).*

**BARCELONA** - Durante quase 60 anos morando na Vila Bercelona, Maria presenciou não só a criação do bairro, mas também todas as mudanças e transformações ocorridas ao longo de mais de quatro décadas.

Na época em que veio residir na antiga Vila Ressaca, a condição da

Luzia Lizidatti  
no dia da homenagem



Foto: Fundação Pró-Memória

via pública era precária. *Somente existia uma única rua no bairro (...) Quando chovia virava um barro que ninguém agüentava (...) Vindo da General Motors, tudo era mato (...) No bairro morava uma senhora portuguesa que criava gado. O gado ficava solto pela vila (...) O bairro começou a se desenvolver depois de uns cinco anos que eu estava lá. Aí é que começou a tirar os morros, a remover a terra (...) Mais aqui para o lado da Rua Alegre. Quando eu casei, há 50 anos atrás, aí é que começou a melhorar (...) Para o lado da Santa Maria é que tinha mais casas, mas na Barcelona tinha poucas casas (...).*

Entre as muitas mudanças que acompanhou, saudosamente recorda das sessões de cinema que, nos poucos momentos de lazer, freqüentava:

*- No lugar da Rhodia havia um cinema que pertencia à família Ricci (...) Depois do cinema ainda teve um supermercado que não era a Rhodia (...) Somente depois é que passou a ser a Cooperativa Rhodia.*

Católica praticante, fiscalizou de perto a construção das igrejas que, no desenrolar dos anos, surgiram no bairro. A primeira delas, afirma, foi um pequeno templo, construído em 1949, denominado Capela de Nossa Senhora Aparecida. O local dispunha até de um parquinho para as crianças. Já a respeito da nova igreja da Vila Barcelona, Maria diz que, na época da construção, mostrou-se insatisfeita:

*O padre Canísio começou a fazer a igreja lá onde é agora (...) Depois, o padre Canísio faleceu e o padre Geraldo ficou em seu lugar. O padre Geraldo veio e começou a fazer diferente do que tinha determina-*

*do o padre Canísio. Inclusive, eu acho que a igreja foi feita errada porque não tem frente para a rua. Eu sempre falava para o padre Olavo: "Não tô contente!"*

Ao serem indagadas sobre o presente, tanto Luzia como Maria afirmam que a melhor idade é a que estão vivendo atualmente:

*- Eu acho melhor a vida agora do que antigamente. Até os 20 anos, foi uma brincadeira para mim. Depois, até os 40 anos, tinha os filhos. E agora aproveito a lambuja. Eu tenho muito orgulho de São Caetano do Sul porque a terceira idade me fez muito feliz. Então é coisa que me agrada (...) Eu gosto de baile ...*

*- Eu também passeio mais agora do que na minha mocidade. Porque quando eu era moça, meus pais seguravam, tinham medo e tal (...) E depois casei, tive os filhos ...*

*André Luiz Gomes de Jesus*

## Crescendo com a cidade

(depoimento de Olga Matiello de Mello)

*Nasci na Rua Manoel Coelho, exatamente onde se localiza o shopping (Shopping São Caetano) atualmente. Olga Matiello de Mello, nascida em 17 de Maio de 1912, em São Caetano do Sul, é filha de pai italiano, Emílio Matiello, e mãe brasileira, Ema Cavana. Seus sete irmãos nasceram em São Caetano. Vive no município desde que nasceu, há 89 anos atrás. Sou neta de fundadores da cidade (...) Sou herdeira de São Caetano, afirma com sorriso no rosto.*

*Na infância, pulávamos amarelinha e fazíamos outras brincadeiras, entretanto, não éramos muito de brincar (...) Os filhos ficavam muito dentro de casa, com os pais. Minha mãe fazia pão, lingüiça e também criava porcos (...) Tudo era para o nosso uso (...) Havia pouco dinheiro, porém, trabalhávamos para poder possuir.*

*Aos sete anos de idade, começou a freqüentar a escola, no Bairro Cerâmica. Saía a pé, da Rua Manoel Coelho, e andava até a escola (...) Naquela época não tinha condução (...) Não havia grupo escolar, só existiam escolas isoladas (...) Cada bairro tinha uma escola. Olga relembra os fatos detalhadamente. Minha primeira professora foi a dona Ana.*

**LOBISOMEM** - Lendas e histórias eram comuns na época. *Meu irmão mais velho, João, namorava uma moça do Ipiranga (...) Ele vinha andando de lá até São Caetano (...) Um dia, ele disse que tinha visto um lobisomem encostado em nossa porta (...) Se isso foi verdade ou mentira, eu não sei.*

*Nas festas de São João, os mais velhos se dirigiam até São João Clímaco para buscar um sanfoneiro. Era a diversão da época (...) Tinha um poço no centro da vila dos Cavanans e todos se serviam dele. Desse tempo, Olga se recorda de uma história sobre seu avô. Meu avô, Bortolo Matiello, guardava suas economias embaixo de um baú (...) Arrancou os tijolos do chão ... Guardava o dinheiro junto com os documentos (...) E, depois, colocava o baú de roupas sobre o cofre.*

*Família de Olga Matiello de Mello. Da esquerda para a direita, sentados: Tereza Luíza Matiello (irmã); Ema Cavana (mãe); Arcelinda Matiello (irmã); Emílio Matiello (pai); Olga Matiello de Mello e Bortolo Matiello (avô). Em pé: João Matiello (irmão); Emília Eliza Matiello (irmã); Guilherme Matiello (irmão) e Izolina Matiello (irmã)*



Foto: Olga Matiello de Mello

Os Cavanos possuíam grande patrimônio. *Tinham também um armazém de secos e molhados (...) Na época, era o único (...) Então, todos compravam.*

O pai, Emílio Matiello, era carvoeiro. Entregava carvão em São Paulo por meio de uma carroça. Por outro lado, a mãe, Ema Cavana, vinha de família com boas condições financeiras. *Depois que se fixaram aqui, meus pais nunca pensaram em sair da cidade.*

Moravam em um terreno grande. Naquele tempo, as casas eram feitas como chácaras. *Meu pai cuidava do terreno e a gente vivia assim (...) Criava cavalos, vacas, galinhas, todas essas coisas (...) Naqueles dias era assim mesmo.* A cidade crescia dessa forma. A maioria das famílias vivia essa rotina.

Da infância, Olga se lembra de quando fez a Primeira Comunhão. *Eu devia ter uns sete ou oito anos (...) A professora de catecismo não me deixava fazer, porque eu era muito pequena (...) Chorava, pois queria fazer (...) Um dia, ela consentiu (...) Fui andando de casa até a Matriz Velha (Paróquia São Caetano) com meu vestido branco.*

Na adolescência, com 14 anos, Olga teve seu primeiro emprego. Era na Fábrica de Louças Adelinas (hoje já extinta), na Rua Pernambuco. *O proprietário era Manuel Loureiro de Barros (...) No trabalho, conheci meu futuro marido, Júlio de Mello (...) Eu era secretária dele, no entanto, depois me tornei esposa.* Após algum tempo, a fábrica foi vendida e, em 1933,

*Inauguração da Ala Júlio de Mello do Hospital Beneficência Portuguesa de São Caetano, cerca de 1970. Da esquerda para a direita: Júlio de Mello Filho, Olga Matiello de Mello, Luiz Beraldi (vice-presidente do hospital) e (?), cônsul de Portugal. As crianças: neta Cristina e neto Fabiano*



*Foto: Olga Matiello de Mello*

Olga, com 22 anos, e Júlio, com 23, se casaram na Igreja Sagrada Família, localizada na Praça Cardeal Arcoverde. O casal foi morar na Rua Alagoas, esquina com a Rua Pernambuco.

**PÃO** - Na época da Segunda Guerra Mundial, a família não passou por muitas dificuldades. *A gente ouvia notícias de que ocorriam saques com frequência, em armazéns, no Ipiranga (...)* O único suprimento que faltou foi a farinha de trigo (...). *Com a falta, mandaram uma farinha preta. O pão ficava preto, escuro, muito ruim (...)* A maior dificuldade era comer esse pão (...). *Meu filho menor foi criado se alimentando com isso.*

Quando a batalha acabou e tudo voltou ao normal, a farinha de trigo já podia ser encontrada. *Assim, não mais seria necessário o pão preto, porém, quando pude fazer o pão com a farinha de trigo, a boa, pensei: "Que bom, meu filho enfim vai poder comer um pedaço de pão bom" (...)* Sabe que ele rejeitou o pão? *Querida comer o preto.*

Com o passar dos anos, a cidade foi crescendo e as condições de vida foram melhorando. *Me formei professora de corte e costura (...)* Eu tinha uma escola - se chamava São Paulo - que ficava na Rua Pernambuco.

Após sair da fábrica, Júlio de Mello buscou aperfeiçoar as habilidades. Como não tinha muito estudo, fez cursos de datilografia e correu atrás de aprimoramento. Depois, prestou concurso na Prefeitura e começou a trabalhar na fiscalização de obras.

Usufruindo de sua popularidade, Júlio candidatou-se a vereador pelo Partido Republicano. *Na primeira vez, não entrou por três votos (...)* No entanto, foi se candidatando e não perdeu mais (...). *Ficava sempre entre*

*Filhos de Olga Matiello de Mello. Da esquerda para a direita: Adelina de Mello, Júlio de Mello Filho e Luís Carlos de Mello*



*Foto: Olga Matiello de Mello*

*os três primeiros colocados na votação. Foram cinco gestões (...) Ele faleceu quando estava terminando o mandato do então prefeito Raimundo da Cunha Leite, em 1981*

Durante esses anos na vida política, Júlio foi um dos sócios-fundadores do Hospital Beneficência Portuguesa. Olga o ajudava, costurando, pois na época a economia tinha de ser grande para poder formar o centro de saúde (atualmente, a construção incentivada por Júlio de Mello corresponde à Ala Antiga do Hospital Beneficência Portuguesa). Costurava as roupas dos médicos, os lençóis, os jalecos. *Sempre me relacionei bem com os amigos de meu marido, tanto na política como no hospital (...) Recebia-os em casa, marcava reuniões (...) Júlio era muito popular, tinha muitos amigos (...) Pouco depois de seu falecimento, foi inaugurada, em sua homenagem, a Ala Júlio de Mello, no Hospital Beneficência Portuguesa.*

Para arrecadar dinheiro eram feitas quermesses. *Minha filha, Adelina, dançava nos bailados (...) Ela foi a primeira funcionária da Beneficência. Trabalhava de graça.*

As dificuldades existiam para todos, porém, o casal sempre teve condições de criar os filhos. Ao todo, foram três: Adelina de Mello (falecida), que recebeu esse nome por causa da antiga fábrica de louças, onde o casal se conheceu; Júlio de Mello Filho, o Julinho, como diz a mãe; e Luís Carlos de Mello, o caçula. *Todos nasceram na casa da Rua Alagoas, esquina com a Rua Pernambuco (...) Antigamente, quem fazia os partos eram as parteiras (...) Só quando o mais novo nasceu é que fomos precisar de um médico (...) Sempre consegui dar estudos aos meus filhos. Depois, começaram a trabalhar e puderam obter o próprio sustento.*

Após 1981, Olga passou a morar com a filha, na mesma casa onde hoje mora com o neto, Antônio. Além de costurar e ajudar na fundação do

*Casamento de Olga Matiello de  
Mello com Júlio de Mello,  
ano de 1933*



*Foto: Olga Matiello de Mello*

Hospital, Olga ainda participou de serviços assistenciais na cidade. *Trabalhei também na Apami (Associação de Proteção e Assistência à Maternidade e Infância), uma associação de senhoras que socorre crianças (...) Essa associação ainda funciona até os dias atuais (...) É parecido com o serviço exercido pela esposa do prefeito hoje em dia (...) Distribuía roupas, enxovais de crianças (...) Só faziam parte as mulheres (...) A primeira-dama era a presidente (...) No final de cada ano, nós arrecadávamos mercadorias e mandávamos sacolas de mantimentos às famílias.*

Olga, que foi sócia do Hospital do Câncer, hoje ajuda a creche Izilda Natel, localizada na Igreja Nossa Senhora Aparecida. Comandou, também, a Sociedade Vicente de Paula. *Esse grupo auxilia famílias pobres, pessoas necessitadas e arrecada dinheiro (...) O grupo da Vila Barcelona era dirigido pelo pai do meu genro. Ele faleceu, minha filha assumiu (...) Adelina faleceu e eu assumi (...) Continuo até hoje. Isso não pode morrer (...) Embora o desenvolvimento tenha sido grande, essa gente precisa de muita ajuda.*

Esses serviços trouxeram melhorias e resultaram no avanço da cidade. *São Caetano do Sul cresceu bastante (...) Antigamente os prefeitos faziam duas ou três obras e já conquistavam seu eleitorado (...) Hoje mudou muita coisa. Tem de se fazer bastante (...) É muita responsabilidade assumir uma cidade como São Caetano (...) A cidade conta com infraestrutura, escolas, esporte (...) A gente que vem de antigamente fica muito orgulhosa. Antes eram somente fábricas: Cerâmica, Matarazzo, General Motors, Aliberti (...) Hoje existem muitos recursos (...) Tem tudo para todos*

*Olga Matiello de Mello no dia da homenagem*



*Foto: Fundação Pró-Memória*

*aqui na cidade. A ascensão da região foi fantástica, fora de série, foi um negócio que levantou de repente.*

*Fazendo comparação com sua infância, Olga comenta a situação da época. A minha geração tinha uma vida sacrificada, mas ninguém achava ruim (...) As mulheres, quando casavam, já sabiam o que iriam ser (...) Hoje, no entanto, elas estudam e têm direito de usufruir. É uma vida melhor, declara.*

*Olga afirma que possui muita força e boa saúde. Como de tudo e tomo um bom vinho (...) Uma vez, fui viajar com meu neto à Europa (...) Fiquei 18 dias e bebemos 18 garrafas de vinho. Minha preferência é o vinho branco (...) Sempre passo bem nas viagens, no avião (...) Tudo é muito tranqüilo.*

*Olga Matiello de Mello, ao longo de seus 89 anos, apesar de ter perdido quatro dos sete irmãos, o marido, a filha e um dos netos ainda continua otimista. Já sofri bastante, contudo, se for pela minha saúde, ainda vou muito longe com a idade.*

*Michel Nóbrega Cury*

# Meio século de histórias

(depoimentos de Irineu Zia e Marcelle Sorrentino Zia)

*Irineu Zia e Marcelle Zia  
no dia da homenagem*



Foto: Fundação Pró-Memória

A história do casal Irineu Zia e Marcelle Sorrentino Zia, em São Caetano do Sul, iniciou-se há aproximadamente 52 anos atrás, quando vieram residir, no atual Bairro Barcelona, em uma pequena casa, composta por apenas dois cômodos - quarto e cozinha -, inteiramente construída por Irineu.

Na manhã do dia 19 de Junho de 2001, concederam entrevista à Fundação Pró-Memória. Na oportunidade, forneceram dados minuciosos não só a respeito da vida da família, mas também sobre o crescimento da cidade e do bairro. Relembrou, inclusive, época em que o local não dispunha nem de energia elétrica nem de saneamento básico.

Irineu Zia nasceu no interior de São Paulo, na cidade de Amparo, estando hoje com 76 anos. Sua esposa, Marcelle Sorrentino Zia, com 75 anos, é natural de Promissão, interior de São Paulo. Ao chegarem em São Caetano do Sul, primeiramente se estabeleceram na Rua Flórida, passando

para a Rua Oriente, da qual, informam, foram os primeiros moradores. *Já faz 52 anos que moramos no Bairro Barcelona. Nós viemos na data de 1948. Primeiro moramos na Rua Flórida, durante um ano, depois mudamos para esta casa.*

O casal se conheceu na Vila Alpina, bairro paulista próximo à divisa com São Caetano. Marcelle - até então moradora da cidade de Promissão - estava passando uma temporada na casa da irmã, que já residia em São Paulo. Conheceu Irineu, em baile realizado numa casa próxima à de sua irmã, por intermédio de uma amiga que morava no fundo da propriedade da mãe de Irineu. Recorda, ainda, que seu marido era noivo de uma moça que também provinha do interior. Contudo, afirma que ignorava tal promessa de casamento.

- *Nos conhecemos na Vila Alpina, que era onde eu morava, contou Irineu.*

- *Eu fui num baile que teve na outra rua (...) E foi nesse baile que nós nos conhecemos. Estava na casa da minha irmã, a passeio, e ia embora para o interior, que era onde meus pais moravam. Mas aí comecei a namorar com ele e ele não me deixou ir embora (...) E nesse tempo ele já era noivo há quatro anos e meio com uma moça do interior, mas eu não sabia de nada. Então, ele desistiu do noivado para casar comigo, comentou Marcelle.*

**CASAMENTO** - Irineu Zia e, até então, Marcelle Sorrentino casaram-se na Vila Alpina somente no civil. A cerimônia religiosa realizou-se, três anos depois, em São Caetano do Sul, na Capela Nossa Senhora Aparecida. Na oportunidade, o filho do casal, Ademir Carlos Zia, já havia nascido. *Nos casamos no civil na Vila Alpina em 1948. Somente em 1951 casamos na igreja aqui (...) Na ocasião, já havia nascido nosso filho, Ademir, que mora nos Estados Unidos da América há 30 anos.*

Deonice - filha do casal - relatou que conheceu muito bem a Capela Nossa Senhora Aparecida, pois aí fez a Primeira Comunhão. Afirmou que a construção era modesta nas dimensões. Era uma igreja muito pequena. *Depois é que construíram outro santuário do lado de lá. Hoje ela é voltada para a Rua Flórida, mas antes tinha frente para a Rua Oriente (...) Na época, o padre Canísio comprou mais um lote e a casa paroquial ficou no local da Nossa Senhora Aparecida (...) Cabiam no máximo umas 30 ou 40 pessoas (...) Até minha Primeira Comunhão foi feita lá (...) Depois veio o padre Olavo. Aí então é que ele começou a ampliar a igreja e fez essa maior (...) Ele ainda fez a casa do padre.*

Ademir Medici, em *Migração e Urbanização*, afirma que a primeira capela de Nossa Senhora Aparecida foi construída em terreno de 536

*metros quadrados adquirido pela comunidade junto a Celso Marchesan e Vacaro Buzato, na Rua Particular, atual Nossa Senhora de Aparecida. Era 1949. Cada morador participava da Campanha do Metro adquirindo um ou mais metros de terreno para a igreja (...) Em Março de 1953, os moradores se reuniram novamente e compraram um terreno de 1500 m<sup>2</sup>, propriedade de Eugênio Primo Morelato, para a construção de uma nova capela, inaugurada em Setembro. A capela era menor que a anterior. Media cinco por oito. Em 1954, o padre Canísio Van Herkhuizen tomava posse como primeiro vigário do bairro. Em 1955, a Prefeitura doava à igreja um terreno de mil metros quadrados.*

**BARCELONA** - Residente no bairro há mais de meio século, o casal presenciou a expansão e muitas das mudanças ocorridas ao longo dos anos, além de, por vezes, ter tomado atitudes determinantes em prol dos demais moradores. Orgulhoso do feito, Irineu entusiasmadamente narra sua decisão participação no resgate das vítimas da enchente que ocorreu, por volta do ano de 1953, em virtude da falta de infra-estrutura local.

*- Teve uma ocasião em que encheu de água a General Motors, além de todas as casas que ficavam por perto. Foi por volta do ano de 1953, ainda na administração do prefeito Pellegrino (a primeira administração teve início em 1949 e término em 1953, sob o comando do prefeito eleito Ângelo Raphael Pellegrino). Quem tirou o povo da água fomos nós: eu e mais três irmãos (...) Nessa época, eu já morava aqui - Rua Oriente -, mas meus irmãos moravam na Rua Flórida com a Avenida Goiás (...) Nós tiramos a molecada e os velhos da água. As mulheres ficavam em cima dos guarda-roupas e nós entrávamos com a água no nível do peito para tirá-las dali. Quando chegaram os bombeiros, nós já tínhamos retirado toda a gente (...) Depois, eu ainda alojei 18 crianças aqui em casa (...) Tratei deles somente por dois dias, até se arrumarem (...) Essa casa aqui era apenas quarto e cozinha. Eu coloquei vários colchões no chão para que a molecada pudesse dormir (...) Na ocasião, o prefeito nos chamou para fazer uma homenagem no jornal. O título era "Os irmãos heróis da enchente", que fomos nós, né?!*

A casa de Irineu e Marcelle, na Rua Oriente, era modesta, a exemplo da condição financeira do casal. Marcelle ainda lembra exatamente a quantia paga pelo terreno, asseverando que despenderam o montante de 30 mil réis. No princípio, não possuíam ao menos um portão que lhes garantisse a segurança, tarefa essa realizada por um cachorro bravo.

*- Fui eu mesmo que construí a casa (...) Quando eu fiz o quarto e cozinha eu não tinha dinheiro para instalar portão, muro ou até mesmo cerca (...) Então arrumei um cachorro bravo para tomar conta da proprie-*

*dade. Passei um ferro, da entrada para cá, e o bicho ficava preso, mas podia correr (...)* E o cachorro era o muro!

Não bastasse a parca situação econômica, por vezes a sorte não ajudava. *Até deu uma ventania que descobriu a casinha e eu ainda estava de dieta do meu menino. Eu abri o guarda-chuva na cozinha e o fiquei segurando em um dos braços, com o menino no outro. Foi um temporal horrível (...)* O Irineu estava trabalhando e quando chegou aqui já tinha passado a tempestade (...) Depois, teve que cobrir a casa inteirinha de novo.

Ademais, o conforto da água encanada, da canalização do esgoto e da energia elétrica ainda não os havia alcançado. *Nessa quadra aqui, a primeira casinha foi a nossa. Lá para baixo já existia alguma coisa, mas aqui a primeira foi a minha (...)* Ainda não tinha energia elétrica (...) A luz vinha de um lampião a querosene (...) Nós amanhecíamos com o nariz preto por causa da fumaça que soltava. A comida era feita em fogão a carvão (...) Nós dispúnhamos de um poço para utilização da água (...) Irineu salienta que, além de ter erigido a casa com suas próprias mãos, ainda construiu o poço de água. *Eu é que furei o poço. Furei aqui, furei o da minha irmã, que era minha vizinha.*

O bairro ainda se encontrava em desenvolvimento. As ruas eram de terra e não dispunham de nenhum tipo de calçamento. O mato crescia por todos os lados, de tal forma que a paisagem rural era predominante (havia inúmeros obstáculos, tais como morros, que tinham de ser vencidos pelos transeuntes e demais moradores). *Não tinha nada na Barcelona. Nem comércio (...)* Até farmacêutico faltava. *Aqui, quando ficava gente doente, quem aplicava injeção era eu. O farmacêutico era eu (...)* Só tinha mato (...) Somente foi melhorando quando construíram uma fábrica de roupas que diziam que era da família Matarazzo (...) *Aí é que começaram a construir algumas casas (...).*

Acentuando a falta de infra-estrutura, Irineu relata que o transporte público não passava em sua rua pela impossibilidade de tráfego. *O ônibus passava na rua de cima porque aqui não dava para passar. Tinha muito buraco (...)* Ajudando a compor a imagem bucólica da localidade, Irineu e Marcelle contam que existiam até currais no bairro. *Tinha curral (...)* *Aqui embaixo tinha um, ali em cima tinha outro (...)* *Eles tiravam leite e vendiam (...)* *Todo o povo daqui ia no curral comprar leite.*

Segundo o casal, o único comércio da vizinhança era um pequeno estabelecimento denominado Bar do Júlio. Tal comércio atendia às necessidades básicas dos moradores da região fornecendo o essencial: pão, leite, enfim, gêneros de primeira necessidade. Irineu relatou que o filho do proprietário havia construído outro bar no lugar hoje ocupado pela Padaria

Canoa, na Rua Oriente. Posteriormente, foi alugado por portugueses que erigiram a atual panificadora.

O centro comercial do município ficava perto da linha do trem, local onde os estabelecimentos, com relativa rapidez, proliferavam e prosperavam, impulsionados pela procura dos residentes dos demais bairros que, com raras exceções, quase não possuíam comércio. O casal recorda que o primeiro mobiliário de sua casa foi adquirido junto às Casas Bahia.

*- Tinha algumas lojas "pregadas" ali na estação. As Casas Bahia eram lá embaixo. O primeiro móvel que eu comprei foi deles. E adivinha como chegou aqui? Foi de carroça (...) O Samuel (Samuel Klein, dono das Casas Bahia) não tinha caminhão ainda (...) Ele tinha uma loja de móveis e, ao lado, sua mulher possuía uma lojinha de roupas. A gente comprava com uma caderneta e podia dar de entrada o quanto quisesse (...) O restante era parcelado. Naquele tempo, as pessoas confiavam umas nas outras (...) Ele vendia móveis usados e alguns novos, mas a maioria era usado.*

**TRABALHO** - Irineu relata que exercia a profissão de pedreiro, trabalhando, inicialmente, no Município de São Paulo e assim contribuindo para o desenvolvimento da região central da capital. *Eu era pedreiro. Trabalhei durante mais de nove anos na obra de um prédio próximo ao Teatro Municipal. Depois fui contratado pela General Motors, onde fiquei por nove anos e meio. Aí, eu já era pedreiro de manutenção. Passei posteriormente para a Philips, que ficava na Capoa. Era especializado em refratários para fornos (...) E lá me aposentei.*

Salienta que, na época em que trabalhou na capital, costumava pegar um ônibus até o centro de São Caetano. Isso feito, tomava o trem com destino a São Paulo. Quando indagado a respeito do porquê de não utilizar a Estação de Utinga, que ficava próxima, afirmou que o caminho escondia perigos. *Eu não usava a estação de Utinga para ir trabalhar porque era mais perigoso (...) Tinha assaltante (...) E eu saía às cinco da manhã. Já mataram gente lá (...) Naquela época era muito perigoso.*

**URBANIZAÇÃO** - A primeira administração de São Caetano do Sul, tendo como prefeito Ângelo Raphael Pellegrino, teve seu término no ano de 1953. Seguiu-se o governo de Campanella que, não obstante o empenho despendido pela administração anterior em construir uma cidade alicerçada em bases sólidas, procurou atender aos anseios e necessidades básicas da população, dando ênfase à resolução de problemas latentes e imediatos que obstavam a elevação do padrão de vida - até então extremamente baixo - em determinados bairros que ainda não dispunham de energia elétrica e saneamento básico.

O Bairro Barcelona destacava-se entre os demais pelo estado de

penúria por que seus moradores passavam, em razão da falta de investimentos naquela localidade. Ocorre que, muito embora o desenvolvimento fosse real e latente nas regiões centrais da cidade, os bairros periféricos encontravam-se em visível estado de miséria. Vila Gerti, Vila São José, entre outras localidades, enfrentavam obstáculos semelhantes. De fato, um dos mais graves problemas do município era o da água, anteriormente amenizado por meio de entendimentos com o Estado e municípios vizinhos para captação do líquido da adutora de Rio Claro e, na seqüência, com a exploração da represa Billings.

Irineu ressalta que a efetiva urbanização de seu bairro deu-se na administração do prefeito Campanella. *A coisa melhorou no tempo do Campanella. Ele logo colocou calçamento, guia, mandou o trator aplinar todo o bairro (...) Aí foi quando começou a passar ônibus em frente de casa. Depois de mais um ou dois anos, ele mandou colocar paralelepípedos na rua. Aí é que melhorou muito (...) Foi lá por volta de 1955.*

O comércio local, incentivado pelas melhorias realizadas na região, rapidamente começou a tomar forma no bairro. O casal Zia, auxiliado pela filha Deonice, explicou as mudanças da época.

*- O comércio começou a ampliar na época em que o Júlio - proprietário do Bar do Júlio - comprou aquela esquina e construiu um bar. Ele vendia pão para nós. Trazia do centro de São Caetano e vendia (...) Aí uns portugueses alugaram dele, reformaram e fizeram a padaria. Aí veio uma farmácia que era aqui na esquina (...) E aí foi aumentando, foi ampliando cada vez mais (...) Construíram a Escola 28 de Julho por volta de 1952 ou 53. Contudo, no início ela era pequena. Na época de sua construção, veio um caminhão e começou a retirar toda a terra e descarregar lá em Utinga. Os tijolos chegavam e eram empilhados (...) E aqui, onde hoje é a Igreja dos Ucrânicos, era um barranco alto com muito mato. Eles tiraram a terra para poder construir o templo.*

**ENTRETENIMENTO** - Um dos poucos divertimentos que a família tinha, naquele tempo, principalmente os filhos Deonise e Ademir Carlos, era ir ao Cine Planalto, propriedade da família Ricci.

Deonise relembrou o tempo de infância quando, juntamente com o irmão mais velho, Ademir Carlos, ia às sessões de cinema. *Era o Cinema Planalto (...) Meu irmão me levou pela primeira vez porque ele é mais velho. Nós fomos assistir a um filme de bang-bang (...) Aí, quando o artista apontou o revólver, ele virou para a tela dando a impressão de que estava mirando em nós. Meu irmão gritou: "Abaixa que ele vai atirar!". E então, depois que ele desferiu o tiro, eu disse: "Puxa! Ainda bem que ele não nos acertou!". Eu era tão inocente que achei que fosse pegar na gente.*

*Tinha aproximadamente seis anos de idade. Na ocasião, nós fomos sozinhos (...) Nosso maior orgulho era quando podíamos sair a sós, sem nossos pais. O cinema que freqüentávamos era esse. Já tinha o Cine Vitória no centro de São Caetano, só que nessa idade nós não íamos. Somente começamos a ir quando eu já tinha uns 15 anos.*

Outra aventura à qual Deonice lançava-se para preencher o tempo livre, sempre na presença do irmão, era a caçada de rãs. Como divertimento mais simplório, gostava de tomar sorvete no Bar do Júlio. *Nós caçávamos rãs aí embaixo (...) Também vivíamos indo tomar sorvete de palito no Bar do Júlio.*

Já o casal, muito embora não raras vezes freqüentasse o cinema, preferia ir às casas dos parentes nos passeios dominicais. Atualmente, estão gozando a aposentadoria e desfrutando da companhia dos netos Monalisa Zia Dias do Nascimento e Diego Zia Dias do Nascimento, fruto da união de sua filha Deonice com João Dias do Nascimento Filho. Com relação ao primogênito, Ademir Carlos Zia, saudosamente contam que está residindo nos Estados Unidos da América já há cerca de 30 anos, onde, a exemplo da irmã, se casou.

*André Luiz Gomes de Jesus*

*EE Profa. Maria da Conceição  
Moura Branco  
- Rua Tapajós, 1085*

## Bairro Olímpico



Com mais de 22 quilômetros de ruas curvas, em razão das irregularidades do terreno, o Bairro Olímpico limita-se com o Santa Maria e o Barcelona pelas alamedas São Caetano e Conde de Porto Alegre. A Rua São Paulo é o seu limite com o Bairro Santa Paula e a Rua Sílvia com o Bairro Boa Vista. As fronteiras com o Bairro Oswaldo Cruz são a Avenida Vital Brasil e uma linha imaginária entre a Rua Ingá e a Avenida Paraíso.

O Bairro Olímpico é um dos maiores da cidade em extensão territorial e compõe-se de uma parte alta e de um fundo de vale, cortado pelo Córrego do Moinho, onde hoje é a Avenida Presidente Kennedy.

A urbanização da localidade começou por volta de 1950. Nessa época, era chamada de Monte Alegre Novo. Por influência do famoso livro de Emily Bronte e em virtude dos fortes ventos, Morro dos Ventos Uivantes era o nome do descampado onde se construiu o Estádio Municipal Anacleto Campanella, em 1954. O complexo esportivo acabou tendo influência na mudança de nome do bairro que, primeiramente chamado de Vila Olímpica, em 1968 recebeu a

*EE Eda Mantoanelli - 1968*



*Hospital Infantil  
Márcia Braido - 1968*



*EE Profa. Yolanda Ascencio - 1968*



*Paróquia de São Bento  
- Avenida Paraíso*



*Vista atual do estádio Municipal  
Anacleto Campanella no Conjunto  
Poli-esportivo Lauro Gomes*



*Monumento aos futebolistas junto ao  
estádio Anacleto Campanella*



*Monumento aos esportistas na  
Avenida Tijucussu em frente à EE  
Profa. Yolanda Ascencio*



denominação atual (o que se justifica, uma vez que grande parte das obras e equipamentos esportivos da cidade se encontra na região).

Antes de 1950, existiam ali três loteamentos: Vila Ressaca, Vila Camila e Vila Monte Alegre. A Vila Ressaca, que se estendia parcialmente pelo Bairro Barcelona, foi aberta por José e Jorge Kuprich. A Vila Camila era propriedade de Adolpho Thiele e a Monte Alegre pertencia a José Ganger, Gisela Heinsfurter e Stefan Gutman.

Na antiga chácara do Dr. Souza Voto - uma reserva ecológica existente entre a Alameda Conde de Porto Alegre e a Avenida Presidente Kennedy - funcionava um clube de elite que se dedicava à prática do tiro ao alvo. Nos anos 60, a área foi desapropriada e ali foram instalados uma escola estadual (EE Eda Mantoanelli), um teatro (Teatro Paulo Machado de Carvalho), uma praça, uma escola para deficientes (Fundação Municipal Anne Sullivan), a antiga sede da APAE e um parque para a recreação infantil (Cidade das Crianças). Em 1965, a parte mais elevada da área, próxima ao estádio, entrou em fase de expansão e urbanização, processo que se estendeu até os dias de hoje.

- |  |   |
|--|---|
| <ul style="list-style-type: none"> <li>1 - ACASCS</li> <li>2 - ABREV Barcelona</li> <li>3 - Cidade da Criança</li> <li>4 - Teatro Municipal Paulo Machado de Carvalho</li> <li>5 - Escola de Educação Especial Anne Sullivan</li> <li>6 - EE Eda Mantoanelli</li> <li>7 - EE Rosalvito Cobra</li> <li>8 - SERC Santa Maria</li> <li>9 - Escola de Línguas Paulo Sérgio Fiorotti</li> <li>10 - EMEI Fernando Piva</li> <li>11 - EE Anacleto Campanella</li> <li>12 - Hospital e Maternidade de Vila Gerti</li> <li>13 - Igreja Batista em Vila Gerti</li> </ul> | <ul style="list-style-type: none"> <li>14 - EMI Antônia Capovilla Tortorello</li> <li>15 - EE Yolanda Ascencio</li> <li>16 - EMEI José Corona</li> <li>17 - Hospital Infantil Márcia Braidó</li> <li>18 - Hospital Municipal</li> <li>19 - CRE Gonzaga</li> <li>20 - Ginásio Milton Feijão</li> <li>21 - Estádio Municipal Anacleto Campanella</li> <li>22 - Casa da Amizade</li> <li>23 - EE Profa. Maria da Conceição Moura Branco</li> <li>24 - Igreja São Bento</li> <li>25 - Colégio Ateneu I</li> <li>26 - Sociedade Amigos do Bairro Nova Gerte</li> </ul> |
|--|---|





Foto: Fundação Pró-Memória

*Homenagem aos moradores do Bairro Olímpico,  
realizada no dia 22 de Setembro de 2001, na  
EE Profa. Yolanda Ascencio, Av. Tijucussu, 800*

*Ambrósio Medeiros  
Antônio Contani  
Antônio Cuerva  
Benedita Villas Boas de Souza  
Emma Crescenzi Vanzo  
Franco Biondi  
Hermenegildo Toledo Menille  
Hugo Varani  
Innocente Sartori  
Izaura Dorázio Sartori  
José Bortoletto  
Julieta Morgan Brandão*

*Juvenal de Souza  
Lúcia Camata Cassim  
Luzia Magalhães de Oliveira  
Maria A. Orestes Marana  
Maria Alarcon Galera  
Olga Valverde  
Pedro Galera  
Rosa Toledo  
Scintila Vanzo Gigech  
Victalina Sartori*

# Um dia esse local vai ficar bom

(depoimento de Antônio Cuerva)

Rua Ribeirão Preto na década de 70



Foto: Família Cuerva

O amor de Antônio Cuerva pela cidade de São Caetano vem desde o começo dos anos 50. Nascido em nove de Junho de 1922, no Município de Guariba, na região de Matão, viveu sua juventude no sítio da família, em Barrinha, perto de Ribeirão Preto. Quando tinha 23 anos, sua mãe faleceu e achou que era hora de se mudar. Foi para a pensão da irmã, no Brás. Ali permaneceu quatro anos e, em 1950, se mudou para o Ipiranga, tempo em que não saía da Rua Manoel Coelho, na casa dos Gonçalves, seus amigos do interior. Foi assim que conheceu sua futura cidade, São Caetano do Sul.

*Desde o primeiro dia que vim para São Caetano já sabia que essa cidade tinha futuro. E pus na idéia: vou comprar um terreno e construir ali minha casa. No Ipiranga conheci minha esposa, Mafalda. Nós trabalhávamos na mesma fábrica. O casamento aconteceu em 1952, mas só em 1958 é que consegui comprar o terreno na Rua Ribeirão Preto, 727, no Bairro Olímpico. Já a casinha demorei dois anos para construir. Em 1960 entrei na casa com minha esposa e minha filha de oito anos. Lá nasceu minha segunda filha.*

**DIFICULDADE** - Antônio Cuerva tem hoje 80 anos e gosta de

*Antônio e Mafalda, recém-casados*



Foto: Família Cuerva

*Antônio no tempo em que era jovem*



Foto: Família Cuerva

fazer brincadeiras sobre a sua juventude: *Naquele tempo eu era bonitinho. Tinha até cabelo. Hoje eu corro até da carrocinha para ela não me pegar.* Sobre as dificuldades, disse: *Ao comprar o terreno, no meio do mato, tinha certeza que estava fazendo um bom negócio. Eu dizia para os meus amigos: "Um dia esse local vai ficar bom e aí vocês vão ver".* Ele estava certo, mas se recorda que sofreu muito. Lembra que onde hoje está, na Avenida Tijucussu, tudo era um brejo só e, pior ainda, tinha enormes buracos com três, cinco metros e muitas minas de água que formavam grandes lagos. *Onde hoje tem a escola Yolanda Ascêncio tinha tanta água que eu ia lá buscar para fazer a minha construção. Eu paguei para o pedreiro erguer as paredes e cobrir, mas todo o resto fui eu que fiz.*

No final da década de 50, o antigo Bairro Olímpico só tinha o estádio de futebol da AA São Bento, o resto era tudo mato. Os amigos e familiares de Antônio ficavam perguntando se ele teria coragem de morar ali. Hoje tudo mudou: essas mesmas pessoas dão os parabéns para Antônio e lamentam não terem comprado também.

**TECELAGEM** - Apesar de existirem na época grandes empresas de tecelagem em São Caetano, Antônio nunca conseguiu trabalhar na cidade. Profissional com larga experiência no campo de tinturaria e de acabamento de tecidos, começou na Têxtil Criarco da Avenida Presidente Wilson, depois foi para a Lanifício Guarani, na Mooca, e se aposentou, com 57 anos, na Indústria Vanini, no Ipiranga.

Nunca recebeu grande salário, mas, com economia, conseguiu juntar o bastante para si. *Eu não tinha medo de trabalhar. Hoje, feliz dos*

*A esposa Mafalda e a filha Nena na varanda da casa, década de 70*



Foto: Família Cuerva

*Antonio Cuerva no dia da homenagem*

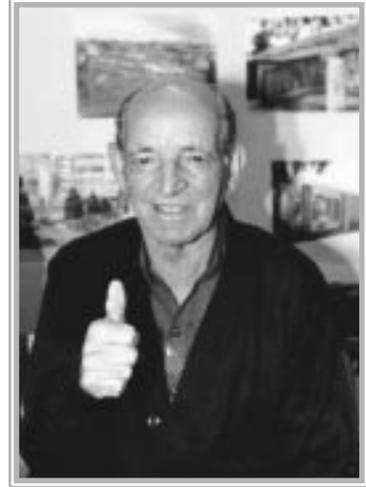


Foto: Fundação Pró-Memória

*empregados que estão conseguindo trabalhar as horas normais (...) Mas naquele tempo a gente podia fazer muitas horas extras e foi com elas que consegui comprar o terreno e construir minha casa. Eu chegava a dobrar o tempo e ficava 36 horas dentro da empresa. Dificilmente tinha um sábado ou um domingo livre, mas não me arrependo. Hoje tenho tranqüilidade. Moro no que é meu, não pago aluguel. É um terreno com 341 m<sup>2</sup>, com muita área livre onde posso plantar minhas verduras.*

**PANINHO** - Antônio sorri do que já teve que passar. *As linhas de ônibus ou terminavam próximo da escola Sílvio Romero ou no começo da Visconde de Inhaúma. Com isso a gente tinha que andar várias ruas no meio do barro. É por isso que quando eu e minha mulher saíamos de casa para ir trabalhar, levávamos um paninho e um pedaço de pau que era para tirar o barro e limpar os sapatos. Naquele tempo, a Rua Amazonas era só um trilho pequeno de pedregulhos. Quando um ônibus se encontrava com outro, um tinha que sair e entrar no meio do mato para dar espaço.*

Mas Antônio também fala do desenvolvimento: *Logo depois que construí a casa veio a rede de água. Em seguida, colocaram as guias e as ruas ganharam cascalho. Claro que, quando comecei a construir, só tinha as casas do sr. José, do sr. Jarbas e do sr. Caetano, o resto era só terreno vazio. Para a gente fazer compra também era difícil. Tinha uma feira que acontecia aos sábados, no final da Rua Visconde de Inhaúma, e um mercadinho perto do Estádio, mas a gente fazia as compras na vendinha*

*do Joaquin, sem saber que anos depois ela viria a ser o grande império que é hoje.*

Foi só a partir de 1979 que Antônio conseguiu achar tempo para o seu lazer. Com a aposentadoria, descobriu o prazer de pescar e agora não pára mais. Vira e mexe está com sua vara na beira de um rio. *Quando a gente tinha um domingo livre ia ajudar algum parente ou algum amigo a construir sua casa. Isso era muito comum naquele início da criação do Bairro Olímpico*, finaliza Antônio.

*Humberto domingos Pastore*

## Anos difíceis

(depoimento de Julieta Morgan Brandão)

Julieta M. Brandão  
no dia da homenagem



Foto: Fundação Pró-Memória

Julieta Morgan Brandão, filha de Antônio Morgan e Ana Fornazier (descendentes de imigrantes italianos), nasceu na cidade de Cachoeiro de Itapemirim, Espírito Santo, no dia 13 de Fevereiro de 1932.

O casal Morgan teve 11 filhos. Toda a família trabalhava na roça para sobreviver. Quando Julieta, nossa entrevistada, tinha apenas sete anos, sua mãe faleceu e o pai perdeu a perna num acidente. A vida tornou-se ainda mais difícil.

Com 28 anos de idade, Julieta e sua irmã vieram para São Caetano e se instalaram provisoriamente em casa de parentes, no Bairro Barcelona. Uma vez em São Caetano, Julieta, que não tivera oportunidade de estudar, trabalhou, durante três anos, na Antártica. Durante esse tempo, conheceu Antônio Pinto Brandão, com quem se casou no dia seis de Maio de 1961. O casal teve dois filhos: João Carlos (engenheiro em computação - solteiro) e Heli (secretária - casada).

Após o casamento, D. Julieta passou a trabalhar em casa, como costureira. Seu marido é mecânico em manutenção de máquinas. Ele trabalhou, segundo ela, 30 anos na Alcan e 14 anos na Armico. Embora aposentado, continua trabalhando.

# Quarenta anos de trabalho na Indústria

(depoimento de José Bortoletto)

*José Bortoletto  
no dia da homenagem*



Foto: Fundação Pró-Memória

José Bortoletto nasceu em São Caetano, no dia sete de Outubro de 1938. Seus pais, Amadeu Bortoletto e Ana Zamai, imigrantes italianos da cidade de Treviso, vieram para o Brasil, em 1903, conhecendo-se no navio. Chegando ao Brasil, foram encaminhados a uma fazenda em Ribeirão Preto - SP, onde permaneceram durante oito anos. Ana trabalhava na roça e Amadeu era capataz da fazenda. Em 1911, casaram-se e vieram para São Caetano, onde tiveram sete filhos: Ana Catarina, Valdemar, Vanda, Vailante, Valter, José (nosso entrevistado) e Valdir. Segundo nosso entrevistado, o sr. Amadeu Bortoletto trabalhou nas Indústrias Reunidas Francisco Matarazzo S/A durante 50 anos.

José Bortoletto fez o primário no Grupo Escolar Senador Fláquer e o ginásio no Colégio Estadual Coronel Bonifácio de Carvalho. Como todos os irmãos, começou a trabalhar nas Indústria Reunidas Francisco Matarazzo S/A com 14 anos de idade. Trabalhou, em seguida, durante quatro anos, na Fábrica de Bebidas Dunga. Aposentou-se pela Basf-SA, após 32 anos de trabalho na empresa, sempre na área de suprimentos.

Muito religioso, José Bortoletto conheceu a esposa, Julieta David, na Paróquia Sagrada Família, em 1954. Em 18 de Setembro de 1960, casaram-

se. Tiveram dois filhos: Fernando Jorge (casado - formado em Tecnologia) e Fred (solteiro - estudante de Matemática, com ênfase em Informática).

O sr. José Bortoletto, viúvo desde 1991, dedica-se inteiramente aos filhos e alegrou-se com a chegada, há cinco meses, da netinha Geórgia Camille. Nosso entrevistado declara, ainda, ter participado intensamente das campanhas para a construção da Paróquia São Bento. Além disso, sempre fez parte do movimento mariano (Congregação Mariana).

*Yolanda Ascencio*

# Uma grata surpresa na cidade

(depoimento de Maria A. Orestes Marana )

Maria A. Orestes Marana  
no dia da homenagem



Foto: Fundação Pró-Memória

Francisco Agua, imigrante espanhol, chegou ao Brasil com 23 anos de idade, instalando-se na cidade de São José do Rio Pardo - SP, onde trabalhou como lavrador. Viúvo, com seis filhos, conheceu Angelina Orestes Mantovani, solteira, com quem se casou, indo morar, com a família, no vilarejo de Corredeira, próximo à cidade de Garça - SP. Nesse lugarejo, nasceram os quatro filhos do casal: Orestina, Maria (nossa entrevistada), Madalena e Álvaro.

As crianças foram crescendo e o sr. Francisco resolveu deixar o vilarejo, mudando-se para Garça, pois os filhos menores precisavam estudar. Em Garça, o sr. Francisco construiu uma casa de oito cômodos para alojar os dez filhos e continuou a trabalhar, plantando e criando porcos.

Maria Agua Orestes Marana nasceu em Corredeira, vilarejo próximo de Garça, São Paulo, no dia três de Julho de 1929. Fez o primário no Grupo Escolar de Garça e declara que sua infância foi muito boa e feliz até os nove anos de idade. Segundo nos conta D. Maria, numa tarde, o sr. Francisco, seu pai, voltou da roça ardendo em febre. Foi tratado com os precários recursos do local, mas acabou falecendo no dia 17 de Agosto de 1938.

Foi, então, que a situação da família ficou muito difícil. Além da seca,

venderam os porcos para pagar as dívidas. Como se não bastasse, os três irmãos de Maria contraíram febre amarela e ficaram doentes por muito tempo. Só Maria tinha saúde e podia ajudar a mãe. Por isso, começou a trabalhar, como empregada doméstica, com apenas nove anos de idade. Nas horas vagas, os enteados de D. Angelina obrigavam a menina a vender bananas nas casas, sob ameaça de chicote.

Com 12 anos de idade, Maria foi trabalhar numa fiiação. Nos fins de semana, os filhos do primeiro casamento do pai obrigavam-na a trabalhar na feira. Muito jovem ainda, Maria conheceu Eduardo Marana, natural de Duartina - SP, filho de Francisco Marana e Amábile Rondina (descendentes de italianos), com quem se casou. Ainda em Garça, nasceu a primeira filha do casal: Maribel Aparecida Marana.

Com a filha pequena, Eduardo e Maria foram morar em Duartina, na casa do sr. Francisco Marana. O sogro de Maria tinha uma ferraria, onde Eduardo passou a trabalhar. Em Duartina, a vida da jovem Maria foi ainda mais dura e difícil. Além de cuidar das crianças, pois nasceu mais uma filha, Maara Martinha, cozinhava, lavava e passava para quatro homens: marido, sogro, cunhado e empregado. Fazia sabão em casa, torrava café e rachava lenha.

Segundo nossa entrevistada, D. Maria, o sogro exigia muito trabalho de ambos, mas não lhes dava dinheiro algum. Mais experientes, Eduardo e Maria resolveram deixar Duartina. Moraram, durante alguns anos, em Santo André - SP e, finalmente, vieram para São Caetano, onde nasceu a terceira filha, Sônia Maria.

Em São Caetano, D. Maria trabalhou na General Motors do Brasil (a princípio, como ajudante, depois como encarregada de cozinha). Em seguida, abriu um bar e mercearia, no Mercado Barcelona, onde permaneceu durante 12 anos. Finalmente, até aposentar-se, montou um outro bar e mercearia no Bairro Olímpico, onde reside há mais de 40 anos.

O sr. Eduardo Marana, que faleceu em 1990, sempre trabalhou com calçados.

A mais grata surpresa da vida de D. Maria Agua Orestes Marana, segundo ela, foi o nascimento de seu filho Francisco, quando ela tinha 51 anos de idade. Atualmente, em sua casa, Rua Araçatuba, 26 - Bairro Olímpico, D. Maria vive tranqüila e feliz com seu jovem filho Francisco, acompanhando a vida de suas três filhas casadas - Maribel Aparecida (professora e pedagoga), Maara Martinha e Sônia Maria, filhas queridas que lhe deram cinco netos: Karina Andréia, Marina, Fernando Eduardo, Katerine Daniela e Amábile Mariana.

*Construção do Posto de  
Puericultura Nair Spina  
de Benedictis*



## **Bairro Oswaldo Cruz**

O Bairro Oswaldo Cruz representa a união dos antigos loteamentos abertos na parte alta de São Caetano: Monte Alegre, Gonzaga, Vila Santo Alberto e Vila Paraíso. Dos quatro, somente o Gonzaga foi absorvido por completo pelo atual Bairro Oswaldo Cruz. Mas é o Bairro Monte Alegre, um dos primeiros loteamentos abertos na parte alta, pelo italiano Francisco Canger e seu sócio alemão Samuel Heinsfurter, que identifica aquela comunidade. O nome Monte Alegre, como dizem, foi tomado emprestado do time de futebol do bairro, o Monte Alegre FC, o alviceleste da Rua Amazonas, fundado em 1917 e que se tornou a maior atração local.

Por volta de 1922, os espanhóis eram os que mais predominavam no bairro. Com isso, imprimiram no lugar o ritmo dos seus costumes e tradições. Exemplo disso é a Lamurga, espécie de cordão carnavalesco que, na década de 30, desfilava pelas ruas do Monte Alegre cantando e tocando. Famílias húngaras e de outras nacionalidades também se estabeleceram no bairro.

*EE Prof. Sylvio Romero - 1950*



*Fundação das Artes de  
São Caetano do Sul - 1968*



*Reservatório de Água - 1961*



*Pronto-Socorro Central  
- Av. Vital Brasil Filho*



*Alargamento da  
Avenida Visconde de Inhaúma,  
década de 70*



*Rua Oswaldo Cruz,  
início dos anos 50*



*Rua Visconde de Inhaúma,  
início dos anos 50*



Uma das referências do bairro era a padaria dos Relas, conhecida pelos vários tipos de pães. O primeiro armazém era propriedade da família Del Rey, de origem espanhola, que ficou famosa pelas lojas Irmãos Del Rey nos anos 40. O bairro também teve o cinema da família Lorenzini e um grupo cênico. Entretanto, realmente ficou famoso em razão da fonte de água potável de Pedro Mazzaferro, que vendia garrafas do líquido até mesmo em São Paulo. O negócio funcionou até os anos 40.

Um dos marcos significativos do bairro é a Paróquia Nossa Senhora de Candelária, construída próxima ao local onde ficava a cruz dos beneditinos, que assinalava os limites da Fazenda São Caetano. Em 1954, a igreja foi elevada a paróquia e hoje é referência religiosa para os moradores dos bairros vizinhos. Em 1949, a Sociedade Portuguesa de Beneficência instalou-se na região. Continua funcionando até hoje.

Para melhorar os serviços locais, foi criada a Sociedade Amigos do Monte Alegre, em 1952, considerada a segunda sociedade de bairro fundada em São Caetano e que existiu por mais de 20 anos. Muitas reivindicações foram alcançadas e hoje o bairro está consolidado e apresenta uma série de serviços comuns: escolas estaduais e municipais, sociedades filantrópicas, serviços de saúde, esportes, lazer e cultura.

- 1 - EMEI Emílio Carlos
- 2 - Sociedade Portuguesa Beneficente
- 3 - Pronto-Socorro Central
- 4 - EE Prof. Sylvio Romero
- 5 - EMEI Abelardo Galdino Pinto
- 6 - Sociedade Esportiva Alvi-Celeste
- 7 - Faculdade Paulista de Serviço Social
- 8 - Fundação das Artes de São Caetano do Sul
- 9 - Circolo Italiano
- 10 - Patrulheiros Mirins
- 11 - Centro de Formação Profa. Elvira P. Braidó
- 12 - Creche Oswaldo Cruz
- 13 - EE Oswaldo Samuel Massei
- 14 - Igreja Nossa Senhora de Candelária
- 15 - USB Nair Spina Benedictis
- 16 - Igreja Metodista do Brasil
- 17 - Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias
- 18 - Liceu Di Thiene e PE Papo de Anjo
- 19 - Colégio Eduardo Gomes I
- 20 - SBEROC





Foto: Fundação Pró-Memória

*Homenagem aos moradores do Bairro Oswaldo Cruz,  
realizada no dia 20 de Outubro de 2001, na  
EE Oswaldo Samuel Massei, Rua Giovani Peruchi, 190*

*Antônia Delpino dos Santos  
Antônia Rogatto Moretto  
Antônio Moretto  
Assunta Marcossi Gutierrez  
Catharina Carmona Luvizotto  
Helena De Nardi Martim  
Iracema Souza Vaiano  
Irma Dalmaso Ceolim  
Izabel C. Picone  
José Ramos Vitorino  
Josephina Cigana Zorzin*

*Miguel Picone  
Neide Trego Ramos  
Orlando Cerigioli  
Orlando Chechetto  
Rosalba Cerigioli Dantas  
Shirley Anelly Chechetto  
Sônia Maria Rufato Scucuglia  
Tereza Luvizotto Colaia  
Tereza Mendes de Oliveira  
Yvone Bavaresco Kazama*

# ***De alfaiate a apresentador de programas de auditório em rádios do ABC e São Paulo***

*(depoimento de Antônio Moretto)*

Nascido no município que antigamente se chamava Posses de Ressaca e hoje tem o nome de Santo Antônio de Posse, Antônio Moretto veio para São Caetano do Sul em 1947, quando tinha 12 anos. *Tirei diploma lá e depois vim pra cá. São em sete irmãos, sendo cinco homens e duas mulheres. O pai chegou na cidade antes da família, vindo do interior com o irmão. Ele é pedreiro e tinha uma irmã dele que morava aqui, falecida. Veio pra casa dela trabalhar ficando um ano e pouco. Bem na frente onde meu pai comprou o terreno era uma fazenda, tudo mato (...) Não tinha nada. Foi uma decepção (...) Que sofrimento.*

Na época, a General Motors fornecia madeira para a população. As peças para a fabricação dos automóveis chegavam em São Caetano do Sul por meio de grandes engradados e a população construía casas com elas. *Era dividido uma tábua na outra (...) Uma brecha assim (...) Quer dizer, quando tinha lua se via a claridade dentro de casa. Tinha de deixar a casa cercada, pois havia tudo quanto é tipo de animal: cavalo, vaca, porco, galinha. Foi uma dificuldade muito grande na época. Não tinha água. Ia buscar lá embaixo na Cerâmica. Minha mãe ia lavar roupa depois da Oswaldo Cruz. Ia buscar com aqueles tambores de 200 litros. Vila Gerty era uma fazenda onde hoje tem a Ben-Hur (padaria) (...) Era uma fazenda de espanhóis.*

O pai, além de pedreiro, era carpinteiro, eletricitista, marceneiro e encanador. A casa onde morava existe até hoje e foi construída com barro em 1951. Depois da abertura do poço, a vida ficou mais fácil. *No tempo da chuva o poço transbordava.*

Antônio Moretto trabalhava com carvão o dia inteiro. *Tinha que alimentar o fogo com carvão, não podia parar.* A empresa fabricava ferradura para animais e um dos trabalhos de Moretto, além de alimentar o fogo,

*Da esquerda para a direita: Maurílio (à frente), João, Antônio Moretto, Maria Luíza, a cunhada Rosa e a filha, e Maria Helena*



Foto: Antônio Moretto

*Domingos Moretto,  
pai de Antônio Moretto*



Foto: Antônio Moretto

era a colocação dos acessórios nos animais. Depois começou a aprender os segredos da alfaiataria. *Sou registrado, em carteira, como alfaiate. Fim de ano, dois, três meses antes o pessoal encomendava roupas para o Natal. Trabalhava dia e noite. Fazia roupa para os funcionários do INPS (hoje INSS). Quantos anos perdidos (...) Trabalhei numa firma em São Paulo que fazia peças para navios, aviões e carros. Seguindo sua paixão no ramo de vestuário, Antônio Moretto trabalhou nas Lojas Renner, mas não ficou por muito tempo. Na década de 80, foi porteiro em um edifício no Bairro Santa Paula, onde conheceu o dono da concessionária FIAT Pirâmide. O empresário Gabriel confiava muito na conduta de Moretto. Mas, como uma nova síndica assumiu, Antônio foi demitido. Gabriel, entretanto, convidou Moretto para trabalhar em sua concessionária em São Bernardo do Campo, por onde ficou de 1989 até 1997.*

Também trabalhou num armazém que era do seu pai na Rua Aparecida. Construíram um salão perto da Avenida Presidente Kennedy. Lá vendiam de tudo. Os leites chegavam em vidros e azedavam com facilidade. A abertura de outros supermercados como o Joanim e a doença do pai atrapalharam o andamento do negócio.

Há quatro anos Antônio Moretto luta para se aposentar. Destaca, ainda, que o crescimento do Bairro Oswaldo Cruz e de São Caetano do Sul intensificou-se nos últimos 20 anos. *Foi crescendo, pavimentando, fazendo prédio, construindo, evoluindo a cidade.*

Analisa, ainda, as dificuldades que a cidade sofreu ao longo dos

*O primo Gabriel, o irmão João e as irmãs Maria Luíza e Maria Helena no quintal da casa de Antônio Moretto*



*Foto: Antônio Moretto*

*Residência de Antônio Moretto no bairro Oswaldo Cruz*



*Foto: Antônio Moretto*

anos. Nas enchentes que assolavam o Bairro da Fundação, a água chegava até a Rua Heloísa Pamplona. Antônio Moretto conheceu o empresário Samuel Klein, hoje dono da maior rede varejista do Brasil: as Casas Bahia. *Vendia roupa na rua. Pegava uma carriola e saía. Foi crescendo e comprou um carro Chevrolet.* Antônio Moretto disse que o empresário Samuel Klein por diversas vezes perdeu suas mercadorias devido às constantes enchentes na época das chuvas.

Lembra-se também de que o prefeito Oswaldo Massei e os vereadores faziam as reuniões políticas em sua casa, uma vez que ele era um dos únicos moradores de São Caetano do Sul com telefone. Não tinha rádio na época. A cidade dispunha de um serviço de alto-falantes, chamado Cruzeiro do Sul, do qual o morador do Oswaldo Cruz foi o primeiro locutor. O slogan era *O mais alto padrão publicitário da cidade.* Depois surgiu a Rádio Cacique, da qual Moretto foi o primeiro locutor. *Meu nome artístico é Fedegoso, diz.* Trabalhou ainda na Rádio Clube de Santo André, Rádio ABC, Rádio São Paulo em novelas. *Na Rádio América de São Paulo fazia um programa chamado Avião do Bate-Papo. Era tudo ao vivo. Trabalhei com o Mazzaroppi em teatros de São Caetano.*

Os programas que fazia na Rádio ABC (em 1970 e início da década de 80) e Rádio Clube marcaram muito a vida de Moretto. Na época, todas as rádios tinham auditório. *O pessoal tinha receio de ligar o rádio. Hoje mudou, expandiu. Eu viajava com dupla sertaneja, disse.*

Antônio Moretto saiu candidato para vereador na época do regime militar. *Eram dois partidos: Arena e MDB. Saí candidato e não deu tempo de registrar como Fedegoso (o apelido de Moretto). Fui eleito suplente. Tinha conhecimento (...) Na Câmara é discutida muita coisa.*

A assistência médica era precária. Tinha apenas um pronto-socorro. *A gente chamava o médico e ele fazia a consulta em casa, diz Antônio Moretto. A cidade tinha apenas uma farmácia e o farmacêutico vinha aplicar as injeções em domicílio se necessário.*

Não havia transporte coletivo em São Caetano do Sul. *Tinha um ônibus e não tinha nenhum ponto de parada (...) Relembra com bom humor o dia em que caiu do ônibus, por causa da superlotação, sobre um monte de areia. Voltei pra casa todo lambuzado de areia, sorri.*

Quanto à religião, Moretto foi coroinha quando morava ainda no interior. Passou a freqüentar a Igreja Nossa Senhora de Candelária, no Bairro Oswaldo Cruz. Moretto, com dois amigos, escreveu uma peça chamada *O Casamento de Sinhazinha. Cantava no coral da igreja. À noite, aos sábados e domingos, a gente estava apresentando peça. Tinha uns 25 anos. Abandonei tudo e fiquei muitos anos sem ir à igreja. Achei que não seria certo confessar para um padre (...) Quem é ele para dar recado? Desisti de ser católico. Já faz mais de 25 anos que sou batista.*

A Igreja Nossa Senhora de Candelária, construída próxima ao local onde ficava a Cruz dos Beneditinos, que assinalava os limites da Fazenda São Caetano, é um dos pontos mais importantes da memória do bairro. Em 1954, a igreja foi elevada à paróquia e hoje é uma referência religiosa para os moradores dos bairros vizinhos. Em 1949, o bairro recebeu a Sociedade Portuguesa de Beneficência, existente até hoje. Atualmente, a instituição médica está na pior crise financeira da história com uma dívida de quase 12 milhões de reais.

Fatos interessantes ocorreram quando Moretto trabalhava nas rádios. A famosa dupla sertaneja João Mineiro e Marciano participava com certa freqüência dos programas apresentados pelo morador do Oswaldo Cruz. *As duplas sofriram muito pra ter sucesso. Está aqui gravado (...) O João Mineiro muitas vezes me pediu dinheiro pra voltar pra casa. Ele, o João Mineiro, ainda mora em São Caetano do Sul.*

**TERRITÓRIO** - Ocupado pelos espanhóis, o desenho do bairro começa nas Rua São Paulo, no trecho entre a Rua Amazonas e a Avenida Vital Brasil Filho. No outro extremo, junto ao Bairro Nova Gerte, tem como limites as ruas Sílvia, Visconde de Inhaúma, Porto Calvo e o Córrego Tingá.

Atualmente, Antônio Moretto mora com a mãe de 90 anos. O pai

Antônio Moretto  
no dia da homenagem



Foto: Fundação Pró-Memória

sempre esteve doente, desde a época em que chegou em São Caetano do Sul, e faleceu logo. *Nós lutamos bastante (...) Muitas dificuldades (...) Quando tinha feira meu irmão e eu íamos para ajudar os feirantes montar e desmontar as barracas. O que sobrava, as bananas, alface e mantimentos, (...) eles separavam pra gente (...) Foi um sofrimento.* A cidade onde morava tinha energia elétrica e paralelepípedo. Quando chegou em São Caetano, o munícipe encontrou apenas mato e as dificuldades de se viver na escuridão. *Não tinha luz, nem rua ... pôxa (...) Tudo terra, só mato. A rua era a trilha das carroças e dos cavalos, relembra.*

Fernando Scarmelloti



# **Professor mostra seu encanto pela cidade**

*(depoimento de José Ramos Vitorino)*

*Desde pequeno eu gostava de estudar e queria também fazer faculdade (...) Quando cheguei aqui em São Caetano do Sul para concretizar meu sonho, descobri que havia um tio meu, bem velhinho, que morava no centro. Era faxineiro da Prefeitura (...) Ele morava num barraco entre as ruas Manoel Coelho e Santa Catarina e, dessa forma, passei a morar lá (...) Escolhi um lugar para tentar a vida e, por sorte, acabei descobrindo que existia um Ramos na cidade. Era o irmão do meu pai. José Ramos Vitorino acabara de chegar ao município, onde encontraria muitas dificuldades em razão da falta da família e dos amigos.*

*Nascido em 1934, na cidade de Presidente Wenceslau, no interior do Estado de São Paulo, Ramos - como é conhecido - foi o primeiro filho do casal Melquíades Ramos e Maria Vitorino. Depois, vieram Maria José e Terezinha Ramos Vitorino. Meu pai era alagoano e minha mãe cearense (...) Quando meus pais se uniram, em Juazeiro do Ceará, o casamento foi realizado pelo padre Cícero (...) Foi ele quem deu a licença para se casarem.*

*Na infância, Ramos ajudava o pai trabalhando na roça. Nessa época tinha apenas sete anos. Nunca passamos dificuldades (...) Naquele tempo a gente não tinha as perspectivas que uma criança possui hoje (...) A gente era feliz. Trabalhava, mas divertia-se (...) Tomava banho nos rios, fazia carrinhos para descer as ladeiras e jogava malha (...) Brincava sempre que possível.*

*Três anos mais tarde, a família deixou o estado e se deslocou para o Ceará. Conta que durante dois anos permaneceu fazendo a quinta e a sétima séries no Colégio Salesiano Sagrado Coração, em Recife. Após esse período, se fixaram em Juazeiro, onde Ramos terminou o ginásio. Terminei a oitava série e fiz o segundo grau em uma escola técnica de comércio (...) Logo depois, fiz o tiro de guerra (...) Nesse período, comecei a lecionar*

*José Ramos Vitorino, ano de 1950*



*Foto: José Ramos Vitorino*

*José Ramos Vitorino e a esposa  
Neide Trigo Ramos,  
em 20 de Outubro de 1957*



*Foto: José Ramos Vitorino*

*com aulas complementares (...) Ensinava Matemática, Português, História, Desenho Geométrico e Geografia (...) Fiz também dois anos fortíssimos no internato em Recife (...) Aprendia Latim, Grego e Francês (...) A base do meu conhecimento saiu toda dessa estrutura (...) Quando vou até lá tenho notícias dos meus ex-alunos (...) Eu tinha muita facilidade para conversa. Tinha bastante base e acabei fundando o Centro dos Estudantes da cidade (...) Esse centro tem sede própria e existe até hoje. Isso era mais ou menos nos anos 50.*

Galgando posições, Ramos escolheu São Caetano para tentar o futuro. Após a descoberta de um tio na cidade, passou a dividir a humilde habitação. Nessa época, a cidade tinha acabado de conseguir a autonomia e as dificuldades apareciam. Para obter recursos, a única saída foi o sustento através de empregos. *Conseguí arrumar serviço num escritório em Santo André e outro no Banco de Crédito Real de Minas Gerais, no Bairro do Bom Retiro (...) De manhã ficava no ABC e à tarde me deslocava para São Paulo (...) Tinha dois empregos, no entanto, não ganhava muito dinheiro (...) Tinha tempo apenas de comprar um sanduíche e um refrigerante para almoçar. Lembrou-se das imagens que viu ao chegar na cidade. O centro tinha bastante água (...) No local em que fica a concha acústica era apenas um brejo (...) Nos finais de semana a gente se reunia para assistir a filmes. Cada semana nos encontrávamos na casa de alguém (...) Não existia maldade alguma nas pessoas (...) A Rua Manoel Coelho era só de casas bem humildes.*

*Convite do casamento de José e Neide,  
elaborado pelo próprio noivo no ano de 1960*

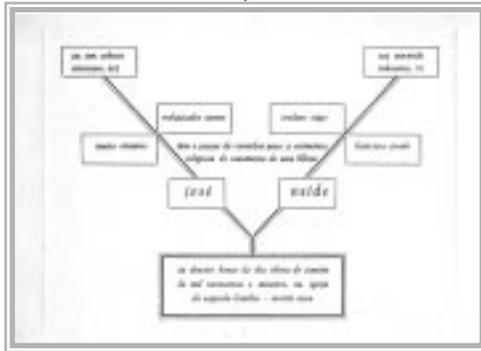


Foto: José Ramos Vitorino

**VESTIBULAR** - Ramos solicitou uma licença no trabalho - a qual foi negada - para prestar o vestibular. Todavia, pensando no futuro, pediu demissão do banco e começou a frequentar a Biblioteca Municipal de São Paulo, a fim de aprimorar e preparar seus conhecimentos. Como a casa em que morava era muito pequena e não havia condições para estudar nela, Ramos passou a levar seus livros no cemitério do Bairro Santa Paula. Por mais estranho que pudesse parecer, ao menos lá era possível atingir a concentração necessária para o teste. *Me inscrevi para o curso de Direito da Universidade de São Paulo (...) Entretanto, nos documentos que eu tinha preenchido, o nome da minha mãe estava trocado e só restavam dois dias para ir ao Nordeste e voltar (...) Não teve jeito, tive de improvisar e entreguei na Faculdade de Geografia. Eles aceitaram.*

Em meados da década de 1950, fazia parte dos vestibulares um teste oral. Na prova de Português, os exames eram de Literatura e Gramática. *O examinador era o Napoleão Mendes de Almeida, autor de livros de Gramática da Língua portuguesa (...) Como tinha estudado em colégio de padres, sabia muito sobre o Padre Vieira e outros grandes oradores (...) Porém, no começo do exame oral, o examinador logo avisou:*

- *"Dez é para Deus, nove pra mim, que sou catedrático, e oito para meus pares. O máximo que um aluno pode tirar é sete".*

*Todos já sabiam que seria muito difícil. Era uma mesa grande, com seis ou oito professores, e a gente só levantava para sortear o tema. Naquilo que eu puxei, veio escrito Padre Vieira. Sem mesmo se sentar, Ramos triturou o assunto e falou tudo. Por fim, quando terminou, restava ainda a prova de Gramática. Ao encerrar o discurso, o examinador completou:*

- "Não precisa de mais nada: o nordestino está afiado e a nota dele é dez!"

*De repente, todos aplaudiram. Eu desmaiei (...) Só me lembro que estava dentro da Santa Casa de Misericórdia, que era a umas três quadras dali.*

Passado o susto, finalmente, Ramos dava início a seu sonho. Relembrou-se de um fato curioso que acontecia com frequência naquela época. *Terminei o curso de Geografia na Cidade Universitária (...) Quando chovia muito, e às vezes o ônibus não chegava por lá, eu dormia na floresta, no mato (...) O que mais sentia falta era dos amigos (...) O triste era eu ter conseguido essas coisas e não ter ninguém para compartilhar.*

As primeiras experiências como professor na região foram no Curso de Madureza ABC (no Edifício Vitória) e num colégio do Estado, em Ribeirão Pires. Mais tarde também levaria seus conhecimentos ao Colégio Coronel Bonifácio de Carvalho.

Em uma dessas aulas, José Ramos Vitorino conheceu a aluna Neide Trigo Ramos que, mais tarde, se tornaria sua esposa, em 30 de Janeiro de 1960. *Logo depois de casado, fomos morar com meu sogro e montei uma escolinha (...) Coloquei madureza (supletivo) e tinha bastante alunos (...) Dava aulas também para empresas como a Brasilit, a ZF do Brasil e a Brasinca (...) Eu gostava de falar. Com 14, 15 anos eu já era o orador de tudo o que acontecia.*

**SOTAQUE** - Uma história relacionada à fala marcou a vida de Ramos. Quando saiu do interior para o Nordeste, teve dificuldades pelo fato de arrastar a língua e todos rirem. *No entanto, fui aprendendo, ouvindo e quando eu estava craque voltei para São Paulo (...) Quando abri a boca todos riram novamente, mas não tive coragem de mencionar que era paulista (...) Me chamavam de cearense (...) Uma certa vez, fiquei chateado e acabei mostrando meus documentos. Para minha surpresa escutei:*

- "Você chegou esses dias e já falsificou os documentos", recorda-se, com sorriso no rosto.

Nos anos 60, segundo os dados do livro *Migração e Urbanização*, de Ademir Medici, o Grande ABC ganhava seu sétimo município, Rio Grande da Serra. A região era composta por Santo André, São Bernardo do Campo e São Caetano do Sul - até os anos 40 -, Mauá, Ribeirão Pires e Diadema, incorporados nos anos 50. A expressão Grande ABC foi publicada pela primeira vez no semanário *News Seller*, em dois de Julho de 1967, em matéria relativa aos estudos sobre a criação das áreas metropolitanas brasileiras. No ano seguinte, o próprio *News Seller* mudaria o nome para *Diário do Grande ABC*, cujo primeiro exemplar circulou na quinta-feira, nove de

José Ramos Vitorino  
no dia da homenagem



Foto: Fundação Pró-Memória

Maio de 1968.

Através dos anos, o casal se aperfeiçoou. Neide, a esposa, passou a ensinar taquigrafia na escola. Alguns anos depois, compraram uma casa no Bairro Oswaldo Cruz. Esse bairro ocupa espaço de quatro dos mais antigos loteamentos de São Caetano, dos primeiros após a demarcação das áreas do entorno da estação ferroviária: Monte Alegre, Bairro Gonzaga, Vila Paraíso e Vila Santo Albergio. Ainda continua sendo o local em que José e Neide residem atualmente.

Do matrimônio vieram: em 1960, o filho Renato Teodoro Ramos (formado em Medicina), Rogério Tadeu Ramos, em 1963 (engenheiro e físico). E, finalmente, no ano de 1967, o caçula Régis Tércio Ramos, que cursou Economia.

Durante muito tempo, Ramos seguiu a vida com a escola. Ensinava também em sua própria casa. *Depois de uns 15 anos, encerrei as atividades do Curso Brasil Cultura (...) A minha vida foi e é essa até hoje (...) Ainda fiz cursos de Geologia, Botânica, Tupi-Guarani e Direito (...) Tudo isso apenas para meu conhecimento (...) Sempre achei que fosse muito bom para mim.* Com bastante aprendizado e muito conhecimento na bagagem começou a fazer palestras e discursos. Tem gosto por política, tanto que apoiou políticos como: Oswaldo Samuel Massei, Anacleto Campanella, Hermógenes Walter Braido e Luiz Olinto Tortorello.

Nos anos seguintes, o Município de São Caetano estava crescendo. Em alguns bairros ocorriam problemas de enchentes e cortiços. O Bairro Oswaldo Cruz ganhava maiores proporções e famílias tradicionais, como Del Rey e Rela, além de alguns imigrantes espanhóis, também se fixavam

no local. Por outro lado, São Caetano do Sul se tornava um cemitério de fábricas. As fábricas que não deixavam a cidade encerravam as atividades. Casos de Matarazzo, Saad, Tecelagem Nice, Coferraz, Caldeiras São Caetano, Mannesmann e Cerâmica Sul-Americana.

José Ramos Vitorino leciona atualmente na Escola Padre Alexandre Grigolli. Elaborava suas aulas com o mesmo prazer de quando estudava sobre as tumbas do cemitério. *Creio ter contribuído com alguma coisa bem simples, porque não tenho muita glória (...). O que eu pude fazer pela minha cidade foi ajudar os adolescentes e as crianças.*

*Michel Nóbrega Cury*

*Primeira corrida de Cross  
Country realizada em São  
Caetano, no Estádio  
Fernandinho Simonsen*



## Bairro Cerâmica

O bairro é praticamente plano e desenvolveu-se em função da Cerâmica São Caetano. Marcado pela presença de famílias italianas e húngaras, os Molinaris e Szarapkas foram os primeiros imigrantes a fixarem-se no local. A família Molinari construiu a primeira escolinha de ensino básico. Os Szarapkas, vindos da Hungria, chegaram ao Brasil em 1924 e dedicaram muitos anos de trabalho à Cerâmica São Caetano. Por volta de 1910, o bairro apresentava duas únicas vias importantes: Rua Santo Antônio (atual Avenida Senador Roberto Simonsen) e Rua Caramuru (hoje Engenheiro Armando de Arruda Pereira). Nos anos 20, a família Veronesi foi uma das pioneiras na prestação do serviço de transporte coletivo na localidade.

A Cerâmica São Caetano S/A, sucessora da antiga Cerâmica Privilegiada, foi fundada em 1913 e ficou famosa pelos ladrilhos, telhas e tijolos refratários produzidos. A qualidade do material chegou até mesmo a ditar o padrão de excelência da época, sendo comum a denominação do *tipo São Caetano*, modelo que as olarias concorrentes deviam atingir.

*Cemitério da Saudade -  
Rua Armando de Arruda Pereira*



*Portaria principal da Cerâmica  
São Caetano, década de 50*



*Instituto de Ensino Nossa Senhora  
da Glória, década de 50*



*EE Profa. Joana Motta  
- Praça Espírito Santo  
com Rua Teodoro Sampaio*



*Inauguração do busto do  
Senador Roberto Simonsen*



*Auditório Victor Talá Neto  
- Rua Espírito Santo*



*Capela de Santo Antônio  
- Rua Constituição*



A maioria dos moradores do bairro trabalhava na Cerâmica São Caetano. Em 1925, foi criado o Cerâmica FC, subsidiado pela própria fábrica (posteriormente, foi ocupado pelo Grêmio Recreativo Dramático Dançante Guarany, fundado em 1931). Nas dependências da Cerâmica São Caetano funcionava também uma escolinha que depois virou o Grupo Escolar da Cerâmica, inaugurado na década de 1920. Anos mais tarde, a escola foi transferida para o *Buracão da Cerâmica* - imensa cratera de onde a Cerâmica São Caetano extraiu sua preciosa argila - e lá funcionou até 1941. Nos anos 70, o antigo *Buracão da Cerâmica* foi transformado em centro de recreação e hoje integra o Espaço Chico Mendes, localizado no Bairro São José.

A fabricação de tijolos, a fumaça exalada pelas chaminés, as partidas de futebol no antigo clube Cerâmica FC mostram que a formação do Bairro Cerâmica se mistura, em grande parte, com a história de sua principal indústria que, mesmo hoje estando desativada, marca a paisagem do bairro e vive na memória dos antigos moradores de São Caetano.

- 1 - EMEI Orlando Moreto
- 2 - EMI Candinha Massei Fedato
- 3 - EMI Maria Simonetti Thomé
- 4 - EMEI Ângela Massei
- 5 - EE Profa. Joana Mota
- 6 - Centro de Lazer José Carlos Tortorello Júnior
- 7 - Centro Social do Bairro Cerâmica
- 8 - AD São Caetano - José Tortorello
- 9 - CRE Tamoyo - Pedro Furlan

- 10 - Grêmio RB Monte Azul
- 11 - Corpo de Bombeiros
- 12 - Tiro de Guerra
- 13 - Faculdade Editora Nacional - FAENAC
- 14 - Departamento de Água e Esgoto
- 15 - Núcleo de Capacitação do Menor - NUCA-ME
- 16 - Grupo Escoteiro São Caetano
- 17 - Grupo Escoteiro Alvorada





Foto: Gilson C. dos Santos

---

*Homenagem aos moradores do Bairro Cerâmica,  
realizada no dia 25 de Agosto de 2001,  
na EE Profa. Joana Motta, Rua Espírito Santo, 1330*

*Amélia Savoya Toscano  
Américo Furlan  
Ana Marinotti Previato  
Ana Nogueira Martins  
Angel Morales Elvira  
Aparecida Benega Bernardi  
Armando Furlan  
Carlos Costa  
Dolores Ávalos Canhedo  
Fernando Moretto  
Gottardo Vituri  
Guiomar Maria D'Agostini*

*José Senteres  
Maria Constância A. G. Silva  
Odete Lorenzone Rios  
Olga Zorzetig  
Olindo Toscano  
Palma Difruscia D'Annolfo  
Palmira Olívia Geraldo  
Pedro Di Vincenzo  
Roberto Ertner  
Rosária Gutierrez Calmona  
Terezina Stanguini Moretto*

# ***De São Paulo a São Caetano: uma vida de bons e maus momentos***

*(depoimento de Gotardo Vituri)*

## ***Morador do Bairro Cerâmica está há mais de 75 anos na cidade***

Nascido na capital de São Paulo, zona central, Rua Coronel Cintra, Gotardo Vituri, 82 anos, viveu praticamente toda a vida em São Caetano do Sul. *Nasci no Brás, mas tenho mais de 75 anos de São Caetano. Quando eu vim pra cá era pequenininho. Eu posso dizer que eu sou uma das sementes deste grande município. Quem conheceu São Caetano na minha época ... (...) Se não tivessem morrido e tivessem vivos, no caso do meu pai, minha mãe, eles ficariam abismados, porque aqui, esse trecho aqui, era mata virgem.* Casado com Eliza Vituri, em 1943, possui família composta por duas filhas, quatro netos e três bisnetos. *Tenho essa filha com quem eu moro e uma filha mais velha que ela. Mora no Bairro Santa Maria, na Rua Tibagi.*

Chegou em São Caetano por volta de 1927 e instalou-se onde é hoje a Rua Roberto Simonsen. O munícipe disse que a rua antigamente chamava-se Santo Antônio. Como Roberto Simonsen era dono da Cerâmica São Caetano, houve a troca de nome em homenagem ao empresário, que deu oportunidades de emprego para milhares de pessoas. Vituri disse que não houve um motivo específico pra vir pra São Caetano. *Não houve motivo porque a gente morava em São Paulo. Morei sempre na Roberto Simonsen, até que construí uma casa na Rebouças, Bairro Cerâmica. Defronte de onde hoje existe um grupo chamado Joana Motta. Lá era pasto.*

Gotardo destaca um momento difícil em sua vida: o assalto que sofreu em sua casa. Em uma semana os ladrões invadiram nossa casa duas vezes. *Ela (a esposa) ficou aborrecida e veio a doença conseqüentemente.* Algumas das principais obras de São Caetano, que hoje são consideradas pontos históricos, o morador viu construir quando a cidade estava verdadeiramente começando a crescer e a se desenvolver. *Eu vi fazer a Igreja*

*Esporte Clube José de Alencar. Em pé, da direita para a esquerda: Savassa, Stefano, Onéas, Hélio, Bino, Durval. Agachados: Gotardo, Nenê, Duda, Bino e Bacuri*



*Foto: Gotardo Vituri*

*Matriz, o Viaduto (Viaduto dos Autonomistas), o Hospital São Caetano. Tudo, tudo, tudo. Passava carro de boi na Roberto Simonsen, relembra.*

*Os pais vieram da Itália, da região de Treviso. Meus pais são italianos. Meu pai veio com 13 anos, ele não estudou no Brasil, estudou na Itália. A minha mãe já veio muito pequenininha, com dois ou três anos, da Itália pra cá.*

*Gotardo Vituri dividiu infância e adolescência entre trabalho e estudo. O municípe começou a trabalhar cedo. Eu estudei. Não era Bartolomeu. Existiam dois grupos. O 1º Grupo era na Heloísa Pamplona. O 2º Grupo chamava-se 2º Grupo Escolar de São Caetano. Era na Rua Monte Alegre. Aí fiz quatro anos. Tirei diploma até o quarto ano. Mas eu trabalhava. Trabalhava na fábrica que meu pai arrendou de vassouras, aqui em São Caetano mesmo. Eu saía da escola e ia pra fábrica. Chamava Ibérica. Meu pai arrendou a fábrica. Até que um dia (...) O dono era argentino ou espanhol, acho que era espanhol. Era padrinho desse meu irmão. Ele foi à falência. Os operários que pagavam meu pai. Até o Fiorotti que jogava no São Paulo foi empregado nosso. Ele foi à falência e em leilão. Aí nós ficamos todos desempregados. E os empregados queriam receber. E meu pai tinha que pagar. Nós tínhamos um terreno na Roberto Simonsen. Era tão grande o terreno que dava na Roberto Simonsen e ia na Espírito Santo. Teve que vender pra pagar os empregados. Eu era pequenininho nessa época, mas eu estava na escola. Eu saía da escola e ia pra fábrica porque fazia parte da casa do meu pai. Eu era pequenininho, tinha serviço pra crianças. As vassouras eram costuradas com máquina americana. Então sobrava os fios, barbantes. Então eu pegava e fazia ou pintava as latinhas. Naquele*

Gotardo Vituri e Eliza Vituri



Foto: Gotardo Vituri

*tempo as vassouras eram com latinha em volta, era coisa chique, coisa boa. E escolhia a palha. A palha vinha pra nós da Argentina, não tinha no Brasil, comenta.*

Descreve com detalhes a casa em que morava, na Avenida Roberto Simonsen, e a forma como cuidava de suas duas filhas. *O barraco era a cozinha, no fundo do quintal. Morava na frente. Fazia o arroz pra minhas crianças. Aquele tempo o fogão era a carvão. Você sabe o que é pegar carvão pra fazer arroz? Hoje, em cinco minutos, tá feito. Tinha que ficar abandonando lá e cuidando das duas crianças. As crianças estudavam onde hoje é o Bartolomeu, que era o 2º Grupo. Hoje é mais fácil. Habitado com a agitação de São Paulo, Gotardo disse que a vida em São Caetano era tranqüila. Acho que eu nunca fui acostumado no sossego (...) Nasci em São Paulo, na capital. Todos nós somos da capital. Nós não conhecemos o interior.*

Seu primeiro emprego com carteira assinada foi nas Louças Adelinas. Vituri destaca a cidade como de grande importância industrial. *Não se fazia avião. Mas o que você pensava construía aqui em São Caetano. Aqui era um celeiro de indústrias. Era tudo. Fazia desde sabão, prego, corrente, seda, casimira, perfume, agulha, só não fazia avião. E automóvel já fazia aqui. Já existia a General Motors (...) Não era tão grande assim, como hoje, mas existia.*

O morador de descendência italiana relembra um acidente que aconteceu quando trabalhava nas Louças Adelinas e que, após alguns anos, causou problemas de saúde em sua vida. *Recebia madeira (...) para os fornos*

*em que se cozinhavam as louças. Então vinham os vagões na estação que era pertinho. Louças Adelinas, sabe onde era? Era no fim da Rua Pernambuco, perto do viaduto, lá. Então eu fui com o caminhão buscar lenha para os fornos. Dia inteiro, dia e noite trabalhava com o caminhão. Só buscando lenha. E o caminhão estava podre no assoalho e eu pisei numa tábua no assoalho e a ponta da tábua bateu nos olhos e esborrachou tudo aqui (...). Aí teve que dar ponto nos olhos. Eu tinha 14 anos de idade. Não afetou a vista no momento, mas aos 18 anos afetou. Quando eu fui para o Exército eu fiz exame, mas não fizeram de vista. Então eu fiquei apto a trabalhar no Exército, a servir o Exército. Eu fui pra Santana, 4º Batalhão de Caçadores. Num determinado momento, fazendo as instruções, eu tinha certeza que ia servir o governo porque foi a vista direita. Se fosse a esquerda ainda vai lá. Mas eu tinha que fazer a instrução. Quando pega o fuzil, tem que fechar a esquerda e olhar pra direita e eu fazia o contrário, porque eu não enxergava. Afetou depois dos 18 anos. Então eu estou errado por causa disso. Pergunta para os médicos lá. Tinha certeza que eu não ia servir. Já estava com quatro meses de reserva, já era soldado. Vituri lembra que foi dispensado e não foi chamado para defender o Brasil na 2ª Guerra Mundial. Eles acharam que eu estava mentindo, né. Eles pegaram uma escolta de soldados e me levaram pro Hospital Militar. Fiquei 21 dias que nem salame lá. Com uma saúde de ferro. Eu jogava futebol, sempre joguei futebol. Eu ficava chorando lá. Dava pra ver quase minha casa, não tinha prédio. Então aconteceu que um belo dia me chamaram lá, fizeram o exame depois de 20 dias. Não falaram nada pra mim. Daqui a pouco veio uma carta: você está dispensado do Serviço Militar. Aí eu tive que voltar ao quartel. Não dão carteira de reservista pra casos deste. Tive que recorrer. Ganhei um documento que está escrito Benção Definitiva para o Serviço Militar. Quer dizer, houve a guerra e eu não fui chamado, disse aliviado.*

Vituri sempre gostou muito de jogar futebol. Corinthiano de coração, porém, quase palmeirense de profissão. Teve convites de clubes como Portuguesa de Desportos e Sociedade Esportiva Palmeiras. Mas, como dependia do pai para assinar os documentos, uma vez que era menor de idade, não conseguiu realizar seu sonho. *Meu pai não assinou, eu tinha 17 anos. E o pessoal era tudo amigo do meu pai, os patrões. “Você vai treinar no Palestra Itália”. Quem me anunciou foi um outro rapaz que trabalhava comigo lá, mas jogava no Vila Alpina.*

Amigo de dois antigos prefeitos de São Caetano, Gotardo realmente viu a cidade crescer. *Eu fui amigo do primeiro prefeito daqui, Ângelo Raphael Pellegrino. Ele era muito humanitário. São Caetano era um sub-*

Gotardo Vituri  
no dia da homenagem



Foto: Fundação Pró-Memória

*distrito de Santo André. Era um castigo porque ficávamos largados. A cidade era pra ser considerada capital. Tem bairro da capital que é muito mais longe aqui de São Caetano pro centro da capital. Você vai na Penha, na Casa Verde, Cachoeirinha, eu conheço tudo. Daqui à Praça da Sé você vai primeiro. Então eles queriam pegar São Caetano porque tinha indústria. Hoje não tem, é berço. Fui amigo de dois prefeitos. Tem o Anacleto Campanella. Dei tanto pontapé na bunda dele, brincando. O Massei, Osvaldo Samuel Massei. Esses foram dois amigos meus. Foi um dos primeiros moradores de São Caetano do Sul a ter água encanada. Osvaldo me encontrou no quintal, me abraçou e era candidato. E fiz questão que ele tomasse um cafezinho no barracão. Ele era muito amigo meu. Falando das eleições, eu falei que ia votar nele. Eu pedi um favor pra ele. Nós precisamos de água encanada aqui. Como está nascendo agora, eu sei que precisa esperar a vez de um, de outro. Disse que se for pra mim esperar tinha que ser uns três meses. Pra chegar até aqui. Ele disse que ia dar um jeito. Era sábado, quando foi na segunda-feira instalaram e o pessoal ficou de boca aberta, sorri.*

Apesar de não poder comparar a situação da cidade nas últimas décadas com o mundo agitado de hoje, Gotardo Vituri disse que a Estação de São Caetano era muito movimentada na época. *Se fazia tudo na cidade. Quando se chegava na Estação de São Caetano, às seis e meia da manhã, você não podia andar. Pessoal que vinha da Mooca, do Brás, do Ipiranga. Todos trabalhavam aqui. Vinham da Barra Funda. Santo André não era muito, porque tinha muito campo lá,* disse o morador ressaltando a importância do município na economia regional.

Um fato curioso do cotidiano dos munícipes de São Caetano da meta-

de do século XX era acertar o relógio quando os trens passavam pelos trilhos da São Paulo Railway. *Antigamente, a máquina era a vapor, a lenha, não era a diesel. Só que eram dos ingleses. A estação tinha porteira pra passar pro outro lado. Se você quisesse acertar o relógio você ia pelo trem. Era uma pontualidade incrível.*

Atualmente, Gotardo vive com a esposa, no Bairro Cerâmica, em pequena edícula, situada na casa de uma de suas filhas. Eliza Vituri, a esposa, tem sérios problemas de saúde. Já teve derrame cerebral. Com apenas 20% dos rins funcionando, toma remédios constantemente. Gotardo, com boa saúde, acompanha a mulher em todo o tratamento, mas acha que a assistência dada ao idoso não é boa. *Minha vida foi muito complicada. Hoje queria ter uma vida mais sossegada, mas a doença atrapalha. Se a Prefeitura pudesse doar uma cesta básica ...*

*Fernando Scarmelloti*

## *Família D'Agostini em São Caetano*

*(depoimento de Guiomar Maria D'Agostini de Carvalho)*

*Da esquerda para a direita:  
Maurício Jorge de Carvalho, filho  
de Guiomar e Jorge, Cíntia P. de  
Carvalho (neta), Nicéia P. de  
Carvalho (nora) e Débora P. de  
Carvalho (neta)*



*Foto: Família D'Agostini de Carvalho*

*Da esquerda para a direita: Marilda  
de Carvalho dos Santos, filha de  
Guiomar e Jorge, Gilberto dos  
Santos (genro) e Mara Carvalho dos  
Santos (neta)*



*Foto: Família D'Agostini de Carvalho*

Guiomar Maria D'Agostini de Carvalho nasceu em São Caetano, no dia 28 de Fevereiro de 1929, num barracão de propriedade do sr. Manoel Coelho, situado na Rua Tenente Cel. Alfredo Fláquer (hoje Rua Herculano de Freitas).

Quanto aos pais, D. Guiomar nos contou que seu pai, João D'Agostini, filho de Luigi D'Agostini e Joana Sasso, nasceu também em São Caetano, no dia 28 de Setembro de 1881. A mãe de D. Guiomar, sra. Maria D'Agostini, nasceu em Jundiaí, no dia 27 de Dezembro de 1890, vindo morar em São Caetano após o casamento com João D'Agostini, casamento que se realizou no dia 27 de Agosto de 1908, quando Maria tinha 17 anos de idade.

*Guiomar Maria D'Agostini de  
Carvalho e esposo  
Jorge de Carvalho*



*Foto: Família D'Agostini de Carvalho*

*Guiomar Maria D'Agostini de  
Carvalho no dia da homenagem*



*Foto: Fundação Pró-Memória*

O avô paterno de D. Guiomar, segundo ela, tinha uma carvoaria em Ribeirão Pires e seu filho, João, fazia entregas com a carroça. Quando se desligou do pai, João D'Agostini passou a trabalhar como pedreiro em São Caetano.

A sra. Guiomar Maria D'Agostini de Carvalho fez o curso primário no Grupo Escolar Senador Fláquer e, já casada, fez o curso supletivo. Com 14 anos de idade começou a trabalhar. Foi funcionária da Louça Cláudia e das Louças Adelines. Trabalhou também como costureira. Em 1965, começou a trabalhar na Prefeitura Municipal de São Caetano do Sul, na área de Educação, sendo demitida em 1983, com 20 anos de serviço.

D. Guiomar casou-se com Jorge de Carvalho, natural de São José do Rio Pardo - São Paulo. Jorge veio para São Caetano com 14 anos de idade. Morava, então, com seu irmão Nestor de Carvalho, dono da empresa de ônibus Santa Paula, na época.

Guiomar e Jorge conheceram-se nas Louças Adelines, onde trabalhavam. Segundo D. Guiomar, nossa entrevistada, de forma bastante pitoresca casaram-se no dia 20 de Novembro de 1948 (civil) e 11 de Dezembro de 1948 (religioso), indo morar no Bairro Cerâmica, onde residem até hoje.

O casal teve dois filhos: Marilda (secretária e advogada) e Maurício Jorge (dentista). Fala com muito carinho das três netas: Mara, Débora e Cíntia. Atualmente, D. Guiomar e o marido, ambos aposentados, vivem tranqüilamente na Rua Engenheiro Rebouças, 568.

Como passatempo, D. Guiomar gosta de trabalhos manuais, leitura e música. Adora mexer na terra e cuida dos jardins de toda a família.

Roberto Ertner em 1939



Foto: Roberto Ertner

## Da Romênia a São Caetano

(depoimento de Roberto Ertner)

Frederico e Bertha, pais de  
Roberto Ertner. Ano de 1930



Foto: Roberto Ertner

Roberto e a esposa Zenaide em 1945



Foto: Roberto Ertner

Frederico Guilherme Ertner (1892) nasceu na Romênia, onde trabalhava como mecânico de locomotiva. Quando jovem, numa visita à Áustria, conheceu Bertha Wolfer, casando-se com ela após apenas uma semana de namoro. Em 1925, sorteados como imigrantes para o Brasil, Frederico e Bertha chegaram a Santos. Na Estação da Luz, encontraram-se, por coincidência, segundo nosso entrevistado, com um empresário judeu que os encaminhou para a família Castelotti, em São Caetano. Na casa dessa família, o sr. Frederico, sua esposa Bertha e os dois filhos - Roberto (quatro anos) e Adolfo (dois anos) encontraram abrigo e trabalho.

A serviço da família Castelotti, o sr. Frederico preparava os terrenos para construção, no Ipiranga. Não havia máquinas e o trabalho era feito com enxadas e pás. Depois, passou a trabalhar no Hotel Terminus, na Rua Brigadeiro Tobias, em São Paulo, onde permaneceu até a mudança do hotel para outro local.

Em 1929, o sr. Frederico construiu uma casa para sua família na Rua Castro Alves, em São Caetano. Segundo nosso entrevistado, sr. Roberto Ertner, não havia coisa alguma naquele lugar. Precisava atravessar uma pinguela para fazer compras no Armazém do Chicão.

*Família Ertner em 1952*



Foto: Roberto Ertner

*Roberto Ertner em sua pequena indústria. Ano de 1962*



Foto: Roberto Ertner

Após a mudança do Hotel Terminus, o sr. Frederico conheceu o sr. Salvador Arena, fabricante de fornos de pão, com quem passou a trabalhar. Tempos depois, o sr. Arena e o sr. Frederico fundaram a Termo Mecânica, onde o sr. Frederico trabalhou até aposentar-se, com 75 anos de idade.

A sra. Bertha, mãe de nosso entrevistado, trabalhava como arrumadeira quando os quatro filhos eram pequenos. Guilherme e Catarina nasceram no Brasil.

**ROBERTO ERTNER** - Nascido na Romênia, no dia dois de Agosto de 1921, veio para o Brasil, mais precisamente para São Caetano, com quatro anos de idade. Estudou na Escola Mista da Cerâmica até o 3º ano, passando, em seguida, para o Segundo Grupo Escolar da Rua Monte Alegre (atual EE Bartolomeu Bueno da Silva) e completando o curso fundamental na Escola Alemã.

Aprendeu o ofício de torneiro mecânico na Cerâmica São Caetano e começou a trabalhar com 14 anos de idade. Como jogava futebol, o jovem Roberto foi chamado para trabalhar, como mecânico, na Pirelli, onde permaneceu por seis anos. Deixando a Pirelli, trabalhou na General Motors do Brasil e na Mercantil Suíça, aposentando-se.

A partir de então, passou a trabalhar, como autônomo, montando uma oficina para instalação de calhas e encanamentos. Posteriormente, abriu uma firma de usinagem, que passou para um dos filhos. Continua, no entanto, *dando uma força*, segundo ele.

No dia 27 de Janeiro de 1945, o sr. Roberto Ertner casou-se com a sra. Zenaide Magliani, nascida em São Caetano, no dia 19 de Setembro de 1926. O casal teve quatro filhos: Osmar, Ornela (falecida), Eliete e Roberto.

*Yolanda Ascencio*

Trecho da Rua Manoel Augusto  
Ferreirinha



## Bairro Boa Vista

O Bairro Boa Vista passou por processo de formação semelhante ao ocorrido nos outros bairros de São Caetano, onde as antigas vilas, as chácaras e os grandes terrenos foram extintos para dar lugar aos lotes urbanos.

A Vila Palmeiras, não mais existente, foi loteada no final da década de 40, período em que teve início a urbanização do Boa Vista. Essa vila, uma das áreas loteadas mais antigas, também faz parte da formação do Bairro Nova Gerte. Dessa forma, a história do Boa Vista mistura-se com a do Nova Gerte, sendo até mesmo uma seqüência urbana dele. De fato, não só a Vila Palmeiras, mas também outras vilas, como Aurora e Gisela, foram comuns para a formação de ambos os bairros.

Na formação do Boa Vista, contudo, ainda se incluem os loteamentos surgidos a partir das vilas Júlia (localizada no meio do bairro, era prolongamento da Vila Palmeiras) e Ida (de Ida Vital), dos terrenos das Indústrias Reila e de parte da antiga Vila Santa Maria (dos irmãos Pujols). A Mata da Viúva, que figura na história dos bairros Boa Vista e Nova Gerte, fora extensa área onde a molecada passava a tarde procurando ossos de animais. O terreno foi loteado e no lugar surgiram as vilas Gisela, Aurora e Júlia.

Rua Boa Vista - Ano 2001



Monumento à Música Sertaneja -  
Darcy Rossi



Vista aérea do Bairro Boa Vista



*Escola Municipal de Bailado  
- Rua João Ramalho*



*Escola Municipal de Bailado  
- Ano 2001*



*Asfaltamento da Rua Boa Vista*



*SESI - Serviço Social da Indústria*



O nome do bairro deve-se à chácara do alemão Hidad, de grande extensão e localização privilegiada (em parte alta da cidade), que proporcionava boa visão para muitos lugares, sendo bastante freqüentada por aqueles que queriam apreciar a boa vista. Na porteira dessa chácara havia, numa placa, a frase Quinta da Boa Vista, que acabou, primeiramente, dando nome à antiga Estrada de Santo André - agora conhecida como Rua Boa Vista - e, posteriormente, ao bairro.

Famílias como os Rodrigueiros eram famosas, no bairro, pelos serviços de carpintaria. Outras famílias também fazem parte da história local: Fantinatti, Falzarano, Thomé, Monteiro, Garcia, Graciute, Ribeiro e Venturine. Ainda assim, como o Nova Gerte, o Boa Vista também presenciou a chegada de migrantes, que se fixaram em São Caetano em busca de trabalho.

Até o final da década de 50, o bairro carecia de infra-estrutura básica: calçamento, transporte, redes de água e esgoto. Somente na década seguinte implantaram-se os primeiros melhoramentos urbanos. Uma das primeiras escolas a atender a comunidade, a EEPG Padre Alexandre Grigolli, encontra-se atualmente no bairro vizinho, o Nova Gerte. A EEPG Professor Décio Machado Gaia, entretanto, nasceu no próprio bairro. Em 1967, o Boa Vista recebeu a Biblioteca Municipal Ester Mesquita - na confluência das ruas João Ramalho e Santos Dumont -, a primeira construída naquela região e a segunda do município. Ficou lá somente até o final dos anos 80 e, mesmo assim, ainda é uma das mais importantes referências da memória local.

- 1 - EMI Marily Chinaglia Bonaparte
- 2 - EMEI Antônio de Oliveira
- 3 - SESI
- 4 - SENAI Carlos Pasquale
- 5 - CRE Gisela
- 6 - EE Décio Machado Gaia
- 7 - EMEI Francisco Falzarano
- 8 - UBS Dr. Michel Glebock
- 9 - Delegacia de Polícia - 3º Distrito Policial
- 10 - Escola Municipal de Bailado
- 11 - Lar Nossa Senhora das Mercedes

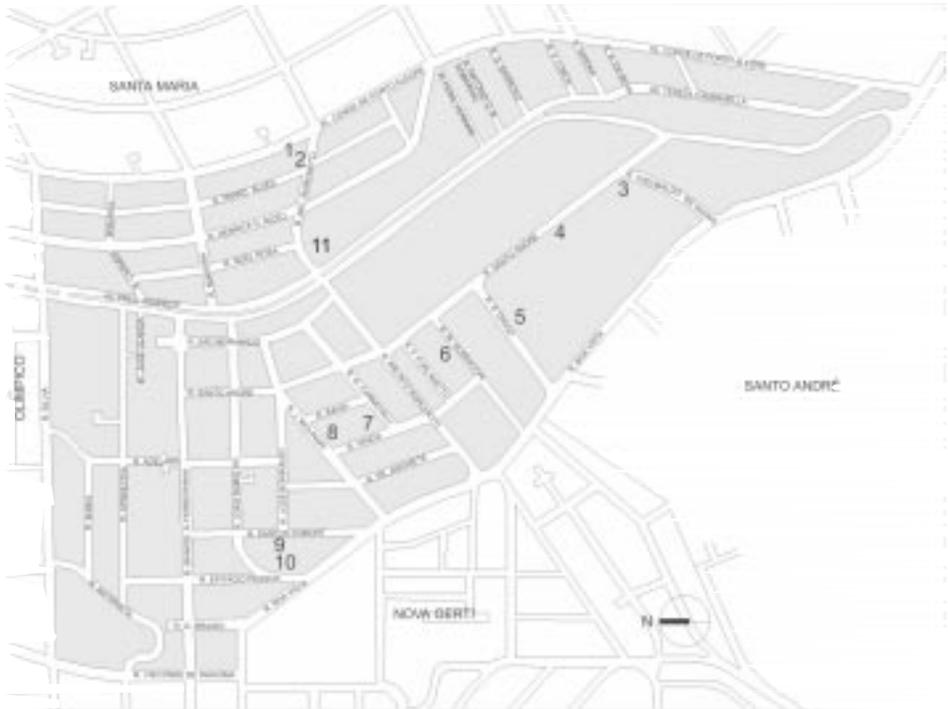




Foto: Fundação Pro-Memória

*Homenagem aos moradores do Bairro Boa Vista,  
realizada no dia 24 de Novembro de 2001,  
na E.E. Padre Luiz Capra, Rua Busch, 42*

*Ângela Ozom Martinoff  
Antônio Ornaghi  
Dezolina Felício Paes  
Joaquim José de Oliveira  
José Fiorotti  
José Gomes de Souza  
Josefa Alves de Oliveira  
Julhoberto Raimundo*

*Miguel Constantino  
Palmira Rosa Gerizani Ornaghi  
Paschoalina Frasson  
Rosa Lambiasi  
Vital Martinoff  
Walter Schiavo  
Zilda Raimundo*

# A modernidade chegando em São Caetano

(depoimento de Joaquim José de Oliveira)

## Morador de São Caetano há 58 anos conta detalhes da história da cidade

Joaquim José de Oliveira nasceu no dia 29 de Junho de 1917, em Tuiuti, interior de São Paulo, e é morador de São Caetano do Sul há 58 anos (...) *Nasci numa cidadezinha chamada Tuiuti, perto de Bragança Paulista (...) Lá eu trabalhava na roça desde os cinco anos, ajudando o meu pai: plantava milho, arroz, feijão, batatinha, engordava porcos etc (...) Enquanto criança e adolescente, trabalhei na agricultura. Quando jovem, tive uma boa escola, porém, como sempre gostei de estudar, depois de 20 anos pedi para um amigo me ensinar. Ele dizia que era bom pra ele, pois me ensinando ele não esquecia e reforçava ainda mais o que sabia. Então ele vinha em casa e me ensinava quase todos os dias. Relembra as dificuldades na juventude em razão do falecimento do pai. Quando eu cheguei a ficar um jovem, meu pai faleceu (...) Fiquei eu com 17 anos e a minha irmã, que está hoje com 77, com 12 anos (...) Nós trabalhávamos juntos, minha mãe também ajudava naquela luta (...) Não tínhamos dinheiro, mas tínhamos muita fartura de comida, nunca faltava nada em casa.*

Joaquim rememora seu casamento e a sua vinda para São Caetano. *No ano de 1942 eu me casei, com 25 anos. Ela era minha vizinha, tinha 16 anos ... se chama Josefa Alves de Oliveira (...) Quando me casei, fiquei morando lá por uns tempos, aí me deu vontade de ir pra São Paulo. Toda gente da roça tem aquele desejo de morar na cidade, porque trabalhar na roça queimava a pele no sol, era muito cansativo e sofrido, então todos queriam vir pra cidade (...) Fui pra São Paulo. Vim pra São Caetano em 1944. A princípio morei na Rua Margarido Pires, uma travessa da Avenida Goiás, onde pagava aluguel.*

Conta sobre sua vida profissional. *Eu trabalhava na Matarazzo, era perto e eu fiquei ali por uns tempos. Nasceu o primeiro filho meu, Mauro, em 1945 (...) Eu consegui emprego na Matarazzo por intermédio de um parente meu, que me indicou na Matarazzo da Avenida Jaguaré, em Osasco (...) Lá eu era servente de pedreiro, depois eu fui tendo promoções: fui vidraceiro, pintor ... Eu conhecia todo serviço de obra (...) Trabalhei lá por 15 anos, mas eu sonhava em trabalhar numa firma americana, a General Elétrica ... era a GE, em Santo André ... e eu sonhava com a GE (...) E quando eu saí da Matarazzo, em 1958, arrumei serviço na GE. Eu era pintor e vidraceiro (...) Aí eu fiquei muito contente, cheguei na GE, uma firma americana (...) Tratavam da gente, tinha macacão, sapato, tinha leite à vontade (...) As melhores empresas para se trabalhar são as americanas (...) Firmas espanholas não prestam, italianas também não (...) A americana sim é boa pra se trabalhar (...) Aí eu trabalhei 17 anos, melhorei de vida ... Tinha um bom salário e me aposentei pela GE. Até hoje eu sou assegurado pela General Elétrica. Com o aumento de salário, pôde comprar um terreno e construir sua casa. Aí vim pro Bairro Boa Vista. Aqui era tudo mato (...) A gente trabalhava pra fazer a nossa casinha, era aquele sacrifício, cada um fazendo sua casinha (...) Aqui eu comecei fazer a minha casinha, toda mal-feita, porque naquele tempo era assim, não tinha recursos (...) A minha vida aqui em São Caetano foi assim: eu vi tudo crescer aqui, gente ficou rica, gente ficou pobre também ... Enquanto um tá ficando rico o outro tá ficando pobre, não é assim? (...) Aqui eu vi muitos ficarem ricos (...) O Joanin (dono do Supermercado Joanin), eu lembro que ele tinha uma vendinha. Hoje é um grupo (...) Ele tinha olaria e entregava tijolos nas casas. Essa casa foi ele mesmo que trouxe os tijolos na carrocinha pra mim (...) E hoje eles são muito ricos (...) Pão de açúcar ... Eles começaram a vender doces na Avenida Paulista (...) Tinham uma barraquinha de doces. Hoje eles são o que são (...) A Matarazzo também cresceu muito.*

Joaquim, comparando passado e presente, lembra mudanças marcantes que melhoraram a vida de todos. *Hoje, o povo acha que tá ruim. Não é assim (...) Eu acho que o que está estragando o Brasil é o desemprego. Se tivesse emprego, não tinha uma época melhor do que essa agora, porque mudou muita coisa (...) Todas as boas coisas, como diz na Bíblia, vêm de Deus (...) O homem é apenas um instrumento, Deus o usa para melhorar as coisas (...) Hoje nós temos tudo (...) Telefone ... O povo de antigamente tinha medo do telefone (...) Fogão a gás, ninguém tinha. Era fogão a lenha. A gente comprava aquele feixinho de lenha, o cara entregava em casa aquela lenhinha (...) As mães de família sofriam muito, porque a lenha não acendia (...) Era aquele sofrimento ... Tinha que acordar muito cedo pra*

Joaquim José de Oliveira  
no dia da homenagem



Foto: Fundação Pró-Memória

*preparar o café, o almoço (...) Depois veio o carvão (...) Aí já tinha um fogão de carvão, já melhorou muito (...) Você vê como é a tecnologia (...) Aí a gente comprava aquele saco de carvão, ele queimava mais rápido (...) Depois veio um fogão que era a querosene. Ele queimava que nem uma lamparina (...) Aí todo mundo ficou contente (...) Agora tá bom (...) Depois veio o fogão a gás, mas o pobre não podia comprar um fogão: era só aquela gente que tinha dinheiro, um emprego bom (...) Mas com muito sacrifício todos foram comprando seu fogão (...) Depois veio o rádio. Ninguém tinha rádio. Então o primeiro rádio que eu comprei, isso foi em 1958, tinha noite que eu amanhecia escutando. Eu ouvia aquele programa Tango Argentino. E eu amanhecia escutando de tanto que eu gostava do rádio (...) A televisão também ninguém podia comprar. Hoje qualquer casinha tem uma televisão (...) Telefone ninguém podia comprar também. Hoje a maioria tem (...) Tudo que é bom Deus tem dado pro povo (...) Hoje a gente vive numa época que tem um povo cheiroso, você pode comprar perfume, sabonete, pasta de dente. Cada um tem seu próprio chuveiro pra tomar banho. Naquele tempo não tinha nada disso (...) Hoje o homem e a mulher são bonitos (...) Antes não tínhamos onde tomar um banho, não tinha um banheiro que prestava, não tinha luz elétrica, tinha que acender um lampiãozinho. E nós já morávamos aqui. A gente acendia a lamparininha e cheirávamos aquela fumaça que deixava o nariz com um tipo de tinta dentro. A gente assoava, saía aquela tinta. Revela curiosidades sobre invenções e personagens marcantes. O primeiro aeroplano que inventaram ... Eu tinha uns cinco anos de idade e todos falavam que o homem ia voar. Eu não acreditava nessas coisas. O povo achava que era o fim do mundo (...)*

*Eu, com cinco anos, já estava trabalhando com meu pai. Nós escutamos um ronco vindo, aí meu pai gritou: "Olha o que estavam falando, o aeroplano, olha ele passando lá" (...) E o aviador ficava acenando com o braço. Aí ficou o maior comentário na época: o homem está voando (...) Sabe quem eram esses homens? Sacadura Cabral e Galo Coutinho (...) Eles vieram, passearam aqui em São Paulo e pernoitaram onde hoje é o Bairro Príncipe de Gales, em Santo André. Eles desceram num campo onde era a casa do Príncipe de Gales, que era o Dom Pedro, e pernoitaram nessa casa. Por isso que tem esse nome, Príncipe de Gales, por causa da casa do príncipe que tinha ali (...) Tem a Avenida Galo Coutinho e tem um bairro que chama Bairro Sacadura Cabral. Vem da origem desses dois homens (...) E foi o primeiro avião que eu vi. Dizem que tinha até bambu nas asas, porque foi os dois que fizeram. Comenta, ainda, como a melhora na Medicina ajudou numa questão que, antigamente, preocupava muitas mulheres: a maternidade.*

*- Tem o exemplo das mães. Elas sempre foram muito sofredoras. Acho que merecem muita honra. É a mãe que sofre para ter seus filhos (...) Mas Deus melhorou tudo, agora tem maternidade. Antigamente, quando a mulher estava pra ter neném, ela não estava com a vida segura (...) O meu primeiro filho demorou três dias pra nascer (...) Hoje tem o acompanhamento médico. Você vai lá e no mesmo dia já vem aquele nenezinho cheirosinho, bonitinho (...) Antigamente não era assim, era triste, o problema mais difícil era uma mulher que ia ter filho: ela já pensava naquele sofrimento, tinha risco de vida etc (...) Na minha família nasceram oito filhos: Mauro, Marlene, Daniel, Ismael (que faleceu com 39 anos), Joel e Jacó. E ainda duas filhas gêmeas, que faleceram por falta de recursos, maternidade, essas coisas (...) Minha esposa sofreu muito pra criar oito filhos. Eu também sofri, porque eu trabalhava muito. Eu entrava às seis horas da manhã e saía às oito horas da noite pra dar uma vida melhor pras crianças. E também fala de sua mãe. Minha mãe, mesmo tendo uma vida muito sofrida, ela viveu bastante. Não faz muito tempo que ela faleceu. Ela se foi com 90 anos.*

*Joaquim fala sobre a política de antes e hoje. Hoje nós vivemos num mundo rico, mas o que falta é emprego (...) O Brasil antes exportava, hoje ele só importa. Isso porque o governo adotou o mercado livre: então lá o salário é mais barato e as coisas vêm mais barato, como sapatos, chapéus, roupas etc. Então o Brasil caiu por causa da importação. E a vida política em São Caetano (...) São Caetano é um município que ainda tem segurança, muita gente quer morar aqui (...) Dizem que São Caetano já é do primeiro mundo, mas não é assim também, né!? (...) Eu gosto de São Caetano,*

*eu amo São Caetano, eu não nasci aqui e quando eu saio, o que eu quero é chegar em São Caetano (...) Todos os prefeitos daqui, desde o meu tempo, foram bons (...) Lembro do doutor Pellegrino. Foi o primeiro prefeito de quando São Caetano teve autonomia, porque era Santo André que mandava aqui (...) Depois veio o Campanella. Foi bom. Oswaldo Massei: bom. Braidó: foi um bom prefeito. Cunha Leite, muito bom. E o Tortorello, nosso atual prefeito, é muito bom.*

*Explica seu dia-a-dia em São Caetano. Sou muito feliz em São Caetano. Tenho uma vida religiosa ativa, faço parte da Igreja Evangélica Assembléia de Deus desde 1949, quando fui batizado (...) Faz 52 anos que eu sou dessa igreja. Sou músico da igreja há muitos anos. Antes tocava clarinete, agora eu toco violão (...) Na igreja que eu congrego, muitas pessoas, jovens, vêm conversar comigo porque querem saber dessas coisas do passado, porque eles estudam no papel, mas ninguém viu. E eu vi (...) Eu sou muito feliz por servir a Deus em uma igreja que é bíblica, que se fala da bíblia como ela é (...) A felicidade da pessoa é andar em dia com Deus. Se faltar alguma coisa em casa, acreditar que Deus tomará conta. O pai nunca deixa o filho passar necessidade. Deus prove todas as coisas pra aquele que é fiel a ele (...) A melhor riqueza que o homem pode ter é servir a Jesus. A bíblia é a única verdade, porque está escrito o que aconteceu e o que vai acontecer.*

*Camila Cristina Thimóteo*



## Melhores fases de uma vida feliz

(depoimento de Walter Schiavo)

Walter Schiavo nasceu em quatro de Fevereiro de 1946, em Terra Roxa, interior de São Paulo, e é morador de São Caetano do Sul há 54 anos. *Vim com minha família, com um ano de idade, para São Bernardo do Campo (...) No interior minha família trabalhava com agricultura, aqui tivemos que nos virar com o que aparecesse (...) Quando vim para São Caetano, tinha dois anos de idade. Isso foi aproximadamente em 1948. Sempre morador do Bairro Boa Vista, recorda as mudanças ocorridas nele. A gente mora na Rua Antonieta há tantos anos, mas antes era tão diferente. Por exemplo, a única padaria que existia na época era lá na Rua Amazonas. Também não tinha ônibus aqui na Vila Gerty, atual Bairro Nova Gerte. O ônibus só vinha até o centro de São Caetano. O que mais se aproximava daqui era o da Rua Oswaldo Cruz. Na época quase ninguém tinha carro, era muito difícil. Era pra pessoas de "grande porte". Existia muita carroça e cavalo nas ruas. Com poucas escolas acessíveis, conta que tirou diploma e rememora sua infância. As únicas escolas que existiam em São Caetano, na época, eram o Grupo Escolar Sylvio Romero, onde eu tirei, aos 12 anos, meu primeiro diploma, e o Grupo Escolar Bartolomeu Bueno da Silva (...) A minha infância eu considero muito saudável. Não existia tanta bagunça como tem hoje. Drogas, estas coisas, não existiam, quase, na época. Era bom, eu saía à vontade, sem preocupação. E lembra da época dos cinemas com saudades. Os cinemas acabaram, viraram tudo igreja. Antes tinha o Cine Vitória, Cine Primax, Cine Max, Cine Átila, Cine Éden, Cine Real. Era muito atrativo, a gente valorizava muito cinema na época. O forte aqui era cinema. Quando eu tinha uns 15, 16 anos, como tinha cinema aqui! Recorda os pais e conta como era fácil, antigamente, comprar um lote de terrenos em São Caetano, pois era um local desvalorizado, ao contrário de hoje. Meus pais eram excelentes, nunca nos faltou nada (...) Meu pai poderia ter sido um dos milionários de São Caetano, porque quando ofereceram esses terrenos todos aqui em volta para ele comprar era baratinho. Mas ele não tinha dinheiro suficiente (...) Quando veio para São Paulo tinha que sustentar oito filhos. Era difícil, a minha mãe não trabalhava fora, porém, acho que trabalhava mais que todos nós.*

Walter conta que tinha muitos amigos e que saía e namorava bastante. Isso até o dia em que um amigo o convidou para passar um fim de semana em Jundiáí, onde conheceu Maria Aparecida, que se tornou sua esposa. *Tive várias namoradas em São Caetano, mas fui conhecer minha esposa em Jundiáí (...) São engraçadas as coincidências que acontecem na nossa vida (...) Ela veio aqui com 15 anos, na casa de uma vizinha, e essa casa que nós moramos hoje já existia. Eu morava com os meus pais, aqui era tudo rua de terra, não tinha casas, precisava ver como era esquisito. E nós não nos encontramos. E de lá daquela casa da esquina ela disse que olhava aqui. Tinha um monte de jovens, meus amigos, e eu estava no meio, né (...) Isso foi num domingo e ela foi embora pra Jundiáí (...) Mas na época nós nem nos olhamos. Ela diz que me viu, mas eu, sinceramente, não a vi (...) Passaram-se seis anos. Na casa onde ela veio fazer uma visita morava um rapaz e ele me convidou para ir pra Jundiáí visitar uns conhecidos. Ele disse que só ia seu pai e sua mãe, ia ser chato, que era pra eu ir junto, assim nós dávamos umas voltas por lá (...) E foi justamente nesse dia que eu fui e a conheci (...) Tinha uns 23 anos e ela 21 (...) Eu cheguei lá, conversamos um pouco e ela me convidou para ir numa festinha, num salãozinho (...) E eu sempre gostei de baile, nunca fui muito bom, mas sempre gostei. E a gente começou a se entrosar (...) Então, na hora de falar "tchau", ela falou: "Por que você não volta para continuarmos nossos programas?" (...) E eu acabei voltando mesmo e começamos a namorar (...) Mas só depois que a gente começou a namorar que ela me contou aquela história toda. Então ele passou a ir freqüentemente para Jundiáí. No começo eu ia de 15 em 15 dias, depois a gente começou a se gostar mais, aí era toda semana. Eu trabalhava, mas chegava na sexta-feira ia pra lá. Dormia lá, ficava direto, até a gente se casar. Aí eu trouxe ela pra cá. Mas, antes de se casar, conta que aproveitou bastante a época do namoro. A fase da minha juventude, que eu me lembro que foi a mais gostosa, foi essa época do namoro (...) Quando eu saía com ela pra passear tinha uma amiga que falava assim: "Walter, você não tem mais irmãos?" Eu falava: "Eu tenho um monte, por quê?" "Então trás pra eu conhecer". Aí eu escolhi um dos meus irmãos e o levei (...) Quando cheguei, essa amiga dela se engraçou com ele. Então começaram a namorar e se casaram (...) E teve também uma outra, que era muito amiga dela, que eu falava pra ela na época do namoro: "Sai da minha cola! Eu vou trazer um irmão meu também pra vê se você deixa a gente namorar" Aí ela disse: "Por que você não traz?" Aí eu levei meu outro irmão e deu certo. Ele namorou a amiga dela e se casaram também (...) Sem querer eu virei Santo Antônio, casamenteiro (...) Nós namoramos dois anos. Muita gente namorava só pra dizer que tinha uma namorada, não era aquele amor (...) Com ela já foi uma coisa mais séria. Na*

Walter Schiavo  
no dia da homenagem



Foto: Fundação Pró-Memória

*época eu já estava com 24 para 25 anos, hora de começar a pensar num futuro melhor (...) Meus pais faleceram quando eu ainda morava nessa casa, aí os meus outros irmãos foram casando e eu continuei aqui. Eu e meu outro irmão que mora nos fundos (...) Apesar de que quando a gente se casou, que viemos para São Caetano, ela sempre falava: "Quem sabe um dia a gente vai pra Jundiaí" Eu falava: "Quem sabe", só que meu ambiente era todo aqui, São Caetano, São Bernardo, Santo André (...) Por coincidência, o meu filho mais velho trabalhava nas Casas Bahia, que mudou pra Jundiaí, e ele que foi morar na casa que a mãe morava.*

Walter conta sobre sua vida profissional e relembra a época em que São Caetano era repleta de firmas de cerâmica e porcelana. (...) *Meu primeiro emprego foi numa firma de porcelana na Rua Augusto de Toledo. O que tinha de firma de porcelana aqui (...) Na Vila São José, na Major Carlo Del Prete (...) Hoje não tem quase nenhuma (...) Tinha a Cerâmica São Caetano, grande firma, Cerâmica Sul-Americana, era cheio (...) Comecei na cerâmica com 14 anos, saí com 16 e fui trabalhar de ajudante-geral numa firma no Ipiranga. Fiquei dois anos lá (...) Depois fui trabalhar de garçom em um restaurante em São Bernardo (...) De lá eu tenho uma recordação. Nesse restaurante vinha muita gente importante de São Paulo, pois ele era fino, chamava-se Recanto do Chico, muito conhecido na época. Uma vez teve um banquete da Câmara Municipal e nesse banquete estava a filha de Getúlio Vargas, Ivete Vargas. Eu, por coincidência, na hora que foram fotografar, estava servindo-a e saí na foto (...) Aí, quando saí do restaurante, fui trabalhar na Volkswagen. Trabalhei durante 13 anos. Fui demitido e comecei a trabalhar por conta. Fazia tapeçaria de autos, o mesmo que fazia na firma. Então, quando faltavam uns cinco anos para me aposentar, voltei pra Volks e me aposentei lá.*

Revela sua preferência política e diz por que adora viver em São Caetano. *Dos políticos de São Caetano, os que eu mais gostei foram o Walter Braido e o Tortorello. Eles investiram muito em educação e esporte (...) Eu sempre gostei de esporte. Fiz natação no Lauro Gomes e no Santa Maria, mas era só por lazer (...) Eu adoro morar em São Caetano. Aqui tem tudo, pode ver que não falta nada aqui (...) Além de que existe em São Caetano muita atividade para as pessoas da terceira idade. E conta como sua vida é agitada e feliz, usufruindo os benefícios do Clube da Terceira Idade. Afirma que está melhor agora do que antes: disputa campeonatos, dança bastante, viaja e não tem tempo para pensar em coisas ruins. Atualmente eu vou pra bailes, com a minha esposa, de sábado, domingo, e nós estamos melhores do que antes. Frequentamos o Clube da Vila São José, "Nicolau Braido" (...) Durante a semana nós vamos para disputar campeonatos de baralho e dominó. No ano passado, eu e ela fomos campeões no dominó. Temos troféu e tudo (...) E esse ano vamos disputar de novo (...) Tem outras modalidades, como natação, baralho, snooker, xadrez etc (...) São Caetano foi a cidade que mais teve primeiros lugares, porque aqui é a cidade do esporte e da terceira idade. Vejo jovens que não têm o espírito que essas pessoas da terceira idade têm. Se você for num sábado vai ver: parece uma reunião familiar, é uma delícia (...) A gente não fica com a mente parada, pensando besteiras, é difícil até a gente ficar doente (...) Aprendemos a dançar todos os tipos de música: bole-ro, samba, mambo, forró. De vez em quando, eles tocam um baile de jovem e a gente dança também. Toca rock, só músicas de jovens. O pessoal é muito alegre lá, não vê ninguém com cara feia (...) Tem baile de um monte de coisas diferentes: baile da peruca, de fantasia. Na festa junina dançamos quadrilha (...) A gente aluga uma mesa e fica para o mês inteiro. Às vezes tem programas diferentes: almoços, cantores, teatro, bingos etc (...) A gente é muito feliz. O que a gente vai viajar... (...) Fomos para Campos do Jordão, Poços de Caldas, Aparecida do Norte, vamos para chácaras com piscina, tudo com um preço simbólico, de três a quatro reais (...) O engraçado é que no começo eu não gostava, não me adaptava. Fiquei sete anos sem ir e a minha esposa também não gostava (...) De repente, eu resolvi ir de novo. Aí eu encontrei uns colegas e comecei a jogar e comecei a pegar gosto cada vez mais. Depois, com muita insistência, ela foi um dia e nunca mais quis parar de ir. Agora ela gosta mais do que eu (...) Gostamos também de ir torcer pelo Azulão no estádio. Até saímos no jornal com a camisa do São Caetano (...) Dá pra perceber que a gente tem o pique que muito jovem não tem (...) É a segunda fase mais gostosa da nossa vida.*

*EMI Marily Chinaglia  
Bonaparte - Alameda  
Conde de Porto Alegre*

## Bairro Santa Maria



*Igreja de São Francisco - Rua São  
Francisco de Assis*

Localizado na parte alta do Município de São Caetano do Sul, o Bairro Santa Maria é resultado da fusão das antigas vilas Santa Maria e Saúde, do Jardim Cândida e de parte da Vila Pujol. Formado por imigrantes espanhóis, o local foi loteado, na década de 20, pela Empresa Imobiliária de São Bernardo, dirigida pelos irmãos Hippolyto Gustavo Pujol Júnior e Ernesto Pujol que, além de proprietários das terras, foram os responsáveis pela divisão dos lotes e implantação de sistema de tramways (bondes) ligando São Caetano a outras vilas. O desenho do bairro sofreu influências do urbanismo europeu e as vias foram construídas de modo a acompanhar as curvas de níveis do terreno, criando, assim, uma ocupação lógica e racional do bairro. A princípio, a localidade foi dividida em grandes glebas, onde os proprietários cultivaram vários tipos de flores. Depois veio o bondinho, seguido de uma série de benefícios e infra-estrutura para o bairro. Uma das paradas do bondinho era o lugar em que hoje está construída a EEPG Rudge Ramos, onde também existia um viradouro.

Na história do Bairro Santa Maria também se destaca a figura do curandeiro Vicente



*Capela de Santa Maria  
- Praça Antônio Neves*



*Antigo Posto de Puericultura  
Santa Maria*



*Terreno do atual Parque Guaiamu -  
Rua Madeira*



*Bifurcação da Passagem dos  
Toneleiros com a  
Alameda São Caetano*



*Reservatório de Água do Bairro  
Santa Maria - década de 60*



*Capela que pertenceu ao filho do  
curandeiro Vicente, Bento Rodrigues  
Vieira, situada onde hoje é a Praça  
Francisco Pires, no final da  
Alameda Cassaquera*



Rodrigues Vieira - São Vicente, como era chamado -, cuja missão religiosa atravessou as fronteiras de São Caetano. Atendia diretamente em sua casa, onde prescrevia apenas novenas para os doentes. Verdadeira romaria tinha lugar ao redor de seu sítio. A respeito da propriedade do curandeiro, sabe-se apenas que a residência se localizava no cruzamento da Alameda Cassaquera com a Rua Paraguassu. Morreu em Março de 1935, com 52 anos, e seu trabalho foi continuado pelo filho Bento Rodrigues Vieira.

No final da década de 1940, o bairro foi loteado em terrenos menores, para posterior comercialização, e novos melhoramentos urbanos foram feitos. A construção da primeira igreja católica, a São Francisco de Assis, deu-se em 1960, porém, devido a um incêndio em 1968, teve que ser reconstruída e sua fachada original foi modificada. Na antiga chácara do Dr. Souza Voto, local em que se encontrava um pavilhão usado para festas e bailes, foi construída a APAE (Associação de Pais e Amigos do Excepcional).

O Bairro Santa Maria, no início formado por chácaras cobertas de flores, hoje tem características residenciais e está dotado de ampla infra-estrutura: serviços, comércio, escolas e vários edifícios significativos como o Posto de Puericultura, o Reservatório d'Água, o Parque Santa Maria e o Teatro Paulo Machado de Carvalho.

- 1 - EMEI Castorina Faria Lima
- 2 - Guarda Municipal
- 3 - UBS Amélia Richard Locatelli
- 4 - Delegacia de Polícia - 2º Distrito Policial
- 5 - Igreja São Francisco de Assis
- 6 - EMEI Marilene de Oliveira Larocca
- 7 - Centro de Integração Municipal da Educação Infantil Talita Thomé Tomarezsky
- 8 - APAE
- 9 - Igreja Ortodoxa Gregoriana
- 10 - Escola Irmã Catarina





*Foto: Fundação Pró-Memória*

*Homenagem aos moradores do Bairro Santa Maria,  
realizada no dia 9 de Junho de 2001,  
na Guarda Civil Municipal, Alameda São Caetano, 1687*

*Alberto Fedatto  
Amélia Martins Rodrigues  
Anna Servilha Penatti  
Antenisca Tizo dos Santos  
Antônio Betanin  
Antônio Tozatto  
Anunciata Latâncio Sartori  
Benedita Cardoso Nogueira  
Candida Toratto Pagliarini  
Helena Ivanoff Bordian  
João Roque Ribeiro*

*José Fernandes  
Katisa Bereke  
Lídia Marcossi Benedetti  
Maria Rita Ribeiro  
Mário Sartori  
Nair Jodar Voni  
Oswaldo Voni  
Palmira Correia Craveiro  
Zaira Silva  
Zilda Silva Villas Boas*

# As dificuldades vivas no início do século

(depoimento de Antenisca Tizo dos Santos)

Filha de Duílio Tizo e Maria Dalcin Tizo, Antenisca Tizo dos Santos nasceu em São Caetano do Sul no dia 27 de Outubro de 1923. *Naquele tempo, a rua chamava-se Paraguai, não sei ao certo o número. Fui criada ali até que casei, quando me mudei para a Rua Pinheiro Machado.* Essa rua, atualmente, chama-se Engenheiro Rebouças e fica perto da Paróquia Nossa Senhora da Candelária.

Antenisca se recorda de sua infância, passada em meio às chácaras do Bairro Cerâmica: *Depois de muito tempo que a gente morava lá é que começaram a construir as primeiras casas lá por perto. Veio gente da Alemanha, da Hungria. Tinha um húngaro que morava perto de nossa casa. Aí foi aumentando. Até quando morei lá, só havia parentes do meu avô, cada um tinha a sua chácara, tudo próximo. Eram os Verona, Martim, De Santi (...) Na Rua Amazonas tinha poucas casas. Tinha um espanhol que morava lá e, onde eu morava, era tudo chácara. Quer dizer, ali era tudo parente do meu avô, bem dizer, eram meus primos. Era tudo chácara.*

A infância foi difícil. O pão era feito em casa, as roupas eram lavadas em um tanque onde havia uma nascente, pois na época da seca os poços eram fechados. A lenha tinha de ser pega, cortada e levada para as casas. *Eu era menina e minhas tias faziam um feixinho para mim. E eu trazia, ajudava.*

Aos quatro anos, respeitando os costumes católicos, começou a frequentar as aulas de catecismo na Paróquia Nossa Senhora da Candelária. As aulas eram dadas por padres de outras igrejas, pois não havia um padre fixo. Antenisca não tem certeza de quem era o padre - *não sei se era galês ou alemão* -, mas comenta: *Na igreja em São Caetano - Paróquia São Caetano, também conhecida como Matriz Velha - eram uns padres italianos. E tinha o padre Alexandre Grigolli quando fizeram a Matriz Nova (Paróquia Sagrada Família). A primeira comunhão foi feita na Matriz Nova. Não tinha*

*esse luxo de hoje em dia. O vestido era simples, de chita branca, e o véuzinho na cabeça.*

*As festas religiosas também são lembradas por Antenisca: Era a mesma coisa que agora. Tinha quermesse na Candelária (Paróquia Nossa Senhora da Candelária), só que no tempo que eu era menina ainda não tinha, porque vinha um padre de fora rezar missa (...) Aqui não tinha, depois é que veio. Tinha aquela igreja em São Caetano - Paróquia São Caetano, a Matriz Velha -, em que veio o padre para rezar missa. Depois colocaram um padre morando lá na Candelária, já que antes não tinha.*

*Com oito anos, ela entrou no Segundo Grupo Escolar, que era localizado na Rua Monte Alegre. Naquele tempo, quando a gente era menina, a minha avó fazia aqueles aventais com saco de farinha para a gente ir para a escola (...) Ia de tamanquinho (...) As minhas professoras eram boas (...) Tinha algumas que eram bem ruins, que até batiam na mão da gente (com palmatória). Eu gostei muito de minhas professoras, até hoje eu me lembro delas. Tinha a dona Nair, que me deu aula no terceiro e quarto ano, depois eu tive a dona Miriam (...) Naquele tempo, as crianças não sabiam nem pegar um lápis na mão. Elas vinham, pegavam na mão da gente e ensinavam. No quarto ano, eu não tinha dinheiro para comprar a foto que era tirada no fim do ano, mas a professora comprou e me deu. Tirei o diploma com 12 anos (...) Não repeti nenhum ano e o tenho guardado até hoje.*

*Foi também aos 12 anos que Antenisca começou a trabalhar na Indústria Aliberti S/A, uma fábrica de botões no Bairro da Fundação, próxima ao Rio Tamanduateí. Todavia, ali ficou apenas dois meses, devido à longa distância entre a fábrica e sua casa, além do baixo salário. Aos 13 anos, ingressou na Pan Produtos Alimentícios Nacionais S/A. Trabalhou lá por sete anos.*

*Conheceu Francisco Caetano dos Santos em São Caetano. Antenisca rememorou esse momento: Foi na quermesse da Sagrada Família (Paróquia Sagrada Família) quando o vi pela primeira vez. Eu estava perto de uma banca que sorteava brindes e ele tomando café em outra barraca. Ele ofereceu, mas nem dei atenção. Tornei a vê-lo depois de um ano, quando fui a um parque na esquina da Rua Baraldi (onde atualmente se localiza o Vitória Hall). Ele não tinha o hábito de ir ao cinema em São Caetano, ele ia mais em São Paulo. Mas, em um domingo, nós fomos ao cinema - Cine Central, na Rua Perrella, paralela à Rua Heloísa Pamplona, Bairro da Fundação. Ele perguntou se poderia se sentar ao meu lado. Eu aceitei. Quando saímos, estava chovendo muito e, como eu não tinha sombrinha, ele pediu para que eu o esperasse, pois iria buscar um guarda-chuva (...) Ele morava em uma pensão próxima. Não acreditei, até cheguei*

Antenisca Tizo dos Santos  
no dia da homenagem



Foto: Fundação Pró-Memória

*a comentar com minha colega que ele não voltaria. Mas ele veio com a sombrinha e me levou para o ponto de ônibus. Após quatro anos de namoro, casaram-se em 11 de Janeiro de 1947, na Igreja Santa Margarida Maria, em São Paulo. Têm dois filhos: Wilson Caetano dos Santos e Roberto Caetano dos Santos.*

Nascido no dia 15 de Março de 1915, em Itabaiana, Sergipe, e morando em São Caetano há 67 anos, Francisco lembrou-se da cidade na época de sua chegada: *Primeiro, lá no centro, tinha um bar e padaria chamado Trianon. Ali onde é a Igreja Universal do Reino de Deus - Avenida Conde Francisco Matarazzo, no cruzamento com a Rua João Pessoa - tinha um cinema (Cine Max). Quando cheguei, estavam construindo o cinema, até que a parede caiu e tiveram que levantá-la de novo (...)* O resto por ali era roça. A Rua Visconde de Inhaúma não existia. Era tudo atoleiro. Aqui - referindo-se ao seu atual endereço, na Rua Taipas, Bairro Barcelona - *quando construí e comprei o terreno, só tinha as pedras jogadas, não tinha calçamento nenhum. As primeiras casas que construíram foram na Rua Alegre, aqueles sobradinhos que existem até hoje. Tais residências localizam-se no início da Rua Alegre, próximas ao cruzamento com a Rua Flórida. O calçamento só alcançava intersecção entre as ruas Alegre e Oriente e, a partir daquele ponto, era apenas terra e mato. Ali onde é a São Bento (Paróquia São Bento), a turma caçava nabu, tatu (...)* Na Rua Visconde de Inhaúma, onde hoje é o Bradesco, *começaram a vender terrenos a troco de banana, ninguém acreditava (...)* Na Palmares - divisa de São Caetano com Santo André - *a gente fazia piquenique. Tinha umas chácaras ali, dos Fiorotti, dos Marinotti (...)* A gente chupava uva.

O centro da cidade também sofria com a falta de estrutura no come-

ço, conforme relatou Francisco: *Ali onde está o prédio da Prefeitura e o guichê da Telefonica - Rua Rio Grande do Sul, esquina com a Avenida Goiás - era um brejo danado. Ali atolava carro, até carroça! Ali embaixo tá cheio de pedregulho com um mato chamado sapé, que era usado para vedar aquele brejo. Tiveram que gastar toneladas de pedras. Onde é a Garagem Municipal - Rua Arnaldo Sante Locoselli - era uma fábrica de pastilhas chamada Argilex (fábrica de pastilhas de azulejo). Os caminhões subiam a Rua José Benediti e atolavam. Vinha outro para retirar e atolava também. Era um atoleiro atrás do outro!*

A situação dos transportes também não era das melhores. No Bairro Barcelona, circulava uma jardineira pertencente aos Becharas, mas que quebrava no meio do caminho e deixava os moradores do bairro sem locomoção por dois, até três dias. Na época de namoro, Francisco comentou que pegava o ônibus na Rua Amazonas e ia para a Rua Gonzaga, onde havia calçamento. Antenisca morava na Rua Engenheiro Rebouças. *Quando eu descia do ônibus e olhava para baixo, para aquele atoleiro, eu nem namorava, andava era pra trás, pra não sujar de tanto barro.*

Francisco começou a trabalhar na General Motors em 1940. Depois de 1942, contudo, devido à Segunda Guerra Mundial, todos os funcionários foram mandados embora, pois naquela época o material vinha dos Estados Unidos, sendo apenas a montagem feita em solo brasileiro. Nesse período, ingressou na Siderúrgica Santa Olímpia S/A, localizada no Bairro Ipiranga, São Paulo, onde, apesar da falta de material, se trabalhava duas vezes por semana. Esteve também na fábrica de fungicida dos Matarazzos e na Companhia Siderúrgica São Francisco S/A, em 1944, quando foi chamado de volta para trabalhar na General Motors, aí permanecendo até 1952.

Ao sair da General Motors, juntamente com um tio de Antenisca, Ricieri Grigoletto, abriu um ponto de táxi. *Fui eu que abri aquele ponto do Jardim Primeiro de Maio, na Rua Manoel Coelho, em Novembro de 1952. Nós matávamos mosquitos ali, lá era tudo gramado. Naquele tempo, na Avenida Goiás, tinha uma loja de louças e tintas, pertencente aos Marinottis, uma casa no meio, ali onde está aquele "escorregador de elefante" - citando a Concha Acústica - e o estacionamento. Era um brejo danado e era tudo gramado. Ficávamos ali na Manoel Coelho esperando alguma alma (...) Não tinha táxi, eram dez cruzeiros ... ou cruzados a corrida, eu nem me lembro mais. O cara subia no carro e, quando pagava dez cruzeiros, ele arrancava a maçaneta. Se gastava mais com o conserto da maçaneta do que com outras coisas. Na época, os carros eram fabricados com uma maçaneta de ferro para abrir a porta. Ela tinha de ser levantada com jeito para não quebrar, pois o conserto acabaria saindo bem caro. Não*

era o que acontecia. Muitos passageiros puxavam a maçaneta de tal forma que a arrancavam, dando dor de cabeça e gastos extras para o motorista. *Porque o cara pensava que era burro: ele puxava na crina e não arrancava, mas na maçaneta do carro não!*

Desse período de taxista, Francisco lembrou-se de um caso em particular: *Uma mulher chegou lá no ponto e perguntou quanto era a corrida. Perguntei para onde ela iria, pois o preço poderia variar - 10, 15, 25 cruzeiros (...) Aí ela disse que o litro de gasolina custava um cruzeiro. Expliquei que, se ela achava que a gasolina estava barata, eu não gastava apenas a gasolina, mas também pneu, motor e assim por diante. E se ela achava que era só a gasolina, então que comprasse um litro, mandasse encher de gasolina e colocasse fogo. Assim ela chegaria rapidinho. A mulher saiu bufando!!*

Antenisca comentou que as opções de lazer eram escassas: *Tinha um salão de baile só, perto da Cerâmica, lá embaixo - Grêmio Recreativo Dramático Dançante Guarany, no cruzamento da Rua Castro Alves com a Avenida Engenheiro Armando de Arruda Pereira -, e a gente ia mais no carnaval, acompanhada de minhas tias (...) Minha avó não deixava a gente ir sozinha (Antenisca tinha uma irmã, Alice Tizo, já falecida). Quando eu trabalhava na Pan, ia muito no cinema lá embaixo, aquele para baixo da estação (Cinema Central), porque tinha um outro no Monte Alegre (Cine Park, na Rua Maranhão, Bairro Monte Alegre, atual Santo Antônio) (...) Mas não gostava muito de lá (...) Eu gostava mais do outro porque era melhor do que aquele do Monte Alegre. Depois que casei, ia sempre no Cine Planalto - antiga sala de exibições, onde atualmente se situa um supermercado. Eu não tinha televisão naquela época e a gente ia até duas vezes por semana assistir a filmes. Íamos de noite, eu gostava muito. Quando ele nasceu - Roberto Caetano dos Santos, em 20 de Fevereiro de 1958, em São Caetano - é que nós compramos a televisão. Porque eu disse: "Agora não posso mais sair à noite, né?"*

Em 1948, houve a emancipação de São Caetano, fato que trouxe muitos benefícios para os moradores. *De acordo com Antenisca, muitos gostaram da mudança, porque naquele tempo ia tudo para Santo André (...) Aqui eles davam muito pouco e a gente não tinha nada. Depois entrou o doutor Ângelo Pellegrino - Ângelo Raphael Pellegrino, primeiro prefeito de São Caetano do Sul - e aí melhorou bastante. Ele foi o melhor prefeito que tivemos, porque a gente não tinha nada. Eu gostei muito de tudo que ele fez. Então, de lá para cá é que começou a progredir, a crescer como está, cada vez melhor. E os outros prefeitos também. Gostei muito do Massei - Oswaldo Samuel Massei, prefeito de 1957 a 1961 e de 1969 a 1973 -, do*

*Anacleto Campanella - de 1953 a 1957 e de 1961 a 1965 -, aquele que é baiano - Raimundo da Cunha Leite, de 1977 a 1983 -, o Dall'Anese também - Antônio José Dall'Anese, de 1993 a 1996 - não tenho queixa. E desse aqui - Luiz Olinto Tortorello, de 1989 a 1992, de 1997 a 2000 e de 2001 a 2004 - melhor ainda.*

O progresso da cidade foi acompanhado de perto. A implantação da energia elétrica, a partir da década de 30, foi uma das modificações relatadas por Antenisca. *Lá na minha casa, acho que foi quando eu tinha uns vinte e poucos anos, foi mais ou menos isso. Melhorou bastante ... primeiro era com aquelas lamparinas de querosene, essas coisas. Do mesmo modo, água encanada e rede de esgoto foram lembradas: Eu já morava aqui (Rua Taipas) quando colocaram. Eu tinha o poço, mas quando construímos esta casa nós já colocamos água encanada na bomba. Quando veio da rua a gente já colocou. Aí já faz uns 40 ou 45 anos.*

Desde então, o Bairro Barcelona iniciou seu desenvolvimento: mais casas foram construídas e um mercado foi aberto na Rua Conselheiro Lafayette. Antenisca diz que o frequentou muito no começo, pois havia poucas opções de comércio no bairro, ao contrário de hoje. Os bancos foram implantados - o que incentivou o surgimento do comércio local - e, em 1979, a agência dos Correios foi inaugurada na Rua Taipas. De acordo com Antenisca, *desde que colocaram os bancos melhorou cem por cento. Colocaram muitas lojas, não tinha nada aqui. Tinha poucas casas (...) Depois é que foram construindo. Tinha essa casa aqui - atualmente uma vidraçaria, à esquerda de sua residência -, não tinha essa loja, era uma casinha. Esse sobrado - no cruzamento da Rua Taipas com a Rua Antônio Garbelotto, onde existe um prédio comercial - também não tinha, era uma casa como essa daqui. Não tinha muito movimento. Depois que puseram os bancos, melhorou muito mais.*

*Tatiane Cristina Correia*

# Quinzena gorda, quinzena magra

(depoimento de Amélia Martins Rodrigues)

Amélia Martins Rodrigues,  
Fernando Bernardino Rodrigues  
e o menino,  
Fernando Martins Rodrigues



Foto: Amélia Martins Rodrigues

José Licati e Rozária Scataggio, nascidos na Itália (Sicília), vieram para o Brasil, como imigrantes, em 1899. Traziam consigo três filhos e Rozária estava grávida. Durante a viagem de navio, um dos filhos do casal, Sebastião, que era uma linda criança, desapareceu, sendo encontrado somente no fim da viagem. No Brasil, o sr. José Licati se instalou em Avaré (SP), onde comprou algumas terras com o pouco dinheiro que trouxera.

Segundo nossa entrevistada, sra. Amélia, sua avó, D. Rozária, era muito severa, firme e trabalhadeira. Comprava bananas verdes e as vendia quando maduras. Os filhos foram crescendo e constituindo família, recebendo cada qual uma parte daquelas terras.

**ANNA LICATI** - Quarta filha do casal José e Rozária, Anna Licatti nasceu em Avaré (SP), em seis de Maio de 1900. Aos 17 anos de idade, já orfã de mãe, pois D. Rozária falecera em 1915, Anna fugiu de casa para

*Amélia Martins Rodrigues no dia da formatura de modista, em 15 de Julho de 1947*



*Foto: Amélia Martins Rodrigues*

*Anna Licarti Martinez*



*Foto: Amélia Martins Rodrigues*

livrar-se da vida dura que levava. Servia de empregada para toda a família e, especialmente, para uma tia, que viera da Sicília para casar-se com Sebastião, tio de Anna.

Anna Licati casou-se com João Diogo Martins, filho de imigrantes espanhóis, nascido em 24 de Junho de 1898, indo morar na fazenda dos sogros, em Avaré. O casal Anna e João Diogo tiveram dez filhos (dois adotivos), sendo Amélia, nossa entrevistada, a terceira filha do casal, nascida em seis de Novembro de 1923. Em 1935, com o marido doente e muitas dificuldades financeiras, Anna mudou-se, com a família, para São Paulo, instalando-se no Bairro de Pinheiros. Os filhos mais velhos foram trabalhar e os mais novos faziam serviços em casa .

- *Naquele tempo era fácil conseguir serviço para fazer em casa*, diz nossa entrevistada. Amélia e alguns irmãos trabalhavam na empresa Müller e Cia (plásticos em geral). D. Amélia nos contou, ainda, que após as dez horas de trabalho diário na indústria, a mãe, D. Anna, distribuía as tarefas que cada uma das filhas devia fazer em casa. Ela, por exemplo, costurava toda a roupa da família.

Em meio a tantas recordações, D. Amélia também se lembrou de que trabalhou 14 anos na mesma empresa, de que sua mãe ficava com o dinheiro da *quinzena gorda* (sem descontos) e deixava a *quinzena magra* (com descontos) para os filhos. Além disso, os irmãos mais velhos deviam pagar os estudos dos irmãos mais novos. Apesar de toda a responsabilidade no trabalho e na família, D. Amélia conseguiu concluir o curso de quatro anos na escola para modistas (alta costura).

**SÃO CAETANO** - Amélia Martins, nossa entrevistada, casou-se com Fernando Bernardino Rodrigues, nascido em 30 de Outubro de 1920,

*Amélia Martins Rodrigues  
no dia da homenagem*



*Foto: Fundação Pró-Memória*

imigrante português que viera para o Brasil com três anos de idade.

Três meses após o casamento, realizado em 20 de Dezembro de 1947, por insistência do marido, o jovem casal veio visitar um primo que morava em São Caetano. Segundo Amélia, foram ver um terreno para comprar em plena mata. Ela resistiu o quanto pôde, mas acabou concordando. Compraram o terreno e construíram uma pequena casa, mudando-se para São Caetano em 1948.

No início, foi tudo muito difícil para Amélia e seu marido. Depois de algum tempo, porém, a situação começou a melhorar. D. Amélia entregou-se de corpo e alma à costura e passou a vestir todas as noivas e senhoras da sociedade. Com o produto de seu trabalho, D. Amélia conseguiu construir várias casas no mesmo terreno, casas de cujo aluguel se mantém, atualmente. Trabalhou até a formatura de seu único filho, Fernando Martins Rodrigues, nascido em primeiro de Maio de 1958. Com muito orgulho, Amélia Martins Rodrigues fala do filho, hoje bem casado com Roselaine e pai de dois filhos: Felipe (19 anos) e Fábio (17 anos).

Católica fervorosa e mãe dedicada, Amélia se sente realizada por uma vida de trabalho e por seu filho, engenheiro industrial, profissional bem-sucedido e chefe de família exemplar. Atualmente, ela mora sozinha na mesma casa, Rua São Francisco, 158, Bairro Santa Maria. Para preencher o tempo, coordena o curso de artes na Paróquia São Francisco. Adora pintar e cuidar das flores. É uma artista, na verdade.

*Yolanda Ascencio*

# Uma história de fé

(depoimento de Antônio Tozatto)

## Morador do Bairro Santa Maria se emociona ao relembrar passado

*Antônio Tozatto, atuando como Jesus nas encenações da paixão de Cristo*



Foto: Antônio Tozatto

Nascido no Município de São João da Boa Vista, interior do Estado de São Paulo, Antônio Tozatto, morador há 47 anos do Bairro Santa Maria, é memória viva da História de São Caetano do Sul. *Eu vim pra cá aos 22 anos. Fui direto para a Vila Alpina, São Paulo. Lá fiquei uns dez anos. Depois cheguei em São Caetano. Cresci junto com a cidade.* Casou-se com Aparecida Querobini Tozatto, 74 anos, em Vargem Grande do Sul, onde também foi criado. Antônio relembra bem aquela época. *Logo que me casei, tomei um trenzinho e vim parar aqui em São Paulo.* Foi em São Paulo, depois em São Caetano, que um dos moradores mais antigos do Bairro Santa Maria começou a vida de casado.

Conheceu a esposa no interior paulista. *A gente morava na fazenda e ia mudar para um sítio. Ela ia também morar nesse sítio. Eu a encontrei numa estrada e comecei a conversar (...) E namorar. Até casar.* O principal motivo que levou Tozatto a vir para São Paulo, e em seguida para São Caetano, foi a tentativa de mudar de vida. *A gente estava cansado de trabalhar na roça. Trabalhava, trabalhava e chegava no fim do ano o que*

*ganhava mal dava para pagar o que gastava. Não tinha dinheiro nem quase para comprar um par de sapatos. Foi aí que a gente resolveu vir pra São Paulo, enfiar a cara aqui.*

Antônio Tozatto comenta as dificuldades encontradas no bairro na época de sua chegada. *No começo foi difícil. Até a gente se adaptar, mas depois disso não teve mais jeito de sair daqui. Para trabalhar, eu descia um trilho, ia à Estação de Utinga e pegava o trem até o Ipiranga. De lá ia a pé para a firma (...) Fazia todo esse sacrifício. Depois melhorou a situação e eu comprei um carrinho. Prefere os tempos atuais, já que o desenvolvimento foi crescente nas últimas décadas. Aqui não tinha rua, era mato. Muitas vezes eu capinava a rua para poder chegar em casa. Hoje é muito bom. Acho que é o melhor bairro de São Caetano. Não havia energia elétrica. Ela só foi conseguida após um abaixo-assinado dos poucos moradores da região. Eu acho melhor hoje. Com tudo que tem aqui. Aquele tempo era o tempo do caipira. Hoje é muito melhor. Não tem nem comparação. Mudou como do dia para a noite. Quer coisa melhor que isso aqui? Está ótimo.*

Sempre muito religioso, Tozatto, ao chegar, ajudou a construir e frequentou a Igreja Nossa Senhora do Carmo, na Vila Alpina. Em São Caetano, durante muitos anos foi ministro de Eucaristia da Paróquia São Francisco de Assis. Com a esposa, até hoje participa diretamente das atividades da igreja. Nas tradicionais encenações da Paixão de Cristo, Antônio foi ator atuando como Jesus Cristo durante sete anos. Após dez anos sendo o coordenador de distribuição de cestas básicas, deixou a responsabilidade, já que não tinha sossego, pois moradores de outras cidades vinham buscar os alimentos. *Vinha gente da Vila Prudente, Ribeirão Pires, Diadema. Eles diziam que o padre (Padre Vanderlei Nunes - Paróquia São Francisco de Assis) distribuía cestas pra todo mundo. As cestas básicas hoje são distribuídas, aos moradores da região, pela Associação São Francisco de Assis, da qual ele faz parte. Eu participava das festas da igreja, trabalhava nas quermesses. Agora já estou velho. Gosto de participar (fazendo parte da associação). Aquilo, pra mim e minha esposa, é como se fosse a casa da gente. Estamos entrosados desde que começou, do chão. A igreja foi construída, depois puseram fogo nela, queimaram e eu ajudei a construir de novo,* comenta.

Na área profissional, trabalhou em uma indústria de mármore no Bairro do Ipiranga, São Paulo, que se chamava Tonetti Mármores e Granito. Ficava na Avenida Presidente Wilson. Lá prestou serviços durante 37 anos e se aposentou. *No começo eu era operário. Ajudava a carregar pedra e descarregar o material.* Depois de dez anos foi chamado para ir ao Recife

*Igreja São Francisco de Assis. Antônio carrega o Santo São Francisco em pequena procissão, realizada nas dependências da igreja*



Foto: Antônio Tozatto

trabalhar, onde ficou três meses sendo o responsável pela firma. Porém seu chefe não o deixou ficar na capital pernambucana. Pediu para que voltasse e assumisse o cargo de contra-mestre - atividade de corte e medidas de pedras para construção civil e acabamento de obras -, em São Paulo, ficando por sete anos como encarregado. Em seguida, o mestre foi demitido e Tozatto assumiu o cargo deixado pelo colega. Após aposentar-se foi trabalhar novamente numa empresa em que o dono era filho de seu antigo patrão.

Um dos moradores mais antigos do bairro recorda sua infância com saudade e alegria. Os principais divertimentos eram andar a cavalo e caminhar nas estradas a pé. *A gente ia às missas de Sexta-feira Santa e, quando voltava, rolava aquelas pedras na estrada. Uma vez ia instalar eletricidade e a gente estava em uns 20 rapazes. Colocamos os postes atravessados na pista (...) Esse era o nosso divertimento.*

Possui família composta por dois filhos, duas filhas e cinco netos. Estudou até o terceiro ano primário, algo difícil na época, uma vez que morava na roça plantando frutas, legumes e verduras. *Na roça a minha infância foi trabalhar. Ia muito em bailes (...) Tinha aquelas barracas cobertas de pano (...) A gente dançava muito.*

Antônio Tozatto não poupa elogios ao Bairro Santa Maria. *Eu gosto de tudo aqui. Da minha igreja, do parque (Guaiamu).* Diz que todos os dias, antes da construção do Parque Guaiamu, caminhava nas ruas. Agora, tendo um local apropriado para o lazer e o esporte, faz ginástica todos os dias pela manhã. *Deixei de caminhar e agora faço ginástica.* De origem italiana, o munícipe disse que foram seus avós paternos que vieram para o Brasil. Antônio herda o sobrenome do avô. *Ele se chamava Pedro Tozatto,* explica. Diz que a vida no bairro é tranqüila. *O dia-a-dia é fazer nada,* brinca o morador. *Andar na rua e conversar com todos. Ir ao bar do Toninho, jogar*

*dominó e, na igreja, bater papo na sacristia com a secretária. Antônio diz que jamais sairá do bairro e muito menos da cidade. Só quando eu morrer é que eu vou sair daqui.* Segundo o morador, quando viaja para o sítio da filha não consegue ficar fora de São Caetano por mais de uma semana. *O bairro é como se fosse uma grande família.* Tozatto também destaca a união de seus filhos e as constantes festas de confraternização para a comemoração de datas importantes. *Domingo passado eu fiz uma feijoada para comemorar meu aniversário. Fizeram a maior baderna aqui. Cantaram. Nós somos muito apegados, muito unidos.* Apenas não tem contatos freqüentes com os irmãos, visto que a irmã mora no interior e o irmão tem problemas de saúde. *Meu irmão mora em São Bernardo, Vila Paulicéia, e minha irmã em Taubaté.*

No que diz respeito a opiniões, Tozatto manifesta insatisfação com o mundo atual e diz que, antigamente, não havia violência. No tocante a lembranças, revela que, até os anos 50, o comércio era pouco desenvolvido e a pavimentação e a urbanização das ruas apenas começavam. *O mundo de hoje está muito difícil, mas antigamente também era difícil. A gente não é rico, mas tem uma vida mais ou menos. A aposentadoria dá pra viver bem.*

Tozatto está insatisfeito com a situação do país e critica a administração de Fernando Henrique Cardoso. *O governo está muito displicente. Ele poderia ter feito muito mais para nós. O dinheiro que se arrecada eles roubam tudo. Esse juiz, o Lalau, roubou 169 milhões de reais e está solto. É uma vergonha isso. Esse cara deveria estar na cadeia junto com os marginais. O governo é fraco.* Sempre bem informado, Antônio faz uma pergunta, não vendo perspectivas de mudança: *Quem nós vamos escolher para ser presidente? Quem está ganhando nas pesquisas é o Lula, mas sempre ele está e nunca ganha,* ironiza.

Sobre a vida dos idosos, Antônio Tozatto diz que, na atualidade, eles vivem melhor do que no passado. *A maioria vive melhor. Tem mais divertimento, tem bastante lazer. Eles estão vivendo mais tempo que antigamente.*

*Está faltando um hospital,* responde o morador quando perguntado sobre o que falta na cidade e no bairro. Apesar de terem plano de saúde, Antônio Tozatto e a esposa sentem falta de um atendimento específico e mais rápido da rede pública de saúde. Todavia, reconhecem que o Pronto-Socorro Municipal tem um bom atendimento.

Ao agradecer a Deus pelas coisas que obteve na vida, Antônio Tozatto emocionou-se. Com os olhos marejados de lágrimas e com a voz trêmula de emoção, relatou um fato ocorrido há 14 anos, quando, depois de aposentado, trabalhando sofreu um acidente que o deixou fora das ativida-

des rotineiras por mais de um ano. *Eu trabalhava na firma e me caiu uma pedra de 700 quilos e quebrou minhas duas pernas. Fiquei 104 dias no hospital e um ano na cama de barriga pra cima. As minhas pernas eram para ter sido amputadas. Os médicos falaram para o meu genro que nunca mais eu ia andar. Mas, graças ao Senhor, eu estou andando (...) Sempre a fé. Uma coisa que eu não perco é a fé. As pernas, quando eu cheguei no hospital, estavam na barriga. O importante é que eu me recuperei. A pedra caiu para baixo do joelho. Se ela tivesse me pegado mais alto, dia 11 de Março faria 14 anos que eu já tinha ido.* Antônio comenta que, no dia do acidente, havia levado um dos funcionários ao hospital. Esse funcionário o aconselhou a ir para casa, já que era tarde. Tozatto voltou à firma e aconteceu o acidente que, segundo ele, marcou muito a sua vida e a de sua esposa. *Ela sofreu mais do que eu. Doaram-me sete litros de sangue. Se a minha cabeça fosse ruim eu estava numa cadeira de rodas. Se Ele (Deus) fez isso comigo também vai me fazer voltar a andar de novo,* dizia o morador na época do acidente.

Não gosta de assistir por muito tempo à televisão. Prefere ficar na rua, conversando com os moradores. Após às 18h, Tozatto vê novelas, o Jornal Nacional e não perde a missa diária da Rede Vida. Residente na Rua João Galego, Santa Maria, reafirma que jamais sairá do bairro. *Aqui eu sou mais conhecido que dinheiro,* sorri.

Fernando Scarmelloti

# O dom de prosperar

(depoimento de Palmira Correia Craveiro)

## A história de uma família de imigrantes em São Caetano do Sul

Natural de Beira Alta, Portugal, nascida em sete de Julho de 1919, Palmira Correia Craveiro é moradora do Bairro Santa Maria, em São Caetano do Sul, desde 1945. Reside na Rua Arlindo Marchette, 220. Em seu relato, lembrou os grandes esforços que a fizeram prosperar. Contudo, a lusitana sempre conservou a simplicidade.

Palmira viveu até a maturidade num pequeno vilarejo, no interior de Portugal (Beira Alta), onde enfrentou muitas dificuldades. Com sete anos começou a trabalhar na roça e foi lá que conheceu o marido, João Garcia: *Tive uma infância muito sofrida, muito trabalho pesado, trabalhava na roça mesmo (...) Os calos da minha mão ... Eu cortava eles com uma faca (...) Tinha uns dez para 11 anos ... A gente ia plantar batata ... Lá se plantava de tudo, só não plantavam arroz (...) O trigo, o centeio e a cevada plantávamos no verão para colher no inverno, porque lá a geada não é que nem aqui, que faz um friozinho.*

Recordou-se do cotidiano em sua terra natal: *A chuva lá é como se tivesse tomando banho: se molha inteirinha (...) A gente colhia a uva para fazer o vinho e a azeitona para fabricar o azeite (...) Ia pegar as azeitonas no meio da geada ... Aquele vento frio e a gente nem usava calça comprida, não era autorizada (...) Mulher também não podia amassar uva, só os homens (...) Chamava-se o fulano, lavava os pés, colocava uma bermuda ou arregaçava as calças até em cima, amassava e, quando era o outro dia, fervia (...) Fica tudo cheinho (...) Quando é o dia de recolher, a gente abre a torneirinha e ele sai limpinho e o bagaço vai ficando.*

Palmira e João se casaram na década de 30. Viveram juntos por apenas três meses, pois a guerra (Primeira Guerra Mundial) fez com que se separassem: *Eu casei, ele ficou três meses lá e veio embora porque era o tempo da guerra (...) E se ele não fugisse para cá, era obrigado a ir para o Exército. E o Exército lá não é que nem aqui não. Lá é duro...*

Durante esse tempo, soube que estava grávida da primeira filha, Isabel, a qual teve que criar sozinha. Paralelamente, teve que trabalhar, pois queria o quanto antes comprar a passagem e vir para o Brasil: *Eu fiquei lá, grávida de Isabel. Lutei que nem uma condenada, noite e dia na enxada, para juntar o dinheiro da passagem.*

Enquanto ela criava a filha, em Portugal, João garantia, no Brasil, o sustento da família que estava por vir: *Quando ele chegou, bateu na porta de um compadre, que disse: - "Eu vou te arranjar serviço, mas você tem que agüentar das três e meia às quatro horas da manhã. Você tem que levar o pão lá em cima naqueles morros" (...) Ele dormia junto com os cavalos, enrolado em um cobertor por causa dos mosquitos (...) Eles comiam a gente vivo (...) Quando eram três e meia o relógio despertava e ele ia.*

Palmira rememorou as cartas que recebia de João, nas quais o marido relatava as dificuldades por que estava passando. *Nessa hora me dava um desespero. Se tivesse um avião eu ia embora já!* Contudo, o esposo prosperava cada vez mais até que conseguiu comprar, em sociedade, sua primeira padaria, em Santa Isabel, São Paulo.

Em 1938, Palmira e a filha, de quase nove anos, embarcaram em um navio rumo ao Brasil. *Moramos 30 dias no mar, eu e ela. Cheguei em Santos e ele foi me esperar. O pai foi conhecer a filha quando ela já possuía nove anos.*

Ficaram cerca de um ano em Santa Isabel, até quando João vendeu sua parte para comprar um terreno na Vila Carrão, São Paulo, onde construiu seu próprio estabelecimento. *Fizemos um salão enorme. Moramos lá até fazermos a casinha onde nós íamos morar (...) Tinha um balcão de bar antigo, onde fizemos o forno e o salão da panificadora.*

A família, então, enfrentou diversas dificuldades. *Isabel ia a pé para a escola, andava uns cinco quilômetros, não tinha dinheiro para pegar o ônibus. E eu levantava às três horas pra ficar na padaria de manhã. Naquele tempo fazia-se comida para os funcionários. Eu tinha três, não era fácil (...) Meu marido ia comprar a farinha no centro de São Paulo. Comprava de atacado. O único sono que ele tirava era desde pegar o ônibus até chegar ao moinho (...) Não tinha outro jeito (...) A gente também tinha que fazer a massa e, quando tinha encomenda, era tudo no muque (...) Tinha que amassar o pão, colocar dentro de uma estante, deixava a massa crescer. Ia mais uma vez para a masseira e depois para o forno (...) Nesse tempo não era pãozinho, era pão de quilo, e eu ajudava a carregar aquele peso. Até hoje sofro de dor na coluna.*

Nesse comércio, permaneceram durante um ano. João, porém, empenhou-se até conseguir um novo e melhor estabelecimento. O objetivo era

Palmira Correia Craveiro  
no dia da homenagem



Foto: Fundação Pró-Memória

garantir moradia para a filha, lembrou Palmira: *Quando nós morrermos ela não precisará comprar terreno para a moradia (...)* Já está feita.

Foi então que, com muito trabalho, o marido comprou terreno em Utinga, Santo André, na Avenida da Paz. Nessa mesma época, Palmira ficou grávida de Irene (falecida). Por coincidência, o término da construção em Utinga aconteceu junto com o nascimento de Irene. *Mudamos para Utinga (...)* A minha filha tinha 20 dias (...). *Foi criada de qualquer jeito, não comia direito, ninguém ligava pra ela (...)* Sabe Deus como é que ela foi criada.

Com o lucro obtido, puderam adquirir outro comércio no Bairro Santa Terezinha, Santo André. Desse modo, passaram a alugar o prédio das panificadoras e ocupar-se com os novos negócios. Funcionando o estabelecimento em Santa Terezinha, compraram terreno em São Caetano do Sul, e logo se iniciou a construção de uma nova panificadora. *Meu marido e eu vínhamos todos os dias de Santa Terezinha pra aqui, pois ajudávamos a construir. A rua se chamava Retirada da Laguna* (atual Rua Arlindo Marchette - Bairro Santa Maria). *E quando fizemos aqui se chamava Padaria Santa Maria (...)* Esse é o nome original dela. *Trocaram, mas é esse o nome dela* (atualmente é conhecida como Padaria Samara). *Aqui era só mato, era muito ruim, muito feio. Tinha um ônibus caindo aos pedaços.*

Palmira contou que a filha Irene (com dois anos) era criada no salão, dentro de um caixote: *Era ali o chiqueiro dela. Um dia ela saiu de lá e todos a procuravam (...)* Ficamos desesperados atrás dela. *Quando fomos ver, ela estava dentro da vitrine comendo os chocolates (...)* E outra vez ela chorava porque dizia que queria ter avó. Então, ela atravessou a rua e foi até a casa de uma senhora. *Tinha um buraco no portão, por onde entrava o cachorro, e ela entrava por ali e dizia que ia visitar a sua avó.*

*A vida era só trabalhar, desabafou. Nunca me sentei para comer um*

*prato de comida no tempo em que trabalhei nas padarias (...) E nós, quando estamos lá, nada que está ali nos apetece. Naquela época, o único dia em que eles - e todos os donos de padaria - descansavam, era o feriado de primeiro de Maio (Dia do Trabalho). Todo mundo que tinha padaria aqui em São Caetano (...) Eram todos conhecidos, tudo da minha terra (...) Aí combinávamos e não abríamos nem as portas de manhã. Íamos passar o dia em Interlagos ou na Praia Grande (...) Levávamos comida e fazíamos lá (...) Juntava-se um mundo de conhecidos, parentes, amigos e íamos fazer comida lá perto da beira da praia. Fazia frango com arroz no carvão (...) Cada vez que vou para o meu apartamento, em São Vicente, quando passo por lá eu falo: "Já fiz muitas vezes comida aqui"...*

Passou-se um tempo e, em 1957, venderam o comércio e voltaram para Portugal, retornando cerca de dez meses depois. Com mais estabilidade financeira, de imediato adquiriram outro negócio, na Vila Floresta, São Paulo (atualmente gerenciado por Isabel). Em 1969, novamente foram a Portugal, porém, sobre esse tempo, Palmira demonstrou certa tristeza ao falar: *Meu marido sofria muito com a diabetes. Desde essa fase, Isabel, seus filhos e os filhos de Irene administraram o patrimônio da família.*

Ao retornarem ao Brasil, João Garcia faleceu. Palmira, ao lembrar, lamentou: *Quando eu havia de descansar com meu véio, Deus não quis. Levou ele embora e eu fiquei sozinha com os filhos. Hoje diz que não volta mais para Portugal e comenta sobre Beira Alta : Lá tem cada palacete (...) Vai mais a turma que passa o inverno aqui e vai passar o verão lá. Se meu marido não tivesse falecido, eu também faria a mesma coisa. Mas, infelizmente, o que é que a pessoa vai fazer lá sozinha? Já fui muitas vezes pra lá. Estou feliz aqui em São Caetano. Gosto do Bairro Santa Maria e daqui eu não saio.*

Gosta de fazer compras no centro da cidade. É sócia do Clube da Terceira Idade de São Caetano do Sul: *Eles vão pra tudo que é lugar e eu tenho que ficar atenta pra saber quando vai ter excursão. Aprecia ir à praia: Pego o ônibus (sempre acompanhada pela empregada) e vou para o meu apartamento em São Vicente (...) Me divirto só de ver os outros (...) É bom pra gente descansar a cabeça. Gosto de lá no verão, não preciso nem tomar remédio pra dormir (...) Aqui às vezes tomo até dois. Assiste aos telejornais, mas reclama da programação: Antigamente a gente assistia à TV com gosto. Hoje tem muita sem-vergonhice, vou falar o português claro.*

Lutou durante toda vida e, hoje, ao lembrar o passado, analisa: *Hoje eles só querem sombra e água fresca (...) Tem hora que eu fico desiludida (...) Prefiro aquela época, pois trabalhávamos muito, mas com vontade (...) Tudo era feito com dedicação para obtermos um resultado.*

# ***Imigrante iugoslava resgata mais de setenta anos de história***

*(depoimento de Katiza Bereki)*

Nascida na Iugoslávia, em território outrora pertencente ao Império Austro-Húngaro, Katiza Bereki, 79 anos, reside desde 1927 em São Caetano do Sul. Afirma que, apesar de ser natural daquele país, foi criada e educada como húngara. Seus pais, Alexandre e Rosália Pete, além da família do irmão de seu pai, imigraram para o Brasil no ano de 1925, influenciados pelo término da Primeira Guerra Mundial e conseqüente derrota do Império. *Sou nascida na Iugoslávia, antigo Império Austro-Húngaro. Meus pais, húngaros, vieram para o Brasil por causa da perda da guerra, quando os iugoslavos tomaram o território em que nasci (...) Embora seja iugoslava, somente sei duas ou três palavras naquela língua (...) Fui criada no regime húngaro: nada de iugoslavo e até hoje falo e leio húngaro.*

O Império Austro-Húngaro foi estabelecido em 1869, com a união da Áustria e da Hungria. Os dois países eram autônomos, possuindo constituições, línguas e governos diferentes. A Hungria era comandada pelos magiares e a Áustria pelos alemães. Os conflitos por território eram freqüentes, criando tensão entre os países fronteiriços daquela porção da Europa, especialmente pela anexação de duas províncias pertencentes à Sérvia pela Áustria. Em 28 de Julho de 1914, o herdeiro do trono Austro-Húngaro, arquiduque Francisco Ferdinando, e sua esposa foram assassinados em Sarajevo, capital da Bósnia, por um nacionalista sérvio. O incidente foi o estopim da Primeira Guerra Mundial. Os países se polarizaram formando dois blocos: a Tríplice Aliança, encabeçada pela Alemanha, e a Tríplice Entente, liderada pela França, que saiu vencedora em 1918. Com o término da batalha, o Império Austro-Húngaro dissolveu-se. A Hungria foi desmembrada e perdeu território para Romênia, Iugoslávia e Tchecoslováquia, passando por uma fase de instabilidade política. O regime comunista foi implantado: durou apenas quatro meses, pois em 1920 foi restaurada a monarquia. Com a eclosão da Segunda Guerra Mundial, novamente a Hungria aliou-se à Alemanha nazista, que saiu derrotada. Atualmente, a República da Hungria possui o parlamento como forma de governo, estando dividida em 19 condados, além da capital Budapeste.

Katiza, quando deixou a Iugoslávia, tinha apenas três anos. Relata que o percurso foi realizado em um navio de origem francesa. Inicialmente, os familiares se instalaram no porão, porém, depois, precisaram alugar uma cabina, pois a mãe de Katiza sentiu-se mal. Acrescentou que, mesmo após se acomodar em um quarto, toda a família apresentou problemas estomacais, provavelmente devido à alimentação. *Eu vim para o Brasil quando tinha três anos (...) Vim com minha família no porão de um navio francês, mas minha mãe começou a passar mal. Então, meu pai alugou uma cabine (...) Nós não nos acostumávamos com a comida servida. Ficamos com muita indisposição (...) Vomitávamos constantemente.*

A embarcação ancorou no porto da cidade do Rio de Janeiro, no Natal de 1925, seguindo para o porto de Santos, litoral de São Paulo, onde encerrou o trajeto no dia 29 de Dezembro de 1925. O desembarque deu-se em Santos e dali a família seguiu de trem até o Departamento de Imigração, localizado no Brás. Regularizada a situação, o destino foi uma fazenda perto da cidade de Ourinhos. O trajeto foi realizado parte em carroça, parte em trem. A família residiu na fazenda por apenas quatro dias, enquanto o pai trabalhava na lavoura de café. Salienta que, em sua terra natal, o pai era músico, além de ser funcionário do governo, trabalhando em uma ferrovia.

- *Quando nós chegamos, ficamos esperando por aproximadamente 10 dias na Imigração (...) Minha mãe chorava muito, com medo dos negros, que ela nunca havia visto (...) Na noite da Corrida de São Silvestre, fomos colocados em uma charrete com destino a uma fazenda próxima de Ourinhos. Lá, meu pai trabalhou na colheita de café (...) Na Europa, ele era músico e operário de uma estrada de ferro (...) Quando estávamos no interior do Paraná, trabalhando na Fazenda Cambará, meu primo adquiriu tifo - doença infecciosa febril, causada por microorganismos do gênero Rickétsia -, que estava dando epidemia, e faleceu de disenteria. Naquele tempo, a medicina não estava tão avançada quanto hoje. Meu irmão também adquiriu a doença, mas acabou sarando.*

Saindo do interior do Paraná, a família de Katiza veio residir em São Caetano, na Rua Rio Grande do Sul que, segundo afirma, se chamava, na época, Rua Bahia. O primeiro trabalho de seu pai, em São Paulo, foi na construção do edifício Martinelli. Ícone da capital paulista, foi construído entre os anos de 1922 e 1930, idealizado pelo italiano Giuseppe Martinelli. Possui 25 andares e 100 metros de altura, proporções espantosas para a época. O prédio tem três entradas: Rua São Bento, Avenida São João, Rua Líbero Badaró. Katiza contou que o pai deixou o trabalho em virtude da falta de pagamento (que não era realizado com regularidade). *Primeiro nós viemos morar na atual Rua Rio Grande do Sul, que na época se chamava Rua Bahia. Aí, meu pai arrumou serviço no Edifício Martinelli, que estava em construção. Só que eles não estavam pagando direito e ele teve que sair (...) Da Rua Bahia nós fomos*

*Katiza Berekí  
no dia da homenagem*



*Foto: Fundação Pró-Memória*

*morar na Rua Maranhão, em uma propriedade que era do velho Roberto Simonsen. Onde hoje é o Pronto-Socorro Municipal, ficava sua casa. Mas a casa em que me criei ficava na Rua Rio de Janeiro. Meu pai comprou um terreno, juntamente com um patrício, e construiu uma casa geminada, relatou Katiza.*

**ESTUDO** - *Katiza assevera que foi uma das melhores alunas de sua escola. Em um ano e meio, eu fiz o equivalente a três. Os professores não sabiam mais o que me dar, então, eles me passavam de ano. O Grupo Escolar Monte Alegre, como o próprio nome sugere, ficava na Rua Monte Alegre. A escola funcionava em um sobrado e, como estudava no andar de cima, quando nós chegávamos precisávamos tirar o tamanco para não fazer barulho nas salas de baixo. O diretor costumava me levar nas outras salas de aula, para que as crianças vissem como eu sabia da matéria (...) A professora também me pedia para que eu ajudasse os alunos que tinham dificuldade de aprender (...) E eu ensinava (...) Só uma aluna que não consegui fazer passar de ano. Seu nome era Prazeres (...) Katiza ainda contou que, pela sua facilidade de aprendizado, saía freqüentemente em matérias jornalísticas, sendo apontada como a estudante mais capacitada daquela instituição de ensino.*

*Apesar do sucesso de Katiza no meio estudantil, permaneceu no grupo escolar por apenas três anos. Ocorre que seu aprendizado ficou prejudicado por um problema oftalmológico, primeiramente diagnosticado e tratado como tracoma - espécie de conjuntivite, geralmente crônica, caracterizada pela presença de minúsculas granulações sobre a mucosa ocular. Apenas posteriormente se verificou que, na realidade, se tratava de uma moléstia ocular denominada glaucoma, causadora de grande enfraquecimento na vista, dilatação e deformação da pupila, além de outros inúmeros sintomas. Fiquei na escola durante três anos, mas eu tinha muito terçol na vista (...) Minha mãe me levou ao médico, que diagnosticou que eu tinha tracoma, mas, na verdade, era glau-*

*coma. Acabei saindo da escola porque meus pais achavam que eu forçava muito a vista.*

Inconformado com a desistência, o diretor da instituição, sr. Soares, ainda tentou incentivar a aluna a continuar os estudos, oferecendo tratamento oftalmológico, além de bolsa de estudos. Porém muito embora Katiza tenha enfatizado que seu maior prazer provinha dos estudos, por ordem dos pais teve que abandonar definitivamente a escola.

*- Eu saí da escola quando estava começando a Revolução de 1932. Somente pude iniciar meus estudos com nove anos, tendo perdurado apenas até meu décimo segundo aniversário. Apesar da oferta do sr. Soares, que me ofereceu óculos e bolsa de estudos para que voltasse à escola, minha mãe acreditava que mulher não precisava estudar, pois queria que eu a auxiliasse com os afazeres domésticos durante todo o dia. Desde meus nove anos de idade eu já ajudava em casa (...) Trabalhava como se fosse uma mulher feita.*

Na década de 30, terminada a política do *café com leite*, através da qual a Presidência da República era revezada entre paulistas e mineiros, Getúlio Vargas toma o poder e institui a ditadura. A Constituição deixou de ser aplicada e os estados passaram a ser controlados por interventores. A oligarquia de São Paulo, ferida pela perda do poder, afastou-se do governo federal, criando grande tensão. Em nove de Julho de 1932, explodiu a revolução armada, denominada Revolução Constitucionalista pois exigia a elaboração de nova Carta Magna para o país (o que havia sido prometido pelo governo). No dia dois de Outubro do mesmo ano, os soldados paulistas, derrotados em campo, renderam-se. No ano seguinte, Getúlio propôs a criação de uma nova Constituição.

**TRABALHO** - No tocante ao trabalho, a postura da mãe de Katiza continuava a mesma da época de estudante. *Minha mãe não queria que eu trabalhasse (...) Seu desejo era de que eu a ajudasse nos cuidados com a casa (...) Mas, mesmo assim, me empreguei na Indústria Aliberti, fabricando botões.*

A Indústria Aliberti, sediada na Rua Senador Vergueiro, tinha como principal atividade a fabricação de botões destinados às fábricas têxteis. Para tanto, a matéria-prima utilizada eram cocos provindos do Norte. O trabalho consistia em tirar toda a casca do coco, deixando-o totalmente limpo, para posterior utilização na confecção do produto. *Na fábrica, eu somente trabalhei por volta de seis meses.*

*Depois, fui funcionária de um armazém de café que ficava na Prosperidade - bairro pertencente à cidade de São Paulo. Após os 14 anos, fui trabalhar, junto com minha irmã, no Brás, em uma empresa que fazia esmaltables em louças. Lá permaneci até meus 18 anos e, quando saí, convidada por uma amiga, tornei-me funcionária das Meias Mussolini, que ficava em São Paulo, no Bairro da Mooca, próxima da estação de trem. O serviço, simples, consistia apenas em costurar as meias na parte de trás, para fechá-las. A remuneração era muito boa (...) Me orgulhava de ganhar mais do que um fer-*

ramenteiro da GM - General Motors do Brasil.

Katiza informa que, com o início da Segunda Guerra Mundial (1939 - 1945), a importação da seda para o fabrico das meias ficou prejudicada, uma vez que tal matéria-prima tinha como país de origem o Japão, que assumiu posição antagônica à do Brasil. *A seda brasileira não dava certo na produção de meias porque estas eram rasgadas pelas máquinas que utilizávamos (...)* Depois, ainda trabalhei em uma fábrica de porcelanas, na qual fiquei por apenas dois anos. *A fábrica faliu e por isso saí de lá*, acrescentou Katiza.

**ENTRETENIMENTO** - Quando indagada a respeito de como se descontraiá nos momentos de folga, Katiza revelou que, na cidade, um dos poucos atrativos para os jovens eram os filmes exibidos nas sessões de cinema. Ademais, agradava-lhe postar-se próxima à linha de trem, na estação central da cidade, para ver a locomotiva passar.

*- Na minha infância, além de ir ao cinema, eu gostava de ir ver o trem que, na época, era movido a carvão. Ainda não existia a Estação de Utinga (...)* Por isso, *ia até a Estação de São Caetano (...)* Santos - *Jundiá, como nós chamávamos, e ficava esperando a locomotiva passar (...)* Fazia aquela festa.

**CASAMENTO** - O matrimônio com Luiz Bereki ocorreu no ano de 1946. Katiza tinha 23 anos. Casei, em 1946, com Luiz Bereki, que foi meu marido até me tornar viúva.

Luiz Bereki, morou em São Caetano até cerca de 12 anos de idade, quando então se mudou para o Bairro da Mooca, em São Paulo. Sua casa, na Rua Maranhão, era próxima a um cinema apelidado de Pulgueirinho. *Nós chamávamos o cinema que ficava perto da casa do meu marido de "Pulgueirinho", porque ele era todo feito de madeira.* Katiza conheceu Luiz em uma das sessões que freqüentou, perdendo o contato quando ele se mudou para a cidade de São Paulo. Voltou a encontrá-lo somente na adolescência. *Conheci meu marido por causa do cinema. Ele levava o filme que passava no Cine Max, que ficava no centro de São Caetano, para o "Pulgueirinho". Depois de fazer três vezes o trajeto, para compensar, ele podia entrar na sessão.*

Uma vez residindo na Mooca, Luiz matriculou-se em uma instituição de ensino destinada à colônia húngara. Próximo à escola ficava o clube húngaro, que costumava freqüentar, local onde reencontrou Katiza. *Eu reencontrei meu marido no Clube da Amizade, que era um local destinado à colônia. Ficava na Avenida Paes de Barros, perto da escola húngara em que ele estudou (...)* Ele ia no clube mas não dançava (...) *Encontrei-o novamente porque seu irmão estava namorando uma grande amiga minha. Ela me levou em um piquenique que teve em Interlagos. Lá, ele me pediu em namoro.* Segundo Katiza, a escola, bem como o clube, acabou fechando por ocasião da Segunda Guerra Mundial.

O primeiro local onde o casal fixou moradia foi na Rua Itamaracá que,

atualmente, se chama Alameda São Caetano. Posteriormente, no terreno comprado na Alameda Conde de Porto Alegre, esquina com a Rua Xingu, foi erigida uma modesta residência composta apenas de quarto e cozinha. *Primeiro fizemos somente uma casinha de quarto e cozinha.*

**SÃO CAETANO** - Katiza rememorou as dificuldades da época retratada. Grande parcela da população do futuro município ainda não contava com a comodidade da energia elétrica e do saneamento básico. Cada residente precisava construir um poço para a captação de água. *Naquele tempo não tinha luz, água (...) Meu poço foi feito por mim mesma e pelo meu pai (...) O ferro de passar que eu usava funcionava a carvão (...) A rua era toda de terra e, quando chovia, virava uma lama só (...) A dificuldade era tamanha que nem o ônibus circulava.*

No cenário pintado por Katiza, o atual Município de São Caetano ainda não havia obtido a emancipação, estando submetido à direção da municipalidade andreense. Por força do Decreto nº 9775, criado no ano de 1938, o Distrito de São Caetano foi extinto, passando a ser denominado Segunda Zona do Distrito de Santo André. A emancipação ocorreu em primeiro de Janeiro de 1949, quando passou a chamar-se São Caetano do Sul.

A até então Segunda Zona do Distrito de Santo André não possuía o mínimo de infra-estrutura para o conforto dos habitantes. Outro problema que afligia os moradores eram as enchentes rotineiras. Somente muito após a autonomia é que algumas soluções começaram a ser postas em prática. *O córrego da Rua Tijucussu não era canalizado. Quando chovia enchia de água (...) Para que os pedestres pudessem atravessá-lo, existia uma pequena ponte de madeira, mas, normalmente, ela ficava coberta por lama. As pessoas chegavam a tirar os sapatos para poderem passar para o outro lado do córrego.*

A segunda residência do casal, situada na Rua Arapuá, Bairro Santa Maria, habitada por Katiza até os dias atuais, foi adquirida em meados da década de 50. *Vimos para cá porque aqui já tinha uma infra-estrutura maior (...) Quando eu vim para esta casa, já havia iluminação nas casas, mas não tinha na rua (...) Também já existia algum comércio.*

Katiza Bereki é viúva há 11 anos. Adquiriu o gosto pelo turismo junto a seu esposo e, com ele, conheceu inúmeras regiões do Brasil. Atualmente, contudo, preocupa-se em combater a doença que gradativamente lhe priva da visão: o glaucoma. O esforço tem um motivo: Katiza sonha em conhecer a terra natal. *Eu sempre gostei de viajar (...) Fomos para o Sul, para a Bahia, Rio de Janeiro (...) Quando meu marido era vivo, viajávamos bastante (...) Hoje, o que eu queria era poder conhecer o país em que nasci (...) Mas não enxergo mais nada (...) As únicas coisas que eu lembro da Hungria são a casa dos meus pais e o caminho até o domicílio dos meus avós, que nós fazíamos pelos trilhos do trem.*

# Morando na cidade como se estivesse na roça

(depoimento de João Roque Ribeiro e Maria Rita Ribeiro)

João Roque Ribeiro e Maria Rita Ribeiro nasceram e passaram grande parte da mocidade em Santa Rita do Sapucaí, interior de Minas Gerais. Lá trabalharam na roça - lavoura de café e milho -, vindo, depois de casados, residir no Bairro Santa Maria, em São Caetano do Sul, na mesma casa em que moram até hoje. Atualmente, ele conta com 74 anos e ela com 72. Casados há mais de 52 anos, tiveram os filhos José Roque Ribeiro, Maria Aparecida Ribeiro, Ana Cristina Ribeiro e João Roberto Roque Ribeiro.

João, auxiliado por Maria, descreveu a fazenda em que cresceram e se conheceram. *Conheci a Maria na fazenda onde trabalhei até meus 20 anos. Mas depois do Exército não quis mais ficar lá (...) Trabalhei na lavoura de café e milho, tendo começado com 13 anos. Lá, o chefe de família, que tinha dois filhos com idade de até 15 anos, por exemplo, recebia, pelos dois, o salário de um homem. Dessa forma, os dois moleques juntos tinham que fazer o serviço de um adulto. A Maria também trabalhou na terra (...) As mocinhas também pegavam na enxada (...) Havia quatro colônias onde os trabalhadores residiam.*

*- Eu era da turma das mulheres. Quando tinha um pessoal realizando uma tarefa junto, nós chamávamos de turma (...) Tinha a turma de homens com garotos e a de mulheres com meninas (...) Depois, ainda na roça, eu fui empregada doméstica, acrescentou Maria.*

Na ocasião em que João terminou de cumprir o serviço militar, primeiramente veio morar com familiares na Vila Mariana, São Paulo, já que ainda não dispunha de dinheiro suficiente para compra de terreno. Afirma que dividia com os demais um espaço bastante restrito, uma vez que o imóvel possuía apenas quarto e cozinha. *Eu vim de Minas para São Paulo, tendo ficado por volta de um ano e meio na casa de parentes na Vila Mariana. Somente depois desse tempo foi que eu vim morar em São Caetano. Quando eu comprei aqui, ainda era solteiro (...) Fiquei muito contente com a mudança, porque lá era muito apertado. Era apenas quar-*

*to e cozinha e, ainda, minha família era muito numerosa (...) Eu morei com eles mais para quebrar um galho, por algum tempo (...) Nasci e fui criado na roça (...) Quando veio a oportunidade de residir no Bairro Santa Maria, minha alegria foi muito grande. Eu falei: "Vou morar como se estivesse na roça!" Quem me incentivou a vir para São Caetano foi um colega de serviço.*

João conta que o namoro com Maria iniciou-se, em Santa Rita do Sapucaí, ainda na mocidade, quando ambos moravam na colônia da fazenda. Por ocasião de seu ingresso no Exército e de sua vinda, primeiramente para São Paulo, depois para São Caetano, o namoro continuou apenas por troca de cartas, o que resultou em casamento, ocorrido no ano de 1949, em Minas Gerais. *Eu fui fazer o Exército e vim morar para cá. Nessa época nós costumávamos namorar por cartas (...) Depois de tudo ajustado, eu fui para lá e confirmei o casamento.*

A propriedade do casal, no Bairro Santa Maria, foi adquirida junto a um corretor chamado Domingos. Na época da transação, João não dispunha de dinheiro suficiente para fechar negócio nos lotes que estavam sendo oferecidos no Bairro Barcelona. *Eu vim para cá, por volta de Junho de 1948, sem saber que aqui era São Caetano. O terreno foi comprado do sr. Domingos, que foi o corretor que negociou todos os lotes (...) Com o negócio fechado, tive que arregaçar as mangas para construir uma casinha, que ficou pronta no fim de 1948 quando, então, mudei. Somente vim residir aqui porque não tive dinheiro suficiente para ir para o Bairro Barcelona, cujo preço era bem mais alto.*

**SANTA MARIA** - O Bairro Santa Maria começou a ser loteado e ocupado pelas famílias por volta da década de 40. Até então, predominavam grandes chácaras. João recorda que, onde atualmente está locado o Teatro Paulo Machado de Carvalho, outrora fora a chácara do doutor Souza Voto. A chácara do médico foi a maior da localidade, sendo, posteriormente, desapropriada. Abrangia não só o Teatro Paulo Machado, mas também o ginásio estadual, o prédio da APAE (Associação de Pais e Amigos do Excepcional) e, ainda, o Jardim Brigadeiro Faria Lima.

Atualmente, o bairro limita-se com Santo André pelo córrego Utinga e pela Rua Marina. O limite com o bairro vizinho, Boa Vista, é a Rua Conde de Porto Alegre até a Rua Sílvia, onde tem início o Bairro Olímpico. Já a separação com o Bairro Barcelona é feita pelos fios de alta tensão da Eletropaulo, que seguem até o córrego Utinga.

O loteamento da localidade iniciou-se com o projeto da Empresa Imobiliária de São Bernardo, de propriedade de Ernesto Pujol e Hipólito Pujol Júnior. Além dos lotes, a família Pujol ficou famosa pela instalação

*Casal João Roque Ribeiro e Maria Rita Ribeiro**Foto: João Roque Ribeiro*

de bondinhos, que facilitavam o acesso aos terrenos comercializados. Em São Caetano, os bondinhos funcionaram pelo período que se estende de 1924 até meados da década de 30, quando, então, a atividade teve seu término devido à falência da empresa. A Sociedade Imobiliária de Santo André, por arrematação no executivo hipotecário, datado de 12 de Dezembro de 1936 e 16 de Abril de 1937, passou a ser proprietária dos antigos lotes dos Pujols, dando continuidade às vendas.

No final da década de 40, época da construção da casa do casal, o Bairro Santa Maria, assim como a maior parte dos bairros da cidade, não dispunha de infra-estrutura básica. *Naquele tempo, eu ainda fiquei um ou dois anos sem força e ainda tinha que me utilizar de um poço (...)* Cada um que chegava aqui, a primeira coisa que fazia era um poço. Perfurando cerca de 12 ou 13 metros achava-se água (...) Alguns moradores ainda os têm até hoje, mas a maioria tampou (...) E gás!? Somente começou a ser distribuído depois de muito tempo e, mesmo assim, apenas passava a cada 15 dias.

A paisagem rural, com a presença de inúmeras chácaras, a exemplo da propriedade do doutor Souza Voto, predominava. O bairro ainda não dispunha de ruas pavimentadas ou de escolas. *A maioria das crianças estudava em Utinga (...)* Nem a Escola 28 de Julho existia. Hoje em dia, a molecada tem a maior facilidade (...) João recorda que o aspecto do bairro lembrava um pasto, já que a instalação das famílias ainda não havia se consolidado plenamente. *Quando eu vim para cá, era tudo capoeirinha, que é uma espécie de pasto (...)* O vendedor ainda falou: "Daqui para baixo, está tudo para vender". O casal afirmou que a iluminação somente atingiu sua casa por volta do ano de 1953, quando o vereador Concetto Constantino liderou um abaixo-assinado para que a antiga Light providenciasse as instalações.

- Para a vinda da iluminação pública foi necessário muito esforço do

povo. *O falecido Concetto Constantino encabeçou um abaixo-assinado para a colocação de iluminação (...) Cada morador teve que contribuir com uma determinada importância e não tardou começaram a instalação dos postes, da fiação (...) E, depois, somente era preciso solicitar a visita do técnico em Santo André que, verificando que tudo estava corretamente ligado na residência, ordenava o início do abastecimento.*

João rememora que, na época do nascimento do primeiro filho - José Roque Ribeiro -, cujo parto ocorreu em sua casa, com o auxílio de uma parteira, o local ainda não dispunha de iluminação elétrica. *Meu filho nasceu pelas mãos de uma parteira, em casa. Nessa data, a energia ainda não havia sido ligada (...) Quando minha esposa deu à luz a minha filha - Maria Aparecida Ribeiro -, a parteira ainda me perguntou: "Já tem luz lá?" E eu respondi que sim.*

Não obstante o empenho de Concetto Constantino para trazer a energia elétrica ao Bairro Santa Maria, outro homem que igualmente contribuiu para o sucesso da exigência dos moradores foi Sebastião Bonifácio. O historiador Ademir Medici, em *Migração e Urbanização*, salienta que Sebastião, por várias vezes, compareceu ao prédio da Light, na Rua Xavier Toledo, em São Paulo. Por sua insistência, a empresa orçou a obra em CR\$ 64.030,00, montante este pago com a contribuição dos residentes. Os primeiros postes foram fixados no início de 1950.

Nos primórdios da década de 50, o comércio no Bairro Santa Maria, desestimulado pela precária situação da localidade - que não dispunha de infra-estrutura para assegurar sua subsistência - ou ainda devido ao parco assentamento das famílias, que não eram em grande número, mostrava-se tímido, obrigando os moradores a se deslocar para outras regiões, quando da necessidade de se fazer compras. *O comércio aqui era fraquinho. Quando nós viemos para cá, foi inaugurada uma feira na Vila Gerty. Mas comércio mesmo não tinha (...) Aqui na Alameda São Caetano ainda havia um armazém que vendia de tudo (...) Chamava Casa Lopes. Lá nós comprávamos arroz, feijão (...) Para comprar carne, tínhamos que ir até o matadouro de Utinga. Tinha dias em que eles vendiam para o varejo e todo o povo se dirigia para lá (...) Muitas vezes eu tinha que trazer carne até de São Paulo, de um açougue que ficava na Rua dos Patriotas.*

João assevera que um dos poucos gêneros alimentícios de fácil aquisição era o leite. Ocorre que, na região, ainda tomada por chácaras, surgiram alguns pequenos produtores. *Aqui na Conde de Porto Alegre morava um português, um tal de sr. Almeida. Pela manhã, ele passava vendendo leite (...) Não era aquele leite igual ao que tem hoje, que passa por processo industrial (...) Ele tirava o leite da vaca e já ia vender pelo bairro.*

*Bodas de Ouro de João Roque  
Ribeiro e Maria Rita Ribeiro*



*Foto: João Roque Ribeiro*

Seguindo a tendência, o transporte também se mostrava deficitário, obrigando os residentes a percorrerem grandes trechos dos itinerários a pé. As vias públicas não possuíam nenhuma espécie de pavimentação, impossibilitando o tráfego de ônibus na maior parte das alamedas. Aos moradores, somente restava a opção de caminhar até a Estação de Utinga para apagar o trem. *Naquele tempo, quando alguém perguntava, eu falava que morava em Utinga porque aqui não tinha condução. Então, eu pegava o trem lá em Utinga e ia trabalhar. Depois, na volta, descia na estação de trem e vinha caminhando até em casa. Fiz essa vida durante muito tempo.*

O ônibus apareceu pouco depois para servir o bairro, porém, o serviço era restrito somente a algumas ruas. *Depois apareceu um senhor com um ônibus (...) Era somente ele e um empregado que faziam o trajeto (...) Nessa época, para voltar do trabalho tomava o trem e, na estação do centro, olhava para ver se o ônibus estava no ponto. Se estivesse, descia e o pegava, senão, ia até Utinga e subia tudo a pé mesmo. Ele ia até a Rua Cassaquera quando o tempo estava bom, mas, quando ruim, ia somente até a Rua Alegre e pegava apenas um trecho da Rua Oriente. Isso se passou no início de 1950.*

**TRABALHO** - A vida do casal sempre foi pontuada por trabalho e luta. Inquirido sobre as atividades que veio a desempenhar, João pormenorizou sua história desde a partida da roça, em Santa Rita do Sapucaí, até após sua aposentadoria, quando ainda exerceu as funções de pedreiro.

- *Quando eu vim para cá, trabalhei em uma firma na cidade de São Paulo. Era carregador na Importadora Andrade Rabelo S/A (...) Eles importavam todo tipo de mercadoria (...) Fiquei por lá quase dez anos (...) Quando eu saí, lembro de ter utilizado o dinheiro da indenização para adiantar a construção da minha casa (...) Depois, fui admitido na GM*

(General Motors do Brasil), onde permaneci até me aposentar na data de 1981. Na GM minha atividade se dava na bancada de pneus (...) Montava pneus de caminhão, calibrava e mandava para a linha. Também tinha os carros de passeio, mas eram poucos (...) Após a aposentadoria, ainda atuei em um depósito e, depois, na área de construção como pedreiro.

Maria Rita igualmente trabalhou na lavoura, em Santa Rita do Sapucaí, onde ainda foi doméstica e, já em São Caetano do Sul, no ano de 1968, ingressou na Prefeitura do Município, mediante concurso público, no cargo de merendeira, fornecendo, desde aquela data, seus préstimos à Escola Matheus Constantino. Posteriormente, por ocasião do fechamento da instituição de ensino, foi deslocada para a Escola Municipal de Ballet, local onde exerce atividades até os dias atuais.

- *Eu entrei na Prefeitura, em 1968, como merendeira (...) Trabalhei na Escola Matheus Constantino até fechar (...) Agora estou na Escola de Ballet da Prefeitura*, afirmou Maria.

**ENTRETENIMENTO** - João rememora que, além das visitas às casas dos amigos e parentes, nutria o gosto pelo cinema, comparecendo às sessões com periodicidade. Contudo, o que lhe dava maior prazer era ouvir, aos domingos, o programa da extinta Rádio Tupi denominado *Festa na Roça*. Nesses momentos, matava um pouco da saudade da terra natal. *Quando nós viemos para cá, a gente gostava de sair, de fazer um passeio na casa dos amigos e parentes (...) Eu também gostava muito de cinema (...) Eu ia mais ao cinema do centro da cidade (...) O que divertia muito o povo daqui era o rádio. Nos dias de domingo, quando dava seis horas da tarde, começava um programa na Rádio Tupi chamado Festa na Roça. Parecia que nós estávamos na roça! Todo mundo ficava com o rádio ligado na Tupi.*

Atualmente, o casal conta com 52 anos de matrimônio. Maria continua a desenvolver seu trabalho junto à Escola de Ballet Municipal e João goza a aposentadoria em casa. Quando indagado a respeito das mudanças ocorridas durante mais de meio século de São Caetano, João pondera: *Hoje eu acho que é pior. Nós não temos mais tranqüilidade. Naquela época, nós ficávamos conversando com os vizinhos no portão de casa ... Às vezes até de madrugada e no escuro mesmo, já que não tinha iluminação pública. Atualmente, é muito perigoso (...) Ainda que a cidade de São Caetano é abençoada, porque a maioria dos lugares são bem piores (...) Mas o que eu vejo agora é que o pessoal que está tomando conta do município o faz com muito carinho.*

*Entrada do Parque Municipal da Vila São José*



# Bairro Jardim São Caetano

*Estrada das Lágrimas com visão parcial do bosque, década de 60*



*Monumento ao Advogado - Estrada das Lágrimas com Rua Vitória*



*Arquivo do Fórum de São Caetano do Sul*



O Bairro Jardim São Caetano foi a última área urbanizada de São Caetano do Sul. A região era conhecida como *terrenos do banco*, desde 1930, devido à presença muito próxima da área adquirida pelo *Bank of London & South América Limited*, em 1930, e onde o próprio banco, por intermédio da Companhia City, iria criar, nos anos 60, o Jardim São Caetano. A família Cavalheiro foi uma das primeiras a chegar ao local, em 1949, logo após a abertura do loteamento. Na época, os ônibus de Hugo Veronesi só chegavam até a esquina da Estrada das Lágrimas com a Rua Armando de Arruda Pereira, na antiga Vila São José. A rede elétrica do bairro começou a ser puxada de outros locais por José Cavalheiro, que contava com o apoio de vizinhos como Amâncio Toni e Pedro Depintor.

Na época em que o *Bank Of London* adquiriu a área, a região possuía muitas lagoas, junto ao Rio dos Meninos, onde se pescavam traíras. Um grande terreno era utilizado pela Cerâmica São Caetano na extração de argila. As duas áreas, juntas, formavam propriedade de um milhão de metros quadrados. Metade pertencia a F. Ford, capitalista inglês, metade era de Wadih Pedro & Irmão.

*Monumento ao Maçom - Praça do Maçom, na confluência da Estrada das Lágrimas com a Praça Joviano Pacheco Aguirre*



*Antigo campo de futebol do Vila São José*



*Posto de Puericultura Dolores Massei*



*Concha acústica e fonte do Parque Municipal Vila São José*



Havia também dois sítios: Sítio dos Meninos Novos, começando no córrego Tamanduateí e acompanhando a Estrada Velha de Santos, e o Sítio Joaquim de Barros, no Rio dos Meninos.

A antiga Vila Belvedere foi anexada ao Jardim São Caetano e começou com o loteamento de Edgar de Aguiar Gusmão, em 1949, aprovado pelo decreto 379 de 1º de Abril daquele ano. O Jardim São Caetano foi idealizado pelo engenheiro Victor Malunud e por João Delamonica Pereira de Castro. É o único bairro residencial de alta classe na região do ABC, projetado nos mesmos moldes dos jardins América e Pacaembu, em São Paulo.

Em três de Dezembro de 1979, foi fundada no Jardim São Caetano a Sociedade Amigos do Bairro. A primeira diretoria foi empossada em Março de 1980.





*Foto: Jornal Informativo do SAB - City*

---

*Depoentes do Bairro Jardim São Caetano*

*Ana Maria da Silva Costa  
Diomyra Reyes Giovanini  
Euriderval Ferreira da Costa*

## O caçula dos bairros

(depoimentos de Diomyra Reyes Giovanini,  
Euriderval Ferreira da Costa e Ana Maria da Silva Costa)

**O Jardim São Caetano foi a última área urbanizada de São Caetano. Sua história, desse modo, é contada por testemunhas oculares, dos primórdios aos dias de hoje**

*Entrega de agasalhos para o Fundo de Solidariedade da Prefeitura de São Caetano. Maria Braido era quem presidia e entidade*



Foto: Euriderval Ferreira da Costa

*Chá beneficente realizado no Buso Palace. Exposição de esculturas, quadros e artefatos dos moradores do bairro. Euriderval Ferreira da Costa entrega medalhas aos participantes do evento. Ano de 1984*



Foto: Euriderval Ferreira da Costa

Em oito de Maio de 1930, o Bank of London, por meio de sua filial sul-americana, adquiriu terreno com cerca de um milhão de metros quadrados em São Caetano do Sul. Em 1949, foi aberto o primeiro loteamento no local: a Vila Belvedere. Nos anos 60, a instituição inglesa deu início a novos planos para a área: casas luxuosas deveriam preencher a localidade. Desse modo, contíguo à Vila Belvedere, nasceu o Jardim São Caetano.

Atualmente, o Bairro Jardim São Caetano engloba a Vila Belvedere e o loteamento de luxo concebido pelo Bank of London. Segundo Ademir Medici, em *Migração e Urbanização*, os bairros São José, Mauá e Nova Gerte limitam o Jardim São Caetano internamente, ao passo que externamente o bairro faz divisa com São Bernardo e São Paulo.

*Doação de agasalhos e cobertores  
a um abrigo de crianças carentes*



Foto: Euriderval Ferreira da Costa

*Casa de José Giovanini,  
morador do bairro há 28 anos*



Foto: José Giovanini

*Então nós chegamos a ver, no Jardim São Caetano, somente montanhas, terras (...) Meu marido demonstrou interesse em comprar um terreno e fizemos negócio (...) Uma companhia chamada City cuidou da parte de divisão de lotes, explicou Diomyra Reyes Giovanini, uma das primeiras habitantes do bairro. Ela, o marido (José Giovanini) e os filhos Carlos Roberto, Semira e José mudaram do Bairro Barcelona (então Vila Barcelona) para o loteamento do banco inglês no fim dos anos 60.*

*- A escritura da nossa casa é de 1974, quer dizer, a casa ficou pronta em 1974 (...) Quando nós começamos a construir, eram ruas de terra e ainda não tinha calçadas (...) Só no final da construção é que eles asfaltaram. Do início da venda dos lotes até o surgimento das primeiras casas, menos de dez anos se passaram. O bairro era essencialmente residencial e assim se mantém até hoje. Apenas padarias, supermercados e estabelecimentos afins existem no lugar.*

No começo, os moradores sofriam bastante com o problema da falta de segurança. A Avenida Guido Aliberti, acesso direto a São Paulo, facilitava a ação de bandidos que arrombavam as recém-construídas residências do Jardim São Caetano.

*- Contratamos um guarda que ficava andando, a noite inteira, apitando, tomando conta (...) Com o aumento das construções, nossa preocupação aumentou também (...) Aí é que começaram os moradores a se reunir para discutir esses problemas, explicou Diomyra.*

Dessas reuniões nasceu a Sab-City, organização cujo intuito era garantir a segurança dos moradores e reforçar os laços de amizade por meio de eventos sociais. Os sócios deveriam contribuir, mensalmente, a fim de bancar as despesas necessárias. A entidade surgiu em três de Dezembro de 1979.

*Fizemos um almoço lá em casa e vimos que não adiantava ter um*

*Da direita para a esquerda: Euriderval  
Ferreira da Costa, 1º presidente da Sab City;  
Ana Maria da Costa, Rosmari Ruano e  
Laércio Ruano*



*Foto: Euriderval Ferreira da Costa*

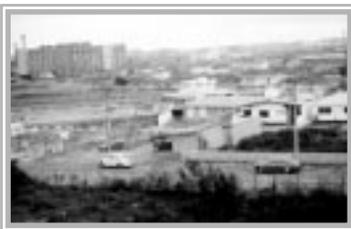
*vigilante noturno, se era durante o dia que aconteciam os arrombamentos. Foi por isso que começamos a nos mobilizar*, disse Euriderval Ferreira da Costa, primeiro presidente da Sab-City e morador da cidade há 55 anos.

Segundo dados do jornal *O Sabido*, veículo de comunicação da Sab-City, há aproximadamente 800 residências no Jardim São Caetano. *Mas nem todos os moradores fazem parte da Sab-City. No máximo 40 ou 50% das pessoas são sócias*, lamentou Euriderval Ferreira da Costa. Mesmo não contando com a colaboração de todos, a entidade consegue disponibilizar carros e motos para a segurança local. Além disso, fecharam-se algumas ruas, a fim de dificultar a ação de ladrões.

Ana Maria da Silva Costa, esposa de Euriderval, lembrou que antigamente a colaboração era maior. Os sócios contribuíam financeiramente e participavam dos eventos sociais de cunho beneficente. *Nós fizemos promoções que chegaram a juntar mil pessoas (...)* Fazíamos chás, jantares (...)  
*Noite de queijo e vinho chegava a 900, 950 pessoas (...)* Tudo isso era muito bom porque unia o pessoal. Diomyra acrescentou: *Em nossas promoções sempre dividíamos a verba (...)* Uma parte a gente dava pra alguma entidade (...)  
*Sempre tinha esse caráter benemérito.*

Além dos jantares, normalmente celebrados no Buso Palace, antiga casa de shows da cidade, havia os eventos ocorridos no próprio bairro. A festa junina local, por exemplo, atraía até mesmo pessoas de São Paulo.

- *A divulgação fazíamos nós, ali, mas o pessoal de fora vinha (...)* As festas juninas eram boas. *No começo, a gente fazia assim: pegava madeira nas construções, porque havia muitas construções (...)* Montávamos as barracas e fazíamos a quermesse, recordou Ana Maria Costa. Diomyra complementou: *Além disso, ainda tínhamos campeonatos, entre os garotos, de patins etc.* Acontecimentos como esses datam de época recente: fim dos anos 70 e década de 80. Com efeito, a história do Jardim



*Vista parcial do bairro, quando as primeiras casas começaram a ser construídas*

Fotos: Diomyra Reyes Giovanini,



São Caetano é bastante nova, de modo que os moradores mais antigos conseguem descrever, minuciosamente, as mudanças ocorridas no bairro em todos os aspectos.

*A igreja mais antiga aqui é a católica (...) Não tínhamos padre aqui. Era o padre da Vila São José que dava missa antigamente (...) Não faz muito tempo, construíram uma igreja da Congregação Cristã no Brasil por aqui (...) E a mais recente é a Batista Shalom, elucidou Diomyra. Temos ainda o clube de tênis, continuou, que agora é da Prefeitura. Antes ali era da família Marinotti, que tinha uma firma lá, a Cerâmica Marinotti ... Fazia pastilhas (...) Depois foram feitas umas quadras de tênis no local (...) E agora passou pra Prefeitura e tem umas professoras dando aulas de tênis (...) Esse clube de tênis fica do lado da igreja batista.*

Certas coisas, contudo, não mudaram. As transformações do bairro colocaram-nas em nova moldura, tornando o que antes era comum em algo que hoje singulariza a região. *Como antes aqui era um sítio, então existiam muitas árvores frutíferas (...) Essas árvores existem até hoje, nas calçadas e nas praças (...) Figo, manga, amora (...) A gente pega, eu, minhas noras, minhas filhas (...) E agora já tá começado a dar amora (...) Carregada ... muito bonita, pormenorizou Diomyra.*

As filhas e noras de Diomyra Giovanini vêm visitá-la nos fins de semana. A exemplo de muitos jovens que cresceram no bairro, não moram mais no Jardim São Caetano. Esse é um dos principais problemas que o local deverá enfrentar nos próximos anos. *Nós temos o problema dos filhos irem morar em outros locais (...) E a nossa tendência também é sair, passar para uma casa menor, já que os filhos agora caminham sozinhos.*

Alexandre Toler Russo

*EMEI Rosa Perrella  
- Rua Lourdes*



## *Bairro Nova Gerte*

A história conta que o Bairro Nova Gerte surgiu em torno de uma figueira existente, desde 1948, no triângulo das ruas Visconde de Inhaúma, Itu e Nelly Pellegrino. O bairro é formado por dez loteamentos, a saber: Vila Gisela, Vila Nova, Vila Gerte, Vila Palmeira, Vila Ângelo Ferro, Vila Checchia, Vila Leormínia, Vila Marlene, Vila São Francisco e Vila Aurora. Entre as vilas extintas, a mais antiga era a Vila Gisela, que foi loteada no final da década de 20. Nos anos 40, surgiu a Vila Gerte, que acabou dando nome ao bairro.

A família Leandrini pode ser considerada uma das pioneiras na fundação do bairro. Todavia, famílias como Fiorotti, Scotá, Cal, Ferro, Roveri, Lorenzoni, Gonzaga, Canger, Schon, Heinsfurter também tiveram terras e contribuíram para a formação do Nova Gerte. Assim como o grande fluxo de migrantes nordestinos, que lhe propiciou rápida ocupação e urbanização e lhe conferiu características tipicamente operárias.

As primeiras escolas primárias surgiram no final dos anos 40. Até 1947, o bairro carecia de linhas de ônibus, escolas e outros serviços públicos. Muitos desses serviços foram obtidos com a ajuda de entidades sociais criadas pela

*Rua Visconde de Inhaúma,  
Natal de 1980*



*Rua Visconde de Inhaúma  
- Ano 2000*



*EE Prof. Alfredo Burkart  
- Ano 1968*



*Largo da Figueira*



*EE Padre Luiz Capra*



*EE Padre Alexandre Grigolli  
- Ano 2002*



*EMI Maria P. Leandrini - Rua  
Sebastião Gomes de Lima*



própria comunidade. A Sociedade Amigos das Vilas Gerte, Gonzaga, Gisela e Adjacências, a primeira sociedade de bairro a surgir em São Caetano, foi criada em 1951 e conseguiu melhorar muito a qualidade de vida no bairro. Em 1952, foi fundada a Sociedade Esportiva Gisela, que se tornou referência de lazer e diversão no local. Em 1974, o nome foi alterado para Centro Esportivo e Recreativo Gisela. Antes de virar Centro Esportivo, porém, já tinha se tornado um importante clube de futebol de São Caetano.

O Bairro Nova Gerte abrigou o primeiro Estádio Distrital, pioneira de uma série de outras obras esportivas que depois foram ampliadas e transferidas em vários centros recreativos e esportivos. Abrigou também o primeiro pronto-socorro distrital. Também está presente no bairro, desde 1955, a Paróquia Nossa Senhora das Graças (quanto à religião, o bairro é marcado pelo convívio de várias crenças).

A Rua Visconde de Inhaúma, divisa com o Bairro Boa Vista, é uma das principais ruas do Bairro Nova Gerte e engloba justamente o trecho transformado em bulevar e que, no final da rua, se abre para o Largo da Figueira. Em 1967, essa rua foi ampliada e adquiriu a conformação atual que favoreceu o surgimento de vários estabelecimentos comerciais. Estes têm como entidade de classe o Clube dos Lojistas, fundado em 1977, mas que marca presença no bairro desde 1966. Com os melhoramentos urbanos e a instalação de vários serviços públicos, o bairro se desenvolveu e, além de ser um dos mais populosos da cidade - uma verdadeira cidade dentro de São Caetano -, tornou-se centro de intensa movimentação comercial para a região.

- 1 - EE Padre Alexandre Grigolli
- 2 - Biblioteca Municipal Esther Mesquita
- 3 - EE Alfredo Burkart
- 4 - EMI Maria Panariello Leandrini
- 5 - EMEI Inês dos Ramos
- 6 - Espaço de Lazer e Recreação José Agostinho Leal
- 7 - Escola Adventista
- 8 - Paróquia Nossa Senhora das Graças
- 9 - EE Padre Luiz Capra
- 10 - Igreja Adventista
- 11 - EMI Rosa Perrella
- 12 - Centro Policlínico Gentil Rstom
- 13 - EMI Matheus Constantino
- 14 - O Semeador - Associação Metodista de Assistência Social
- 15 - Sete de Setembro Futebol Clube

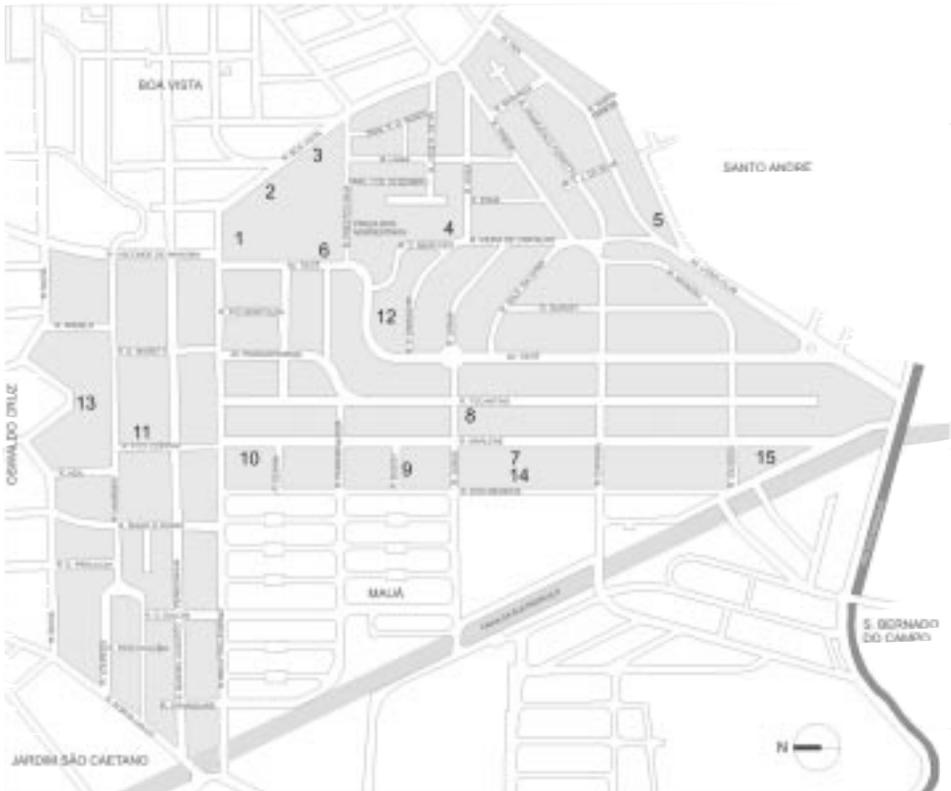




Foto: Fundação Pró-Memória

*Homenagem aos moradores do Bairro Nova Gerti,  
realizada no dia 24 de Novembro de 2001,  
na EE Padre Luiz Capra, Rua Busch, 42*

*Agnor Vieira Bião  
Alda Rose Coelho  
Angelino Pissardo  
Antônio Flávio da Silva  
Antônio Formaggio  
Arlindo Torres  
Avelino Pissardo  
Belarmina Militão Formaggio  
Cecília Ferruccio Pissardo  
Emma Martins Gomes  
Eni Morilla Garcia  
Geny Santos Fonseca*

*Jair Santos  
José Ramos dos Santos  
Josefina Martins Rstom  
Maria Arraes Veras  
Maria Conceição Santos  
Maria José dos Santos  
Maria Nice Coelho  
Matilde Moreno Sanches  
Orlanda Perez M. Torres  
Sandra Gema Coelho F. Penaporte  
Sílvio Augusto Fonseca  
Terezina Callegari Fernandes*

# ***Descendente francesa conta histórias de sua vida em São Caetano do Sul***

*(depoimento de Alda Rose Coelho)*

Nascida no interior paulista, Alda Rose Coelho, que completou 80 anos em primeiro de Outubro de 2002, está há 51 anos em São Caetano do Sul. Vive, desde que chegou de Santa Rosa do Viterbo, na mesma residência. *Só nessa casa faz 51 anos. Agora em Março fez 51. Quando eu vim do interior já faz (...)* Foi em 48, eu morei na Rua Prates. *Aí eu comprei aqui. Não tinha luz, era tudo precário. Não tinha água, não tinha esgoto. Tinha que atravessar pra ir até o cemitério, mas tudo era difícil. Era poço, né (...)* Quem abria poço e tinha bastante água era bom. Mas nós não tivemos muita sorte. *Foi difícil*, relembra. Os pais de Alda nasceram em Santa Bárbara D'Oeste e depois foram pra Santa Rosa do Viterbo, onde a moradora nasceu e foi criada. *Eu fui criada num sítio. Meu pai tinha sítio. Tinha uma vida muito boa. Não era uma vida de luxo, mas muito boa. Depois que eu casei eu vim pra cá. Nós éramos em 12 irmãos. Depois ficamos em nove. Sirley, minha irmã caçula, mora aqui em frente. Duas moram em Ribeirão Preto, outra mora em São Pedro, outra em Francisco Morato. Estão espalhadas por aí.*

A primeira filha nasceu no interior. *Casei lá mesmo e tive minha primeira filha lá. Amanhã ela vai fazer 55 anos. Eu tive cinco. Infelizmente faleceu uma.* Arnaldo Coelho, o marido, encanador, com quem casou em 1946, trabalhou em São Caetano do Sul e teve dificuldades na cidade. Porém foi um dos principais encanadores na época, ajudando a instalar as primeiras redes de água e esgoto. *Ele era encanador. Faleceu faz nove anos. Trabalhou no começo aqui em São Caetano, tinha muito serviço. No começo rua asfaltada era até a João Pessoa. Depois demorou bastante.*

Numa época em que as condições de estudo eram precárias, Alda teve boas oportunidades, considerando que vivia na zona rural. Poucas pessoas tiveram o privilégio de estudar até o terceiro ano primário como a munícipe. *Eu só tenho até o terceiro ano primário. Era escola rural e meu pai pagou a terceira série. Ele pagou particular, mas meus filhos todos têm*

Alda Rose Coelho



Foto: Alda Rose Coelho

*faculdade, destaca a moradora, ressaltando a importância da educação na formação do cidadão. Era escola rural. Meu tio era metido em política e ele arrumou uma professora lá, não sei se era municipal. A professora ficava na casa do meu tio. E daí, pra fazer o terceiro ano, fez uma classe e os pais pagaram um ano pra fazer o primário. É o estudo que eu tenho. Todos nós tivemos oportunidades (...) Eu sou a filha mais velha.*

Alda não trabalhou em empresas, sempre foi dona de casa. Relata que as mulheres que trabalhavam e ainda trabalham em residências não têm valor perante a sociedade. *Sempre fui só dona de casa. Criar meus filhos, só. Costurava pra família inteira. Não tinha tempo pra nada. Não recebia nada em dinheiro por esses trabalhos. Dona de casa não faz nada, ironiza.*

Mas Alda Rose Coelho não estaria no Brasil e muito menos em São Caetano se seus avôs não tivessem vindo da Europa. *Meu avô francês veio com o pai dele. Quer dizer então que até meu bisavô veio da França. Mas esse eu não pude conhecer. Eles eram evangélicos lá e teve uma perseguição religiosa na França. Então eles vieram. Nada é por acaso, é Deus que ilumina. No Brasil tem muito descendente dessa família, que se tornou uma grande família. Eles vieram pro Rio. Ficaram no Rio. Dom Pedro I deu uma gleba de terra para eles. Eles ficaram lá uns tempos. Depois não sei se eles venderam e vieram pra Santa Bárbara. Tem até um sítio que é de um primo meu. Da minha bisavó. Meu avô dinamarquês ele veio sozinho, como imigrante. Diz que lá só o primogênito recebe a herança. Ele era o caçula. Então ele se revoltou e foi embora. Veio para o Brasil. Nunca mais voltou pra Dinamarca. Meu avô paterno era Viesel. E o outro era Rose. Tem uma história que eles falam que ele era Rosenberg. Ele pode ter mudado o nome dele. Ele era muito pouco falado, esse meu avô Rose. Foi trabalhar em Santa Bárbara, na casa do meu avô Viesel. Eles vieram do Rio e foram*

*Da esquerda para a direita: Alda, Marlene (filha), Igor e Sales (netos)*



*Foto: Alda Rose Coelho*

*pra Santa Bárbara, trabalhar no sítio da minha bisavó. Aí ele casou com a minha avó e vieram pra Santa Rosa. Tem o sítio lá até hoje, que é dos netos deles.*

O atentado terrorista de 11 de Setembro abalou a vida de Alda. Como a filha Eliane mora nos Estados Unidos, houve uma preocupação natural. A moradora, que já tinha viajado duas vezes pra lá, preparava a terceira viagem para visitar a filha. *Ela veio duas vezes. Veio quando meu marido estava muito mal e depois veio mais uma vez. Eu que fui lá, já três vezes. Ela está na Califórnia, perto de Los Angeles. Eu gostei muito, fui com meu genro, marido da minha filha. A primeira vez que eu fui ele estava lá fazendo doutorado. Ele precisou vir pro Brasil e telefonou dizendo que era pra arrumar as coisas que ia me levar. Fiquei 20 dias na casa dela. Ela morava em Davis, uma cidade universitária. Depois fiquei mais dez dias na casa dela, perto de Los Angeles. Fiquei um mês. A segunda vez fui pra várias cidades dos EUA (...) Disney (...) Já faz 11 anos. O ano passado era pra ir, mas aconteceu aquele negócio, a torre. A munícipe conhecia as torres e o local em que elas se encontravam. Passei em frente. Ai meu Deus, fiquei tão nervosa, parece que fiquei doente. Foi chocante (...) Mesmo que a gente não conhecia foi chocante. Fui uma pessoa criada no sítio. Não sou de família rica, sou média, vamos dizer assim (...) Tive privilégios de ter viajado bastante.*

Uma das moradoras mais antigas do Bairro Nova Gerte tem grande preocupação com o meio ambiente e acha que a cidade de São Caetano deveria adotar a coleta seletiva de lixo, bem como a reciclagem. *Uma coisa que eu acho que deve fazer aqui é reciclagem. Aproveitar muita coisa que é perdida.*

Alda faz uma comparação da vida de algumas décadas atrás com a

de hoje. *Hoje tá mais fácil pra tudo, mas tem a violência que está muito pior. Quem tem filho estudando e trabalhando não tem mais sossego na vida. Se bem que na época minha filha estudava à noite e a gente ficava preocupada, mas não era violência como hoje. Então naquela época tinha outras dificuldades, mas tinha outras coisas que eram mais sossegadas. A gente tem sempre saudade do passado. Agora eu já criei o filho, tô sozinha, entre aspas (...) Mas tem coisas que no passado foram difíceis. Atualmente não tem mais coisa difícil. Tenho uma vida sossegada. Acho que agora tá sossegado.*

Manifesta a insatisfação com a violência das grandes regiões metropolitanas. *Eu gostaria que tivesse mais segurança, se bem que aqui não é tanto, mas mesmo assim a gente fica preocupada com os netos que estudam, trabalham. Temos que entregar nas mãos de Deus.*

Aos 79 anos de idade, a moradora esbanja disposição. Além de ajudar a filha a olhar os bisnetos, resolve quase todos os problemas da casa e ainda faz caminhadas para manter a boa saúde. *Caminho diariamente. Ontem olhei meus bisnetos. Minha neta Alessandra é professora de Música do Pueri Domus. Ela mora em Santo André (...) Vou pra bancos, centro. Graças a Deus tenho saúde. Eu me cuido. Boa alimentação, acho que é estrutura. Tenho mais saúde que minhas irmãs mais novas.*

Em relação às atividades comerciais, em meados das décadas de 50 e 60, Alda Rose Coelho destaca: *Loja eu conheci todas (...) A Pernambucanas. Eu sempre ia em São Caetano (centro) fazer compras. Depois na Visconde (...) Nova Aurora (...) O Joanim, a primeira loja foi aqui. Agora é uma rede muito grande. Eu conheci a dona.*

Residente na Rua Paranapanema, no Bairro Nova Gerte, São Caetano do Sul, tem ajuda dos filhos, mas mora sozinha. *Moro sozinha. Os filhos cada um tem sua casa. Eu não quis me desfazer de nada, eles me dão todo o apoio. Sou pensionista.*

*Fernando Scarmelloti*

# Exemplo de dedicação e perseverança

(depoimento de Emma Martins Gomes)

**Comerciante do Bairro Nova Gerte mostra que, com força de vontade e muito trabalho, pode-se vencer na vida.**

Nascida na Vila Paula, em São Caetano do Sul, no ano de 1929, Emma Martins Gomes começou a vida vendo o pai, Manuel Martins, trabalhar como pedreiro na construção do prédio da General Motors, na Avenida Goiás. De acordo com a filha de Emma, Rosemeire Gomes, *ele foi um dos pedreiros que fez todo o muro da (fábrica) General Motors*. Esses muros correspondem aos das entradas originais da indústria automobilística.

Enquanto Manuel Martins trabalhava, sua esposa Elvira Fabritti cuidava da casa e de cinco filhos. *Na realidade foram dez filhos que a minha avó teve. Cinco morreram quando eram pequenos, crianças*. Emma tem poucas lembranças do bairro na sua infância: *Não tinha muitas casas, não, era somente uma (...) Um tipo de avenida, que é a Goiás agora, que eu não lembro se era de terra ... ou era asfalto só ... Era terra batida mesmo (...) Que eu me lembre assim...*

Isso se deve ao fato de, aos oito anos de idade, Emma ter sofrido duro golpe com o falecimento do pai. Sem ter como cuidar das crianças, Elvira mandou alguns dos filhos para um colégio interno. De acordo com Rosemeire, *uma espécie de orfanato*, na Rua da Mooca, em São Paulo. Emma comenta que a rotina não era das mais fáceis. *Ali era assim: brincar era muito pouco, né? A gente não (...) Tinha só a hora do recreio, não podia fazer barulho e era muita criança, então (...) Nós levantávamos de manhã, seis horas já tinha tomado banho, era banho frio, né? Tomava banho de manhã e já ia para o refeitório (...) Tomava o café, aí começava a aula para quem estudava de manhã lá dentro. Pelo que me lembro, tinha a parte externa, que a gente não chegou a conhecer por sermos internas (...) Na hora em que acabava o recreio, íamos para a aula e, quando acabava a*

*aula ... chegava a hora do almoço: todos almoçavam em silêncio (...) Rezava na hora, que eles pediam para rezar no refeitório (...) Depois brincávamos um pouquinho, que era a hora do almoço e todos iam. As que tinham aula no período da tarde iam, enquanto as outras ficavam sentadas no pátio até à tarde, o refeitório da tarde (...) Assim foi a minha vida. Eu fiquei quatro anos (...) Agora eu tenho minha irmã que saiu com 16 anos ... e ela entrou com cinco anos (...) Uma entrou com cinco anos, outra entrou com três anos (...) Foi logo que eu saí que elas entraram. Foi assim a nossa vida.*

Após quatro anos de internato, Emma saiu do colégio direto para o primeiro emprego: empregada doméstica. *Eu trabalhei como empregada no Alto de Santana. Fui babá. Fiquei até (...) Acho que uns 13,14 anos mais ou menos. Aí eu vim para São Caetano, aqui minha mãe trabalhava em um restaurante, ela ajudava na cozinha.*

Elvira Fabritti saiu do emprego no restaurante e, logo depois, Emma começou a trabalhar com ela nos Lanifícios São Paulo, último emprego antes de se casar com Reinaldo Joaquim Gomes. *Trabalhei até quando eu casei. Trabalhei cinco anos de solteira e continuei, depois de casada, mais cinco anos nos Lanifícios São Paulo.*

Reinaldo era inquilino de uma tia de Emma na Vila Paula. *Ele veio de Mirandópolis, mas ele já veio da Bahia para Mirandópolis, de onde saiu para morar na Vila Paula. Eu morava (...) no quintal da minha tia e ela também tinha um quarto e cozinha no mesmo quintal, que alugou para uma família que ele morava junto. Aí nos conhecemos (...) Nessa época, a rua chamava-se Ariranha, aí depois passou para (Avenida) Lemos Monteiro, perto do Pronto-Socorro.*

Casou-se em 1949. *Ah, eu tinha 21 anos (...) Ia entrar o ano bissexto, que era 1950. O casal foi morar na Rua Rafael Correia Sampaio, em frente a Chocolates Pan. O marido era tipógrafo na fábrica de chocolates. Eu casei, mudei, morei lá em frente aos Chocolates Pan e ali fiquei até nos mudarmos para a Vila Gerty. Eu devo ter ficado lá uns dois, três anos mais ou menos.*

O casal adquiriu uma casa - *um quarto e cozinha na Rua Manoel Augusto Ferreirinha, acho que era 500 ... 505, 501, por aí ...* -, posteriormente vendida para a compra de outro terreno, onde foi erguido o prédio que abriga a Relojoaria Gomes e a residência da família, na Rua Visconde de Inhaúma, em frente à Praça da Figueira.

Emma relembra o bairro na época em que chegou: *A Vila Gerty estava começando, tinha algumas casinhas, tinha a Loja Santo Antônio ... Acho que tinha um Joanin ali na frente, era no (...) Nem sei o nome da rua,*

Emma Martins Gomes  
no dia da homenagem



Foto: Fundação Pró-Memória

*lá era o ponto final do ônibus, onde é o Joanin agora, aquele da esquina lá embaixo (Rua Oswaldo Cruz, próximo à Rua Visconde de Inhaúma). O ônibus chegava até no Joanin ali, era só até ali. Depois de alguns anos que eu já estava morando aqui, aí eles começaram a passar aqui. Ele parava, acho que ali na Casa Vermelha, aqui no (...) Perto das Casas Bahia (Rua Boa Vista), eles paravam aí e depois o ônibus começou a seguir até Santo André (...) Tinha poucos ônibus (...) Depois foi crescendo, melhorando. Viemos parar aqui, com poucas casas, mas aí na Vila (...) Não sei se era a Vila Paula, mas lembro que nós íamos a pé pegar leite numa senhora que tinha uma vaca de leite (...) Acho que era na Vila Paula mesmo. Já tinha água encanada (...) Rosemeire também se lembra dos irmãos e de alguns momentos da infância: Meu irmão mais velho, o mais novo e a minha irmã foram educados ali no (colégio) Nossa Senhora da Glória (prédio que abrigava a Uniabc, na Rua Amazonas), acho que por um ou dois anos (...) Eu fui direto para o primário aqui no Grigolli (Escola Estadual Padre Alexandre Grigolli, na Rua Nelly Pellegrino).*

A família é considerada uma das pioneiras do bairro. Reinaldo Joaquim Gomes, acreditando no potencial de crescimento do lugar, foi o primeiro a construir um prédio na rua, então cercada de mato e com poucas residências, conforme relata Rosemeire. *Quando o meu pai construiu aqui, ele foi chamado até de louco por construir um prédio no meio do mato, mas acho que ele já tinha aquela visão de avenida, de ... (...) Um outro centro comercial. Ele construiu tudo assim, em questão de seis meses. Foi uma ... Deu na louca, ele falou: "Vamos fazer!" Fez ... e estamos aqui até hoje.*

Mas o começo não foi fácil, como rememora Emma: *Aqui é a nossa, a mais velha (relojoaria), nós fomos a primeira aqui, né. Até foi ali, onde*

*era o Restaurante do Mineiro (Rua Visconde de Inhaúma, próximo ao Banco do Brasil). Era um salãozinho pequeno, era uma barbearia. Começou assim: era uma barbearia e meu marido alugou um pedacinho, onde só cabia a cadeira dele. Ele trabalhava lá dentro e tinha um mocinho que trabalhava para ele, que é o Ângelo (atualmente proprietário de uma relojoaria no bairro). Então ele ia para São Paulo comprar as coisas e ajudava meu marido do lado de fora.*

*A partir da mudança da barbearia, o progresso. A barbearia saiu e meu marido ficou com o salão todo. Ali foi que começamos a progredir, a melhorar. Porque ele trabalhava na (Chocolates) Pan durante o dia, ele saía umas 17 horas, mais ou menos, e ia para São Paulo comprar jóia, essas coisas, que ele começava a juntar. Eu trabalhava na fábrica (Lanifícios São Paulo) e vendia correntinha de ouro para as moças pagarem em duas, três vezes. Vendia de tudo um pouquinho para ajudá-lo. Aí foi indo, até que depois ele alugou o salão todo e montou a relojoaria. Fiquei mais um tempo trabalhando, casei, saí da fábrica e o ajudei na loja. Eu morava nos fundos, porque a frente era do Leandrini.*

*Por ser o primeiro comércio desse tipo no bairro, a procura pelos produtos era intensa. O primeiro ano que ele abriu a loja, quando foi (...) No Natal, no dia 23 para o dia 24, se eu não me engano, eram 11 horas da noite. Meu pai precisou pegar um táxi e ir para o centro de São Paulo, comprar mais mercadorias, porque já não tinha mais nada!, afirma Rosemeire. Emma concorda: *Olha, ficaram todos sentados do lado de fora até que ele fosse em São Paulo buscar as mercadorias. As pessoas ficaram esperando do lado de fora ele vir, 11 horas da noite (...) Mas era tanta gente, tanta gente, que não dava. Tínhamos que empurrar um ou outro para poder passar dentro da loja, de tanta gente, de tanto movimento que tinha.**

*Emma acompanhou todas as transformações do balcão de sua relojoaria, que atingiu uma marca expressiva nos primeiros anos de funcionamento: chegou a ser a segunda casa do Estado de São Paulo - ou do Brasil, eu não me lembro agora, declara Rosemeire - em venda de relógios, chegando a receber a visita de funcionários do alto escalão de uma grande relojoaria. Foi da Orient ou da Seiko, lembra a comerciante. Porque meu pai oferecia esses relógios na Volks, na Ford, e as prestações eram descontadas na folha de pagamento naquela época.*

*Por ter passado a infância no bairro, Rosemeire lembra algumas histórias que o povo contava a respeito de dois pontos históricos: a árvore que dá nome à Praça da Figueira e a antiga Mata da Viúva. É o seguinte, a figueira, eu, desde menina, lembro da seguinte história: ela nasceu no meio da rachadura do mourão de uma porteira. Ela (...) nasceu ali. Eu lembro*

*de ter visto uma parte dessa madeira enterrada na terra e a figueira do lado. Então, conta-se que ela nasceu dessa rachadura e está aí até hoje, muito bonita por sinal.*

No que se refere à Mata da Viúva, Emma comenta o pouco que ouviu a respeito: *A Mata da Viúva era uma mata (...) Era bem grande (...) Não sei se as três eram viúvas, mas eu sei que eram três irmãs (...) Ela (a mata) começava, se eu não me engano, aqui na pracinha (Praça da Figueira) e ia até a Gisela (...) Então eles puseram um nome (...) O povo pôs o nome de Mata da Viúva, que só tinha essas três (...) Eu só me lembro disso.*

De acordo com declarações dos moradores mais antigos, a Mata da Viúva tinha esse nome por ser o terreno de uma viúva, chamada Santa Scotà, que abrangia toda a área das antigas Vila Gisela, Vila Aurora e Vila Júlia. Era o lugar onde os meninos procuravam ossos de animais para vender (*Migração e Urbanização*, Ademir Medici).

Emma Martins Gomes continua trabalhando com sua filha na relojoaria. Em reconhecimento aos esforços da família na promoção do crescimento do Bairro Nova Gerte, a Prefeitura deu à Casa do Artesão, localizada no cruzamento das ruas Pará e Rio Grande do Sul, o nome de Reinaldo Joaquim Gomes.

*Tatiane Cristina Correia*

*Conjunto Habitacional  
criado pelo  
Banco Nacional de Habitação*

## **Bairro Mauá**



*PREMI*

*Maria D'Agostini*

O Bairro Mauá, com esse nome, nasceu em virtude do Decreto Municipal 3064, de 15 de Janeiro de 1968, e incorporou a antiga Vila Boqueirão e parte das vilas Gisela e Marlene. O nome Mauá é homenagem à Escola de Engenharia Mauá, transferida para São Caetano do Sul em 1964, época em que foram construídos os três primeiros pavilhões escolares, em área de 100 mil metros quadrados doada pela municipalidade, na Estrada das Lágrimas, junto ao Rio dos Meninos, divisa com o Município de São Bernardo do Campo.



*Praça*

*Antônio Dall'Antonia*



A primeira grande referência do bairro é a Estrada das Lágrimas, uma das primeiras vias de penetração histórica do Grande ABC. Tem início em São Paulo, no Bairro Ipiranga, passa por São Caetano e é interligada com a Avenida Senador Vergueiro, uma das vertentes do antigo Caminho do Mar, no Bairro Rudge Ramos, em São Bernardo. O professor José de Souza Martins, em artigo publicado na revista Raízes nº 5, situa a área do Bairro Mauá, na história de São Caetano do Sul e do Grande ABC, como parte da Fazenda São Caetano, que adquiriu esse nome entre 1717 e 1720.

*Confluências das ruas  
Constantino de Moura Batista e  
Carmine Perrella*



*Escola de Ecologia  
Jânio da Silva Quadros*



*CIM Profa. Alcina Dantas Feijão*



*EMEI Octávio Tegão*



*Instituto Mauá de Tecnologia*



Em outro momento histórico, parte do atual Bairro Mauá integrou o Núcleo Colonial de São Bernardo, mais especificamente a Linha Colonial dos Meninos, formada a partir de 1886. Entre os imigrantes italianos que adquiriram lotes naquela área estavam as famílias Perin, Lorenzini, Gava, Shon, Roveri e Meneguel.

Na década de 50, a atual área do Bairro Mauá chamava-se Vila Boqueirão, que nasceu com a apresentação, na Prefeitura, de planta, perfis e memorial descritivo do bairro em 24 de Janeiro de 1958. O projeto indicava que seria um loteamento tipo residencial popular, com área de lotes variando entre 250 e 500 metros quadrados. A aprovação dos lotes ocorreu em 1959 e as vendas começaram no ano seguinte.

As referências do Bairro Mauá são os conjuntos habitacionais criados pelo Banco Nacional de Habitação (BNH) e pela Cooperativa Habitacional do ABC. Em sua área também funcionavam as torres de transmissão das antigas rádios Cacique, de São Caetano, e Nove de Julho, de São Paulo.

- 1 - Estádio Distrital José Tortorello
- 2 - CRE Águias de Nova Gerte
- 3 - CIM Profª Alcina Dantas feijão
- 4 - UBS Darcy Sarmanho Vargas
- 5 - EMEI Octávio Tegão
- 6 - PREMI Maria D'Agostini
- 7 - CEE Erasmo Batissaco - Assoc. de Amigos do Bairro Mauá
- 8 - Cemitério das Lágrimas
- 9 - Velório Municipal
- 10 - Instituto Médico Legal
- 11 - Instituto Mauá de Tecnologia
- 12 - EMEI Ângelo Raphael Pellegrino
- 13 - Parque Botânico Jânio da Silva Quadros
- 14 - Canil, Zoonozes e Vigilância Sanitária
- 15 - Associação Lar Menino Jesus
- 16 - Escola de Ecologia
- 17 - Associação Lar Escola Irmão Alexandre
- 18 - EMEI Helena Musumeci





Foto: Fundação Pró-Memória

*Homenagem aos moradores do Bairro Mauá,  
realizada no dia 24 de Novembro de 2001, na  
EE Padre Luiz Capra, Rua Busch, 42*

*Anna Maria Bernardi Duó  
Antonieta Lavechia Mancini  
Antônio Lara Robles  
Clarinda Bento Garcia da Cunha  
Edna Duó  
Elídia Durigan*

*Francisca Sanches Rodrigues  
Idenor Duó  
Iraci Chiarelli  
Margarita Bayé Farrás  
Maria Marques Ferreira  
Nair de Carvalho Pinto*

# Uma história de vida em meio aos fornos das olarias

(depoimento de Antonieta Lavechia Mancini)

Antonieta Lavechia Mancini nasceu em 20 de Setembro de 1929, no Bairro da Penha, em São Paulo, mas grande parte de sua vida está ligada a São Caetano do Sul. *Faz tanto tempo que eu moro aqui (...) Eu vim menina para cá.*

O pai, Antônio Lavechia, trabalhava no Bairro do Taboão, São Bernardo do Campo, quando se mudou para a cidade, em 1942, passando a atuar na olaria de Cândido Lopes, na antiga Vila Boqueirão. Antonieta não tem muitas lembranças da infância: *"Minha infância foi trabalhar em olaria. Eu tenho só o segundo colegial - segunda série do ensino fundamental (...) Meu pai falava: "Menina não precisa estudar, tem que trabalhar".*

A olaria de Cândido Lopes localizava-se na área do atual Bairro Mauá. Aí Antonieta trabalhou desde os 13 anos, batendo tijolo com o restante da família. A rotina era puxada: entre 3h e 3h30, todos já estavam preparando os tijolos para assar. Trabalhou em olaria até os 21 anos, quando se casou com Guerino Mancini e mudou-se para São Bernardo. Do casamento nasceram sete filhos - *todos vivos, graças a Deus* - e, por causa das crianças, encontraram muitas dificuldades para continuar alugando casa para morar.

Na década de 60, os terrenos localizados na antiga olaria de Cândido Lopes estavam começando a ser loteados. Aconselhada pelo pai, Antonieta e Guerino procuraram pelo corretor, o próprio Cândido Lopes. O terreno adquirido pelo casal localiza-se na atual Rua Capivari. *A gente comprou uma casa velha da olaria, depois a desmanchamos e construímos outra, com os tijolos que a gente fez.* Esta casa antiga serviu de moradia para os Lavechias, na época em que trabalhavam na olaria.

No começo da década de 60, a estrutura oferecida era muito precária para os moradores que começavam a chegar. Antonieta relembra alguns dos momentos de dificuldade por que passou no bairro: *Não tinha água, não tinha luz, não tinha escola (...) Não tinha nada. A gente tinha de andar*

*descalço (...) Para buscar água, a gente tinha de ir lá na rua de cima para pegar, porque não havia água (...) E eu com as crianças pequenas (...) Foi aquele sacrifício.*

Com a inexistência de água encanada, a única solução era recorrer à água de um poço. *Na rua de cima tinha um poço e a gente ia buscar água na mulher. Ela falava assim: "Pode vir pegar água a hora que quiser, pode pegar água aqui". E era uma casa só. Junto com a família de Antonieta morou um senhor. Ele não tinha família, então morava com a gente (...) Fizeram um poço aqui embaixo, mas a água era muito amarela para lavar roupa. Aí meu marido trabalhava lá no Rudge (Rudge Ramos, em São Bernardo), então ele tinha uma carrocinha velha, um cavalinho velho e esse senhor colocava uns latões em cima da carroça e pegava (água) para lavar roupa de lá do Rudge para cá, porque a gente não tinha.*

O bairro da cidade vizinha, nessa época, revelou-se a melhor alternativa para os moradores que não podiam se locomover até a Vila Gerty ou até o centro da cidade. *No Rudge tinha um postinho (médico) (...) Eu matriculava meus filhos, mas com o endereço de lá, porque não podia matricular com o endereço daqui. A escola era a mesma coisa. Aí depois é que veio o postinho na Vila São José e passei tudo para lá.*

Outro problema enfrentado pelas famílias era a travessia do Ribeirão dos Meninos, especialmente nas épocas de chuva, como rememora Antonieta: *A gente não podia passar no rio, porque era só um pauzinho (...) E, como enchia, a gente não podia nem passar porque a água levava (...) Graças a Deus, aqui (sua residência, na Rua Capivari) nunca encheu, mas na rua aqui debaixo enche até hoje.*

Aos poucos, as melhorias começaram a chegar. Eletricidade (um dos primeiros postes do bairro foi colocado em frente à casa de Antonieta mas, efetivamente, a luz elétrica chegou pouco mais tarde, seguindo trajetória a partir do Ribeirão dos Meninos), rede de esgoto (segundo uma de suas filhas, Neide Mancini Gomes, *elas faziam os buracos, e a gente entrava, brincando de esconde-esconde*), entre outros avanços. Na década de 50, segundo Antonieta, foi instalada no bairro uma fábrica, pertencente a Anacleto Campanella, e isso acabou acelerando a implantação da estrutura básica no lugar.

A construção do Cemitério das Lágrimas também foi rememorada pela ex-trabalhadora das olarias sul-sancaetanenses. *Ah, o cemitério era um lixão primeiro. A turma jogava todo o lixo lá. Tinha uma casinha velha no alto do morro (...) Depois, acabaram com o lixão para fazer o cemitério. A construção não estava incomodando, agora quem mora lá em cima podia ser que falava, mas nós que morávamos aqui embaixo...*

*Antonieta Lavechia Mancini  
no dia da homenagem*



*Foto: Fundação Pró-Memória*

Enquanto isso, o bairro continuava se desenvolvendo, a ponto de uma faculdade mudar o nome do local. Anteriormente chamado de Vila Boqueirão, a localidade foi rebatizada com o nome de Bairro Mauá, em razão da Faculdade de Engenharia. Assim como Antonieta, diversos moradores reprovaram a atitude, mas foi inegável a valorização do bairro após a construção da escola.

Antonieta recorda-se de uma conversa com seu sogro na época da compra do terreno, na década de 60. *Meu sogro falou assim: "Por que vocês vão comprar um terreno lá, não sei (...) Que bagunça tem lá, só mato". Aí meu marido disse: "Vou comprar o terreno". Quando meu sogro viu que progrediu bastante: "Olha, era só mato, agora tem tanta coisa, tem escola, tem tudo (...) Você deu sorte de comprar mesmo, porque agora mudou bastante."*

Depois de tantos anos, Antonieta Lavechia Mancini continua residindo no mesmo endereço, no Bairro Mauá, na casa construída com os tijolos que fabricou na olaria.

*Tatiane Cristina Correia*

# Mãe, filha e neta há mais de 60 anos fazendo história em São Caetano do Sul

(depoimentos de Elídia Durigan e Iracy Chiarelli)

**Família foi uma das primeiras a chegar ao Bairro Mauá. Moradoras contam as histórias de como três gerações cravaram raízes na cidade**

Espanto e desilusão. Assim podemos resumir os sentimentos de Iracy Chiarelli, 70 anos, moradora do Bairro Mauá, quando a munícipe chegou a São Caetano com aproximadamente 14 anos de idade, com sua mãe, Elídia Durigan, 88 anos, nascida no interior paulista. A cidade dava os primeiros passos em busca do desenvolvimento, porém, o cenário encontrado foi densanimador. Na casa em que atualmente mora, na Rua dos Meninos, a moradora está desde 15 de Abril de 1948. *Quando vi o local, comecei a chorar, mas meu pai dizia que esta casa seria minha propriedade. E acabei ficando, relembra.*

Elídia nasceu em Ibitirama, que antigamente fazia parte de Monte Alto, região de Araraquara e Jaboticabal. Foi criada sem o pai e a mãe. Eram em sete irmãs, mas apenas uma ainda está viva. O pai de Elídia nasceu na Itália e a mãe era filha de alemães. *Não conheci minha mãe, diz. Casou-se em Cândido Rodrigues, com o já falecido Adolfo Chiarelli, que foi funcionário da General Motors por mais de 30 anos, empresa onde também se aposentou. Um fato interessante ocorreu ainda no interior, quando a descendente de italianos nem sonhava com a possibilidade de vir para São Paulo. Eu tive de aumentar a idade para poder casar (...) Era muito nova, fala. No seu registro, consta 1914 como ano de nascimento.*

Elídia foi obrigada a vir para São Paulo com o objetivo de mudar de vida. *Nós trabalhávamos numa fazenda, mas o fazendeiro era tão mesquinho e tão sem-vergonha (...) Ele nos colocou num terreno de quatro alqueires. Era só mato com aqueles carrapatos vermelhos. Eu disse para meu marido que não ia trabalhar ali. Ele gritou e xingou e depois veio aqui para São Paulo.*

Elídia Durigan  
no dia da homenagem



Foto: Fundação Pró-Memória

A vida de trabalho nas fábricas da cidade foi curta. Ficou por pouco tempo nas indústrias Matarazzo. *Tinha muito ácido e eu não agüentei. Aquelas bicas de ácido para a fabricação de porcelanas (...) Me comia as mãos, não usava aqueles aparelhos. Aí o marido me tirou de lá. E até hoje sou doméstica.* Já a filha esteve por mais tempo trabalhando nas indústrias Matarazzo. Iracy Chiarelli, quando ingressou na empresa, fazia o encaixotamento dos produtos. *Trabalhava embalando as louças para mandar para fora. Depois entrei na produção de azulejos. Foram 26 anos.* Nascida em Jurupema, na região de Taquaritinga, estudou até o quarto ano. *Naquele tempo não existia muitas escolas, faculdades.* A vida foi difícil na época em que Iracy trabalhava. *Chegava dez, onze horas da noite (...) Trabalhava no Ipiranga. Minha mãe ia me buscar na Visconde de Inhaúma todos os dias. Não tinha condução. A única que tinha era uma jardineira muito quebrada que trazia a gente até aí. Vinha com leite e pão naquela hora da noite porque no outro dia levantava cedo pra ir à luta de novo. Foi todo esse acompanhamento que nós fizemos.*

Iracy, que ficou viúva precocemente, aos 33 anos, casou-se em 23 de Dezembro de 1954 com João Fachin, ex-motorista da Coca-Cola e da General Motors. A moradora descreve a região e alguns fatos ocorridos há décadas quando, segundo ela, se amarrava linguíça em perna de cachorro. *Da nossa casa pra baixo tinha um mato (...) Quantas mortes ocorreram (...) Motorista de ônibus, cobrador (...) Tinha vaca pastando, cavalo andando. Era um matagal. À noite tinha de se trancar, relembra.*

Destaca exclusivamente a administração Tortorello. *Pra mim, o primeiro e único prefeito que gosto é o Tortorello, porque ele está ajeitando e arrumando tudo. Na saúde está olhando bem mais que os outros prefeitos.*

Iracy Chiarelli  
no dia da homenagem



Foto: Fundação Pró-Memória

Segundo as moradoras Elídia, Iracy e Iraíde, respectivamente mãe, filha e neta, a rua onde mora é tranqüila, não havendo grandes problemas com relação à violência. Mesmo assim, os noticiários as assustam e o medo é constante. *Nunca vimos rádio patrulha, nunca vimos movimentação estranha, e acompanhamos a guarda municipal*, disse a filha de Iracy, Iraíde Fachin, que também reside com os filhos e o marido no Bairro Mauá há algum tempo e compõe a terceira geração da família em São Caetano do Sul.

Elídia e a filha Iracy são religiosas. Iam com frequência à Igreja Matriz, no centro da cidade. Algumas vezes assistiam às missas na Paróquia Nossa Senhora Aparecida, no Bairro Barcelona. Hoje, com menos intensidade, elas vão à Candelária. *Sou católica, mas católica avançada, não adianta*, comenta Elídia Durigan.

A família acompanha o futebol e vibrou bastante com a vitoriosa campanha da AD São Caetano na Copa Toyota Libertadores da América de 2002. *Sou descendente de italiano, alemão, francês e inglês, tenho de torcer para todo mundo*, brinca uma das mais antigas moradoras do Bairro Mauá, Elídia Chiarelli, que nega ser palmeirense, o que normalmente ocorre com os descendentes da Itália. Elídia faz jus às tradições da cozinha italiana e tem grande habilidade para fazer massas e pães.

O grande divertimento das filhas de Iracy era ir ao centro de São Paulo para andar nas escadas rolantes e chupar os pirulitos em formato de chupeta. Uma das linhas de ônibus disponíveis levavam as moradoras para São Paulo. O ônibus passava na Rua Marlene, chegando ao Parque Dom Pedro. *Era maravilhoso passar a tarde lá, andando de escadas rolantes. Se você for à Praça da Sé hoje, não tem como pisar*, diz Iraíde Fachin, que

estudou no Externato Santo Antônio. Dedicou-se à família. *Nossa formação a gente deve a ela (Iracy). Abriu mão da vida dela para cuidar da mãe (Elídia), dos filhos.*

As dificuldades eram muito grandes há algumas décadas. Iracy e a mãe Elídia compravam toda a alimentação no centro de São Caetano do Sul. *Íamos numa feira que tinha lá na matriz. Pegávamos o ônibus, que nós chamávamos de jardineira, em frente à Padaria Século XX, na Visconde de Inhaúma. A padaria não existe mais.*

Segundo Iracy, a vida de antigamente é bem melhor do que a atual. *Você ganhava menos e fazia menos. Hoje você ganha e não dá pra nada (...) Tínhamos mais liberdade. Nós pegávamos aquelas moedas de cinqüenta cruzeiros. Comprávamos duas sacolas. Vê se você compra alguma coisa com aquela moedinha de cinqüenta centavos (...) E ainda eles falam que querem fazer o custo de vida voltar como era. Mas não volta mais (...) Pegava um réis e até carne comprava. E hoje?*

A opinião da mãe, Elídia, não é diferente. A moradora emocionou-se ao lembrar a boa saúde que, com a idade avançada, já não é mais como no passado. Com os olhos lacrimejando de emoção, a munícipe lembrou com saudade a vida de algumas décadas atrás. *Vinha até médico em casa, atendia sem pagar. Eu tenho a ajuda da minha filha, dos meus netos, eu recebo o dinheiro e deixo tudo na farmácia. É pressão (...) É diabete (...) É coraçõa (...) É pra perna (...) Agora está dando tontura: eu desmaio.*

Uma das dificuldades dos poucos moradores da época era quando chovia. *Não tinha enchente (...) Mas tinha um barreiro da gente ter de colocar botas nos pés. A energia elétrica era emprestada. Tinha um poste aqui na rua e a gente emprestava. Tinha uma luz que, quando a gente olhava pro rosto das pessoas, não dava nem pra ver.*

Quando as filhas de Iracy eram ainda crianças, foram visitar uma tia que morava no Bairro da Mooca, em São Paulo. Lá, elas viram os primeiros aparelhos de televisão do Brasil e quiseram que o pai comprasse. Foi uma das primeiras televisões da região. O telefone também foi um dos primeiros. *Com o dinheiro que ganhava, pagava as prestações e a compra da linha.* Com o aumento do número de vizinhos e sendo a moradora a única a ter televisão na rua, todos os munícipes iam assistir aos programas na casa de Elídia e Iracy. Os principais eram Rin Tin Tim, O Vigilante Rodoviário, Batman e Robin e o Pica-Pau.

Não havia preocupação com a violência quando as filhas de Iracy, netas de Elídia, brincavam nas ruas. O único temor da família era que as crianças caíssem num poço, já que na época não havia água encanada e as únicas fontes de água eram poços artesianos. *Eles pulavam muro para cor-*

*rer atrás de balão (...) Pega-pega, esconde-esconde. Brincaram muito (...) Foi um tempo gostoso, relembra.*

Com a chegada de mais moradores, o desenvolvimento foi ocorrendo aos poucos. Os postes de distribuição de energia, que eram escassos, foram aumentando. *A distância entre eles foi diminuindo. Depois colocaram paralelepípedos e asfaltaram, diz Iracy.*

Para passar o tempo, Iracy Chiarelli assiste aos programas de culinária na televisão. *Vejo Palmirinha, programas de receitas. Nas novelas são só pancadas. Em filme é tiro. Jornal não fala nada com nada. No dia que dá vontade de fazer as receitas, eu faço. No dia que não dá, eu não faço. Sou doméstica (...) Ajudo no tratamento de saúde de minha mãe. Saio com minha filha.*

Os bailes interioranos ainda estão bem vivos nas memórias de Elídia e Iracy. Esta última organizava com suas amigas as festas com música e fazia os petiscos para os amigos. Já Elídia sempre gostou dos sons dos instrumentos musicais. *No tocar da sanfona (...) Tinha violão, cavaquinho. Que tempo gostoso, sorri.*

*Apesar de gostar daqui e de ter o apoio da família, gostaria de morar numa cidade mais sossegada, diz Elídia.*

*Fernando Scarmelloti*

*Grupo Escolar Prof.  
Wanderley Ramos Brandão,  
inaugurado em 1952*



## **Bairro Prosperidade**

A história do Bairro Prosperidade é diferente da dos demais bairros da cidade por vários motivos, a começar pela localização, entre o leito da estrada de ferro e as várzeas do Rio Tamanduateí. Vários projetos de loteamentos foram ali realizados, porém, os problemas político-administrativos não tinham fim. Ora o bairro pertencia a Santo André, ora a São Caetano, situação que durou até 1967.

O primeiro loteamento, datado de meados dos anos 20, foi feito por José Alcântara Machado de Carvalho, quando foram abertas as primeiras vias públicas e vendidos os primeiros lotes. O plano de armamento e loteamento, no entanto, somente foi aprovado em 28 de Fevereiro de 1944, quando o prefeito de Santo André, José de Carvalho Sobrinho, assinou o Decreto 51, conforme o Processo nº 2399/43.

Em 1932, surgiu a Sociedade Auxiliada Vila Prosperidade, empresa disposta a adquirir lotes, construir casas e providenciar a venda de imóveis. Nessa época, o Bairro Prosperidade fazia parte do Distrito de São Caetano, todavia, com a criação do Município de Santo André, em 1938, passou a integrar a segunda zona, correspondente ao atual Município de São Caetano do Sul.

*União Jabaquara  
Futebol Clube*



*Igreja Nossa Senhora da  
Prosperidade*



*Portaria principal da Confab*



*Reservatório de Água da Confab*



*Centro Recreativo João Morselli*



*EMI Gastão Vidigal Neto*



*Unidade Básica de Saúde  
Maria Corbeta Segato*



Com a autonomia político-administrativa de São Caetano, em 1949, a Vila Prosperidade começou a reivindicar sua anexação ao novo município. A exigência tornou-se realidade através de plebiscito realizado em 1º de Dezembro de 1963. Foram 389 votos a favor e 139 contra a incorporação da Vila Prosperidade a São Caetano. Após o pleito, a anexação ainda levou três anos para ser concretizada, ocorrendo apenas no dia 13 de Abril de 1967, após longa batalha judicial com Santo André que, por meio de sucessivos embargos, retardou a anexação.

Na década de 60, importantes indústrias, com renda superior a 600 milhões de cruzeiros, estavam sediadas no Bairro Prosperidade. As principais eram Confab, Tecelagem Lino, Situbos, Brasilit, Usina São José e Quimbrasil.

A vida comunitária do Bairro Prosperidade foi muito intensa e atuante, marcada pela rivalidade entre os clubes de futebol União Jabaquara e Vila Prosperidade e pelos movimentos religiosos, que culminaram com a construção da igreja da Vila Prosperidade, localizada na Praça da Riqueza. A comissão pela construção da igreja terminou as obras graças a trabalho árduo e rápido. Houve missa campal no dia 30 de Setembro de 1951, realizada pelo padre Ézio Gislimberti e, à noite, foi programada a encenação de um drama em benefício da igreja.

Em 1999, os alunos da Escola Estadual Laura Lopes, sob a supervisão dos professores Rosemeire Bento Simões e Agvam de Andrade e com o apoio da Fundação Pró-Memória de São Caetano do Sul, lançaram o livro *Cotidiano Redescoberto*, um perfil da história do bairro por meio de depoimentos de moradores.





Foto: Fundação Pró-Memória

*Homenagem aos moradores do Bairro Prosperidade,  
realizada no dia 15 de Fevereiro de 2002,  
na Praça da Riqueza,*

*Agenor Pereira da Silva  
Alcides Beraldo  
Álvaro Beraldo  
Amábile Segatto  
Anna Benega Rodrigues  
Antônio Brancalioni  
Antônio Domingues  
Aparecida dos Santos  
Belmiro Beraldo  
Carmine Luigi Guerreiro  
Dirma das Neves Vicente  
Eliseo Testa  
Elza Magnini*

*Elzira Romano Baggio  
Ercília Amedori Gandolfi  
Ida Marchiori  
João Amigo  
Katsuyuki Nishi  
Luzia Fiorelli  
Natalino Lepre  
Pedro Isquierdo Vadillo  
Pedro Loureiro  
Tereza Valério Lemos  
Thereza Barbosa de Castro*

## *Nascendo e vivendo na mesma casa*

*(depoimento de Alcides Beraldo)*

*Da esquerda para a direita: Davi Ricardo,  
Ana Cláudia, Alcides Beraldo, Emília do  
Nascimento Beraldo e Elídio Manuel*



*Foto: Alcides Beraldo*

O sr. Alcides Beraldo tem verdadeira veneração pelos avós maternos, Elídio Pereira e Ana de Azevedo, portugueses, que vieram para o Brasil por volta de 1910. Elídio e Ana conheceram-se e se casaram no Brasil, tendo nove filhos. Moravam no Bairro Tatuapé, São Paulo, onde vendiam flores e verduras.

Por volta de 1930, mudaram-se para o Bairro Prosperidade (hoje, em São Caetano), onde se dedicaram à criação de gado, vendendo leite. Para entregar o leite, o sr. Elídio usava uma carroça. Para isso, era preciso habilitar-se. Tinha carteira para dirigir carroça, com dois cavalos.

Muito religioso, em 1950 o sr. Elídio Pereira participou da construção da Paróquia Nossa Senhora da Prosperidade, para a qual doou uma imagem de Nossa Senhora de Fátima que mandara buscar em Portugal.

O sr. Elídio Pereira era atuante na vida da comunidade. Assim, fazia parte da Associação Beneficente Santo Antônio (1933) e foi também sócio-fundador da Sociedade Auxiliadora da Vila Prosperidade (1938). Deixando muita saudade, o sr. Elídio Pereira faleceu, com 90 anos, vítima de arteriosclerose, no dia cinco de Outubro de 1973.

*Casa de Alcides Beraldo na  
Rua do Rádio, 227, Prosperidade*



*Foto: Alcides Beraldo*

*Da esquerda para a direita: Flávia Cristina,  
noiva de Elídio, Elídio Manoel, Davi Ricardo,  
Emília (mãe), Alcides (pai) e Ana Cláudia, no  
dia da formatura de Davi Ricardo*



*Foto: Alcides Beraldo*

**PAIS** - O sr. José Beraldo (pai de nosso entrevistado) nasceu em Campinas - SP, mudando-se para a capital de São Paulo quando jovem. Montou uma olaria no Parque São Lucas por volta de 1935. Conheceu Isaura de Azevedo Pereira (imigrante portuguesa), filha do sr. Elídio Pereira, com quem se casou, passando a residir no Bairro Prosperidade, São Caetano, em 1940. Enquanto o sr. José Beraldo continuava a trabalhar em sua olaria, sua esposa Isaura cuidava da casa e criava galinhas para o consumo da família e para vender. O casal Beraldo teve dois filhos: Alcides (nosso entrevistado) e Maria Aparecida.

Alcides Beraldo nasceu no Bairro Prosperidade, São Caetano, no dia quatro de Maio de 1941. Tendo concluído apenas o curso primário, trabalhou sempre no comércio. Aos 12 anos de idade já prestava serviços a um açougue e, depois, a uma oficina mecânica. Em seguida, sempre no Bairro Prosperidade, teve uma quitanda e mercearia, um mercadinho, uma padaria

*Alcides Beraldo  
no dia da homenagem*



*Foto: Fundação Pró-Memória*

e um restaurante. Cinco anos antes de se aposentar, teve uma lanchonete no Fórum de Santo André.

Desde a infância, Alcides conviveu com Emília do Nascimento, nascida em 29 de Novembro de 1947, no mesmo bairro, filha de Manoel do Nascimento e de Emília Pacheco do Nascimento. Quando jovens, Alcides e Emília, que também freqüentavam a mesma igreja, se enamoraram, casando-se no dia 15 de Agosto de 1970. O casal teve três filhos: Elídio Manoel (30 anos - advogado - bancário), David Ricardo (23 anos - analista de sistemas) e Ana Cláudia (18 anos - estudante universitária). O sr. Alcides Beraldo mora com a família na Rua do Cobre, Bairro Prosperidade, na mesma casa em que nasceu.

*Yolanda Ascencio*

# No tempo da gabirola e banana do brejo

(depoimento de Elzira Romano Baggio)

Walter Baggio e  
Elzira Romano Baggio



Foto: Família Baggio

*Me lembro de que na época em que viemos morar aqui em São Caetano, tudo era mato (...) A Vila Prosperidade era formada por poucas casas (...) No máximo umas dez, uma de um lado, outras em frente (...) Havia também a escola de madeira, que ficava exatamente onde está um posto de gasolina (...) Antigamente, só se avistava mato, não existia luz elétrica, água encanada e a gente ficava com aqueles lampiões de carbureto. Não tinha nada.*

Essas palavras são de uma sul-sancaetanense que reside há exatos 58 anos na mesma casa, na Vila Prosperidade - como é mais conhecido o bairro. Filha de pais brasileiros, Francisco Romano e Estela Trevisan Mazetti, e neta de italianos, Elzira Romano Baggio nasceu no dia 30 de Julho de 1922, no Município de São Caetano do Sul. Não conheceu o pai e recorda as dificuldades da família em sua infância. Lembra-se da responsabilidade que obteve quando, ainda criança, deixou a escola e ingressou no trabalho em busca de melhorias na qualidade de vida.

*Quando eu nasci, meu pai já tinha falecido, no entanto, vivi com*

*minha mãe e meus avós (...) Na infância passamos por muitas dificuldades e, em alguns casos, até fome (...) A situação era complicada, pois meu avô tinha que sustentar toda a família (...) Naquela época as pessoas trabalhavam muito e tinham o dinheiro certo, contado (...) A cidade era pequena, não tinha estrutura. Na verdade não tinha nada (...) Na minha infância não tive muitas coisas, porém, tive de largar a escola no segundo ano ... E com apenas 12 anos de idade comecei a trabalhar na Fábrica Refinadora de Óleo Brasil (...) Fazia aquelas tampinhas para a garrafa do leite (...) Minha única irmã - Rosa Romano Cabral - também se empenhava na mesma função.*

**PROSPERIDADE** - O Bairro Prosperidade ocupa espaço central de uma faixa de brejos que se estende desde a Vila Bela, divisa com São Caetano, em São Paulo, até Santa Terezinha e Parque das Nações, já em Utinga, Santo André. Lugar onde se colhia muita banana-do-brejo, além de gabiobas e outras frutas nativas. Ponto de olarias e de diversão dos meninos, que ali jogavam bola, nadavam e pescavam. E onde, na década de 40, foram queimadas montanhas de café ao lado dos trilhos da estrada de ferro. Este bairro abrange ruas largas que, na maioria, abrigam indústrias, entre as quais Alcan, Laminação Nacional de Metais e Swift Perdigão.

Em 1920, como cita Ademir Medici no livro *Migração e Urbanização*, a situação de São Caetano dentro da região era diferente. Ao contrário de 1909, agora se posicionava em segundo lugar entre os distritos arrecadadores de impostos, excetuando-se a sede São Bernardo. A proximidade com São Paulo abria a São Caetano possibilidades grandes de desenvolvimento. E as fábricas eram atraídas em grande número, em vários ramos.

O loteamento aconteceu por volta de 1925, com ruas circulares girando em torno do eixo central representado pela Praça da Riqueza. Os nomes das ruas, lembrando objetos preciosos e grandiosos - tais como Rua das Pérolas, Rua dos Cristais e Rua da Fortuna -, foram dados ao loteamento, a exemplo do nome Prosperidade, pelos próprios loteadores.

Fundamentalmente, Prosperidade é um bairro de migrantes que foram se organizando nos últimos 70 anos em torno de ideais como o da construção da igreja católica, rivalidade do futebol e incorporação do bairro a São Caetano. Outra luta antiga é contra as enchentes, que têm provocado a fuga de famílias. No tocante aos dias de hoje, o local, por causa da chegada em massa de pequenas e microempresas, vem adquirindo novo perfil.

Na adolescência, Elzira já trabalhava. Conta que começou a namorar aquele que seria seu marido, Wilson Bortolo Baggio, e, logo após o casamento, largou o emprego. *Me casei muito nova, com apenas 20 anos, e*

*Ano de 1970, casamento dos amigos Carmem e Pedro. Wilson é o primeiro da esquerda para a direita e Elzira a quarta*



*Foto: Família Baggio*

*parei de trabalhar (...) Primeiramente, a gente morava perto do viaduto da Rua Manoel Coelho (Viaduto dos Autonomistas), depois mudei para a Vila Califórnia (...) Fiquei um ano e pouco e acabei saindo para o Bairro da Mooca (...) Durante esse período, o Wilson ganhava a vida como sapateiro.*

São Caetano do Sul começava a dar os primeiros passos rumo ao desenvolvimento. Os bairros começavam a ser formados, de modo que novos empregos e oportunidades de trabalho apareceram. Em busca de melhores condições, o casal resolveu retornar ao ponto de partida. *Quando viemos fazer a casa aqui na Vila Prosperidade, ainda morávamos na Mooca e meu marido trabalhava por lá (...) Ele levantou as paredes, não colocou cimento, não pôs nada. Era apenas terra (...) Às vezes ele ia trabalhar com o dinheiro contado para voltar, no entanto, às vezes não tinha condições disso porque precisava gastar o dinheiro com alguma coisa (...) Aos poucos Wilson foi fazendo a casa (...) No começo era apenas um quarto e cozinha (...) Hoje, 58 anos após minha chegada nesse local, ainda permaneço aqui.*

No ano de 1942 nasceram cinco filhos: três homens e duas mulheres. O primeiro foi Cláudio Baggio, seguido de Flávio e Walter. Do lado das mulheres, Vera e Sônia Baggio. *Na infância de meus filhos também passamos por sérias dificuldades (...) As crianças não podiam desfrutar de muitos bens (...) Os impostos ficavam atrasados, tinha vezes que não podíamos pagar (...) Então a gente precisava acertar depois de algum tempo, logo quando podia (...) Com o tempo, os filhos foram crescendo e o mais velho começou a trabalhar (...) Na época em que o segundo (Flávio) passou a*

*ajudar a família, as coisas foram se encaixando e a situação econômica teve uma melhora significativa.*

Logo após o crescimento dos filhos e a melhora nas condições de vida da família, Wilson Bortolo Baggio, marido de Elzira, faleceu. *Quando a gente casa, pensa que a vida vai melhorar e, na verdade, acaba piorando (...)* Durante os 29 anos que vivi com meu marido, a vida foi muito dura (...)  
*Ele tinha problemas com a bebida e acabava descontando nas crianças e em mim (...)* Ele faleceu há 32 anos.

Na década de 70, São Caetano do Sul chegava aos 180 mil habitantes. Era o quinto município brasileiro em produção industrial. Mais de 33% da área urbana estava edificada. As ruas eram quase todas pavimentadas, iluminadas. A renda per capita era a maior da Grande São Paulo, à exceção da capital. Suas indústrias empregavam 24 mil operários. Em 20 anos a população saltou de 60 mil para os 180 mil.

Elzira e família tentavam acompanhar o desenvolvimento do município. *No começo não tinha nem uma feira aqui (...)* Para chegar até a casa da minha mãe era um sacrifício (...)  
*Atravessava muito mato e não via nenhuma casa (...)* O crescimento de São Caetano foi ótimo, muito rápido (...)  
*Meu marido não chegou a ver como mudou a cidade, (...)* Quando ele morreu as ruas ainda não eram nem asfaltadas. Tudo era barro. A vida de Elzira caminhava normalmente e, após alguns anos, as coisas começaram a melhorar. Os filhos cresceram, tornaram-se independentes e formaram famílias. Entretanto, nunca deixaram de prestar ajuda à mãe. *Alguns de meus filhos mudaram de cidade depois de estabelecidos (...)* Cláudio mudou para Utinga e Vera para São Bernardo (...)  
*Tenho sete netos e, por enquanto, dois bisnetos (...)* Agora a vida não está nem tão boa, mas, por outro lado, também não está mal (...)  
*O imposto da minha casa eu não tenho que pagar, porque quem é viúva tem esse abono (...)* Isso já é uma coisa a menos para se preocupar.

**ENCHENTE** - Após ter passado por muitas dificuldades, Elzira ainda presenciaria um fato nada agradável. Depois de estabelecida no Bairro Prosperidade e com a casa em ordem, teve de enfrentar as enchentes que atormentavam a cidade. *Em Março de 2001 completou 13 anos que perdi praticamente tudo numa enchente (...)* Me recordo bem ... *Tinha acabado de passar a roupa limpa e guardado tudo dentro do armário, como de costume (...)* A água foi entrando de uma só vez (...)  
*De repente estava tudo tomado por água. Os botijões de gás ficavam boiando pela casa. Foi horrível (...)* O chão, que era de taco, soltava suas peças. *Tive de jogar móveis, prateleiras, sofás e estantes tudo fora (...)* Após esse trauma tive que recomeçar tudo novamente (...)  
*Um filho dava alguma coisa e quem podia com-*

*Elzira Romano Baggio  
no dia da homenagem*



Foto: Fundação Pró-Memória

*pletava com outras (...) Foi assim, dessa maneira, que continuei e colocamos a casa em ordem novamente.*

A questão das enchentes, problema crônico da cidade, começou a ser enfrentada de frente quando houve mobilização popular. O movimento começou em 1975 e cresceu em 1981, ano em que se ampliaram as reuniões entre vizinhos de áreas atingidas. O governo foi contatado. A posição cômoda inicial do Estado - de que nada podia ser feito - não foi aceita. O movimento tratou de reunir todas as partes envolvidas: prefeituras de São Caetano e São Paulo, Governo do Estado (DAEE, Eletropaulo, Emplasa), Governo Federal (Rede Ferroviária, Petrobrás) e iniciativa privada (Matarazzo e outras fábricas).

A mobilização contribuiu para agilizar o fim da construção da via sobre o Rio Tamanduateí, uma obra cara, que custava por metro três vezes mais do que a simples canalização. Em meados dos anos 80, o movimento levou mil pessoas ao Palácio dos Bandeirantes. Portas começaram a ser abertas. Defendia-se a liberação de mais verbas.

No governo Walter Braidó, os manifestantes conseguiram que um decreto de São Caetano declarasse de utilidade pública uma faixa dentro da Matarazzo (para a abertura de um novo canal na foz do Ribeirão dos Meninos). A Prefeitura, com verbas próprias e do Estado, realizou obras na junção dos rios Meninos e Tamanduateí. As obras de canalização do Tamanduateí chegaram, no princípio de 1992, ao Bairro Prosperidade, em São Caetano, resolvendo enfim os diversos problemas ocasionados pelos cursos d'água.

Contudo, depois de ter superado as dificuldades das enchentes, Elzira relata alguns pontos que, segundo ela, ainda poderiam ser melhorados.

*Precisamos da inclusão de coisas básicas na Vila Prosperidade (...) Graças a Deus, o pior problema, com os rios, já foi solucionado (...) Necessitamos de um banco, pra gente pagar contas como de luz, água, receber a aposentadoria. Isso não tem aqui na Vila (...) Por exemplo, minha irmã tem muita dor nas pernas e não consegue subir no ônibus (...) Às vezes a gente tem que sair, pegar condução até o centro de São Caetano só para ir até o supermercado. Só tem uma padaria (...) No geral está bem, agora colocaram um posto policial na praça. Segundo a irmã, Rosa, falta também um salão de baile.*

Atualmente, Elzira Romano Baggio reside na mesma casa. Passa o tempo com a irmã, Rosa, e divide a casa com uma das filhas, Sônia Aparecida Baggio. Desfruta da melhora significativa do bairro e dos frutos gerados ao longo de seus 80 anos: filhos, netos e bisnetos.

*Michel Nóbrega Cury*

*Palácio da Cerâmica  
- Rua Eduardo Prado*



## **Bairro São José**

*Centro de Lazer  
Catharina D'Agostini*



O bairro iniciou processo de urbanização e ocupação em meados da década de 40, sendo formado pela união dos loteamentos: Vila São José, Vila Lucila, Vila Tupan e Jardim Anai. A Vila Lucila foi o primeiro loteamento e Antônio da Fonseca Martins o primeiro a instalar-se, em 1935.

No início da urbanização, o bairro possuía várias chácaras e poucas casas, abrigando famílias de diferentes nacionalidades. No entanto, também foi ocupado por migrantes nordestinos que vieram para São Caetano em busca de trabalho nas fábricas. Nesse período surgiram os primeiros cortiços. Além das poucas residências, o São José abrigava duas olarias da família Perrella, localizadas nas proximidades do Rio dos Meninos.

Com o surgimento das olarias, São José foi se tornando um bairro operário, sendo que a construção da primeira vila operária foi iniciativa da Cerâmica Tupan, que se instalou na cidade em 1935. Com os ares da urbanização, o local foi se desenvolvendo e suas referências urbanas foram se apagando, como a chaminé da Cerâmica Tupan, implodida em 1956, e os 28

*Centro Social Roberto Simonsen -  
Antigo Clube da Cerâmica  
São Caetano*



*Avenida Guido Aliberti  
no cruzamento da  
Estrada das Lágrimas*



*Antigo Campo de Aerodelismo*



*EE Profa. Maria Trujillo Torloni -  
Estrada das Lágrimas*



*Conjunto Habitacional da  
Rua Senador Fláquer*



*Espaço Verde Chico Mendes -  
Avenida Fernando Simonsen*



fornos da olaria de Elias Turco, que não mais existem (no lugar foi implantado o Parque Municipal São José que, apesar de estar localizado no Bairro Jardim São Caetano, ainda assim é uma grande referência para os moradores do São José). Lá também funcionou o Museu Municipal de São Caetano, entre 1977 e 1988.

Quanto à religião, em 1955 o bairro recebeu a Paróquia São José, fruto do esforço de muitos moradores, sobretudo o dos membros da Congregação Mariana do Setor São José.

Na história do bairro e da cidade de São Caetano, a Rua Porto Calvo e a Estrada das Lágrimas são, respectivamente, possíveis remanescentes do Caminho Velho do Mar e do Caminho Novo do Mar. Vestígios antigos da paisagem colonial nem sempre lembrados pela população. Mais conhecido é o Buracão da Cerâmica, que pertencia à Cerâmica São Caetano e hoje integra o Parque Chico Mendes, o Parque Ecológico José Ermírio de Moraes e o Palácio da Cerâmica.

O bairro foi crescendo. O que antes eram ruas de terra e chácaras, com plantações de flores e frutos, agora são ruas asfaltadas e residências urbanas. Em virtude disso, os limites do bairro foram absorvidos e mesclados à complexidade urbana da cidade de São Caetano.





Foto: Fundação Pró-Memória

*Homenagem aos moradores do Bairro São José,  
realizada no dia 20 de Outubro de 2001,  
na E.E. Oswaldo Samuel Massei, Rua Giovani Peruchi, 190*

*Aparecida Lopes Ribeiro  
Arminda Maria de Souza Almendra  
Carmela Barbagallo  
Carmela Fiorotti Déa  
Francisca Neusa de Souza  
Francisco Feliciano  
Genil Del Sante  
Guiomar Marchiori Olah  
Ida Rossi Fulep  
José Ribeiro  
Manoel Honório de Souza*

*Maria de Souza Silva  
Maria Gomitre Zucatelli  
Mercedes de Jesus Correia  
Michelina Dattilio Moreira  
Nelson Ângelo Del Sante  
Oswaldo Almendra  
Pierina Dattilio dos Santos  
Romina Maria Augusta  
Roque Almendra  
Sebastiana Augusta Maria  
Sebastiana Felisberto Feliciano*

## Paralelepípedos sob o asfalto

(depoimentos de Oswaldo Almendra - Roque Almendra,  
José Ribeiro e Romeu Merlino)

O Bairro São José, repleto de casas, lojas e ruas asfaltadas, pouco lembra a antiga Vila São José, com ruas de terra - algumas, posteriormente, de paralelepípedos -, uma ou outra venda e poucas famílias. Na presença de semáforos e trânsito intenso é difícil imaginar que um recipiente de vidro, a boca cortada, uma vela dentro, servia para orientar as carroças que, com o auxílio de velas fixadas em suportes laterais, como faróis, buscavam encontrar outras velas para se orientar à noite.

Era esse o trânsito da hoje Rua João Almendra, denominação que homenageia um dos primeiros moradores do bairro. O filho dele, Roque Almendra, explica a importância das carroças como meios de transporte:

*- Já bem antes da gente vir pra cá, a Vigor entregava o leite de carroça (...) O padeiro, então, ia entregando o pão nas casas. Ninguém roubava o pão! Até carne era vendida na rua: "Dá um quilo de bofe!" (...) Cortava na hora, sem geladeira nem nada.*

A Rua João Almendra e as demais vias públicas da cidade não estabeleciam limites oficiais entre as vilas. Em realidade, a divisão por bairros teve origem em planejamento posterior, pois as células iniciais dos territórios foram os loteamentos.

*Eram lotes de casas (...) Depois a Prefeitura foi tomando conta e começaram a registrar os nomes das vilas. Como cresceu mais ainda o bairro, aí pegaram e colocaram tudo Bairro São José (...) Era tudo vila no começo: Vila Gerty, Vila Santa Maria (...) Cê vê que nem Vila Gerty existe mais, agora é Nova Gerte (...) Pois é, Bairro Nova Gerte (...) Era Vila Prosperidade, agora é Bairro Prosperidade,* comentou Oswaldo Almendra, irmão de Roque.

Ademir Medici, no livro *Migração e Urbanização*, explica que o Bairro São José é composto pelos seguintes loteamentos: Vila São José (que lhe empresta o nome), Vila Lucila, Vila Tupan, Jardim Anai e dois arrua-

mentos com o nome dos loteadores: Miguel Gomes e Brás Gomes. Ainda se incluem os terrenos de Júlio Herreros e os arruamentos entre as ruas Pandiá Calógeras, Engenheiro Armando de Arruda Pereira e Primeiro de Maio. Mais recente é o Conjunto dos Radialistas, localizado num dos antigos barreiros da Cerâmica São Caetano.

A Rua Engenheiro Armando de Arruda Pereira liga o Bairro São José com o Bairro Cerâmica e a Estrada das Lágrimas. A área total do bairro estende-se, de um lado, até o Rio dos Meninos e a Avenida Guido Aliberti, do outro até os bairros Oswaldo Cruz e Nova Gerte. *Pois é, mas antigamente a Vila São José era só essa parte da avenida aí atrás (Armando de Arruda Pereira) pra cá (no sentido da Estrada das Lágrimas) (...) E não tinha quase nada, tinha pouca casa (...) Até na Estrada das Lágrimas, do lado esquerdo, não tinha nada, nada*, explica José Ribeiro, amigo dos irmãos Almendras e filho de Adelino Ribeiro, um dos fundadores da Vila São José.

*Isso aqui tomou o nome de Vila São José num domingo. Tava o meu pai, o "seo" Zé e o Martins Bédia. Aí começaram a falar: "É, vamo pôr..." - tinham cogitado Vila São Domingos, porque era um domingo... - "vamo pôr o nome de Vila São José". Isso porque tinha um monte de José: o Zé Batata, o filho dele, eu (...) Aí puseram o pilar, eu me lembro, puseram num piche, numa tábuca, escrito "Sao José". Esqueceram do til.*

O responsável pelo loteamento da Vila São José foi o coronel Francisco Seckler. Martin Bédia, vendedor, era seu representante. No momento em que a vila estava sendo fundada, observou ainda José Ribeiro, Bédia teria dito: *"Então eu também vou pôr o meu nome aí". Aí ele pôis Rua Martin Bédia e ficou nisso (...) Depois, quando foram fazê a escritura da vila, puseram o nome do meu pai numa rua (Rua Adelino Ribeiro) (...) E ficou até o negócio de política, quando trocaram o nome.* O vereador Luiz Dias, na década de 50, propôs a mudança do nome. *Ele quis homenagear um padre do Nordeste, que é esse padre Mororó (a rua, atualmente, chama-se Padre Mororó) (...) Inclusive a Rua José de França Dias é uma homenagem ao pai dele.*

Havia poucas casas na recém-criada Vila São José. Mesmo para moradores um pouco mais recentes, caso de Romeu Merlino, que chegou ao bairro nos anos 40, passando adolescência e juventude na companhia de Roque, Oswaldo e José, é fácil lembrar onde se encontravam as residências.

*Então tinha, na Estrada das Lágrimas, vindo da ponte pra cá, aquela casinha (...) E depois tinha a casa do Bernardo (...) Era a Travessa Ana Maria ... tinha só duas casas (...) Aí o "seo" José fez umas casinhas (...) Pois é, interveio Oswaldo Almendra, umas casinhas tudo azul, com as por-*

Oswaldo Almendra  
no dia da homenagem

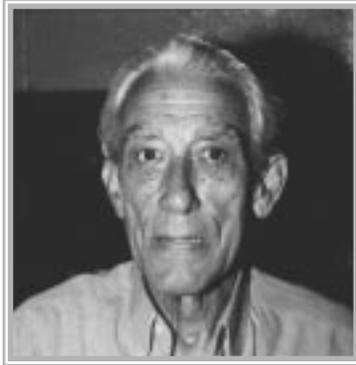


Foto: Fundação Pró-Memória

*tas vermelhas (...) Sei lá por quê.*

Um dos moradores citados por Romeu Merlino, Bernardo Machado, criou grande confusão quando, na primeira gestão de Anacleto Campanella (1953-1957), a Prefeitura resolveu colocar guias no bairro.

*Aí o Campanella colocou guia em tudo quanto é lugar. Foi colocá lá na rua do Bernardão e queriam cobrar dele (...) O Bernardão cercou a rua (...) Foi assim: a rua, na verdade, era uma travessa, e lá passava carroça etc. Quando que foi na hora de alargar a rua, pegaram um pedaço do terreno do Bernardo Machado. Mandaram a conta da guia pra ele e, em vez de pagar, ele passou a cerca na rua. Oswaldo Almendra completou a história iniciada por Romeu. É ... ele pôs a cerca e os cara começaram a pôr as guias (...) Eu morava ali encostado (...) Ele pôs a cerca no meio da rua (...) Bom, a Prefeitura requisitou o juiz, o juiz requisitou a polícia e então obrigaram ele a tirar a cerca (...) Esse Bernardão era foguete!*

Bernardo Machado era do tipo que não levava desaforo para casa. Certa vez, um primo de José Ribeiro pegou areia da *reserva* de Bernardo, quer dizer, ele tirava areia do fundo do Rio dos Meninos e formava um monte para uso particular. Logo se armou extraordinário alarme. *Aí o Bernardão pegou ele aqui, porque o Bernardão era uma baita de um homem forte (...) Aí pegou o rapaz e ... Vixi Maria! Mordeu o nariz do meu primo! Ele ficou com a cara desse tamanho! (...) Foi uma das primeiras queixas feitas na delegacia.*

Um outro *caso de polícia* foi protagonizado pelos garotos da vila. Na Estrada das Lágrimas localizava-se a Ponte Preta, assim chamada devido à coloração que o piche lhe dava. Entre as tábuas que formavam o piso da ponte, havia brechas por meio das quais os meninos que nadavam

podiam ver as pessoas passando de um lado para o outro. A preferência era por mulheres de saia. Isso resultou em queixa que levou vários rapazes à delegacia.

*Aquele dia eles ia indo para lá e falaram: "Vâmo Ribeiro!?" Eu falei assim: "Cêis não me chamô! Cêis não me chamô!" Então eles foram na frente, arrancaram a roupa e "tchibum" dentro d'água (...) Dali a pouco eu vejo passar um caminhãozinho com um guarda em cima (...) Falei: "Ih..." (...) E aí depois eles passaram no caminhãozinho, junto com os polícia, acenando: "Êêêê!" E as mãe tudo chorando, desesperada atrás deles (...) Eu e mais um outro fômo lá vê, fômo incitá eles. Chegâmo lá na delegacia, na Rio Grande do Sul: "É ... nós viêmo aqui visitá uns colega que taí ..." O guarda falou assim: "Ah, vocês também tava lá?" Descêmo correndo, atravessâmo a Goiás e viêmo direto pra cá!*

Os riachos da cidade foram palco de diversas histórias encenadas pela garotada da Vila São José. Certa vez, um grupo saiu para pescar bagres. Um dos componentes, bem mais velho que os demais, usava dentadura e gostava de pegar peixes com a mão. *E ele abaixava, enfiava a mão nos buraco lá, e vai, e desce, e os fio lá embaixo (...) Uma hora ele falou pra mim, porque eu tava junto: "Me ajuda a procurá a dentadura!" E vai nós: mergúia lá, mergúia cá, todo mundo merguiando e ninguém achô a dentadura, observou José Ribeiro. Aí o seu irmão (de Romeu), o Mário, não passou uma semana espalhou o boato: "Óia, o Matias pegou uma traíra com dentadura!" Mas todo mundo sabia que o Matias não pescava nada (...) Aí um foi lá e falô: "Ô Matias, cê pegou a traíra com dentadura?" Então toda a vila acabou debochando.*

Boa parte desses garotos estudava no Grupo Escolar da Cerâmica. Até 1942, a escola funcionou dentro da Cerâmica São Caetano. Em 1943, contudo, foi instalada em mansão que servira de residência a Armando de Arruda Pereira, um dos diretores da empresa. Algum tempo depois, a companhia precisou do terreno para extrair barro, razão por que a escola foi demolida. Em substituição ao antigo colégio, a própria indústria construiu, em 1956, na Estrada das Lágrimas, o Grupo Escolar Senador Roberto Simonsen.

*Era Grupo Escolar Cerâmica quando dentro da Cerâmica, depois, quando mudou, ficou Grupo Escolar Senador Roberto Simonsen, frisou Oswaldo Almendra. Lembrando-se de histórias da infância, José Ribeiro ajuntou: Entrava na classe o dentista e falava: "Quem tem dente pra tirar?" Eu já ia pro banheiro.*

Romeu emendou: *Uma vez, na minha classe, a dentista veio lá - acho que era dona Jandira o nome dela - e falou assim: "Quem tem dente caria-*

José Ribeiro  
no dia da homenagem



Foto: Fundação Pró-Memória

*do levanta a mão!" Ninguém tinha dente cariado naquela hora! (...) Então ela chamou um por um e o Dico foi lá. O Dico chegou lá e ele tinha dente pra extrair. Aí chamaram o jardineiro, que era aquele velho húngaro, e mais uma pessoa pra segurá o menino na cadeira. Ele não abria a boca e então colocaram um parafusinho na boca dele, que nem um macaquinho de carro, pra segurar a boca aberta (...) Aí colocaram lá, tudo, e quando deram a injeção largaram ele porque disseram: "Ah, já tomou a injeção mesmo..." O Dico saiu correndo da cadeira e tentava de todo jeito tirá aquele negócio da boca. Foi muito engraçado.*

Assim como os meninos, as professoras da escola moravam nos arredores do bairro (algumas até mesmo na Vila São José). Um ônibus, pertencente à companhia dos Veronesis, as buscava e trazia, no entanto, o ponto final era na Cerâmica São Caetano. *Pr' eles virem até aqui, precisou que o pessoal mais velho fizesse um rateio. Eles dava 20 pau por mês pr'os Veronesi vir até aqui com o ônibus, pra pagar o combustível do ônibus, disse Romeu. José Ribeiro completou: Quando não chovia, ele subia até no cemitério. Quando chovia ele ficava lá embaixo, nos bambuzal. Era tudo barro e ali era subida. Não dava.*

O Cemitério da Saudade, até onde o ônibus chegava quando não chovia, era uma área de 20 mil metros quadrados dentro do imóvel Meninos Novo, na época situado no Bairro Cerâmica e hoje parte do Bairro São José. O local acolhia mortos não apenas de São Caetano, mas também da vizinhança.

*Ah, vinha gente da Vila Alpina, de São João Clímaco. José Ribeiro era curioso. Aí eu ficava lá vendo (...) Depois pediam pra gente ajudar a carregar (...) E nunca mais que eles pegava de volta os caixão! Cê chega-*

*va no cemitério com a língua de fora (...) Quando a gente ia devolver os caixão eles fugia tudo! (...) Depois eles davam a volta e ia encher a cara no bar.*

Houve um dia em que determinado sujeito, após um ou outro gole, acabou dormindo no cemitério. José Ribeiro e o pai, de carroça, estavam indo para a feira, mais ou menos às três da madrugada, quando ouviram: *Ahn, uhn, ahn... - "Cê ouviu!?", disse o meu pai. "Ouvi sim!" Era um escuro desgraçado e o meu pai meteu o chicote na mula, rapaz! Fômo pará lá no Bar Trianon ... (...) Fômo tomá café (...) Aconteceu o seguinte: o sujeito veio de fogo do enterro e ficou dormindo lá. O pessoal foi embora e deixou ele lá. Quando ele escutou o barulho da carroça, tentou pular pra fora mas não conseguiu. Então ficou lá. Nós pensâmo que era assombração ... Vixi!*

Em outra ocasião, de madrugada, José Ribeiro e o pai, em cima da mesma carroça, passaram defronte do cemitério a caminho da feira novamente. De repente, Adelino Ribeiro disse para o filho: *"Esquecêmo o pano da barraca. Ocê vai buscá!" - "Eu!?" Naquele tempo não tinha discussão e eu acabei indo. Peguei o pano e fui voltando. Então escuto atrás de mim: "chu, chu, chu". Aí continuo andando. "Chu, chu, chu". Ando mais rápido. "Chu, chu, chu, chu". Disparo a corrê e passo até pelo meu pai. "Onde cê vai, menino?" Eu tava tremendo só de pensá que era assombração. Mas a verdade era que o chão era todo cheio de caco de telha, para evitar de fazer barro, e a ponta do pano tava arrastando nos caco. Me deu um medo, rapaz!*

No Cemitério da Saudade, inclusive, foi enterrada a menina Neves Nascimento Ribeiro, de 11 anos, irmã de José Ribeiro. Menos de um mês após a morte da menina, a mãe, Rosalina do Nascimento Ribeiro, teve um sonho com a filha. Na oportunidade, a garota teria pedido que se erguesse uma capela em sua memória. Dessa forma, os pais de Neves resolveram doar terreno para a construção da igreja do bairro. A Congregação Mariana, que havia surgido em 1948, contribuiu muito para o erguimento do templo religioso de Vila São José. Roque Almendra relatou o surgimento da igreja:

*- Foi justamente na época em que a irmã do Ribeiro faleceu, a Neves, né ..., então, como tinha a Congregação Mariana aqui na Vila São José, os pais do Ribeiro doaram uma parte do terreno deles para os congregados marianos. Aí nós juntamos os congregados e começamos a fazer a igreja aqui (...) Aí então o Ribeiro pegava o caminhão da Cerâmica Tupan e ia pedir material nas olarias para a construção da capela, enquanto uma outra parte ficava aí fazendo alicerce pra erguer a igreja. Até o Martins*

Roque Almendra  
no dia da homenagem



Foto: Fundação Pró-Memória

*Bédia deu uma mão pra gente. Antes de Roque concluir, Romeu adicionou: E aí então nós fazíamos procissão. Segunda, quarta e sexta era procissão com imagem, porque essa igreja aqui era Nossa Senhora das Graças, não era Paróquia Sagrado Coração de Jesus (nome atual) (...) Eu me lembro bem quando falaram que a vontade do bispo de Santo André era a de trocar o nome de Nossa Senhora das Graças para Sagrado Coração de Jesus (...) Mas a igreja começou como Nossa Senhora das Graças. Roque arrematou: Então foi isso que aconteceu: fazia procissão, festinha, arrecadava dinheiro (...) Fazíamos até teatro em cima de caminhão.*

A Congregação Mariana do setor São José, braço da irmandade nascida na Paróquia Sagrada Família, era o grupo que dava vida à Vila São José. As peças encenadas sobre boleras de caminhões chegaram mesmo a ultrapassar as fronteiras do bairro, tornando-se famosas pela cidade e arredores.

*A gente ensaiava em cima do caminhão, no largo aqui do bairro (...) Pegava aquelas caixas de madeira, tábuas de andaime, tudo colocado ali pra sentar (...) E colocava uma caixa na saída pra dar doação pra igreja, rememorou Roque Almendra.*

*Nóis movimentava a vila!, exclamou José Ribeiro. Não tinha televisão nem nada (...) Nóis tinha camarim, tinha tudo nesse salão (...) Lotava, rapaz! (...) Uma vez, nós com o palco pronto e o casamento caipira pra sair na rua, dentro de uma carroça emprestada da cooperativa (...) Era tempo de frio e minha mãe tinha feito uma blusa de lã pra mim (...) Bom, tava tudo arrumado, as pessoas tava chegando e eu resolvi subir a minha rua pra ver como é que estava os atores (...) Tavam tudo na carroça. O noivo e a fila de músicos atrás, a pé (...) Eu subi lá em cima da carroça,*

*bestão (...) "Pá, pum, pá, pum", os fogos de artifício. De repente: "zum!". Eu abaixei, mas fez um baita dum rombo na blusa nova. O condutor da carroça, de fogo, perdeu o controle dos bicho porque soltaram uma bomba perto deles. Saímos em disparada pela rua (...) O padre (ator) que tava em cima da carroça ... o Roque Rizzo ... caiu (...) A carroça ... não sei como fez a curva, mas ficou toda acabada.*

Mesmo com todos os contratemplos, o casamento caipira saiu. O noivo e a noiva, interpretada por um sujeito alto, o pedaço de carvão na gaiola, simbolizando um pássaro preto, um bando de homens vestidos de madrinhas e padrinhos. *É que os pais das meninas não deixava elas participar. Então era tudo homem*, elucidou Roque Almendra. *Pois é, emendou Romeu, teve até um cara que se vestiu tão bem de mulher que chegou a levar uma cantada!*

Os congregados, além do teatro, reuniam-se para a prática de diversas outras atividades. Uma das principais era o futebol. A irmandade possuía duas equipes, isto é, primeiro e segundo quadros, que chegaram a ganhar campeonatos intercongregações (irmandades de Santo André, São Bernardo etc.). José Ribeiro, que jogava pela congregação, recordou:

*Quando o jogo era na nossa casa, era aí no Tupan (Cerâmica Tupan). O campo da Tupan, no começo, era assim: uma trave aqui e outra ali. Cê não enxergava a outra trave porque era um morro (...) Aí foi aplainando um pouquinho, então já dava pra ver a metade da outra trave (...) Uma vez eu arrumei um burro e um arado. Aí eu ia com o caminhão, pois uma viga atrás, e todo mundo subia na viga e ia puxando o cabo de aço (...) Pra aplainar o lugar (...) A escalação do segundo quadro era a seguinte: Ivo, Orlando, José Bonifácio, Antônio, Oswaldo Bueno, Romeu, Bagaçada, Ribeiro, Miltoninho, Gabriel e Lorival.*

Em dia de jogo, nas missas e durante outras comemorações, os congregados marianos costumavam entoar hino recordado quase na íntegra pelos quatro companheiros: *... porque nossa mãe querida, sempre tão boa, nos abençoa. Lá no céu nos dai guarida e nos conduz junto a Jesus (...) Como é sublime ser mariano e trazer sempre ufano nossa linda fita azul. Unidos sempre nós lutaremos e venceremos do norte ao sul. E a turma : Porom-pom-pom. Mas não pára por aí não: ... porquanto conduz à glória de ser salvado, o filho amado (...) na luta forte, até a morte (...) Porque nossa mãe bendita, sempre tão boa, nos abençoa. Lá no céu nos dai guarida e nos conduz junto a Jesus. E todo mundo cantava a letra.*

Os rapazes inventaram várias outras músicas em ocasiões diversas. Uma vez, parados nas porteiras, há mais de 50 anos atrás, esperando o trem passar, criaram, na hora, para matar o tempo, a seguinte canção: *Quem vem*

*de lá, quem vem de cá, abra as portei­ras que eu quero passar. Azul e branco, sinal de paz, é os mariano que tá no cartaz!*

O campo da Tupan, palco de jogos e de entoação desses hinos, fazia parte do terreno da Cerâmica Tupan. Nos anos 30 e 40, a fábrica tinha atingido o auge. Em 1956, contudo, já estava fechada. Restava apenas uma chaminé de 45 metros de altura e sustentada por base de três metros. José Ribeiro, que por muito tempo havia trabalhado na indústria, ficara encarregado de demolir a estrutura.

*A chaminé foi o seguinte (...) Um pessoal comprou a Cerâmica pra demolir. Tinha que demolir tudo aquilo ali e a chaminé também. Então foi demolido tudo e a chaminé ficou por último (...) Conversa daqui, conversa dali, conversa de lá, achâmo um tal de fogueteiro (Antônio Albanese) aqui em cima (...) Aí tratou com ele de derrubar a chaminé (...) Primeiro ele mandou abrir um buraco. Foi lá e colocou a primeira bomba. Estourou e não caiu. Aí ficou perigoso (...) Estourou do outro lado: ficou aquela coisa, cai-não-cai, mas ficou de pé. Aí ia ter que fazer outro buraco pra encaixar outra bomba (...) O padre já tava filmando (padre Carlo Fabbrini, que registrou o acontecimento) (...) Aí soltêmo fogo no estopin e saímo correndo feito vaca! Aí, quando todo mundo pensou que ela (a chaminé) fosse tombar, ela veio pra baixo! Então hoje a turma fala que foi a primeira implosão de São Paulo. Foi lá pelo ano de 1957.*

A implosão da chaminé da Cerâmica Tupan, na década de 50, é ponto de referência temporal no desenvolvimento da Vila São José, que nesse tempo abrigava poucas famílias. Hoje, contudo, o local cresceu muito e recebe a denominação de Bairro São José.

*A primeira rua calçada foi essa rua, que era a Rua Caramuru (...) Ainda tem os paralelepípedos (...) Os paralelepípedos ainda tão no chão, depois eles asfaltaram por cima, mas quando abrem buraco, essas coisas, cê vê os paralelepípedos saindo. A vila das carroças, dos campos de várzea, das poucas casas, de uma ou outra venda ou farmácia, da chaminé, dos rios, ainda existe, em parte, sob o asfalto, em detalhes, na memória dos antigos moradores.*

*Alexandre Toler Russo*